



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

NATÁLIA MARQUES DE JESUS

**AS MULTIFACES DE ANNE FRANK: UM ESTUDO SOBRE A  
FORMAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO IDENTITÁRIA  
REPRESENTADA NOS QUADRINHOS**

---

Londrina  
2024

NATÁLIA MARQUES DE JESUS

**AS MULTIFACES DE ANNE FRANK: UM ESTUDO SOBRE A  
FORMAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO IDENTITÁRIA  
REPRESENTADA NOS QUADRINHOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL, Turma 2020/1, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Isabel Borges

Londrina  
2024

Jesus, Natália Marques de.

As multifaces de Anne Frank : um estudo sobre a formação e a transformação identitária representada nos quadrinhos / Natália Marques de Jesus. - Londrina, 2024.  
268 f. : il.

Orientador: Maria Isabel Borges.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Identidades - Tese. 2. Representação - Tese. 3. Mulher - Tese. 4. *O diário de Anne Frank em quadrinhos* - Tese. I. Borges, Maria Isabel. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

NATÉLIA MARQUES DE JESUS

**AS MULTIFACES DE ANNE FRANK: UM ESTUDO SOBRE A  
FORMAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO IDENTITÉRIA  
REPRESENTADA NOS QUADRINHOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - PPGEL, Turma 2020/1, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof.ª Dra. Maria Isabel Borges  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof.ª Dra. Cláudia Cristina Ferreira  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof.ª Dra. Cláudia Maria Ceneviva Nigro  
Universidade Estadual Paulista - Unesp

---

Prof. Dr. Paulo Ramos  
Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

---

Prof.ª Dra. Rosemeri Passos Baltazar Machado  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 08 de outubro de 2024.

O momento em que esta tese foi escrita abarcou o período da pandemia causada pela Covid-19. Nesse tempo, pude vivenciar como é um afastamento social. O isolamento não se deu por completo, pois pude sair de casa usando máscara, permaneci no conforto do meu lar e mantive contato com minha família e amigos pelas redes sociais. Mesmo diante dessa flexibilidade, não foi fácil vivenciar o período de confinamento. Quando paro para pensar na situação em que Anne se encontrava: isolada em um apartamento que era compartilhado com mais sete pessoas, com escassez de provisões, e correndo risco de ser descoberta e morta a qualquer momento, não consigo imaginar o quanto deve ter sido horrível esse período para ela. Também não sou capaz de calcular o quanto ela era uma menina forte por ter vivido tantos momentos difíceis sem ter desistido de seus sonhos e ideais. **Esta tese é em memória à Anne Frank e a todas as vítimas do Holocausto!**

Londrina, 8 de outubro de 2024.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Londrina, por ter sido minha segunda casa e ter me proporcionado ensino gratuito e de qualidade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, pela oportunidade em realizar este curso.

À CAPES, pelo incentivo à pesquisa e concessão da bolsa.

À Maria Isabel Borges, minha orientadora, que, além de incentivar, desde o primeiro ano da graduação em Letras, meu contato com a pesquisa e de sempre me orientar com excelência, se mostrou uma grande amiga e conselheira. Meus mais sinceros agradecimentos, Belzinha!

À banca de defesa, composta pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Cláudia Maria Ceneviva Nigro, pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Cláudia Cristina Ferreira, pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosemeri Passos Baltazar Machado e pelo Prof. Dr. Paulo Ramos, por aceitarem ler e avaliar minha tese, contribuindo com a pesquisa.

Ao Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, à Biblioteca Virtual Judaica e à Biblioteca do Holocausto de Wiener pela disponibilidade e autorização do uso de informações sobre o Holocausto por eles publicadas.

A todos os professores e a todas as professoras que fizeram parte da minha formação acadêmica e ética.

Ao meu namorado, Gustavo Augusto, por ser meu braço direito, por me motivar a ter novas ideias e a colocá-las em prática tanto nesta tese, quanto na vida.

À minha família, meus pais Ademilson e Fátima, e minhas irmãs Andressa e Ana Cláudia, pelo incentivo e apoio de sempre.

A Deus, por ser minha base e por ter me concedido fé, perseverança e discernimento para concluir esta pesquisa.



Anne sob a visão de Ari Folman e David Polonsky, em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (2018, p. 151).

## RESUMO

JESUS, Natália Marques de. **As multifaces de Anne Frank**: um estudo sobre a formação e a transformação identitária representada nos quadrinhos. 2024. 268f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

Em 1939, iniciou-se a Segunda Grande Guerra Mundial e, com ela, o massacre dos judeus: o Holocausto. Anne Frank tinha somente doze anos quando, em busca de proteção, se refugiou em um esconderijo (Anexo Secreto), com mais sete pessoas. Lá, eles permaneceram até 1944, quando foram descobertos e capturados pelos nazistas. Anne e outros seis milhões de judeus não sobreviveram à barbárie antissemita. Refugiada, por dois anos no esconderijo, Anne anotou seu dia a dia em um diário, a melhor amiga que ela sempre desejou ter, Kitty. Objetivamos, nesta tese de doutorado, mostrar como as identidades de Anne Frank são formadas e transformadas em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018). Partimos da tese de que as identidades da jovem judia se formam e transformam-se ao longo da narrativa, esboçando uma representação multifacetada. Inicialmente realizamos uma busca por trabalhos já feitos sobre o diário de Anne Frank (em prosa e em quadrinhos) e elaboramos uma concepção de representação (Borges, 2004; Hall, 2012; Rajagopalan, 20003; Silva, Tomaz 2012; Woodward, 2012). Em seguida, contextualizamos sócio-historicamente o diário em quadrinhos quanto às duas Grandes Guerras Mundiais, com destaque ao Holocausto e ao antissemitismo (Carneiro, 2005; Coggiola, 2015; 2017; Rodrigues, 1988; Visentini, 2003). Depois, executamos uma pesquisa bibliográfica sobre gêneros discursivos (Bakhtin, 2016), diário (Lejeune, 1998), novela gráfica (Borges, 2020; García, 2012; Ramirez, 2012; Ramos, Figueira, 2014) e linguagem quadrinística (Acevedo, 1990; Cagnin, 1975/2014; Ramos, 2010). Analisamos fragmentos do diário em quadrinhos para mostrar como Anne Frank foi caracterizada por meio da linguagem quadrinística: legendas; balões; personagens, expressões faciais e gestuais; vinhetas; tempo e espaço (planos e ângulos de visão). Realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre as identidades (Bauman, 2005; Hall, 2012; 2015; Silva, Tomaz 2012; Woodward, 2012). Verificamos, a partir de análises de fragmentos do diário em quadrinhos, como se constituiu a formação e a transformação identitária de Anne na narrativa. Por fim, apontamos os princípios do feminismo (Alves, Pitanguy, 1985; Auad, 2003; Beauvoir, 1970/1980; Butler, 2019; Perrot, 2007), relacionando-os com a formação e a transformação identitária feminina de Anne. A análise interpretativista do diário em quadrinhos ocorreu por amostragem (36 fragmentos). Concluimos que a linguagem quadrinística contribuiu para a construção da narrativa, revelando as identidades de Anne sendo formadas e transformadas mediante influências diversas, por exemplo, o contexto sócio-histórico onde ela estava inserida e as marcações de diferenças existentes entre ela e outras personagens. Entre as identidades de Anne, evidenciou-se a feminina. A formação e transformação identitária dessa jovem mulher sobressai-se como sendo conflitante: ela estava em conflito entre o que era e o que esperavam que ela fosse. Isso reflete um duplo aprisionamento da protagonista, física e simbolicamente proporcionado pelo Anexo Secreto e por imposições simbólicas de padrões sociais. Todas as influências sobre a formação e transformação identitária de Anne resultaram na representação de identidades multifacetadas, quer dizer, as multifaces representadas de uma jovem mulher, judia, irmã, filha, perseguida pelos nazistas, diversamente aprisionada, porém sempre a questionar, lutar, resistir, sobreviver, a começar pelos registros no diário...

**Palavras-chave:** Identidades; Representação; Antissemitismo; Mulher; *O diário de Anne Frank em quadrinhos*.

## ABSTRACT

JESUS, Natália Marques de. **The many faces of Anne Frank**: a study on the formation and transformation of identity represented in comics. 2024. 268f. Thesis (PhD in Language Studies) – Center for Letters and Human Sciences, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

In 1939, the Second World War began and, with it, the massacre of the Jews: the Holocaust. Anne Frank was only twelve years old when seeking protection, she took refuge in a hiding place (Secret Annex), with seven other people. They remained there until 1944 when they were discovered and captured by the Nazis. Anne and six million other Jews did not survive the anti-Semitic barbarity. Anne was a refugee hiding for two years and wrote her daily life in a diary, the best friend she always wanted to have, Kitty. In this doctoral thesis, we aim to show how Anne Frank's identities are formed and transformed in *Anne Frank: the graphic diary* (Folman; Polonsky, 2018). We start from the theory that the identities of the young Jewish woman are formed and transformed throughout the narrative, outlining a multifaceted representation. Initially, we searched for works already done in Anne Frank's diary (in prose and comics) and developed a conception of representation. (Borges, 2004; Hall, 2012; Rajagopalan, 2003; Silva, Tomaz 2012; Woodward, 2012). Next, we contextualize the comic book diary socio-historically about the two World Wars, with emphasis on the Holocaust and anti-Semitism. (Carneiro, 2005; Coggiola, 2015; 2017; Rodrigues, 1988; Visentini, 2003). Then, we carried out a bibliographical research on discursive genres (Bakhtin, 2016), diary (Lejeune, 1998), graphic novels (Borges, 2020; García, 2012; Ramirez, 2012; Ramos, Figueira, 2014) and language of comics (Acevedo, 1990; Cagnin, 1975/2014; Ramos, 2010). We analyzed fragments of the comic diary to show how it characterized Anne Frank through the language of comics: captions; speech balloons; characters, facial and gestural expressions; vignettes; time and space (plans and viewing angles). We carried out bibliographical research on identities (Hall, 2012; 2015; Bauman, 2005; Silva, Tomaz 2012; Woodward, 2012). Based on analyses of fragments of the comic diary, we verified how they constituted Anne's identity formation and transformation. Finally, we point out the principles of feminism (Alves, Pitanguy, 1985; Auad, 2003; Beauvoir, 1970/1980; Butler, 2019; Perrot, 2007), relating them to Anne's feminine identity formation and transformation. The interpretative analysis of the comic diary occurred through sampling (36 fragments). We conclude that the comic book language contributed to the construction of the narrative, revealing Anne's identities being formed and transformed through diverse influences, for example, the socio-historical context in which it inserted her and the markings of differences existing between her and other characters. Among Anne's identities, the feminine one stood out. The formation and transformation of this young woman's identity stands out as conflicting: she was in conflict between what she was and what they expected her to be. It reflects a double imprisonment of the protagonist, physically and symbolically provided by the Secret Annex and symbolic impositions of social standards. All the influences on Anne's identity formation and transformation resulted in the representation of multifaceted identities, that is, the multi faces representations of a young woman, Jewish, sister, daughter, persecuted by the Nazis, imprisoned in various ways, but at all times questioning, fighting, resisting, surviving, starting with the diary entries...

**Key-words:** Identities; Representation; Anti-Semitism; Women; *Anne Frank: the Graphic diary*.

## RESUMEN

JESUS, Natália Marques de. **Las múltiples facetas de Anne Frank**: un estudio sobre la formación y la transformación identitaria representada en los cómics. 2024. 268 p. Tesis (Doctorado en Estudios del Lenguaje) – Centro de Letras y Ciencias Humanas, Universidad Estatal de Londrina, Londrina, 2024.

En 1939 comenzó la Segunda Guerra Mundial y, con ella, el masacre de los judíos: el Holocausto. Anne Frank tenía solo doce años cuando, en busca de protección, se refugió en un escondite (Anexo Secreto) con otras siete personas. Allí permanecieron hasta 1944, cuando fueron descubiertos y capturados por los nazis. Anne y otros seis millones de judíos no sobrevivieron a la barbarie antisemita. Refugiada durante dos años en el escondite, Anne anotó su día a día en un diario, la mejor amiga que siempre deseó tener, Kitty. En esta tesis doctoral, nuestro objetivo es mostrar cómo se forman y transforman las identidades de Anne Frank en *El diario de Anne Frank en cómics* (Folman; Polonsky, 2018). Partimos de la tesis de que las identidades de la joven judía se forman y transforman a lo largo de la narrativa, esbozando una representación multifacética. Inicialmente, realizamos una búsqueda de trabajos ya existentes sobre el diario de Anne Frank (en prosa y en cómics) y elaboramos una concepción de representación (Borges, 2004; Hall, 2012; Rajagopalan, 2003; Silva, Tomaz 2012; Woodward, 2012). A continuación, contextualizamos socioculturalmente el diario en cómics en relación con las dos Grandes Guerras Mundiales, destacando el Holocausto y el antisemitismo (Rodrigues, 1988; Visentini, 2003; Carneiro, 2005; Coggiola, 2015; 2017). Luego, realizamos una investigación bibliográfica sobre géneros discursivos (Bakhtin, 2016), diario (Lejeune, 1998), novela gráfica (Borges, 2020; García, 2012; Ramirez, 2012; Ramos, Figueira, 2014) y lenguaje de los cómics (Cagnin, 1975/2014; Acevedo, 1990; Ramos, 2010). Analizamos fragmentos del diario en cómics para mostrar cómo Anne Frank fue caracterizada mediante el lenguaje de los cómics: subtítulos, globos de diálogo, personajes, expresiones faciales y gestuales, viñetas, tiempo y espacio (planos y ángulos de visión). Realizamos una investigación bibliográfica sobre las identidades (Bauman, 2005; Silva, Tomaz 2012; Woodward, 2012; Hall, 2012, 2015). Verificamos, a partir de análisis de fragmentos del diario en cómics, cómo se constituyó la formación y transformación identitaria de Anne en la narrativa. Finalmente, señalamos los principios del feminismo (Alves, Pitanguy, 1985; Auad, 2003; Beauvoir, 1970/1980; Butler, 2019; Perrot, 2007), relacionándolos con la formación y transformación identitaria femenina de Anne. El análisis interpretativo del diario en cómics se realizó mediante muestreo (36 fragmentos). Concluimos que el lenguaje de los cómics contribuyó a la construcción de la narrativa, revelando las identidades de Anne formadas y transformadas mediante diversas influencias, como el contexto sociocultural en el que estaba inmersa y las diferencias entre ella y otros personajes. Entre las identidades de Anne, se destacó la identidad femenina. La formación y transformación identitaria de esta joven mujer se muestra como conflictiva: ella estaba en conflicto entre lo que era y lo que esperaban que fuera. Esto refleja un doble encarcelamiento de la protagonista, físico y simbólico, proporcionado por el Anexo Secreto y por imposiciones simbólicas de normas sociales. Todas las influencias sobre la formación y transformación identitaria de Anne resultaron en la representación de identidades multifacéticas, es decir, las múltiples facetas representadas de una joven mujer, judía, hermana, hija, perseguida por los nazis, diversas veces aprisionada, pero siempre cuestionando, luchando, resistiendo, sobreviviendo, comenzando por los registros en el diario...

**Palabras clave:** Identidades; Representación; Antisemitismo; Mujer; *El diario de Anne Frank en cómics*.

## LISTA DE FRAGMENTOS

<b>Fragmento 1.1</b> – Em busca de uma verdadeira amizade.....	25
<b>Fragmento 1.2</b> – Diversas versões de Anne Frank.....	39
<b>Fragmento 1.3</b> – Dentro do Anexo Secreto.....	41
<b>Fragmento 2.1</b> – Apresentação das personagens.....	83
<b>Fragmento 3.1</b> – A publicação do diário.....	99
<b>Fragmento 3.2</b> – A personificação do diário .....	104
<b>Fragmento 3.3</b> – Datação.....	105
<b>Fragmento 3.4</b> – Legenda contornada e esverdeada dentro de vinhetas .....	110
<b>Fragmento 3.5</b> – Legenda contornada e esverdeada fora de vinhetas .....	112
<b>Fragmento 3.6</b> – O Anexo Secreto e os balões-legenda .....	116
<b>Fragmento 3.7</b> – Balões-legenda descrevendo Anne .....	117
<b>Fragmento 3.8</b> – Os tipos de tempo no diário em quadrinhos .....	133
<b>Fragmento 3.9</b> – Anne com cinco anos de idade .....	135
<b>Fragmento 3.10</b> – A deterioração dos objetos .....	136
<b>Fragmento 3.11</b> – Marcação das datas .....	141
<b>Fragmento 3.12</b> – O tempo histórico e a suástica .....	142
<b>Fragmento 3.13</b> – Tempo psicológico .....	149
<b>Fragmento 3.14</b> – O espaço físico .....	155
<b>Fragmento 3.15</b> – O espaço simbólico em várias vinhetas ocupando uma página completa .....	158
<b>Fragmento 3.16</b> – O espaço simbólico em uma única vinheta ocupando duas páginas completas .....	159
<b>Fragmento 3.17</b> – Vinhetas em forma de fotografias .....	164
<b>Fragmento 3.18</b> – Vinhetas sem contorno .....	166
<b>Fragmento 4.1</b> – Conflitos entre adultos .....	179
<b>Fragmento 4.2</b> – Anne precisava se casar segundo os adultos do Anexo Secreto .....	183
<b>Fragmento 4.3</b> – Relação entre pais e filha .....	188
<b>Fragmento 4.4</b> – Diferenças entre Anne e Edith .....	190
<b>Fragmento 4.5</b> – Diferenças entre Anne e Margot .....	193
<b>Fragmento 4.6</b> – Diferenças entre Anne e Otto .....	196
<b>Fragmento 4.7</b> – Margot, a intelectual .....	198

<b>Fragmento 4.8</b> – A chegada dos “van Daan” ao Anexo Secreto.....	200
<b>Fragmento 4.9</b> – O livro sobre Auguste van Daan .....	201
<b>Fragmento 4.10</b> – O percurso até o Anexo Secreto .....	216
<b>Fragmento 4.11</b> – Os Frank e o judaísmo .....	220
<b>Fragmento 4.12</b> – A busca por direitos iguais.....	238
<b>Fragmento 4.13</b> – Uma mulher autônoma .....	242
<b>Fragmento 4.14</b> – O agir de uma “boa moça” .....	245

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Fotografia dos moradores do Anexo Secreto .....	15
<b>Figura 2</b> – Fotografia dos ajudantes .....	16
<b>Figura 3</b> – Fotografia da capa de <i>O diário de Anne Frank em quadrinhos</i> .....	18
<b>Figura 4</b> – Mapa das alianças formadas durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).....	51
<b>Figura 5</b> – Mapa dos países que estavam em guerra entre 1939 e 1945 .....	55
<b>Figura 6</b> – Fotografia da sinagoga destruída durante a <i>Noite dos cristais</i> .....	67
<b>Figura 7</b> – Fotografia dos corpos descobertos pelas tropas americanas durante uma inspeção, em abril de 1945, ao campo de concentração de Buchenwald, na Alemanha .....	69
<b>Figura 8</b> – Mapa dos principais campos de concentração estabelecidos pelos nazistas em janeiro de 1944 .....	71
<b>Figura 9</b> – Fotografia da <i>Parede Negra</i> localizada em Auschwitz I .....	72
<b>Figura 10</b> – Fotografia de corpos de prisioneiros jazidos na neve, após libertação do campo de Auschwitz-Birkenau .....	73
<b>Figura 11</b> – Fotografia de prisioneiros caminhando em direção à fábrica I.G Farben Auschwitz-Monowitz .....	74
<b>Figura 12</b> – Fotografia da lápide simbólica construída no campo de Bergen-Belsen em homenagem a Anne Frank e sua irmã Margot Frank .....	75
<b>Figura 13</b> – Fotografia de prisioneiros em trabalho forçado construindo as linhas férreas de Weimar-Buchenward .....	76
<b>Figura 14</b> – Fotografia de prisioneiros em trabalho escravo na pedreira Wiener Graben, em Mauthausen .....	77
<b>Figura 15</b> – Fotografia do campo de concentração Neuengamme .....	78
<b>Figura 16</b> – Fotografia de prisioneiros no campo de Sachsenhausen .....	80
<b>Figura 17</b> – Fotografia do filme <i>Der Fuehrer Schenkt den Juden eine Stadt</i> ( <i>O Fuehrer dá aos judeus uma cidade</i> ) .....	81

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Categorias das ilustrações .....	45
<b>Quadro 2</b> – Principais acontecimentos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) .....	56
<b>Quadro 3</b> – Legendas com ou sem contorno .....	110
<b>Quadro 4</b> – Família “Frank” e recursos visuais .....	124
<b>Quadro 5</b> – Família “van Daan”, o dentista e recursos visuais .....	124
<b>Quadro 6</b> – Os ajudantes e recursos visuais .....	125
<b>Quadro 7</b> – Família “Frank” e funções .....	127
<b>Quadro 8</b> – Família van “Daan”, o dentista e funções .....	128
<b>Quadro 9</b> – Tipos de tempo .....	131
<b>Quadro 10</b> – Planos de visão .....	151
<b>Quadro 11</b> – Ângulos de visão .....	152
<b>Quadro 12</b> – Descrição dos espaços físicos .....	154
<b>Quadro 13</b> – A inferioridade da mulher na sociedade .....	223
<b>Quadro 14</b> – Opressões vividas pelas mulheres judias ao longo dos séculos .....	225

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 – ASPECTOS INTRODUTÓRIOS SOBRE <i>O DIÁRIO DE ANNE FRANK EM QUADRINHOS</i></b> .....		15
1.1	<i>O DIÁRIOS DE ANNE FRANK: PATRIMÔNIO HISTÓRICO</i> .....	19
1.1.1	Trabalhos Sobre as Versões de O diário de Anne Frank: um Levantamento	20
1.1.2	Justificativa .....	30
1.2	POR UMA NOÇÃO DE REPRESENTAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO .....	34
1.2.1	Representação e Características .....	35
1.2.2	Problematização .....	38
1.3	OBJETIVOS, ASPECTOS METODOLÓGICOS E ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS .....	43
1.3.1	Objetivos .....	43
1.3.2	Aspectos Metodológicos e Organização dos Capítulos .....	44
 <b>CAPÍTULO 2 - CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E ENREDO</b> .....		47
2.1	CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO .....	47
2.1.1	As Duas Grandes Guerras Mundiais .....	47
2.1.2	O Holocausto dos Judeus .....	57
2.1.3	Campos de Concentração .....	71
2.2	ANNE FRANK NOS QUADRINHOS: O ENREDO .....	82
 <b>CAPÍTULO 3 - A LINGUAGEM QUADRINÍSTICA NA CONSTITUIÇÃO DE <i>O DIÁRIO DE ANNE FRANK EM QUADRINHOS</i></b> .....		87
3.1	GÊNEROS DO DISCURSO .....	87
3.2	DIÁRIO EM QUADRINHOS PUBLICADO NO FORMATO DE NOVELA GRÁFICA .....	93
3.3	RECURSOS DA LINGUAGEM DOS QUADRINHOS .....	108
3.3.1	Legendas e Balões .....	109
3.3.2	Personagens e Expressividade .....	119
3.3.3	Tempo .....	131
3.3.3.1	Tipos de tempo e suas representações no diário em quadrinhos .....	131

3.3.3.2	Tempo histórico .....	137
3.3.3.3	Tempo psicológico .....	147
3.3.4	Espaço .....	151
3.3.5	Vinheta, a Menor Unidade Narrativa .....	161
3.3.6	Considerações Sobre a Linguagem Quadrinística no Diário de Anne Frank ....	169

**CAPÍTULO 4 – UM “FEIXE DE CONTRADIÇÕES”: A FORMAÇÃO  
E A TRANSFORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE ANNE FRANK .....**

		173
4.1	FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO IDENTITÁRIA, A BUSCA PELA COMPLETUDE .....	173
4.2	IDENTIDADE E DIFERENÇA, UMA INTERDEPENDÊNCIA .....	184
4.2.1	A Formação e a Transformação Identitária de Anne, um Jogo de Comparações	184
4.2.2	O Nacionalismo Alemão e a Marcação dos Judeus Como Diferentes .....	208
4.3	REPRESENTAÇÃO POR MEIO DE MARCAÇÕES SIMBÓLICAS E CLASSIFICAÇÕES: ANNE FRANK COMO JUDIA .....	218
4.4	A FORMAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA DE ANNE FRANK ....	223
4.4.1	A Luta Feminista, Uma Contextualização Sócio-histórica .....	223
4.4.2	Considerações Sobre as Relações de Gênero .....	228
4.4.3	Representação Feminina de Anne Frank .....	236

**CONSIDERAÇÕES FINAIS .....**

**REFERÊNCIAS .....**

**PÁGINAS CONSULTADAS .....**

264

## CAPÍTULO 1

### ASPECTOS SOBRE *O DIÁRIO DE ANNE FRANK EM QUADRINHOS*

Annelies Marie Frank, filha de Otto e Edith Frank e irmã mais nova de Margot Frank, nasceu no ano de 1929, em Frankfurt, na Alemanha. Annelies, mais conhecida como Anne, possuía origem judaica. E, por este motivo, foi perseguida durante o Holocausto<sup>1</sup>, iniciado por Adolf Hitler, na Alemanha. Buscando refugiar-se dos horrores proporcionados pelo regime nazista, a família “Frank”, composta por Otto, Edith, Margot e Anne, mudou-se para a Holanda em 1933/1934. Porém, em 1942, após Hitler e suas tropas invadirem a Holanda, os “Frank” se mudaram para um esconderijo, o Anexo Secreto, onde permaneceram até 1944, quando a polícia nazista descobriu a existência do local. Anne e seus familiar dividiram a moradia no Anexo Secreto com a família “van Daan”<sup>2</sup>, composta por Auguste, Hermann e Peter, e com o dentista Albert Dussel.

**Figura 1<sup>3</sup>** — Fotografia dos moradores do Anexo Secreto



**Fonte:** site da Fundação Anne Frank. Disponível em: <https://www.annefrank.org/en/anne-frank/main-characters/>. Acesso em: 8 ago. 2021.

Algumas pessoas sabiam da existência do esconderijo e ajudaram a manter os moradores do esconderijo vivos. Os ajudantes foram: Jo Kleiman, Victor Kugler, Bep Voskuijl,

<sup>1</sup> “O Holocausto foi, de fato, uma tragédia judaica. Embora os judeus não tenham sido a única população submetida a ‘tratamento especial’ pelo regime nazista [...], só os judeus foram marcados para o extermínio, a destruição total, e não tinham lugar reservado na Nova Ordem que Hitler pretendia instaurar” (Bauman, 1998, p. 12).

<sup>2</sup> Anne fez uso de pseudônimos para se referir à família “van Pels” e ao dentista Fritz Pfeffer em seu diário. Nele, os membros da família “van Pels” receberam o sobrenome “van Daan”. O senhor Fritz Pfeffer passou a ser chamado de Albert Dussel. Tais pseudônimos foram mantidos em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018).

<sup>3</sup> A imagem é um *print* da página da Fundação Anne Frank.

Miep Gies, Jan Gies e Johan Voskuijl. Eles ajudavam os moradores do Anexo, levando-lhes alimentos, roupas e informações sobre o desenrolar da guerra.

**Figura 2<sup>4</sup>** — Fotografia dos ajudantes



**Fonte:** site da Fundação Anne Frank. Disponível em: <https://www.annefrank.org/en/anne-frank/main-characters/>. Acesso em: 8 ago. 2021.

Durante o período em que permaneceu escondida no Anexo, Anne relatou acontecimentos cotidianos, pensamentos e vontades em um diário, nomeado por ela como Kitty. Após a chegada da polícia ao Anexo, Anne foi encaminhada para o campo de concentração de Bergen-Belsen, onde faleceu em 1945. Dois anos depois, Otto publicou o diário de sua filha.

Desde sua publicação, *O diário de Anne Frank* (Frank, 1947) foi traduzido para mais de setenta línguas e tornou-se uma das principais obras sobre o Holocausto. O diário de Anne é uma fonte de documentação sobre os conflitos ocorridos no decorrer da Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) e as atrocidades cometidas durante o Holocausto. De acordo com Santana e Rosenthal (2017), a narração da garota pode ser considerada “[...] como documento futuro que auxiliará na produção da memória que atesta a arquitetura do holocausto”. Além das diversas traduções, o diário foi recriado a partir da linguagem quadrinística. As principais recriações<sup>5</sup> são: *O diário de Anne Frank em quadrinhos* de Ari Folman e David Polonsky, publicada, em 2017, pela editora Record<sup>6</sup>; *Anne Frank: a biografia ilustrada em colaboração*

<sup>4</sup> A imagem é um *print* da página da Fundação Anne Frank.

<sup>5</sup> O uso do termo “recriação” ao invés de “adaptação literária” visa exaltar que a história em quadrinhos não é um mero resumo do texto em prosa. Nela, estão expostas a interpretação e a criatividade dos quadrinistas. A história em quadrinhos não foi adaptada para outra linguagem, e sim recriada a partir de outra linguagem, a quadrinística.

<sup>6</sup> Intitulada originalmente como *Anne Frank: the graphic diary*, tradução de Raquel Zampil.

com a casa de Anne Frank<sup>7</sup> de Sid Jacobson e Ernie Colón, publicada, em 2017, pela editora Quadrinhos na Cia; *O diário de Anne Frank em quadrinhos* de Mirela Spinelli, publicada pela editora Nemo, em 2017; *Anne Frank em quadrinhos* de Diego Abringau e Fabián Mezquita, publicada, em 2020, pela editora Principis.

O objeto de estudo, nesta tese, é a representação de Anne Frank exposta em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2017/2018<sup>8</sup>), traduzido por Raquel Zampil, publicado pela editora Record (figura 3). A recriação em quadrinhos do texto em prosa, publicada em 1947, retrata os horrores da Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) por meio da narrativa de Anne Frank. No texto, a jovem contou sobre sua vida social na escola antes de ir morar no Anexo e falou a respeito de como era o dia a dia no esconderijo. Nesses relatos, informações relacionadas à falta de privacidade, escassez de comida e discussões envolvendo os moradores do Anexo, principalmente a senhora van Daan, ganharam destaque. Anne ainda refletiu sobre o que sentia em relação à pouca compreensão de seus pais perante sua espontaneidade. A garota ansiava pelo término da guerra e pela possibilidade de voltar a ser livre e viver em sociedade.

Entre todas as recriações do diário, a feita por Folman e Polonsky (figura 3) é a única que possui o selo de autorização da Fundação Anne Frank para ter sido publicada. Esse foi um dos motivos que nortearam a escolha dessa história em quadrinhos (doravante HQ) para ser analisada nesta tese. Outra motivação para tal escolha foi a identificação dos autores da narrativa com a história de Anne. Os pais de Ari Folman, sobreviventes<sup>9</sup> do Holocausto e judeus, chegaram a Auschwitz coincidentemente no mesmo dia em que a família “Frank”. Ao recriar a história de Anne, Folman estava recriando a história de seu próprio povo. Acreditamos que esse vínculo pessoal com a história possa ter contribuído para que o autor respeitasse e preservasse a essência de Anne na produção do diário. Além disso, os próprios autores Folman e Polonsky se comprometeram a manter o legado de Anne respeitando seus escritos. Isso está registrado na “nota dos autores” no final da HQ.

Em meu nome e no de David Polonsky, quero declarar que agimos com sensibilidade e consciência em relação às liberdades que tomamos, mas em todos os casos pesamos nossas opções com cuidado. Assumimos o projeto com a intenção de nos manter fiéis à memória e legado de Anne Frank. Nosso objetivo sempre foi preservar o espírito de Anne em cada um dos quadros que compõem o livro (Folman; Polonsky, 2018, p. 155).

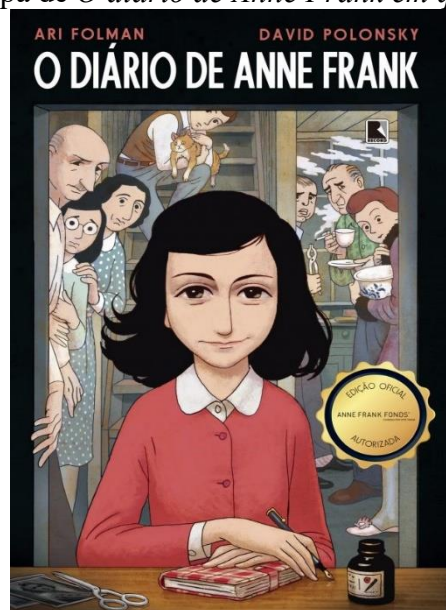
<sup>7</sup> Intitulada originalmente como *Anne Frank: the Anne Frank House authorized graphic biography*, tradução de Augusto Pacheco Calil.

<sup>8</sup> *O diário de Anne Frank em quadrinhos* foi publicado pela primeira vez em 2017. Nesta tese, é utilizada a terceira edição do diário em quadrinhos, publicada em 2018.

<sup>9</sup> Informação exposta no jornal *El País*. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/14/cultura/1505398331\\_574560.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/14/cultura/1505398331_574560.html). Acesso em: 31 jan. 2024.

Existem motivos pessoais por trás da escolha da HQ analisada. A autora desta tese leu *O diário de Anne Frank* (Frank, 1947), pela primeira vez, quando tinha doze anos de idade. A história da guerra e de todo o sofrimento do povo judeu e, conseqüentemente, de Anne Frank e sua família impactaram a leitora. Quando teve contato com *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), como bolsista em um projeto de iniciação científica<sup>10</sup> durante a graduação em Letras Português, a autora desta tese encantou-se pela forma como foi exposta a história de Anne. Ao graduar-se, ela iniciou o mestrado em Estudos da Linguagem no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguagem, ofertado pela Universidade Estadual de Londrina, objetivando desenvolver uma pesquisa sobre a representação identitária de Anne Frank em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* de Folman e Polonsky (2018). Durante sua qualificação do mestrado, em dezembro de 2021, a banca examinadora<sup>11</sup> visualizou na dissertação potencial e relevância para que ocorresse a mudança de nível da pesquisadora do mestrado para o doutorado. Diante do ocorrido, a dissertação foi transformada nesta tese.

**Figura 3** — Fotografia da capa de *O diário de Anne Frank em quadrinhos*



**Fonte:** Folman e Polonsky (2018).

Tanto o estudo do texto em prosa, quanto das recriações em quadrinhos do diário de Anne são importantes, porque, por meio deles, foram abordados temas como os combates entre países, os conflitos existenciais comuns na adolescência, as relações sociais, a educação guiada pelos pensamentos patriarcais, as diversas formas de preconceito recorrentes na sociedade e a

<sup>10</sup> Vinculado ao projeto de pesquisa 10808 - *Quadrinhos e análise linguística* (2017-2022), coordenado pela professora Dra. Maria Isabel Borges, que é a orientadora desta tese.

<sup>11</sup> Prof.<sup>a</sup> Dra. Cláudia Maria Ceneviva Nigro e Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosemeri Passos Baltazar Machado, ambas também membros das bancas de qualificação e defesa desta tese.

influência do meio externo na formação identitária das pessoas.

Este capítulo, de caráter introdutório, está organizado em seções e subseções. Após breve introdução a respeito do diário de Anne Frank, inicia-se a primeira seção. Ela foi destinada a uma análise de trabalhos que estudaram o diário e a ajudar a comprovar a relevância desta pesquisa. Na segunda seção, primeiramente, buscamos conceituar o termo “representação” (Rajagopalan, 2003; Borges, 2004; Hall, 2012; Woodward, 2012; Silva, Tomaz<sup>12</sup>, 2012). Em seguida, aspectos sobre o diário em quadrinhos foram trazidos por nós, sustentando a tese de que as identidades de Anne são formadas e transformadas a ponto de configurarem múltiplas representações, quer dizer, as multifaces de Anne Frank. Na terceira seção, elencamos os objetivos, descrevemos a metodologia de pesquisa e explicamos a maneira como esta tese está organizada.

### 1.1 O DIÁRIO DE ANNE FRANK: PATRIMÔNIO HISTÓRICO

O diário, escrito pela jovem judia, Anne Frank, tornou-se conhecido mundialmente. Os escritos de Anne impactaram milhares de leitores ao mostrar-lhes as atrocidades experimentadas pelos judeus durante o Holocausto e a visão de mundo de uma menina que, aos doze anos de idade, já tinha muito para observar, refletir e opinar. O *diário de Anne Frank* é um patrimônio de interesse histórico. Uma forma de reconhecimento da relevância do diário foi<sup>13</sup> feita pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) ao incluí-lo na lista “Memória do Mundo”.

Nas subseções subsequentes, buscamos expor os trabalhos já realizados sobre o diário da jovem e os motivos pelos quais a análise de seus escritos justifica a produção desta pesquisa. Isso foi feito tendo em vista a importância do diário de Anne que, desde a sua publicação em prosa, já foi recriado por meio de diversas linguagens, sendo, aqui, destacada a quadrinística.

---

<sup>12</sup> De acordo com as regras da ABNT, o manual de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Estadual de Londrina: “Quando houver coincidência de mesmo sobrenomes para autores diferentes, deve-se acrescentar primeira letra dos prenomes ou ainda indicá-los por extenso” (Sistema de Bibliotecas UEL, 2023, p. 34). Disponível em: <https://sites.uel.br/bibliotecas/wp-content/uploads/2023/08/ApostilaABNT2023.pdf>. Acesso em: 9 set. 2024.

<sup>13</sup> Informação disponível no *site* da ONU (Organização das Nações Unidas). Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2009/07/1312261#:~:text=Segundo%20a%20Unesco%2C%20o%20livro,de%20Alfredo%20Stroessner%20no%20Paraguai>. Acesso em: 30 jan. 2024.

### 1.1.1 Trabalhos Sobre as Versões de *O diário de Anne Frank*: um Levantamento

Realizamos um levantamento de trabalhos a respeito do diário (versão em prosa e em quadrinhos) de Anne Frank. Para executar a pesquisa sobre tais trabalhos em prosa, feita no *Google Acadêmico*, utilizamos a palavra-chave: “diário de Anne Frank”. Vários trabalhos foram encontrados. Já para a realização da pesquisa sobre os trabalhos que analisaram recriações em quadrinhos do diário da adolescente judia, também feita no *Google Acadêmico*, buscamos pelas seguintes palavras-chave: “O diário de Anne Frank em quadrinhos” e “Anne Frank nos quadrinhos”. Neste caso, foram encontrados cerca de dez trabalhos. A pouca quantidade de trabalhos produzidos não torna as recriações menos importantes do que o texto em prosa. Por conseguinte, consideramos que a produção das primeiras recriações para os quadrinhos do diário de Anne é recente, datando de 2017. Isso pode ser apontado como uma justificativa para a quantidade de trabalhos encontrados.

Esclarecemos que, tanto em relação aos trabalhos feitos sobre o diário em prosa, quanto aos referentes aos diários em quadrinhos, consideramos, para serem citados nesta tese, estudos vinculados aos níveis de mestrado e doutorado. Além disso, selecionamos aqueles em que foram abordados temas relevantes para esta pesquisa, por exemplo: questões sócio-históricas referentes à Segunda Grande Guerra Mundial e ao Holocausto, considerações sobre quem era Anne Frank e aspectos da linguagem dos quadrinhos. Os objetivos do levantamento foram: (a) verificar como os pesquisadores abordaram esses temas e (b) apontar a necessidade de um estudo sobre *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018).

Selecionamos seis trabalhos cujo material de análise é o diário de Anne em prosa:

- (1) “A gênese de *O diário de Anne Frank* — um legado para a humanidade” (Cornelsen, 2019);
- (2) “Fronteiras de identidades: a escrita do eu em *O diário de Anne Frank*” (Abreu, 2016);
- (3) “*O diário de Anne Frank* e a banalidade do mal em Hannah Arendt: olhares femininos sobre os horrores do holocausto” (Batista; Silva, 2020);
- (4) “Um olhar sobre *O diário de Anne Frank*” (Santos, 2012);
- (5) “Uma faceta do vínculo entre o sentimento religioso e o sofrimento psíquico de Anne Frank, a partir do seu diário” (Bezerra, 2021);
- (6) “*O diário de Anne Frank*: violência e resistência” (Gonçalves, 2022).

Quanto aos trabalhos sobre os diários em quadrinhos, selecionamos oito:

- (1) “Citação visual: cruzando fronteiras intermediais em *O diário de Anne Frank*” (Ghirardi, 2019);

- (2) “‘Querido diário...’ A construção do conhecimento histórico por meio dos quadrinhos de Anne Frank” (Luiz; Subtil, 2021);
- (3) “As dimensões de Anne Frank: uma análise da transposição do gênero diário para HQ” (Ascêncio; Campos-Toscano; Leolino; Rodrigues, 2021);
- (4) “Estratégias de leitura de *O diário de Anne Frank em quadrinhos*” (Pereira; Álison, 2020);
- (5) “Ensino da história do Holocausto por meio de narrativas gráficas: o caso de Anne Frank” (Schurster; Silva, 2023);
- (6) “O texto biográfico em quadrinhos *O diário de Anne Frank*: uma análise” (Jesus, 2018);
- (7) “Memórias, identidades e Histórias em quadrinhos: conexões possíveis para pensar o sujeito” (Borges; Jesus; Teixeira, 2021);
- (8) “Uma análise das memórias de Anne Frank na novela gráfica *O diário de Anne Frank em quadrinhos*” (Borges; Jesus, 2021).

Destacamos que a autora da tese, em parceria com outras estudiosas, escreveu os três últimos artigos mencionados. A seguir, fazemos algumas considerações a respeito dos trabalhos selecionados, iniciando por aqueles referentes ao diário em prosa.

No artigo “A gênese de *O diário de Anne Frank* — um legado para a humanidade” (Cornelsen, 2019), discorre-se sobre o gênero diário e as quatro versões do diário em prosa escrito por Anne. A versão “a” foi a primeira escrita por ela. Esta versão foi reescrita pela menina, originando a versão “b”, que, por sua vez, foi editada e publicada pelo pai de Anne, transformando-se na versão “c”. Por fim, a versão “c” foi republicada, incluindo acréscimos, feitos por Mirjam Pressler, de textos escritos por Anne, presentes nas versões “a” e “b”, e que não haviam sido incluídos na primeira publicação da versão “c”. Com base nas ideias de Cornelsen (2019), entende-se como se originaram as versões do diário de Anne e como ocorreram os processos editoriais. Nesta tese, uma nova versão será analisada, a versão “d”, em quadrinhos, feita por Folman e Polonsky, baseada na versão “c” do diário em prosa de Anne.

Em “Fronteiras de identidades: a escrita do eu em *O diário de Anne Frank*” (Abreu, 2016), foi realizada uma discussão referente ao gênero diário e aos dilemas relacionados à publicidade e privacidade envolvidas por ele. Abreu (2016) defendeu a existência de três versões do diário de Anne. A versão “a” consiste na primeira. A versão “b” foi a reescrita, em folhas de papéis soltas da versão “a” e a versão “c” (intitulada “O Anexo Secreto”), foi uma junção das duas anteriores. Em posse do pai da menina, o texto foi editado e publicado. Trechos considerados como “impróprios” (principalmente aqueles em que Anne falava a respeito de sua mãe) não foram incluídos na versão publicada. Abreu (2016) concluiu que a leitura das três versões do diário de Anne possibilita uma melhor compreensão da personalidade da menina e

de como a história de Anne impactou a produção de textos sobre a guerra escritos por mulheres no século XX. Além disso, baseando-se nos estudos de Benveniste, Abreu (2016) focou a ideia de que, ao fazer uso do pronome “eu”, Anne evoca um interlocutor, visto que só é necessário afirmar-se como “eu” quando há um “outro”. Sob essa perspectiva, constata-se que há um lado da identidade de Anne que merece destaque: um “eu” que postula uma outra pessoa, o interlocutor representado pelo diário, a Kitty. A autora do artigo traz uma reflexão importante a respeito da interação entre Anne e os interlocutores, representados pelo diário. Apesar de tratar-se de uma relação indireta, o leitor tem a sensação de ser um amigo íntimo de Anne, já que era desse modo que ela tratava Kitty. Nesta tese, não se excluem as considerações feitas por Abreu (2016). No entanto, entendemos Kitty como a personificação de uma companhia feminina que Anne não tinha naquele ambiente recluso e conhecido como Anexo Secreto. Ainda que Anne pretendia tornar público seu diário e almejava que ele fosse lido por muitas pessoas, em um primeiro momento, quando deu entrada no diário pela primeira vez, ela ainda não tinha o objetivo de publicá-lo. Anne realmente via Kitty como a amiga que ela nunca havia tido, uma possibilidade para expressar todos seus conflitos internos, como sua relação com a irmã e a mãe.

Nesse sentido, tanto Cornelsen (2019), quanto Abreu (2016) discutiram sobre as características do gênero diário. Diferentemente deles, abordaremos as características do gênero diário em quadrinhos<sup>14</sup>. Isso se dá porque, ao contrário do que tais autores apresentaram, não se analisou o diário em prosa de Anne, e sim a versão feita a partir da linguagem quadrinística.

No texto “*O diário de Anne Frank e a banalidade do mal em Hannah Arendt: olhares femininos sobre os horrores do holocausto*” (Batista; Silva, 2020), mostrou-se o olhar de duas mulheres de idades e experiências distintas, Anne Frank e Hannah Arendt, sobre o mesmo mal, o Holocausto. As obras das autoras foram analisadas a partir de um viés jurídico e filosófico. Concluiu-se que tanto Anne, quanto Hannah faziam questionamentos a respeito da origem do mal. Porém, a primeira escrevia na condição de quem está vivenciando os fatos, sendo nítidos a emoção e o temor em sua escrita. Arendt, por outro lado, teve acesso às obras produzidas após o Holocausto, por isso tinha uma visão mais precisa sobre o funcionamento do sistema. Segundo ela, retirava-se a humanidade dos judeus, uma vez que eles eram tratados como sujos, desonestos e responsáveis por todos os males econômicos que assolavam a Alemanha. Também havia uma estrutura burocrática que afastava os resultados das atrocidades de seus autores, o que diminuía os questionamentos quanto às questões jurídicas e éticas sobre os atos praticados.

---

<sup>14</sup> No segundo capítulo, explicamos por que se optou por definir *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018) como um diário em quadrinhos.

As ideias de Batista e Silva (2020) são relevantes, pois são mostradas duas perspectivas femininas sobre o Holocausto, que se aproximam e se afastam em certa medida. Além disso, ajuda o leitor a entender que o Holocausto foi organizado de modo que os envolvidos pelas atrocidades cometidas contra os judeus não sentissem culpa. Nesta tese, não comparamos Anne com outros sobreviventes do Holocausto. Pretendemos focar unicamente o olhar da menina quanto ao massacre dos judeus.

Em “Um olhar sobre *O diário de Anne Frank*” (Santos, 2012), sob a visão da psicanálise, realizou-se uma análise a respeito dos processos psicológicos referentes à adolescência de Anne Frank, observando a hipótese de o diário ter um poder reparador. Na dissertação, alguns temas abordados foram a vivência da sua sexualidade, a estabilização da identidade e a mudança do objeto de amor. Santos (2012) constatou que o diário realmente apresentou um poder reparador para Anne. Por meio da escrita, a menina encontrou uma forma de expressar seus sentimentos; escrever no diário era um processo terapêutico, uma forma do seu “mundo interior” não se desorganizar. O trabalho é importante porque mostra o poder da escrita na vida das pessoas, especificamente o gênero diário. Como dito anteriormente, na presente tese, consideramos outro gênero: o diário em quadrinhos. Além disso, observamos a relação entre Anne e seu diário, porém isso não será feito com base na psicanálise.

No texto “Uma faceta do vínculo entre o sentimento religioso e o sofrimento psíquico de Anne Frank, a partir do seu diário” (Bezerra, 2021), sob o viés da teoria psicanalítica, foi averiguado se o sentimento religioso de Anne Frank se tratava de uma resposta ao desamparo sofrido por ela durante o Holocausto. Concluiu-se que Anne foi amparada por seu sentimento religioso e fortaleceu-se por meio da escrita no diário. A importância da escrita na vida da adolescente, tomando o escrever no diário como um diálogo entre Anne e seu interior, destacou-se. A tese contribui para que os leitores compreendam sobre como se dá a articulação entre os conflitos próprios da adolescente e a dimensão religiosa vivenciada naquele período de intensa perseguição aos judeus. Nesta tese, a questão religiosa é observada como um fator identitário capaz de marcar o povo judeu como “diferente”. Essa análise não é feita com base na psicanálise, e sim sob o respaldo de teorias linguísticas e sociológicas [Rajagopalan (2003); Bauman (2005); Silva, Tomaz (2012); Woodward (2012) e Hall (2012; 2015)].

Quanto ao texto “*O diário de Anne Frank: violência e resistência*” (Gonçalves, 2022), observou-se a realização de uma análise a respeito de como a escrita de si (o diário íntimo, memórias autobiográficas e a autoficção) permite a representação da mulher em todas as etapas de sua vida (infância, adolescência e vida adulta), nos ambientes onde viveu Anne Frank, no contexto da Segunda Grande Guerra Mundial. A escrita no diário foi considerada uma forma

de resistência e um documento histórico. Para falar sobre a escrita de si e de testemunho, Gonçalves (2022) fez uma escolha teórica [Lejeune (2008); Foucault (2007); Derrida (2001) e Bosi (2002)] e expôs a relevância do diário na escrita do eu. Nesta tese, analisamos a escrita de si a partir da linguagem quadrinística. No diário em quadrinhos analisado, tal escrita não se constrói apenas pelo verbal, mas também por todos os recursos que compõem a linguagem quadrinística, como: os balões, as legendas, as personagens e suas expressões faciais e gestuais, as vinhetas, o tempo e o espaço.

A seguir, observamos as versões em prosa e em quadrinhos de um mesmo relato de Anne. A versão em prosa refere-se a sábado, 20 de junho de 1942. Neste dia, Anne discorreu sobre a função de confidente e amiga imaginária que o diário teria em sua vida, visto que “o papel tem mais paciência do que as pessoas” (Frank, 2015, p. 16).

Agora voltei ao ponto que me levou a escrever um diário: não tenho um amigo. Vou ser mais clara, já que ninguém acreditará que uma garota de 13 anos seja completamente sozinha no mundo. E não sou. Tenho pais amorosos e uma irmã de 16 anos, e há umas trinta pessoas que posso considerar amigas. Tenho um monte de admiradores que não conseguem tirar os olhos de cima de mim, e que algumas vezes precisam usar um espelho de bolso, quebrado, para conseguir me ver na sala de aula. Tenho uma família, tias amorosas e uma casa boa. Não; aparentemente parece que tenho tudo, exceto um único amigo de verdade (Frank, 2015, p. 16-17).

Já na versão em quadrinhos, exposta a seguir, o trecho faz parte de um compilado de eventos datados entre sexta-feira (12 de junho) e sábado (20 de junho de 1942). Nesse caso, relatos de dias diferentes: (a) a festa de aniversário de Anne, ocorrida em 14 de junho de 1942, e (b) seus pensamentos sobre amizade verdadeira, relatados no dia 20 de junho de 1942, foram reunidos em um mesmo fragmento.

**Fragmento<sup>15</sup> 1.1<sup>16</sup>** — Em busca de uma verdadeira amizade



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 9).

Ao expor as duas versões do relato de Anne, pretendemos mostrar a diferença entre as linguagens utilizadas para representá-lo. Elas possibilitam a percepção de mundo de maneiras diferentes. Ressaltamos que nenhuma linguagem é superior a outra; cada uma dispõe de seus próprios recursos e estratégias narrativas para a construção dos sentidos.

Feitas as considerações a respeito dos trabalhos sobre *O diário de Anne Frank* (Frank, 1947), a seguir, abordamos os estudos que analisaram as versões em quadrinhos do diário.

<sup>15</sup> Optamos pelo uso do termo *fragmento*, pois as histórias em quadrinhos são compostas de uma linguagem própria e autossuficiente para a construção dos sentidos. A utilização dos termos *imagem* ou *figura*, nesse caso, seria conflituosa por remeter à ideia de que o elemento exposto é formado unicamente pela linguagem não verbal.

<sup>16</sup> Para facilitar a localização dos fragmentos, em cada capítulo, a numeração deles inicia-se no número 1, sempre precedido do número do capítulo. O primeiro fragmento do capítulo 1, por exemplo, foi numerado como 1.1. Já o primeiro fragmento do capítulo 2 foi numerado como fragmento 2.1; o segundo, como fragmento 2.2 e assim sucessivamente.

Em “Citação visual: cruzando fronteiras intermediais em *O diário de Anne Frank*” (Ghirardi, 2019), analisou-se a presença da citação visual na mudança da narrativa textual para linguagem multimodal. A autora analisou a história em quadrinhos sob a perspectiva da intermedialidade. O texto em quadrinhos foi tratado como *graphic novel* e mídia — as HQ são mídias que combinam texto e imagem. De acordo com ela, os quadrinhos não representam unicamente uma sequência de imagens fixas; eles são uma mídia com formatos e possibilidades amplas, proporcionando um campo fértil para ativar o senso criativo de seus autores. Nesta tese, as características do diário em quadrinhos são observadas a partir da linguagem quadrinística. A citação visual foi observada durante a pesquisa, entretanto o estudo possui como foco a representação da construção da identidade de Anne Frank.

Em “‘Querido diário...’ A construção do conhecimento histórico por meio dos quadrinhos de Anne Frank” (Luiz; Subtil, 2021), buscou-se entender como ocorre a construção do saber histórico por meio da HQ de Mirella Spinelli. Segundo as autoras, ao considerar a representação do momento histórico como um processo que pode ser compreendido de diversas formas, potencializa-se a competência interpretativa. A história, nesse caso, pode ser considerada um campo do saber repleto de significados. O texto foi considerado como uma HQ no formato de diário, pertencente à área temática *graphic novel*. Além disso, as estudiosas trataram a HQ como uma adaptação para os quadrinhos. Notamos que, ao utilizarem o termo “adaptação”, tem-se a impressão de que o texto em quadrinhos é um simples resumo ilustrado do diário original de Anne. Por isso, como já mencionado, neste trabalho, defendemos o uso do termo “recriação” ao invés de “adaptação”, pois, quando se fala em recriar algo, subentende-se que ocorreu um processo criativo por parte dos/as quadrinistas.

Luiz e Subtil (2012) esclarecem que o termo *adaptação* foi utilizado pela própria autora da HQ analisada por elas. Mirella Spinelli informou que, na adaptação, não foram feitos cortes ou alterações. Entretanto, as autoras enfatizam que Spinelli precisou ler os textos originais, entendê-los e escolher quais partes utilizaria em seu livro, inserindo sua própria interpretação na produção de sua HQ. Aos nossos olhos, essa narrativa e as demais versões do diário de Anne em quadrinhos não devem ser tratadas como adaptações, e sim como recriações feitas a partir da linguagem quadrinística.

No texto “As dimensões de Anne Frank: uma análise da transposição do gênero diário para HQ” (Ascêncio; Campos-Toscano; Leolino; Rodrigues, 2021), analisou-se a constituição discursiva dialógica da transposição do gênero diário para HQ. O objetivo da análise foi observar como ocorre a construção do conteúdo temático, do estilo e da estrutura composicional da narrativa, compreendendo como, nela, são veiculadas as questões sociais e ideologias

vinculadas à Segunda Grande Guerra Mundial. A narrativa estudada foi a de Mirella Spinelli tratada, pelos autores, como uma adaptação em quadrinhos.

Em “Ensino da História do Holocausto por meio de narrativas gráficas: o Caso de Anne Frank” (Schurster; Silva, 2023), realizou-se uma investigação a respeito da interação existente entre história, memória e manifestações artísticas presentes nas *graphic novels* sobre Anne Frank. O objetivo foi compreender como o Holocausto é representado nas HQ *O diário de Anne Frank em Quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2017) e *À Procura de Anne Frank* (Folman; Guberman, 2021) (esta HQ não diz respeito a uma recriação do diário de Anne). Por meio da investigação, concluiu-se que a experiência única de Anne e as representações do Holocausto são essenciais para a construção de diferentes maneiras de transmitir passados traumatizantes.

Quanto aos três últimos textos aludidos (Luiz; Subtil, 2021), (Ascêncio; Campos-Toscano; Leolino; Rodrigues, 2021) e (Schurster; Silva, 2023), notamos a preocupação em relação à influência do período histórico na sociedade da época em que ocorreu a narrativa de Anne. A abordagem do contexto histórico é indispensável para o desenvolvimento desta tese. Embora as recriações em quadrinhos tratem de um mesmo período histórico, acreditamos que ele foi representado de formas distintas em cada uma delas. Os recursos da linguagem dos quadrinhos foram selecionados pelos quadrinistas de acordo com a maneira que pretendiam representar o tempo histórico. No caso da narrativa analisada nesta tese, notamos que Folman e Polonsky utilizaram bandeiras nazistas, bombas e tanques de guerra para fazerem referência ao contexto histórico, por exemplo. Analisamos, na narrativa em questão, as influências que o contexto-histórico exerceu sobre a representação da construção identitária de Anne. Além disso, ressaltamos a importância do diário em quadrinhos como documento histórico.

Em “Estratégias de leitura de *O diário de Anne Frank em quadrinhos*” (Pereira, Álison, 2020), foi feita uma proposta de como trabalhar com *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2017) em sala de aula, a fim de ampliar o interesse dos alunos pela leitura de textos literários. Após fazer algumas considerações iniciais sobre leitura, letramento, Anne Frank, Holocausto, literatura de testemunho e histórias em quadrinhos, Pereira, Álison desenvolveu uma proposta de sequência de didática cujo objeto de análise era o diário de Anne em quadrinhos. A proposta consistiu em quatro momentos: 1) discutir com os alunos sobre o Holocausto e o Nazismo; 2) conhecer o diário de Anne; 3) realizar a leitura e a reflexão do diário, buscando fazer intervenções acerca dos temas nele abordados; e 4) aplicar atividades sobre tais temas. O estudioso tratou o texto como uma adaptação em quadrinhos. Enfatizamos, nesta tese, a necessidade de se trabalhar os gêneros quadrinísticos em sala de aula devido à capacidade que eles possuem, como será visto adiante, de ampliar a capacidade comunicativa,

criativa e interpretativa dos alunos (Vergueiro, 2014a). Porém, não temos por foco o desenvolvimento de propostas pedagógicas.

No texto “O texto biográfico em quadrinhos *O diário de Anne Frank*: uma análise” (Jesus, 2018), a autora buscou caracterizar a maneira como a linguagem dos quadrinhos foi utilizada no texto biográfico *O diário de Anne Frank em quadrinhos* de Ari Folman e David Polonsky. Foram analisados os seguintes elementos da linguagem: personagens, legendas, tempo e espaço. O texto foi tratado como uma HQ biográfica, pois levou-se em consideração que o texto em prosa, publicado no ano de 1947, era uma autobiografia e que, por terem se inspirado em tal narrativa, Folman e Polonsky produziram, a partir da linguagem dos quadrinhos, uma biografia. Em outras palavras, os fatos narrados não foram vividos por eles.

Já em “Memórias, identidades e Histórias em quadrinhos: conexões possíveis para pensar o sujeito” (Borges; Jesus; Teixeira, 2021), as pesquisadoras mostraram, de forma comparativa, as conexões existentes entre as memórias e as identidades das protagonistas e narradoras de *Persépolis* (Satrapi, 2007) e de *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018). Quanto ao diário de Anne, observamos que ele foi tratado pelas autoras como uma recriação para os quadrinhos, uma HQ biográfica publicada no formato de novela gráfica.

No estudo “Uma análise das memórias de Anne Frank na novela gráfica *O diário de Anne Frank em quadrinhos*” (Borges; Jesus, 2021), caracterizou-se a linguagem quadrinística em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), a fim de possibilitar a construção dos sentidos nele presentes. Foi observado o uso de legendas e balões-fala para exporem, respectivamente, a narração de Anne e as interações verbais. Notou-se ainda a apresentação de personagens fixas no início da narrativa, cujas características foram ampliadas no decorrer da trama. A variedade de tempos e espaços (físicos e simbólicos) também se destacaram durante a análise, assim como a personificação do diário. Tratou-se o texto como uma HQ biográfica publicada no suporte de novela gráfica. A autora desta tese possui participação na escrita dos três últimos textos citados. Pretendemos realizar, em certa medida, um aprofundamento dessas pesquisas já realizadas. Isso será feito por meio da ampliação do aporte teórico e da análise de mais fragmentos da HQ produzida por Folman e Polonsky.

Ao serem considerados todos os trabalhos em que se analisaram as recriações do diário de Anne, observamos que há divergências entre os textos quanto ao gênero a que pertence as HQ. No texto de Luiz e Subtil (2021), a novela gráfica foi tratada como área temática e o diário como um formato. Na pesquisa de Ghirardi (2019), o texto em quadrinhos foi considerado como mídia. Em outros textos, não foi informado a qual gênero pertence a narrativa. Já nos textos feitos pela autora desta tese, o texto em quadrinhos foi considerado como pertencente ao gênero

HQ biográfica publicada no formato novela gráfica. No entanto, no decorrer desta pesquisa, constatamos que, embora contenha traços de HQ biográfica, ele não se caracteriza como tal, e sim como um diário em quadrinhos publicado no formato novela gráfica. Ter clareza quanto ao gênero ao qual pertence a HQ possibilita compreender a própria composição e a função comunicativa. Ao considerá-la como uma biografia são ignoradas características importantes da narrativa, como a marcação de datas a cada dia em que Anne relatava sobre sua vida, particularidade notória do gênero diário.

De acordo com o aporte teórico (Borges, 2020; García, 2012; Ramos, Figueira, 2014) utilizado na realização desta pesquisa, não se entende novela gráfica como um gênero novo, mas como um suporte. A contribuição da tese é mostrar que a novela gráfica não é um novo gênero e valorizar, sim, a linguagem dos quadrinhos no gênero diário em quadrinhos. Acreditamos que considerar o diário em quadrinhos como gênero contribui mais para a valorização da linguagem quadrinística do que classificar a HQ como mídia ou como pertencente ao “suposto” gênero novela gráfica.

Entre todas as pesquisas citadas anteriormente, somente em uma das que tem como coautora a autora desta tese (Borges; Jesus; Teixeira, 2021), utilizou-se o termo *recriação* para os quadrinhos e não *adaptação*. Aqui, como já dito, também optamos pelo uso do termo *recriação*. Outra observação relevante em relação aos trabalhos mencionados é que, neles, abordou-se a representação de forma velada, como no artigo “*O diário de Anne Frank: violência e resistência*” (Gonçalves, 2022), em que a escrita de si é uma forma de representar. Isto é, em nenhum dos trabalhos, foi falado diretamente a respeito da representação de Anne. Nesta pesquisa, buscamos mostrar como Anne Frank foi representada de acordo com o processo identitário. Optamos pelo estudo da recriação do diário em quadrinhos, feita por Folman e Polonsky, porque a linguagem quadrinística em relação a outras linguagens, como o texto em prosa e o cinema, possibilita outra forma de ver a guerra e a representação feminina.

Os autores do texto em quadrinhos relataram que muitas crianças trocam facilmente a leitura pelas “telas” (Folman; Polonsky, 2018). Com o intuito de atrair o público infantil, eles buscaram produzir uma HQ com menos páginas que o diário de Anne em prosa. Nesse processo, enfrentaram a árdua tarefa de serem “fiéis”<sup>17</sup> à história e à escrita da menina. Salientamos que a redução de páginas não torna a leitura do texto em quadrinhos mais simplificada do que a leitura em prosa, pois, embora a quantidade de páginas da HQ seja menor, ela contém inúmeros

---

<sup>17</sup> Aparentemente, por ter menos páginas que o texto em prosa, a HQ pode ser confundida como um resumo daquele. Longe disso, o texto em quadrinhos dá conta de expor com maestria a essência de Anne Frank e tudo o que a guerra e o antisemitismo significaram na vida da personagem.

recursos quadrinísticos que devem ser considerados e interpretados durante sua leitura para que haja a construção de sentidos. Destacamos ainda que os gêneros quadrinísticos são bastante lidos pelo público mais jovem. Segundo Vergueiro (2014a, p. 21), “[...] há várias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano de crianças e jovens, sua leitura sendo muito popular entre eles”.

Em uma entrevista<sup>18</sup> ao jornal da USP (Universidade de São Paulo), Vergueiro afirmou que, hoje em dia, há uma grande variedade de títulos de HQ, porém sua produção é menor numericamente. Muitas narrativas em quadrinhos estão sendo adaptadas para outras mídias, como: cinema, televisão, desenhos animados e videogames. Apesar de o consumo dessas adaptações das HQ ser alto, ele não se reflete nas vendas das narrativas publicadas por meio da linguagem quadrinística. Segundo o pesquisador, a maioria dos leitores atuais de quadrinhos são consumidores intermediários que não possuem essa leitura como o único *hobby*.

O estudioso aponta alguns fatores para a diminuição do consumo das HQ. Um deles é a falta de contato que as pessoas possuem, desde a infância, com revistas em quadrinhos. Isso afeta a formação de novos leitores. Além disso, a menor tiragem de títulos faz com que as revistas sejam vendidas principalmente em centros urbanos com preços elevados, limitando o acesso de pessoas que moram em pequenos municípios e possuem menor poder aquisitivo. Diante disso, para permitir que novos leitores entrem em contato com as HQ, Vergueiro ressalta a importância da criação de gibitecas pelo país ou o aumento da distribuição de quadrinhos nas bibliotecas públicas.

### 1.1.2 Justificativa

De acordo com Santos e Vergueiro (2012), as HQ começaram a conquistar espaço nas escolas brasileiras somente no final da década de 1990, quando, em 1996, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que firmava uma união entre os textos em quadrinhos e a educação formal. Até então, na visão dos autores, elas eram vistas de forma preconceituosa pelos educadores que não as utilizavam em suas aulas por considerá-las apenas uma forma de entretenimento.

---

<sup>18</sup> Entrevista de Valdomiro Vergueiro concedida ao *Jornal da USP*, realizada por Patrick Fuentes em 10/12/21. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/reducao-no-acesso-a-historias-em-quadrinhos-impede-a-formacao-de-novos-leitores/#:~:text=Atualmente%2C%20grande%20parte%20dos%20leitores,bastante%E2%80%9D%2C%20diz%20o%20professor.> Acesso em: 20 fev. 2024.

Cirne (1970) relata que, durante muito tempo, os textos em quadrinhos foram considerados um tipo de sublitteratura que prejudicava o intelecto das crianças. O que fez o consumo das HQ crescer, segundo Vergueiro (2014a), foi a criação de heróis incentivada pela produção de gibis e pela eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939). No entanto, de acordo com o autor, na década de 1950 ocorreu, nos Estados Unidos, com a disseminação das ideias do psiquiatra Fredric Wertham, o auge da rejeição desses textos. Por meio de uma campanha, o médico afirmou que as HQ eram um material negativo para o desenvolvimento dos jovens, pois eles tomavam os heróis como exemplos a serem em seguidos. Com o intuito de reverter as ideias negativas a respeito dos textos disseminadas pelo psiquiatra, códigos de ética foram elaborados por algumas editoras. A ação buscava garantir a publicação de quadrinhos com conteúdo de “qualidade”. O estudioso ressalta que as acusações feitas pelo psiquiatra provocaram o fechamento de várias editoras. Além disso, os quadrinistas passaram a criar HQ com narrativas menos criativas, assim a probabilidade de serem utilizadas em instituições de ensino diminuiu.

De acordo com Cirne (1970), a fragilidade dos argumentos contrários às HQ foram se tornando evidentes. Por meio da problematização da produtividade técnica e do consumo em massa, uma outra base metodológica de pesquisas culturais pôde destacar a evolução crítica dos quadrinhos. Nesse sentido, Santos e Vergueiro (2012) esclarecem que os conflitos existentes entre as HQ e a educação foram diminuindo com o tempo. Em 1970, por exemplo, algumas “narrativas gráficas sequenciais” (termo dos autores) começaram a fazer parte dos livros didáticos produzidos no Brasil.

Esses quadrinhos sintetizavam ou exemplificavam, em uma ou mais vinhetas, o conteúdo do tópico ou do capítulo. Utilizando a linguagem característica dos quadrinhos (balões de fala, recordatórios etc.), estes eram usados para suavizar a diagramação e complementar de forma mais leve o texto didático (Santos; Vergueiro, 2012, p. 83).

Os autores salientam que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais da língua portuguesa (PCN) (Brasil, 1998), as HQ podem ser trabalhadas tanto no ensino fundamental, como no ensino médio. Já na BNCC (Brasil, 2018), documento que entrou em vigor mais recentemente, elas são mencionadas várias vezes, sobretudo vinculadas ao campo da literatura e da análise linguística/semiótica. O uso desses textos em sala de aula necessita de reflexões que gerem práticas pedagógicas adequadas e resultados concretos em relação à aprendizagem. “Ter álbuns e revistas de quadrinhos disponíveis nas salas de aula ou nas bibliotecas escolares não implica, necessariamente, no uso correto do material por parte dos

professores” (Santos; Vergueiro, 2012, p. 84). De acordo com Vergueiro (2014a), o uso dos textos em quadrinhos em sala de aula pode acarretar inúmeros benefícios para os alunos.

Os estudantes querem ler os quadrinhos [...].  
 Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente [...].  
 Existe um alto nível de informação nos quadrinhos [...].  
 As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos [...].  
 Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura [...].  
 Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes [...].  
 O caráter elíptico da linguagem quadrinística obriga o leitor a pensar e imaginar [...].  
 Os quadrinhos têm um caráter globalizador [...].  
 Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema [...] (Vergueiro, 2014a, p. 21-25).

Em resumo, contato com a linguagem quadrinística estimula a escrita, a leitura e a capacidade comunicativa, interpretativa e imaginativa dos discentes. Segundo Cagnin 1975<sup>19</sup>/2014, o movimento feito por intelectuais e professores da universidade de Sorbonne, em Paris, em 1960, cujo objetivo foi impulsionar os estudos quadrinísticos e considerá-los a Nona Arte, ganhou proporção no mundo todo, chegando, inclusive, ao Brasil. “A Universidade de Brasília, por empenho e entusiasmo do Prof. Francisco Araújo, criou e pôs em funcionamento dentro da cadeia de Comunicações, o primeiro curso regular de histórias em quadrinhos num currículo superior, em 1970” (Cagnin, 1975/2014, p. 264).

Vergueiro e Ramos (2009) defendem que as HQ devem ser reconhecidas e prestigiadas em função da complexidade que as constitui. Com isso, certas percepções seriam revistas, dentre elas: o tratamento das HQ como objeto de estudo não legítimo e a ideia de que elas são feitas para crianças e que são formas simplificadas de leitura, de modo a tornar o leitor preguiçoso. Borges (2020, p. 431) concorda com essa ideia. Ela menciona que: (a) compreender a adaptação de um texto literário para a linguagem dos quadrinhos como uma simplificação, (b) usar as tiras cômicas como pretexto para o ensino da gramática nos livros didáticos e (c) considerar, também nos livros didáticos, a linguagem das HQ como gêneros quadrinísticos são alguns dos equívocos relacionados às HQ que fazem parte do contexto brasileiro. Em decorrência desses equívocos, para Borges (2020, p. 17), “[...] torna-se mais urgente do que nunca adotar uma política de valorização das HQ no Brasil”.

Diante desses apontamentos, percebe-se a relevância do uso dos textos em quadrinhos como objeto de estudo. Ao utilizar *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky,

---

<sup>19</sup> A obra *Os quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial, linguagem e semiótica* de Antônio Cagnin foi publicada pela primeira vez em 1975. Nesta tese, utilizamos a edição publicada em 2014. O nome do autor aparecerá, no decorrer deste texto, acompanhado da data referente à primeira vez em que sua obra foi publicada e da data da edição consultada para a produção dessa tese, isto é, Cagnin (1975/2014). Optamos pela exposição das duas datas para que o leitor tenha sempre em mente que, entre os teóricos dos quadrinhos citados, Cagnin foi um dos primeiros a desenvolver reflexões sobre a linguagem quadrinística.

2018) nas escolas, por exemplo, o aluno poderá ter contato com diversos assuntos, como: o contexto sócio-histórico da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a religião judaica e o antissemitismo. Ele ainda poderá analisar como o preconceito e a intolerância são capazes de causar tanto sofrimento às pessoas discriminadas. Nesse viés, o ensino por meio das HQ colabora para o desenvolvimento educacional e humano dos alunos.

Assim como o diário de Anne em prosa, a recriação em quadrinhos é um legado para a humanidade, isso porque o recontar da história de Anne feito por meio dos recursos visuais propiciados pela HQ (como exposição visual das personagens) tornam os acontecimentos mais “palpáveis”. O leitor pode visualizar, enquanto lê os relatos da jovem Anne: a representação imagética das personagens, com suas expressões faciais e gestuais, do espaço do Anexo Secreto e das crenças da guerra que destruiu o mundo. A realização desta pesquisa é relevante também por abordar um período sócio-histórico, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), conhecido pela crueldade dos combates e pelo Holocausto gerado pelo preconceito. A contextualização sócio-histórica referente à guerra e a análise de *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018) realizada, podem estimular as pessoas a refletirem sobre como pensamentos ligados à crença de que existem raças superiores a outras são capazes de estimular o extermínio de milhares de pessoas inocentes.

Bauman (1998) salienta que o Holocausto não deve ser estudado apenas pela academia, nem visto como uma matéria de pesquisa histórica contemplada de forma filosófica. Essas afirmativas podem ser justificadas por meio de duas razões: 1) o Holocausto provocou mudanças históricas, mas não de forma significativa, pois ele foi pouco impactante para as Ciências em geral, especialmente para a sociologia; 2) ainda não se sabe se as condições que originaram o Holocausto foram transformadas. Estudos apontam que existem características na sociedade que podem encorajar novos genocídios<sup>20</sup>. Nesse sentido, podemos mencionar o conflito atual entre Israel e o grupo extremista Hamas, na Faixa de Gaza, que já matou milhares de civis inocentes. Além do Holocausto, diversos genocídios ocorridos na história são mencionados pela Unesco (2019<sup>21</sup>) e por Silva, Francisco (2015), entre eles: os Herero<sup>22</sup>, os

---

<sup>20</sup> Bianchi (1998, p. 544) define o termo *genocídio* como a: “[...] destruição em massa de um grupo étnico, assim como todo projeto sistemático que tenha por objetivo eliminar um aspecto fundamental da cultura de um povo”.

<sup>21</sup> Está é uma versão traduzida para o português. A primeira edição foi publicada em 2013 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, com o título *Why Teach About the Holocaust?*

<sup>22</sup> Foi o primeiro genocídio do século XX. Ocorreu na atual Namíbia, entre 1904 e 1907, quando os alemães tentaram ocupar o território africano, matando 85% da comunidade nativa, os Hereros (Silva, Francisco, 2015).

Armênios<sup>23</sup>, o Camboja<sup>24</sup>, Timor Leste<sup>25</sup>, Ruanda<sup>26</sup>, Bósnia<sup>27</sup>, Kosovo<sup>28</sup>, Darfur<sup>29</sup>.

A Unesco (2013) defende o ensino sobre o Holocausto, para que as pessoas possam compreender o que aconteceu na Europa até a ocorrência do genocídio e fiquem informadas a respeito da criação de leis e instituições que buscam prevenir e punir a ocorrência de novos massacres. Essas pessoas perceberiam que, realizar comparações, de forma cuidadosa, entre o Holocausto e outros episódios de violência em massa pode ajudar a prevenir futuros genocídios.

A relevância desta pesquisa ainda se estende à colaboração para os estudos da linguagem dos quadrinhos e de questões identitárias. A análise da representação da identidade feminina de Anne Frank, realizada a partir de um olhar sócio-histórico, permite que se pense sobre como aspectos sociais externos influenciam a formação da identidade das mulheres. Dessa forma, diante da compreensão de tal formação identitária, é possível combater as desigualdades.

## 1.2 POR UMA NOÇÃO DE REPRESENTAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

Nesta seção, apresentamos uma noção de “representação” segundo Rajagopalan (2003), Borges (2004), Silva, Tomaz (2012), Hall (2012) e Woodward (2012). Em seguida, expomos a problematização.

---

<sup>23</sup> Genocídio cometido entre 1915 e 1917 pelos turcos (Silva, Francisco, 2015).

<sup>24</sup> O genocídio contra os cambojanos ocorreu entre 1975 e 1979, durante o regime do Khmer Vermelho. O regime comunista de Pol Pot buscava colocar em prática o “comuno-ruralismo”. Para isso, as populações urbanas do país deveriam ser eliminadas. Mais de 1.700.000 pessoas foram assassinadas (Silva, Francisco, 2015).

<sup>25</sup> Genocídio organizado pelo Estado da Indonésia contra a população de Timor Leste, entre 1975 e 1999. Até a intervenção da ONU, 200 mil pessoas foram mortas e outras 230 mil fugiram do país (Silva, Francisco, 2015).

<sup>26</sup> Foi o massacre dos tutsis em Ruanda, entre 1994 e 1998. Em 1990, iniciou-se uma crise entre os dois grupos étnicos centrais do país. Os Tutsis (minoridade favorecida pelo colonialismo belga) foram afastados do poder pelos Hutu (maioria no país). Estes consideravam os tutsis estrangeiros e acreditavam que eles eram aliados de inimigos do país. Em 1994, iniciou-se um longo conflito entre os grupos. Cerca de 800 mil pessoas (tutsis e hutus moderados) morreram e outras milhares fugiram para a República do Congo em condições desumanas (Silva, Francisco, 2015).

<sup>27</sup> O genocídio deu-se em forma de limpeza étnica e ocorreu entre sérvios, croatas e muçulmanos a partir 1990. Inicialmente, campos de concentração foram criados pelos sérvios, em 1991, com o intuito de promoverem a limpeza étnica nas regiões limítrofes da Croácia. Já em 1992, os croatas atacaram e expulsavam os muçulmanos da Bósnia. Aproximadamente 300 mil pessoas morreram e mais de um milhão fugiram para outros países (Silva, Francisco, 2015).

<sup>28</sup> Em 1999, a guerra entre sérvios, croatas e muçulmanos estendeu-se para a província sérvia de Kosovo. Lá, o governo de Belgrado buscava expulsar a população de origem albanesa. Em virtude de tal conflito, ocorreu o deslocamento de cerca de 700 mil pessoas (Silva, Francisco, 2015).

<sup>29</sup> Genocídio dos sudaneses de Darfur, ocorrido no início do século XXI (Silva, Francisco, 2015).

### 1.2.1 Representação e Características

Segundo Borges (2004), não é possível apontar um conceito delimitado de representação, pois ela está sempre ligada a contextos sócio-históricos específicos e a identidades fragmentadas. Silva, Tomaz (2012, p. 96-97) sintetiza a identidade (e a diferença), dividindo-a naquilo que ela não é e naquilo que ela é. Entre as características atribuídas à identidade, foi mencionada sua ligação aos sistemas de representação.

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato — seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (Silva, Tomaz, 2012, p. 96-97).

Silva, Tomaz (2012) explica que, ao longo do tempo, a concepção de representação adquiriu diversos sentidos. A compreensão do termo *representação* é fundamental para se falar sobre identidade. Para a filosofia ocidental, a representação tem relação com a procura por maneiras de tornar o “real” presente. A representação, nesse caso, pode ser externa, ocorrendo por meio de sistemas de signos, como a pintura ou a linguagem. Ela também pode ser interna: a representação do “real” na consciência. Já a filosofia da diferença e o pós-estruturalismo, que consideram a linguagem como sendo uma estrutura instável, questionam, em parte, a conceituação clássica de representação. Apesar desse questionamento, teóricos dos Estudos Culturais, como Stuart Hall, desenvolvem o conceito de representação, relacionando-o com a identidade e a diferença. Em tal contexto, a representação não é associada à concepção de representação da filosofia clássica. Ela é vista como um sistema de significação. Entretanto, não está relacionada a processos miméticos e realistas.

Trata-se de uma representação pós-estruturalista. Isso significa, primeiramente, que se rejeitam, sobretudo, quaisquer conotações mentalistas ou qualquer associação com uma suposta interioridade psicológica. No registro pós-estruturalista, a representação é concebida unicamente em sua dimensão de significante, isto é, como um sistema de signos, como pura marca material (Silva, Tomaz, 2012, p. 90).

A representação, nesse caso, se dá sempre de forma visível, por meio de pinturas, fotografias e textos, por exemplo, e não de forma mental. Ainda de acordo com essa visão, a representação adquire as mesmas características atribuídas à linguagem, como a ambiguidade, a instabilidade e a indeterminação. Ao contrário da perspectiva clássica, para os pós-estruturalistas, a representação é uma maneira de atribuir sentidos e não simplesmente um meio onde se alojam o “real” ou um significado.

Assim como a linguagem, “[...] a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (Silva, Tomaz, 2012, p. 91). Diante disso, ela se vincula à identidade e à diferença. Ambas dependem da representação para existirem, porque, por meio dela, elas adquirem sentidos. A identidade e a diferença se ligam às relações de poder por meio da representação. Quem determina uma identidade é quem tem o poder de representar. Isso explica a relevância da representação nos movimentos sociais e na teoria contemporânea sobre a identidade. Ao questionar ou criticar a identidade e a diferença, questionam-se e criticam-se automaticamente os sistemas de representação pelos quais elas são sustentadas.

Hall (2012) aborda o termo *representação* ao tratar das posições ocupadas pelos sujeitos. As identidades são formadas durante discursos, práticas e posições que podem ser convergentes ou divergentes. As identidades são definidas como as posições que o sujeito ocupa. Essas posições são representações. Hall (2012, p. 112) afirma que “[...] a representação é sempre construída ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas — idênticas — aos processos de sujeito que são nelas investidos”. Baseada nas ideias de Hall relacionadas à representação, Woodward (2012) salienta que a noção sobre as posições-de-sujeito produzidas pelos sistemas de representação e como eles podem ser posicionados no interior de tais sistemas é relevante para que se compreendam as significações, mais especificamente, as identidades provenientes desses sistemas.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-os como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (Woodward, 2012, p. 17-18).

As posições ocupadas pelo sujeito também são abordadas por Woodward (2012) durante a distinção que ela faz dos termos “identidade” e “subjetividade”, utilizados comumente e de forma equivocada como detentores do mesmo sentido. A subjetividade é “[...] a compreensão que temos do nosso eu” (Woodward, 2012, p. 55); envolve os pensamentos e as emoções que, de forma consciente ou inconsciente, constroem concepções a respeito de quem as pessoas são. Embora a subjetividade seja pessoal, ela é vivida em um “[...] contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade” (Woodward, 2012, p. 56). Os significados produzidos pelos discursos são relevantes à medida que transformam os indivíduos em sujeitos. O sujeito torna-se assujeitado por meio do discurso e deve se assumir como sujeito se posicionando. As

posições assumidas por ele, nesse caso, constituirão a identidade desse sujeito. A subjetividade pode ser racional, quando a pessoa escolhe o que quer ser, ou irracional, quando não se pode controlar o que se quer ser.

O conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade. Ele nos permite explicar as razões pelas quais nós nos apegamos a identidades particulares (Woodward, 2012, p. 56).

De acordo com Rajagopalan (2003), as identidades não podem ser separadas das relações estruturais vigentes em cada contexto. Por isso, elas são detidas estruturalmente. Diante disso, a sociedade é obrigada a adotar uma posição nominalista em relação ao mundo, pois há a necessidade de nomear os seres para diferenciá-los. O estudioso menciona a passagem bíblica em que os animais criados por Deus foram nomeados. “Ao dar um nome ‘próprio’ a cada animal, distinguindo-o dos demais bichos, o primeiro homem estava dando largada, sob o olhar atento do Todo-Poderoso à prática de identificar cada um com base naquilo que cada um não compartilhava com seus pares” (Rajagopalan, 2003, p. 71). Além de estar relacionada aos seres vivos, a identidade pode estar ligada aos seres abstratos, como as cores. Exemplifica o linguista que uma cor só pode ser considerada amarela quando não pode ser considerada também azul.

Observamos que, ao serem nomeados, os seres passam a ser representados por um nome. Rajagopalan (2003) busca conceituar o termo *representação*, associando-o com a linguagem. Para ele, representar o mundo é a principal função da linguagem. A “[...] tese do representacionalismo é, ao mesmo tempo, uma lamentação e uma expressão de desejo” (Rajagopalan, 2003, p. 31). Nesse caso, o que se lamenta é o fato de a linguagem impossibilitar que os significados sejam apresentados sem uma intermediação. Diante disso, deseja-se um desvencilhamento da linguagem humana. “Pois o ideal mesmo seria que o mundo pudesse mostrar (apresentar) sua face sem a intermediação da linguagem e que as mentes humanas pudessem comunicar-se entre si sem ter que recorrer ao uso da língua — uma ferramenta, afinal, tão imperfeita!” (Rajagopalan, 2003, p. 31).

A ideia de “apresentação” originou a concepção de democracia representacional. Na democracia ateniense, por exemplo, cada cidadão “representava” a si mesmo ou se “apresentava” (fazia-se presente) na assembleia. Cada cidadão expressava suas próprias ideias. Não havia intermediação ou representação. Isso se difere na democracia atual. Notamos que o povo não está representado de maneira adequada nas diversas situações nas quais decisões precisam ser tomadas. Rajagopalan (2003) argumenta que a representação política e a representação da linguagem estão ligadas, já que, quando se fala uma língua, o falante se

compromete e participa de uma atividade política. Toda atividade política passa pela questão da linguagem. Diante da relação entre a representação política e a representação linguística, espera-se que a linguagem seja cristalina; também se espera que os políticos sejam “transparentes”. O paralelismo entre representação política e representação linguística também pode ser pensado como se as duas representações fossem faces de uma mesma moeda. A questão política e a questão linguística seriam apenas uma: falar uma língua é uma atividade política; e toda atividade política passa pela linguagem.

Outro fato que une representação e política é a questão da escolha. Assim, a representação se dá por meio de escolhas conscientes. Na política, a representatividade de um representante sempre será algo passível de discussão. A representação pode ser considerada uma questão política por envolver escolha e por se formar num ato de intervenção. A representação da identidade de qualquer pessoa passa pela política da representação. Além disso, a representação reflete as preferências ideológicas de quem representa, “[...] toda representação [...] é uma questão eminentemente ideológica e responde aos interesses políticos que norteiam seus defensores” (Rajagopalan, 2003, p. 120). Borges (2004) concorda com o linguista. De acordo com ela, as identidades não formam um sistema delimitado; elas são transformadas a todo o momento. As identidades dos sujeitos são configuradas e reconfiguradas, significadas e ressignificadas no interior de uma política da representação.

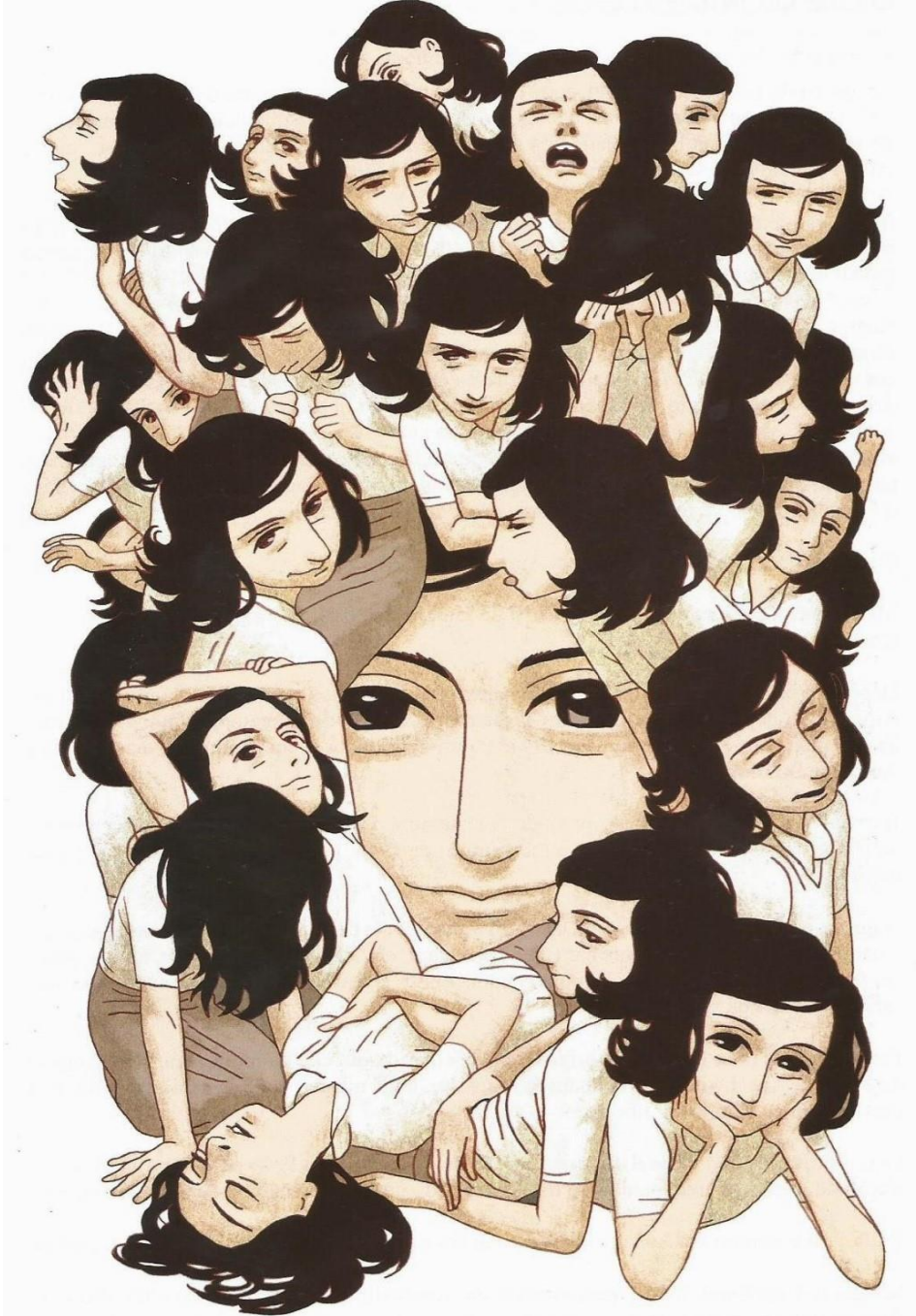
A representação foi analisada somente no capítulo final da tese, pois se percebeu que era pertinente tratar anteriormente a respeito de alguns temas porque eles contribuem para a compreensão da representação de Anne. Por conseguinte, trilhamos um caminho formado pelo contexto sócio-histórico em que o diário de Anne foi escrito, o gênero discursivo diário em quadrinhos, a função da linguagem quadrinística e a teoria da identidade, até chegar à discussão sobre representação.

### 1.2.2 Problematização

Nesta tese, nosso problema de pesquisa é: como as identidades de Anne Frank são formadas e transformadas em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018)? Para chegarmos a uma resposta para tal problema, partimos de outros questionamentos expostos a seguir. Olhar os fragmentos do diário em quadrinhos e observar os recursos da linguagem quadrinística é suficiente para pensar as identidades de Anne? Analisar essas identidades significa ver, perceber no diário em quadrinhos, uma personagem fictícia se construindo, formando-se, transformando-se continuamente? A formação e a transformação

identitária de Anne vem só da sociedade ou relaciona-se com o contexto de guerra? Anne se transforma identitariamente no decorrer da narrativa? Trata-se de um movimento de formação e transformação contínuo?

**Fragmento 1.2** — Diversas versões de Anne Fran



**Fonte:** Folman e Polonsky (2018, p. 151).

O fragmento 1.2 foi exposto, no diário em quadrinhos, após o encerramento dos relatos de Anne Frank. Trata-se da maneira como Folman e Polonsky percebiam a personagem. Por ocupar uma página toda do diário em quadrinhos, o fragmento se destaca. Nele, aparecem vinte

e oito representações diferentes de Anne. A menina apareceu, em todos os momentos, com a mesma caracterização visual: trajando saia e camiseta, com o cabelo curto, com a franja penteada para o lado direito, assim como ela aparece na fotografia exposta na figura 1. Esse fato contribuiu para destacar as mudanças em suas expressões faciais e gestuais, visto que apenas elas sofrem variações. Tais expressões foram os principais recursos quadrinísticos usados para a construção de sentidos do fragmento. Em seu centro, observamos apenas o rosto de Anne. Ao redor dele, há várias versões da menina. Um possível efeito de sentido para isso é de que Anne estava se recordando de todas as suas identidades. A Anne que está no centro do fragmento apresentou uma expressão facial que remete à serenidade. Seu olhar aparenta estar direcionado ao leitor. Ela, no entanto, não tinha uma identidade estática, fixa, imutável. Na parte inferior do fragmento, estão concentradas as versões de Anne ligadas à calma. Entre as opções apresentadas, Anne aparece deitada olhando para cima como se estivesse sonhando. Ela também foi exposta com o rosto apoiado em suas mãos, com olhar meigo e leve sorriso. Já na parte de cima do fragmento, foram expostas as versões mais temperamentais de Anne. Ela aparece irritada, triste, intrigada, emburrada e afrontosa. O fragmento corrobora a ideia de que Anne não possui uma única identidade, e sim várias, sendo possível compreendê-las a partir das formas como são representadas.

### Fragmento 1.3 — Dentro do Anexo Secreto



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 35).

No fragmento 1.3, há uma exposição geral do interior do Anexo Secreto, local onde Anne Frank, sua família e outros judeus viveram por aproximadamente dois anos. O primeiro andar do Anexo equivale ao sótão. Esse lugar, dentre todos os outros que compõem o esconderijo, equivale ao que proporcionava um pouco de liberdade a Anne. Era no sótão que ela passava horas conversando com Peter. Embora seja o segundo morador do Anexo com menor idade, sendo apenas mais velho que Anne, na primeira vinheta do fragmento 1.3, Peter

foi exposto no sótão pedindo para que os outros moradores não perturbassem a menina. Ele a classificou como “apenas uma criança”, o que remete a uma pessoa indefesa. O balão-berro (recurso dos quadrinhos que, assim como outros, é explicado detalhadamente no capítulo 3) relacionado ao garoto enfatiza sua fala. É relevante explicarmos que organizar a sequência narrativa em vinhetas é uma estratégia da linguagem quadrinística.

Na segunda vinheta, o termo “garotinha impertinente”, utilizado por Auguste van Daan para se referir a Anne, além de reforçar a ideia de que ela era uma criança, a palavra “garotinha” no diminutivo tem sentido pejorativo, demonstrando o quanto a mulher não gostava dela. Para a senhora van Daan, Anne era mimada e suas oscilações de humor contribuíam para dificultar a convivência no Anexo. Hermann van Daan, assim como Peter, via Anne como uma pessoa indefesa e frágil. Na terceira vinheta, observamos Anne em um momento de desespero. Ela estava trancada em seu quarto, aparentemente chorando, enquanto Margot tentava acalmá-la. Diante das crises emocionais da filha, Otto afirmou que ela precisava de sedativos. Ele acreditava que Anne estava depressiva e que somente medicamentos eram capazes de trazer algum tipo de conforto a ela. Edith, por outro lado, desconfiava que o problema da menina era falta de disciplina. Isso sugere a ideia de que Anne ainda era uma criança em processo de formação e transformação identitária.

Por fim, no fragmento 1.3, é apresentado um diálogo entre as secretárias que trabalhavam na empresa Opekta e ajudavam os moradores do Anexo Secreto, Bep e Miep. Miep mostrou um vestido que comprou para alegrar Anne e Bep aprovou seu gesto. As duas mulheres podem estar representando o senso comum da sociedade. O diálogo estabelecido entre elas expressa a ideia de que é possível alegrar uma mulher presenteando-a com roupas ou outros objetos que remetem ao cuidado com a aparência física, à vaidade e à futilidade.

Outro fato relevante observado no fragmento 1.3 foi a divisão das personagens em cada cômodo do Anexo Secreto, presentes em vinhetas específicas. Na primeira vinheta, Peter estava acompanhado de seu gato no sótão. Hermann e Auguste aparecem, na segunda vinheta, dividindo o espaço da sala de estar. Na quarta, Margot está em seu quarto com seus pais. Já na sexta, Miep e Bep estavam juntas na empresa de Otto. Todas as personagens estavam acompanhadas, exceto Anne, que apareceu sozinha em seu quarto. A disposição das personagens em cada cômodo do Anexo mostra, de certa forma, como Anne se sentia diariamente: só e desamparada.

Diante do que foi exposto nos fragmentos, questionamos: como é possível compreender a representação da identidade de Anne? Para isso, é necessário ir além da observação do funcionamento dos recursos quadrinísticos no diário em quadrinhos? O

contexto-histórico deve ser considerado nessa busca pelo entendimento da representação da menina? É necessário recorrermos às teorias sobre identidade e relações de gênero para que possamos compreender como Anne foi representada? Será que, somando a opinião de todas as personagens, seja possível formular uma noção de identidades para Anne ou pode ser que aspectos importantes de suas identidades sejam observados por meio do que ela dizia sobre si mesma ao longo da narrativa. Qual é a influência do espaço físico do Anexo Secreto na formação e transformação identitária da menina? Como isso é representado? O Anexo pode ser considerado como o espaço que representa seu aprisionamento físico? Além de um aprisionamento físico, Anne Frank estava aprisionada de outra maneira?

Nossa tese é de que as identidades de Anne vão se formando e transformando-se ao longo da narrativa, esboçando uma representação multifacetada. Em outras palavras, defendemos que, em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), as identidades formadas e transformadas resultam nas multifaces da protagonista: uma garota, uma jovem, uma mulher, uma judia, uma filha, uma irmã, que esconde num Anexo Secreto, que está sendo perseguida pelos nazistas, dentre outras faces assumidas, negadas, ressignificadas, representadas, questionadas, reivindicadas etc.

### 1.3 OBJETIVOS, ASPECTOS METODOLÓGICOS E ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Nesta seção, os objetivos de pesquisa são apresentados, assim como a metodologia utilizada para realizar o trabalho e a maneira como os capítulos da tese estão organizados.

#### 1.3.1 Objetivos

O objetivo principal é mostrar como as identidades de Anne Frank são formadas e transformadas em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018). São exploradas questões sobre a construção identitária de Anne. Já os objetivos específicos são:

- a) caracterizar os elementos que constituem a linguagem quadrinística em funcionamento no diário em quadrinhos (legenda, balão, personagens, expressividade facial e corporal, movimento, tempo e espaço, vinheta);
- b) contextualizar sócio-historicamente o diário em quadrinhos em relação às Grandes Guerras Mundiais, com destaque para o Holocausto e ao antissemitismo;
- c) conceber a HQ como um diário em quadrinhos publicado no formato de novela gráfica;

d) delinear alguns aspectos referentes à formação e à transformação identitária na pós-modernidade e à concepção de representação, buscando estabelecer conexões entre ambas.

### 1.3.2 Aspectos Metodológicos e Organização dos Capítulos

Nesta pesquisa, o objeto de análise é a formação e a transformação identitária de Anne Frank em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* de Ari Folman e David Polonsky, tradução de Raquel Zampiel, publicado pela editora Record em 2017, incluindo a representação desse processo. Estamos utilizando a terceira edição, publicada no Brasil, em 2018, tradução de Raquel Zampil. No que tange ao gênero discursivo da HQ, aqui, *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018) foi considerado como um diário em quadrinhos publicado no formato de novela gráfica. A narrativa é uma recriação de *O diário de Anne Frank* (Frank, 1947). Ressaltamos que, para o estudo da formação, transformação identitária e representação de Anne, não será feita uma comparação entre o texto literário e o texto em quadrinhos.

A pesquisa é interpretativista, porque a análise do texto em quadrinhos configura uma interpretação. Em relação à interpretatividade, Severino (2007) afirma que a análise desenvolvida por interpretação é realizada quando uma posição particular é tomada a respeito das ideias extraídas de um texto, ocorrendo, assim, um diálogo entre as ideias próprias do leitor e as ideias expostas pelo autor do texto.

Baseando-nos nas ideias de Santos Filho (1995), de que o método de pesquisa qualitativo leva em consideração a subjetividade do sujeito pesquisador, podemos esclarecer que este trabalho foi desenvolvido com base em tal método. Segundo o autor, nas pesquisas qualitativas, a verdade é subjetiva, existe um dualismo entre sujeito e objeto. “Em vez da linguagem científica, o pesquisador qualitativo defende uma linguagem real, não neutra” (Santos Filho, 1995, p. 41).

Ainda esta tese se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, pois foi desenvolvida tomando como base materiais já publicados, como capítulos de livros, artigos, dissertações, teses etc. Segundo Gil (2010), a pesquisa bibliográfica permite “[...] ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Gil, 2010, p. 30).

Inicialmente, fizemos um levantamento (exposto no segundo capítulo) por meio de uma pesquisa bibliográfica, sobre os fatos mais relevantes ocorridos durante a Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918) e a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) (Carneiro,

2005; Coggiola, 2015; Neves, 2018; Rodrigues, Luiz, 1988; Visentini, 2003). O objetivo do levantamento realizado foi contextualizar sócio-historicamente o assunto abordado no texto em quadrinhos analisado e verificar como os acontecimentos sócio-históricos afetaram a vida de Anne Frank e sua família. Além disso, lembramos que os relatos originalmente escritos por Anne em seu diário foram escritos durante a Segunda Grande Guerra Mundial.

Em seguida, para comprovar que *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky; 2018) é um diário em quadrinhos publicado no formato de novela gráfica, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre: gêneros do discurso (Bakhtin, 2016; Brait, Pistori, 2012); diário (Brito, 2011; Lejeune, 2008; Quintero, 2016); novela gráfica (Borges, 2020; García, 2012; Ramos, Figueira, 2014) e linguagem dos quadrinhos (Cagnin, 1975/2014; Acevedo, 1990; Borges, 2017, 2020; Cirne, 1970, 1975; Ramos, 2010; Vergueiro, 2014b). Posteriormente, analisamos o diário em quadrinhos, com o intuito de percebermos como os recursos da linguagem quadrinística foram utilizados para a construção dos sentidos da narrativa e da caracterização de Anne Frank. A realização da análise foi feita por amostragem: escolhemos recortes do texto em quadrinhos.

#### Quadro 1 — Categorias das ilustrações

<b>Categorias das ilustrações</b>	<b>Funções</b>	<b>Quantidade</b>
Fragmentos <sup>30</sup>	Os fragmentos dizem respeito à exposição das partes do diário em quadrinhos.	36
Figuras	As figuras dizem respeito à exposição de mapas e fotografias.	17
Quadros	Os quadros foram utilizados por nós para a exposição da caracterização das personagens, dos espaços físicos presentes no diário em quadrinhos, para a síntese de elementos teóricos e dos fatos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e do papel da mulher na sociedade ao longo dos séculos.	14

Fonte: A própria autora.

Os recursos da linguagem quadrinística analisados foram: os balões que se referem às interações ocorridas entre as personagens por meio de diálogos; as legendas nas quais aparece a narração em primeira pessoa feita por Anne Frank e as marcações das datas quando os relatos foram escritos no diário; as personagens e suas expressões faciais e gestuais; os tipos de tempo e o espaço, que inclui tanto os planos e ângulos de visão, quanto as vinhetas. Em relação à caracterização de Anne, alguns aspectos observados por nós foram: o contexto sócio-histórico, a personificação do diário, os discursos de Anne e de outras personagens que estavam se

<sup>30</sup> Nesta tese, estamos trazendo a perspectiva dos autores Folman e Polonsky a respeito dos relatos de Anne publicados no diário em prosa. Diante disso, esclarecemos que algumas versões do diário em prosa possuem ilustrações, outras não.

referindo à garota, as vestes da menina, os locais onde ela frequentava, suas reflexões e suas expressões faciais.

Por fim, analisamos a representação da identidade de Anne. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre identidades (Bauman, 1998, 2005; Hall, 1996, 2012, 2015; Rajagopalan, 2003; Silva, Tomaz, 2012; Woodward, 2012); representação (Borges, 2004; Rajagopalan, 2003; Hall, 2012, Silva, Tomaz, 2012; Woodward, 2012) e feminismo (Beauvoir, 1970, 1980; Alves, Pitanguy, 1985; Scott, 1995; Auad, 2003; Perrot, 2007; Butler, 2003, 2019; Goellner, 2010). A análise foi feita novamente por amostragem. Por último, fizemos as considerações finais obtidas por meio desta pesquisa.

Analisamos 36 fragmentos do texto em quadrinhos. Durante a análise, buscamos responder às seguintes perguntas orientadoras:

- a) Como a personagem Anne Frank foi construída e representada por meio dos recursos da linguagem quadrinística?
- b) Como se deram a formação e a transformação identitária da personagem Anne Frank?
- c) Como ocorre a construção da personagem Anne Frank como figura feminina? Como as identidades formadas e transformadas são representadas?

## CAPÍTULO 2

### CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA E ENREDO

Este capítulo está organizado em duas seções. Inicialmente, contextualizamos sócio-historicamente as duas Guerras Mundiais, o Holocausto dos judeus e os campos de concentração. Em seguida, realizamos um breve resumo a respeito do enredo de *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018).

#### 2.1 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

Esta contextualização sócio-histórica refere-se à época quando se passa a narração desenvolvida em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), também claramente citada por Anne. Inicialmente, fatos relacionados à Primeira Guerra Mundial (1914-1918) são apresentados. Em seguida, expomos detalhes sobre a Segunda Grande Guerra (1939-1945) e o Holocausto. Por fim, elencamos algumas informações sobre os campos de concentração nazistas.

##### 2.1.1 As Duas Grandes Guerras Mundiais

Segundo Hobsbawn (1995), até 1914, fazia um século que não ocorria uma grande guerra envolvendo todos ou a maioria dos países considerados as grandes potências<sup>31</sup> europeias da época. As potências eram a Grã-Bretanha, a Rússia, a França, a Áustria-Hungria, a Prússia e Alemanha, a Itália, os Estados Unidos da América (doravante EUA) e o Japão. A Guerra da Criméia (1854-1856), de acordo com Hobsbawn (1995), quando a Rússia guerreou contra a Grã-Bretanha<sup>32</sup> e a França, havia sido a única guerra, até 1914, em que mais de duas potências

---

<sup>31</sup> Entre os diversos significados encontrados no dicionário que são atribuídos à palavra “potência”, neste trabalho, tratamos como potência a: “Nação que demonstra sua independência econômica e soberania militar [...]”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pot%C3%Aancia/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

<sup>32</sup> Muitas vezes, os termos Grã-Bretanha, Reino Unido e Inglaterra são usados como sinônimos. No entanto, cada um desses termos se refere a uma região ou unidade política diferente. A Grã-Bretanha é uma ilha que foi gerada pela unificação dos governos da Inglaterra e da Escócia. A união foi estabelecida em 1707, por meio do Tratado de União. Além de compreender a Inglaterra e a Escócia, a Grã-Bretanha engloba o País de Gales e todas as ilhas costeiras desses países. Já o Reino Unido, cujo nome completo é Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte, é uma unidade política que compreende, como o próprio nome sugere, as ilhas Grã-Bretanha e Irlanda do Norte. Ou seja, o Reino Unido é formado por quatro países: a Inglaterra, a Escócia, o País de Gales e a Irlanda do Norte. Os três primeiros estão localizados dentro da Grã-Bretanha; e o último, localizado em uma parte da Irlanda. A Inglaterra, por sua vez, é um dos países que compõe o Reino Unido e que está localizada na Grã-Bretanha (Norbury, 2013).

tinham entrado em combate, porém, ela foi breve. Os combates ocorridos posteriormente à Guerra da Criméia, não envolveram mais de duas potências e também foram breves. Após 1871, não houve nenhuma guerra envolvendo as grandes potências, a paz entre esses países durou até 1914, quando eclodiu a Primeira Grande Guerra.

Entre 1871 e 1914 não houvera na Europa guerra alguma em que exércitos de grandes potências cruzassem alguma fronteira hostil embora no Extremo Oriente o Japão tivesse combatido (e vencido) a Rússia em 1904-5, apressando com isso a Revolução Russa. Não houvera, em absoluto, guerras *mundiais* (Hobsbawn, 1995, p. 30-31).

Entre 1815 e 1914, de acordo com o autor, ao contrário dos combates ocorridos durante o século XVIII, em que a França e a Grã-Bretanha combateram guerras que cruzavam os oceanos (tinham início na Índia e chegavam até a América do Norte), não ocorreram combates entre as potências fora de suas regiões imediatas. Por outro lado, expedições realizadas por potências imperiais ou candidatas a imperiais contra inimigos mais fracos do Ultramar eram comuns entre 1815-1914. No entanto, grande parte dessas batalhas era “[...] unilaterais, como as guerras dos EUA contra o México (1846-8) e a Espanha (1898) e as várias campanhas para ampliar os impérios coloniais britânico e francês [...]” (Hobsbawn, 1995, p. 31).

Segundo Hobsbawn (1995), entre os séculos XIX e XX, a competição econômica entre as principais potências do mundo se intensificou graças ao surgimento do capitalismo advindo da Revolução Industrial. “Mais concretamente, para os dois principais oponentes, Alemanha e Grã-Bretanha, o céu tinha de ser o limite, pois a Alemanha queria uma política e posição marítima globais como as que então ocupava a Grã-Bretanha [...]” (Hobsbawn, 1995, p. 37).

Em relação ao capitalismo, Dobb (1983) afirma que a forma ampla que o termo é utilizado fez com que não existisse um acordo a respeito de seu uso. Apesar de alguns economistas e historiadores negarem a existência de um significado exato ao termo capitalista, ele foi reconhecido como categoria histórica. No entanto, o reconhecimento não garante que todos que tratam do termo atribuam a ele o mesmo significado. O capitalismo mencionado por economistas não está ligado às formas de produção. Refere-se apenas à origem econômica do termo e a forma como o capitalismo é utilizado. Por isso, tem pouca relação com o capitalismo histórico. De acordo com o autor, existem três perspectivas históricas sobre o capitalismo. 1) O capitalismo reflete os desejos da burguesia; 2) Ele é uma produção destinada a mercados distantes; 3) O capitalismo visto como forma de produção.

A primeira foi divulgada por obras de Wener Sombart, que relacionou a essência do capitalismo ao espírito de empreendimento ou aventura burguesa, levando em consideração a prudência e a razão e acreditando que, em cada época, existem atitudes econômicas distintas e que esse espírito é o criador de uma organização econômica. A segunda é a concepção de que

o capitalismo é a organização de produção destinada a um mercado distante. Por último, na terceira concepção, defende-se que existe o significado, formulado inicialmente por Marx, de que o capitalismo não possuía como essência um espírito de empresa, nem o uso de moedas que financiavam trocas objetivando o lucro e, sim, uma forma de produção. A produção, além de técnica (fase de desenvolvimento de forças produtivas), era a definição atribuída à propriedade dos meios produtores e às relações sociais, que estavam ligadas ao processo de produção.

Assim, o capitalismo não era apenas um sistema de produção para o mercado — um sistema de produção de mercadorias, como Marx o denominou — mas um sistema sob o qual a própria força de trabalho “se tornara uma mercadoria” e era comprada e vendida no mercado como qualquer outro objeto de troca. Seu pré-requisito histórico era a concentração da propriedade, dos meios de produção em mãos de uma classe, que consistia apenas numa pequena parte da sociedade, e o aparecimento conseqüente de uma classe destituída de propriedade, para a qual a venda de sua força de trabalho era a única fonte de subsistência. Dessa forma a atividade produtiva era suprida pela última, não em virtude de compulsão legal, mas com base em contrato salarial (Dobb, 1983, p. 7).

Essa definição exclui o sistema produtivo artesanal independente (sistema de produção no qual o artesão era o proprietário de seus instrumentos de produção e executava a venda de produtos que ele mesmo produzia). Nota-se que, a partir da decadência do feudalismo, o capitalismo começou a ganhar forma. Diante das três abordagens históricas, Dobb (1983) se pauta na abordagem marxista para aprofundar seus estudos a respeito do capitalismo. O capitalismo se desenvolveu por meio de várias fases: a primeira, segunda e terceira Revolução Industrial. A Revolução Industrial surgiu na Inglaterra, entre os séculos XVIII e XIX, e espalhou-se por todos os países europeus e para outros continentes.

Na Inglaterra, na segunda metade do século XVI e início do século XVII, um capital considerável passou a estar ligado à produção, iniciou-se a primeira fase do capitalismo. O maior desenvolvimento social e econômico do capitalismo desde a Idade Média, todavia, ocorreu entre os séculos XVIII e XIX, na Inglaterra. Cabe destacar que o desenvolvimento do capitalismo ocorreu de maneira diferente dentro da Inglaterra nos séculos XIV e XV e em outras nações europeias no século XIX. Por isso, existe uma coleção de histórias sobre o capitalismo e não uma história única (Dobb, 1983).

Coggiola (2017) busca traçar uma linha histórica sobre o desenvolvimento do capitalismo. Partindo dos estudos de Marx e Engels, afirma que a invasão norte-americana ocorrida no século XIX, no México, colaborou para o avanço do capitalismo contra as estruturas capitalistas antiquadas da colônia espanhola. Na segunda metade do mesmo século, graças principalmente à importação de capitais de metrópoles para as áreas periféricas, o capitalismo se desenvolveu em alguns locais da América Latina. Nos EUA, segundo o autor, o capitalismo

estava ligado à escravidão que só foi abolida, no país, em 1965. A abolição da escravatura e a urgente necessidade de organização da produção marcaram a fase do capitalismo competitivo. Os artesões foram sendo substituídos por trabalhadores assalariados em todo o território norte-americano. Em meados de 1840, a proletarização se concretizou. A falta de trabalhadores assalariados fez com que os patrões recorressem a diferentes grupos (mulheres, crianças, fazendeiros e artesãos) para compor as equipes de trabalho. Nas décadas finais do século em questão, graças à grande concentração de capital, foi atingida a fase monopolista nos EUA. A derrota da Comuna de Paris antecedeu a primeira grande crise mundial capitalista. Entre 1850 e 1873, ocorreu a grande depressão do capitalismo, que durou até aproximadamente 1895. Nas décadas de 1860 e 1870, registrou-se um rápido crescimento econômico internacional, motivo de otimismo liberal.

Coggiola (2017) se baseia nos estudos de Trotsky para relatar uma periodização geral do capitalismo:

[...] de 1783 a 1815, o capitalismo se desenvolve lentamente, a curva sobe penosamente; depois da revolução de 1848, que amplia os limites do mercado europeu, assistimos a uma volta muito brusca. Entre 1851 e 1873, a curva sobe de repente. Em 1873, as forças produtivas desenvolvidas chocam-se com os limites do mercado. Produz-se um pânico financeiro. Em seguida, começa um período de depressão que se prolonga até 1894. As flutuações cíclicas têm lugar durante esse tempo; porém a curva básica cai aproximadamente no mesmo nível. A partir de 1894, começa uma época nova de prosperidade capitalista, e até a guerra, a curva vai subindo com vertiginosa rapidez. No fim, o fracasso da economia capitalista no curso do quinto período tem efeito a partir de 1914 (Coggiola, 2017, p. 1250<sup>33</sup>).

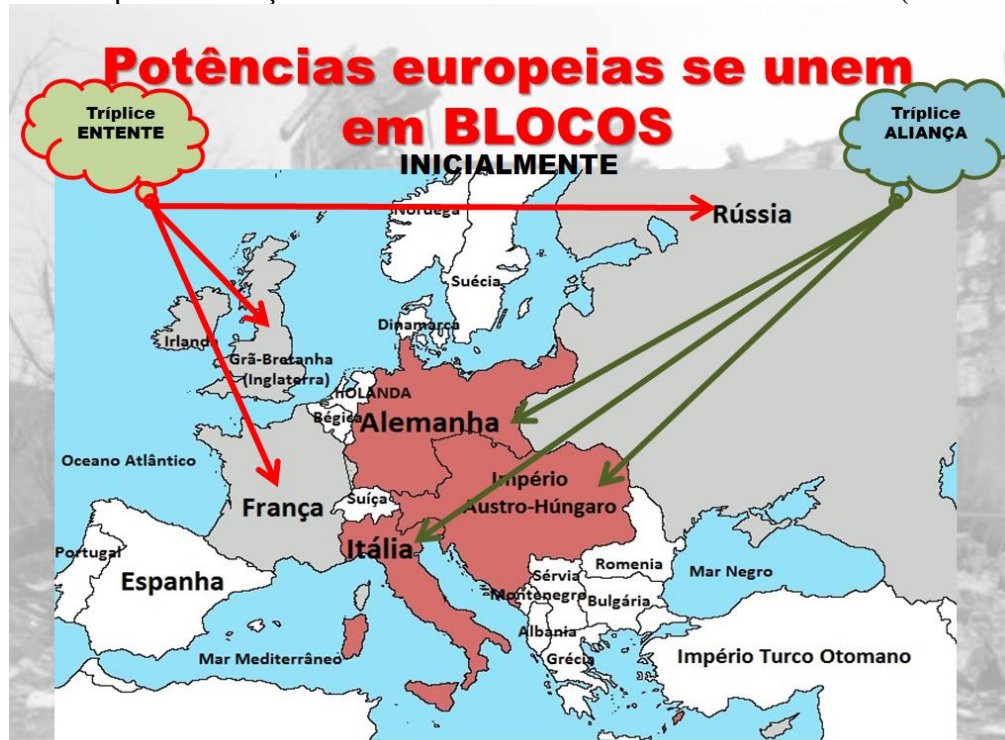
Como observado, o capitalismo progrediu lentamente. Ele não se desenvolveu de forma contínua. A economia passou por períodos de rápido desenvolvimento e por períodos de depressão, sendo a Primeira Guerra Mundial, iniciada em 1914, o principal acontecimento que fez a economia capitalista entrar em colapso.

A disputa por territórios ocorrida entre as principais potências mundiais, segundo Rodrigues, Luiz, (1988), foi a grande motivadora para o início da guerra ocorrida entre 1914 e 1918, a Primeira Guerra Mundial. Com o intuito de vencer os conflitos, alguns países que possuíam inimigos em comum decidiram unir suas forças. Nesse sentido, Rodrigues, Luiz, (1988), Hobsbawn (1995) e Sondhaus (2013) apontam que dois grupos foram formados: a Tríplice Entente (Grã-Bretanha, França e Rússia) e a Tríplice Aliança (Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália).

---

<sup>33</sup> A obra *História do capitalismo: das origens até a Primeira Guerra Mundial* de Osvaldo Coggiola foi publicada em três volumes pela Ariadna Ediciones. A numeração das páginas do terceiro volume, utilizado nesta tese, segue a sequência da numeração das páginas dos volumes anteriores. Desse modo, o terceiro volume inicia-se na página 1087.

**Figura 4** — Mapa das alianças formadas durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918)



**Fonte:** Mapa elaborado pelos professores Norberto Correa e Ricardo Lourenzo. Disponível em: <http://clichistoria.blogspot.com/p/9-ano.html>. Acesso em: 3 mar. 2021.

Um dos combates mais marcantes ocorrido durante a Primeira Guerra Mundial foi o combate na Frente Ocidental. Hobsbawn (1995) explica que a Alemanha tinha como plano de guerra liquidar a França no Ocidente e, em seguida, derrotar rapidamente a Rússia no Oriente, antes que o enorme potencial militar do país russo fosse colocado em prática. A Alemanha conseguiu tomar posse de grande parte do território francês. A Frente Ocidental se tornou uma “máquina de massacre” (Hobsbawn, p. 33, 1995). Os franceses perderam 20% de seus soldados em idade militar, já os alemães 13%.

Além de milhares de vidas perdidas, outra consequência da guerra na Frente Ocidental foi o sentimento de superioridade que os soldados sobreviventes sentiam perante as outras pessoas. Hobsbawn (1995) menciona que a maior parte dos soldados que participaram da guerra chegou ao fim dela repugnando-a. Outros combatentes passaram pela guerra sem se voltarem contra ela e extraíram da experiência vivida um sentimento de extrema superioridade em relação a não combatentes e às mulheres. Tais soldados formariam os primeiros grupos da ultradireita após a guerra; entre eles, estaria Adolf Hitler.

Hobsbawn (1995) e Visentini (2003) concordam que, após anos de luta, a paz foi restabelecida no mundo devido à assinatura do Tratado de Versalhes, em 1919, que colocava fim à guerra. Segundo Hobsbawn (1995), o Tratado de paz foi criado pelas grandes potências vitoriosas e sobreviventes da guerra — EUA, Grã-Bretanha, França e Itália — por cinco

motivos. Em primeiro lugar, houve o colapso entre tantos regimes na Europa. Em segundo lugar, a necessidade que os países vencedores possuíam de controlar a Alemanha, que se mostrou muito forte durante a guerra. Em terceiro, o mapa da Europa precisava ser dividido novamente para que, assim, a Alemanha fosse enfraquecida e espaços vazios, provocados pelos combates na Europa e no Oriente Médio, fossem preenchidos. O quarto motivo diz respeito às políticas internas dos países vencedores e aos atritos existentes entre eles. Por último, as potências buscavam, de forma desesperada, por um acordo que estabelecesse a paz mundial e tornasse impossível a ocorrência de outra guerra como àquela que acabara de terminar.

Visentini (2003) esclarece que, por meio do Tratado de Versalhes, várias penalidades foram atribuídas à Alemanha.

O Tratado de Versalhes criava a Sociedade das Nações (SDN), determinava a entrega de territórios alemães (Alsácia-Lorena à França e um corredor de acesso ao mar à Polônia), de todas as suas colônias, do material de guerra, da armada, a redução do exército para 100 mil homens, o desmantelamento das defesas, a entrega de parte da fronteira mercante, de locomotivas, gado, carvão, e o pagamento de enormes somas como reparação de guerra (insistência sobretudo feita pela França, em decorrência da destruição de seu território), uma vez que a Alemanha e seus aliados foram considerados culpados pelo início do conflito (Visentini, 2003, p. 57-58).

Hobsbawn (1995) e Visentini (2003) afirmam que a Alemanha estava entre as maiores potências industriais da Europa. Porém, após o documento ser posto em vigor, o país foi à falência, vivenciando, após o fim da Primeira Grande Guerra, a maior crise econômica de todos os tempos. Hobsbawn (1995) ainda esclarece que, devido à insistência em levar a Primeira Guerra adiante, outros países também enfrentaram dificuldades econômicas. Essas dificuldades enfraqueceram os países durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 1940 a França foi atropelada com ridícula facilidade e rapidez por forças alemãs inferiores e aceitou sem hesitação a subordinação a Hitler porque o país havia sangrado até quase a morte em 1914-8. A Grã-Bretanha jamais voltou a ser a mesma após 1918, porque o país arruinara sua economia travando uma guerra que ia muito além de seus recursos (Hobsbawn, 1995, p. 38).

De acordo com Carneiro (2005), em 1934, Hitler, presidente da Alemanha e líder do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, fundado em 1920, desrespeitou o Tratado de Versalhes ao reiniciar o armamento do país. Segundo Hobsbawn (1995), praticamente todos os historiadores (o ano da publicação de seu livro deve ser levado em consideração) concordavam que a Alemanha, o Japão e a Itália provocaram a Segunda Guerra Mundial e que os outros países tentaram evitar o conflito. Notamos que esses três países estavam descontentes com o acordo estabelecido entre as potências após a Primeira Guerra.

Segundo Visentini (2003), Hitler objetivava recuperar as colônias que a Alemanha havia conquistado durante a Primeira Guerra, mas que haviam sido entregues a outros países

após o Tratado de Versalhes. Além disso, a Alemanha queria dominar regiões de influência anglo-francesas. Quanto à Itália, Hobsbawn (1995) menciona que sua insatisfação em relação ao Tratado de Versalhes foi sublinhada por meio do triunfo do fascismo<sup>34</sup>, movimento ultranacionalista e imperialista que passou a vigorar no país.

Já o Japão, destaca o historiador, acreditava merecer mais partes do Extremo Oriente do que lhe fora concedido após o final da Primeira Guerra Mundial. Os japoneses sabiam que o país era vulnerável, pois, apesar de ser uma potência reconhecida pelo forte armamento, era desprovido de recursos naturais, dependendo, assim, de outros países, inclusive dos EUA, para realizar importações de recursos. Além disso, diversos conflitos ocorridos entre a Primeira e a Segunda Guerra impulsionaram a eclosão da Segunda Guerra Mundial.

[...] o que causou concretamente a Segunda Guerra Mundial foi a agressão pelas três potências descontentes, ligadas por vários tratados desde meados da década de 1930. Os marcos miliários na estrada para a guerra foram a invasão da Manchúria<sup>35</sup> pelo Japão em 1931; a invasão da Etiópia<sup>36</sup> pelos italianos em 1935; a intervenção alemã e italiana na Guerra Civil Espanhola em 1936-9; a invasão alemã da Áustria<sup>37</sup> no início de 1938; o estropiamento posterior da Tchecoslováquia<sup>38</sup> pela Alemanha no mesmo ano; a ocupação alemã do que restava da Tchecoslováquia em março de 1939 (seguida pela ocupação italiana da Albânia); e as exigências alemãs à Polônia<sup>39</sup> que levaram de fato ao início da guerra (Hobsbawn, 1995, p. 44).

Hobsbawn (1995) ressalta que todos os partidos políticos da Alemanha, desde os comunistas situados na extrema esquerda até os nacional-socialistas vinculados à extrema direita, concordavam que o Tratado de Versalhes era injusto. “Em termos mais simples, a pergunta sobre quem ou o que causou a Segunda Guerra Mundial pode ser respondida em duas palavras: Adolf Hitler” (Hobsbawn, 1995, p. 43).

Segundo Carneiro (2005), Hitler, por meio de seus discursos, buscava reestabelecer o “ego” dos alemães que se encontravam extremamente desanimados devido à grave crise

<sup>34</sup> “[...] movimento contra-revolucionário e portanto, ultranacionalista e imperialista [...]” (Hobsbawn, 1995, p. 44).

<sup>35</sup> Região localizada ao leste da Ásia que, atualmente, abrange o nordeste da China e uma parte da Sibéria (Fernandes, Ivo, 1941).

<sup>36</sup> A Etiópia é um dos países mais antigos da África. A Itália desocupou o país em 1941. Hoje, a Etiópia é independente (Schneider, 2010).

<sup>37</sup> Somente em 1955, dez anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, foi assinado o Tratado do Estado Austríaco, que restabeleceu a Áustria como um país autônomo (Pereira, Laura, 1996).

<sup>38</sup> A Tchecoslováquia deixou de existir a partir do dia 1º de janeiro de 1993, após originar, com sua divisão, dois novos países independentes: a República Tcheca e a Eslováquia (Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/ha-25-anos-tchecoslovaquia-se-dissolvio-de-forma-pacifica.ghtml>. Acesso em: 1 mar. 2021).

<sup>39</sup> Segundo Hobsbawn (1995) e Coggiola (2015), a Alemanha ocupou a Polônia em 1939. O país foi destruído pelo exército alemão e, no decorrer de três semanas, dividido com a URSS (União das Republicanas Socialistas Soviéticas) que até o momento se declarava neutra na guerra. Coggiola (2015) esclarece que a invasão dupla foi fruto de um acordo estabelecido entre Hitler e Stalin. Durante a guerra, os dois países tornaram-se rivais. Próximo ao fim da guerra, a URSS expulsou o exército nazista da Polônia e instaurou um governo comunista no país que durou até 1990.

econômica pela qual o país estava passando. No entanto, para tornar a Alemanha uma potência mundial novamente, o presidente defendia que o país deveria ser formado apenas por alemães puros e defendia a teoria do espaço vital<sup>40</sup>. Isto é, segundo o líder nazista, a Alemanha deveria expandir ao máximo seu território.

O discurso nazista era simples: 1) O povo alemão, ariano, trabalhador e generoso, mas que fora “traído” durante a guerra; 2) Pelo judeu, inspirador das ideologias marxistas, democráticas, e das relações universais, que apodreceram o Estado desde dentro; 3) É necessário restaurar a Alemanha eterna, seu *Lebensraum* (espaço vital), regenerar seu povo para torná-lo “senhor” do mundo; 4) Insistência nos temas da “comunidade nacional”, do “sangue puro”, da “pureza de raça”, da “ordem”, das virtudes guerreiras, do esmagamento dos inimigos, da extensão territorial às custas da URSS bolchevique e da decadente França (Coggiola, 2015, p. 27).

De acordo com Visentini (2003), a França e o Reino Unido fizeram, durante a Conferência de Munique, ocorrida em 1938, um acordo com a Alemanha. Nesse acordo, ficou estabelecido que 20% do território da Tchecoslováquia seria destinado à Alemanha. Em 1939, a Alemanha rompeu o acordo estabelecido pelo Tratado de Versalhes, ocupando toda a Tchecoslováquia. Após a invasão, os alemães seguiram para a Polônia. Decididos a recuperar o território polonês, pertencente à Alemanha até a Primeira Guerra Mundial, Hitler e as forças armadas alemãs invadiram, no dia 1º de setembro de 1939, a Polônia. Após a invasão, a França e o Reino Unido exigiram que a Alemanha recuasse. No entanto, os alemães estavam decididos a ocupar novos territórios. Diante disso, a França e o Reino Unido declararam guerra à Alemanha. Assim, foi iniciada a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), envolvendo praticamente todos os países do mundo.

É quase desnecessário demonstrar que a Segunda Guerra Mundial foi global. Praticamente todos os Estados independentes do mundo se envolveram, quisessem ou não, embora as repúblicas da América Latina só participassem de forma mais nominal. As colônias das potências imperiais não tiveram escolha. Com exceção da futura República da Irlanda e de Suécia, Suíça, Portugal, Turquia e Espanha, na Europa, e talvez do Afeganistão, fora da Europa, quase todo o globo foi beligerante ou ocupado, ou as duas coisas juntas (Hobsbawn, 1995, p. 31).

Assim como na Primeira Guerra Mundial, segundo Hobsbawn (1995), a Alemanha precisava realizar uma ofensiva rápida, pois, se seus inimigos unissem forças, ela provavelmente seria derrotada. De acordo com Visentini (2003), não tardou para que os países decidissem unir suas forças armamentistas objetivando alcançarem melhores resultados nos combates. Diante disso, dois grupos foram formados: os Aliados (EUA, União das

---

<sup>40</sup> “As consignas gerais de Hitler não são dignas de consideração. Já faz muito que se demonstrou que a luta pela “unificação nacional” é uma mentira, já que Hitler converte o estado nacional em um estado de muitas nações, pisoteando a liberdade e a unidade dos demais povos. A luta pelo espaço vital não é mais que uma camuflagem da expansão imperialista, ou seja, da política de anexações e pilhagem. A justificativa racial desta expansão é uma mentira; o nacional-socialismo muda suas simpatias e antipatias raciais segundo suas considerações estratégicas” (Coggiola, 2015, p. 257).

Republicanas Socialistas Soviéticas (doravante URSS), Império Britânico<sup>41</sup> e China) e o Eixo (Alemanha, Japão e Itália). A guerra durou de 1939 até 1945. Nesse tempo, ocorreram diversos combates que levaram à derrota da Alemanha.

**Figura 5** — Mapa dos países que estavam em guerra entre 1939 e 1945



Fonte: Coggiola (2015, p. 4).

No quadro a seguir, estão sintetizados os principais fatos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

<sup>41</sup> O termo “Império Britânico” é utilizado para fazer referência às colônias e semicolônias que foram conquistadas pela Grã-Bretanha no passado. “O Império Britânico foi a mais forte potência planetária, tendo ampliado seu poder, entre 1815 e 1939, através da expansão de sua indústria, comércio, finanças e de sua capacidade bélica” (PASSETTI, 2016, p. 2). Coggiola (2015) e Passenti (2016) afirmam que o Império Britânico entrou em decadência após o término da Segunda Guerra Mundial. “A guerra mundial abalou o conjunto do sistema imperialista, e provocou o colapso do Império Britânico. As colônias e semicolônias já não mais eram apenas países agrários ou mineradores: a penetração do capitalismo já tinha originado um proletariado e um movimento operário coloniais” (Coggiola, 2015, p. 156).

**Quadro 2 — Principais acontecimentos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)**

1º de setembro de 1939	A Alemanha invadiu a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial.
3 de setembro de 1939	Buscando manter as fronteiras da Polônia seguras, a Grã-Bretanha e a França declararam guerra à Alemanha.
17 de setembro de 1939	A URSS invadiu o Leste da Polônia.
10 de maio de 1940 a 22 de junho de 1940	A Europa Ocidental, formada pela França e pelos Países Baixos neutros, foi atacada pela Alemanha. Os alemães conquistaram Luxemburgo, Holanda e Bélgica. Em seguida, ocuparam parte do Norte da França e toda a linha da costa do Atlântico. Além disso, no Sul da França, mais especificamente na cidade chamada Vichy, foi instituído um regime (governo de Vichy) administrado pelos nazistas.
10 de junho de 1940	A Itália entrou na guerra, apoiando a Alemanha, e invadiu o Sul da França.
7 de dezembro de 1941	A base naval de Pearl Harbor, no Havaí, foi atacada pelos japoneses. No dia seguinte, os EUA entraram na batalha, declarando guerra contra o Japão. Após o ataque a Pearl Harbor, os EUA se enfraqueceram. A Alemanha e a Itália, a partir desse enfraquecimento, também iniciaram ataques contra os americanos. O ataque à base naval americana fez com que o país investisse na produção de novas armas, fato que gerou empregos aos americanos e, conseqüentemente, a saída da crise econômica em que se encontrava desde 1929.
1942	Hitler invadiu Stalingrado, cidade responsável pela maior produção de armas da URSS. A batalha ficou conhecida como “Batalha de Stalingrado” e durou 200 dias. Esse foi o combate mais sangrento realizado durante a Segunda Guerra Mundial, gerando aproximadamente 200 mil mortes. A batalha só chegou ao fim quando os alemães se renderam diante das forças armadas do Exército Soviético.
8 de setembro de 1943	A Itália se rendeu aos aliados e declarou guerra contra os países do Eixo.
6 de junho de 1944	O exército britânico e o norte-americano desembarcaram nas praias da Normandia, no Norte da França, liberando o país do domínio nazista. Esse dia ficou conhecido como o <i>Dia D</i> e foi a maior operação militar aeronaval ocorrida na história.
25 de agosto de 1944	As tropas aliadas conseguiram entrar na capital francesa. Em setembro, os exércitos aliados chegaram à fronteira da Alemanha. Em dezembro, praticamente toda a França, grande parte da Bélgica e o sul dos Países Baixos foram libertos do domínio nazista.
16 de dezembro de 1944	Os alemães tentaram recuperar a Bélgica, com o intuito de dividir as forças Aliadas por toda a extensão da fronteira alemã. Sem obter sucesso, no dia 1º de janeiro de 1945, as tropas alemãs desistiram da invasão.
16 de abril de 1945	Berlim foi atacada pelos soviéticos. Esse fato derrubou terminantemente o exército alemão.
30 de abril de 1945	Temendo ser torturado e morto pelos inimigos de guerra, o líder nazista cometeu suicídio.
2 de maio de 1945	Os alemães desistiram da guerra.
7 de maio de 1945	Os alemães assinaram um documento confirmando a rendição da Alemanha.
6 de agosto de 1945	Uma bomba atômica foi lançada pelos EUA sobre a cidade de Hiroshima, no Japão. Essa foi a primeira vez em que uma bomba nuclear foi utilizada durante um combate.
9 de agosto de 1945	Uma bomba atômica foi lançada pelos EUA sobre a cidade de Nagasaki, no Japão.
2 de setembro de 1945	Ocorreu a rendição oficial do Japão, instaurando-se, assim, o fim da Segunda Guerra Mundial.

**Fonte:** A própria autora, com base em Visentini (2003), Carneiro (2005) e Coggiola (2015).

Segundo Hobsbawn (1995), apesar de os países entrarem em guerra, nenhum deles gostaria que a guerra tivesse ocorrido. Coggiola (2015) ressalta que a guerra ocorreu nas mais distantes regiões do mundo: nos mares e na terra, sob a neve e sob o sol escaldante do deserto. Durante a guerra, além das diversas mortes, entre 45 e 50 milhões, geradas pelos combates,

ainda se pode mencionar as diversas pessoas que morreram vítimas do Holocausto. Durante o conflito mundial, Hitler perseguiu e exterminou diversas pessoas. Entre o maior número de vítimas geradas pelo líder nazista, destacam-se os judeus. Na sequência, são abordados acontecimentos relevantes sobre o Holocausto dos judeus.

### 2.1.2 O Holocausto dos Judeus

Segundo Carneiro (2005) e Neves (2018), Hitler defendia a ideia de que a Alemanha deveria ser formada apenas por alemães “puros” (arianos). Para atingir esse objetivo, Hitler afirmava que os judeus, os deficientes físicos e mentais, os negros, os homossexuais e os ciganos, eram raças “impuras”, que deveriam ser expulsas e eliminadas do país. Tal ideia disseminou, durante a Segunda Guerra Mundial, o antissemitismo — “Doutrina ou movimento contra os judeus” (Carneiro, 2005, p. 6), liderado por Adolf Hitler e que contribuiu para o Holocausto. Segundo Ortona (1998, p. 40), “[...] se deve entender por Anti-semitismo apenas a hostilidade direta contra os hebreus<sup>42</sup> considerados como comunidade complexa, nas suas conotações étnicas de povo e de religião”.

O antissemitismo surgiu no século III a.C. por meio do sacerdote egípcio Manetho, mas ganhou impulso com o surgimento do cristianismo. Segundo o Evangelho Cristão, há dois mil anos, existiu um pregador judeu, chamado Jesus de Nazaré. Para os cristãos, Jesus era filho de Deus, ele era o messias. Porém os judeus não acreditavam nesses fatos. Diante disso, a diferença de crença gerou a divisão entre as duas religiões. As histórias antijudaicas, como a que sugere terem sido os judeus os causadores da crucificação de Jesus, também intensificaram as diferenças religiosas entre cristãos e judeus<sup>43</sup>.

De acordo com Bauman (1998) e Ortona (1998), os judeus começaram a se dispersar pelo mundo antes do ano 70 d.C., quando ocorreu a queda de Jerusalém. A dispersão dos judeus pelo mundo é chamada de diáspora<sup>44</sup>. Segundo Reis (2012), o conceito diáspora vem dos termos gregos: *dia* (por meio de) e *speirō* (dispersão). De acordo com os escritos do Antigo Testamento da Bíblia Sagrada (1990), em decorrência da seca, os judeus migraram para o Egito onde foram

<sup>42</sup> Ortona (1998) utiliza o termo “hebreus” para fazer referência aos judeus. Nesta tese, para manter um padrão de escrita, é utilizado, exceto em citações diretas, somente o termo judeu.

<sup>43</sup> Os dados presentes no parágrafo foram baseados em informações expostas no *site The holocaust explained*. (Disponível em: <https://www.theholocaustexplained.org/anti-semitism/medieval-antisemitism/>. Acesso em: 24 fev. 2021).

<sup>44</sup> No dicionário Michaelis, encontramos dois significados para o termo diáspora: 1) dispersão de povos gerada por motivos religiosos ou políticos e 2) dispersão do povo judeu no mundo antigo, principalmente depois da ocorrência do exílio babilônico. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/di%C3%A1spora/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

escravizados. Com a ajuda do profeta Maomé, os judeus conseguiram se libertar da escravidão. Realizou-se, assim, a primeira diáspora. Eles retornaram para Judá de onde foram expulsos após a ascensão do Império Grego Macedônico. Contrários a este império, os judeus fundaram o Reino da Judeia, porém o Império Romano tomou o local, fato que obrigou os judeus a realizarem uma nova diáspora. Segundo Reis (2012), o conceito de diáspora geralmente é associado a uma ação forçada e traumática. Esse conceito tem como referência a dispersão dos judeus que foram forçados a deixar a Palestina depois que ela foi conquistada pelos romanos. Os judeus não tinham terra e passaram a se dispersar pelo Ocidente. Foi em sua religião e origem étnica que esse povo fundou um sentimento de pertencer a algum “lugar”.

Ortona (1998) esclarece que, no século I d.C., várias comunidades de judeus, espalhadas por diversas cidades, inclusive Roma e Constantinopla, dedicavam-se ao comércio. Por desenvolverem importante função econômica, essas comunidades eram toleradas e protegidas pelas autoridades imperiais. O cristianismo tornou-se a religião oficial do Império no século IV d.C. Nesse período, leis foram criadas para aqueles que não seguiam o cristianismo. Os judeus foram colocados em posições jurídicas inferiores e foram privados de direitos civis.

Anti-semitismo assume, nesta época, um dos seus componentes ideológicos fundamentais: o componente religioso, fundado sobre a aversão à “obstinação” hebraica de não reconhecer o advento do Messias e sobre a acusação de “deicídio”, que começa a ser dirigida aos hebreus. Também o antigo desprezo das classes superiores romanas pelas profissões mercantis é recebido pelo cristianismo (Ortona, 1998, p. 41).

Segundo Bauman (1998), em relação à religiosidade, os judeus eram vistos pela elite europeia pré-moderna como um povo indeciso. Eles não faziam parte do grupo dos não convertidos nem dos hereges. Ao rejeitarem os ensinamentos cristãos, os judeus foram considerados uma ameaça para a verdade do cristianismo.

Os judeus não eram simplesmente infieis pré ou pós-conversão, mas pessoas que de plena consciência recusavam-se a aceitar a verdade quando tinham uma chance de admiti-la. Sua presença constituía um permanente desafio à certeza da evidência cristã. O desafio só podia ser rejeitado ou pelo menos se tornar menos perigoso explicando-se a obstinação judaica por uma premeditação criminosa, más intenções e corrupção moral (Bauman, 1998, p. 58).

Os judeus se diferenciavam de outras heresias<sup>45</sup>, pois, ao contrário delas, eles não representavam um problema local nem um problema cujo começo fosse explicado ou o final

---

<sup>45</sup> A partir dos diversos significados atribuídos à palavra *heresia*, nesse caso, ela pode ser compreendida como uma “Doutrina contrária ao que foi estabelecido pela Igreja católica como matéria de fé”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/heresia>. Acesso em: 22 out. 2021.

pudesse ser previsto. Os judeus “[...] eram concomitantes ao cristianismo de forma constante e onipresente, quase um *alter ego* da Igreja de Cristo” (Bauman, 1998, p. 58).

Segundo Ortona (1998), com o passar do tempo, o antissemitismo religioso passou a ser político/pseudocientífico (racial): o antissemitismo de Hitler. No século XII, as atividades comerciais dos judeus entraram em decadência. Diante disso, os judeus deixaram de emprestar dinheiro ao rei e à nobreza e passaram a realizar pequenos empréstimos à população. A relação entre os judeus e o povo começou a se deteriorar. A população passou a culpabilizar os judeus pela própria miséria.

Na segunda metade do século XIX, iniciou-se o antissemitismo moderno. Ortona (1998) explica que, nesse século, a situação dos judeus havia mudado: eles se emanciparam no plano jurídico, podendo exercer qualquer profissão. No entanto, não conseguiram ter uma profissão monopolizada por eles. Essa falta de função específica na economia tornou os judeus dispensáveis à sociedade. A entrada dos judeus no mercado de trabalho fez com que a burguesia os visse como ameaçadores do seu próprio *status*.

[...] cria-se assim um terreno fértil para o desenvolvimento do Anti-semitismo, graças ao fato de que as novas teorias do NACIONALISMO (v.) e do racismo, afirmando a natureza ética e não territorial da comunidade nacional, consentem em considerar os hebreus como um corpo estranho e potencialmente eliminável (Ortona, 1998, p. 42).

Ressalta o autor que a pequena burguesia não possuía condições de organizar ações maciças contra os judeus. Com base nesse fato, grupos políticos e industriais apoiaram o antissemitismo, buscando desviar a atenção da população para as tensões do proletariado. Segundo Ortona (1998), o século XIX foi um período em que valores tradicionais foram conjugados com valores emergentes, como os científicos. “Na idade do progresso técnico e do positivismo, por outra parte, tal cobertura não pode ser mais de tipo religioso ou irracionalista. O Anti-semitismo se cobre, por isso, de vestes “científicas” [...]” (Ortona, 1998, p. 43). O autor explica que antissemitismo moderno surgiu e desenvolveu-se como um fenômeno ligado à pequena burguesia. Perante o crescimento industrial e as crises econômicas, os trabalhos desenvolvidos pela pequena burguesia foram afetados, à medida que a entrada dos judeus no mercado de trabalho ocupado pela pequena burguesia aumentou ainda mais essa insegurança. Criou-se, desse modo, um ambiente propício para o desenvolvimento do antissemitismo, “[...]”

---

Segundo consta no dicionário ilustrado das religiões, Heresia é uma tese que vai na contramão de uma doutrina comumente aceita. Aos membros da comunidade em questão que defenda uma opinião contrária a doutrina defendida pela maioria, dá-se o nome de herege. (Disponível em: <https://ccdej.org.br/wp-content/uploads/2013/09/00190-dicionarioilustradodasreligies-090322124128-phpapp01-1.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2024).

graças ao fato de que as novas teorias do NACIONALISMO<sup>46</sup> (v.) e do racismo, afirmando a natureza ética e não territorial da comunidade nacional, consentem em considerar os hebreus como um corpo estranho e potencialmente eliminável” (Ortona, 1998, p. 52).

Segundo o autor, na Alemanha, o antissemitismo se desenvolveu após a crise econômica de 1873, atingindo seu ápice em 1880. Após esse período, ele foi diminuindo, até ressurgir em 1918. Ortona (1998), assim como Hobsbawn (1995), Visentini (2003), Carneiro (2005) e Balbino (2016), esclarece que a derrota da Alemanha, na Primeira Guerra Mundial, levou o país a uma nova grave crise econômica. Dominados pelo sentimento de revolta, o povo alemão começou a acreditar que a guerra foi perdida graças ao capitalismo internacional judeu.

Depois de 1918, uma gravíssima crise, que não é apenas econômica, se abate sobre a Alemanha. O rancor das camadas médias arruinadas e dos ambientes militares desocupados e humilhados procura, de qualquer jeito, uma via de escape. Milhões de pessoas, durante tantos anos confiantes na invencibilidade das armas alemãs, não podem convencer-se, agora, da derrota. Começa a divulgar-se, pouco a pouco, a absurda suspeita de que a guerra foi perdida, não por demérito do exército nacional, mas por obscuras conjuras internas e internacionais: as latentes tradições anti-semitas do povo alemão refloresceram para acreditar na idéia de que foi o capitalismo internacional hebreu o verdadeiro artífice da derrota (Ortona, 1998, p. 43).

De acordo com o autor, nessa época, o Partido Nacional-Socialista tinha surgido recentemente e Hitler, que passou a ser líder do partido em 1921, viu no antissemitismo uma forma de obter sucesso em sua liderança. Balbino (2016) salienta que a proposta de Hitler era a exaltação do nacionalismo alemão. Segundo Ortona (1998), o líder nazista começou a encorajar as ideias antissemitas e, após tornar-se presidente da Alemanha, determinou que o antissemitismo fosse uma lei no país.

Bauman (1998) concorda com a ideia de que o capitalismo judaico era malvisto pelos alemães. Os judeus tinham sua imagem, muitas vezes, relacionada ao dinheiro e ao poder. Os antissemitas da sociedade industrial primitiva estavam ligados ao anticapitalismo. Para eles, existia o capital bom (produtivo) e um capital ruim (parasitário). Eles buscavam relacionar os judeus com o dinheiro, o poder e todos os males do capitalismo (capital parasitário), ressaltando que, tanto os judeus, quanto o capitalismo proporcionado por eles eram prejudiciais à sociedade. Cabe destacar que os judeus, por serem seres humanos inseridos em uma sociedade capitalista, agem para sobreviver e fortalecer sua identidade, assim como todos os outros grupos.

---

<sup>46</sup> “Em seu sentido mais abrangente o termo Nacionalismo designa a ideologia nacional, a ideologia de determinado grupo político, o Estado nacional (v. NAÇÃO), que se sobrepõe às ideologias dos partidos, absorvendo-as em perspectiva. O Estado nacional gera o Nacionalismo, na medida em que suas estruturas de poder, burocráticas e centralizadoras, possibilitam a evolução do projeto político que visa a fusão de Estado e nação, isto é a unificação, em seu território, de língua, cultura e tradições. Desde a Revolução Francesa e principalmente no nosso século, antes na Europa, em seguida no resto do mundo, a ideologia nacional experimentou tão ampla difusão, que chegou a se considerar como a única a poder fornecer critérios de legitimidade para a formação de um Estado independente no sentido moderno [...]” (Rossolillo, 1998, p. 799).

Segundo Richards (1993), a relação que os judeus tinham com o dinheiro possibilitou que fossem considerados, de forma estereotipada, como pessoas avarentas. Eles praticavam a usura<sup>47</sup>, prática considerada pelos católicos um pecado tão grave quanto um assassinato. Há diversas passagens bíblicas cujo objetivo é instruir as pessoas a não cometerem a usura, como em êxodo capítulo 22, versículo 24, em que foi dito: “Se você emprestar dinheiro a alguém do meu povo, a um pobre que vive ao seu lado, você não se comportará como agiota: vocês não devem cobrar juros” (Bíblia Sagrada, 1990, p. 96).

Outros estereótipos foram atribuídos ao povo judeu. Eles eram considerados demoníacos, pois praticavam a luxúria; e Hereges por não aceitarem Jesus como o salvador da humanidade. “As minorias têm sido notoriamente suscetíveis à estereotipagem. Os estereótipos são um meio de dar sentido a um universo desordenado, impondo ordem, definindo o eu, personalizando os temores” (Richards, 1993, p. 29). Para o estudioso, o estereótipo nasce do contexto social e é alimentado pela sociedade que o criou. O antissemitismo era respaldado na imagem pejorativa dos judeus construída por meio dos estereótipos.

Stuart Hall (2016) esclarece que a estereotipagem é uma prática representacional. Ela é dotada de efeitos essencializadores, reducionistas e naturalizadores que resumem as pessoas a características ditas como naturalmente fixas, ela também pode ser vista como uma espécie de muro que divide as pessoas de acordo com o estereótipo que lhe é imposto. A estereotipagem “[...] estabelece uma fronteira simbólica entre o ‘normal’ e o ‘pervertido’, o ‘normal’ e o ‘patológico’, o ‘aceitável’ e o ‘inaceitável’, o ‘pertencente’ e o que não pertencente ou é ‘Outro’, entre ‘pessoas de dentro’ (*insiders*) e ‘forasteiros’ (*outsiders*), entre nós e eles” (Hall, 2016, p.192). De forma simbólica, ela fixa limites e exclui tudo que não lhe pertence. Há uma facilitação para ocorrer o fortalecimento das relações sociais entre aqueles que são “normais” promovendo a exclusão dos “outros”: aqueles que, de alguma forma, são considerados como diferentes.

A criação de estereótipos ocorre, geralmente, onde existem desigualdades de poder, este, por sua vez, é exercido sobre os grupos de pessoas consideradas subordinadas. O estereótipo divide nós e eles, aumentando de forma drástica a desigualdade de poder na representação. Por meio da estereotipagem, as classes dominantes moldam a sociedade de acordo com seus valores e visão de mundo. Esse processo ocorre de uma forma singela, de

---

<sup>47</sup> A palavra usura tem como significado os juros ou rendimento de capital, além disso, segundo consta no dicionário Michaelis, o termo está vinculado aos juros excessivos, extorsão, agiotagem. (Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/usura/>. Acesso em: 16 abr. 2024).

maneira que tudo pareça natural, inevitável e desejável. Na estereotipagem, existe relação entre estereotipo, representação e poder (que não está vinculado somente às questões de maior força física e situação econômica mais favorável). O poder na representação é aquele capaz de marcar, classificar e atribuir características.

O poder, ao que parece, tem que ser entendido aqui não apenas em termos de exploração econômica e coerção física, mas também em termos simbólicos e culturais mais amplos, incluindo o poder de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira — dentro de um determinado “regime de representação”. Ele inclui o exercício do *poder simbólico* através das práticas representacionais e a estereotipagem é um elemento-chave deste exercício de violência simbólica (Hall, 2016, 193).

Um grupo de pessoas, por acreditar ser dominante, pode tentar impor suas normas a outros grupos. A mídia, nesse caso, contribui para fortalecer o poder exercido sobre os “outros”, uma vez que, quando representa, por muito tempo, grupos minoritários de forma estereotipada, ressalta a falta de diversidade e fixa uma representação dominante na sociedade.

Durante a Segunda Grande Guerra (1939-1945), a mídia foi usada como uma arma poderosa contra o povo judeu. Em sua autobiografia, Hitler (1983)<sup>48</sup> afirmava que as propagandas deveriam ser compostas por frases estereotipadas e de fácil entendimento para que até os cidadãos mais ignorantes pudessem compreendê-las. O Partido Nazista divulgou, na mídia, informações estereotipadas a respeito dos judeus.

Durante a Idade Média, os judeus foram acusados de serem os causadores da Peste Bubônica<sup>49</sup>, desde então, muitas pessoas passaram a vê-los como propagadores de doenças. Durante a Segunda Guerra, ao serem isolados em guetos pelos nazistas, logo, devido à superlotação e falta de alimento, água e saneamento básico, os judeus se viram acometidos pela febre tifo e outras enfermidades que começaram a proliferar nesses locais. Com o intuito de justificar<sup>50</sup> o isolamento dos judeus nos guetos e afastar cidadãos alemães desses lugares, aproveitando-se do ambiente insalubre em que tal povo estava sendo aprisionado, a acusação de que o povo judeu transmitia doenças para a população passou a ser um tema recorrente das propagandas nazistas. Reforçou-se, dessa maneira, o estereotipo dos judeus como “imundos” e “causadores do caos”, criado desde a Idade Média.

Bauman (1998) acrescenta que os judeus são conhecidos por não residirem por muito tempo em um mesmo local. A diáspora feita por eles difere-se de exemplos de migração e

<sup>48</sup> A obra foi lançada pela primeira vez em 1925, sendo originalmente intitulada como *Mein Kampf*, traduzida para o português como *Minha Luta*.

<sup>49</sup> Informação consultada no site *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM). Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/antisemitism-1>. Acesso em: 3 jun. 2024.

<sup>50</sup> Informação consultada no site *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM). Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/deceiving-the-public>. Acesso em: 3 jun. 2024.

reassentamento de outros povos. O autor elenca duas características peculiares da diáspora judaica. Primeiramente, ele menciona “[...] a simples extensão de tempo histórico em que esses ‘estrangeiros no nosso meio’ preservaram sua separação, tanto no sentido de continuidade diacrônica como de auto-identidade sincrônica.” (Bauman, 1998, p. 56). Em segundo lugar a “[...] diáspora judaica foi à universalidade da falta de lar dos judeus, qualidade que talvez partilhassem apenas com os ciganos” (Bauman, 1998, p. 56). Um dos principais motivos utilizados por Hitler para justificar o antissemitismo alemão foi a diáspora.

Assim como Bauman, Barbosa (2016), ao analisar as ideias presentes em diversos textos de Hannah Arendt<sup>51</sup>, afirma que ela considera a diáspora dos judeus como o fator propulsor para que eles passassem a viver em diversas partes do mundo. Entretanto, Arendt pontua uma consequência causada pela diáspora: os judeus estavam submetidos a diversos governos.

A “questão judaica” é um fenômeno complexo cuja base real é o fato de que os judeus após a Diáspora se dispersaram pelo mundo passando a viver num território ocupado por povos de diferentes costumes e tradições, onde desenvolveram suas atividades econômicas e culturais e, em geral, submeteram-se aos governantes locais (Barbosa, 2016, p. 16).

A diáspora também proporcionou benefícios aos judeus, graças a ela, eles abriram comércios em várias partes do mundo. Isso pode ter sido visto por alguns como uma ameaça, uma forma de reforçar o capitalismo e de dominar a economia mundial.

De acordo com Barbosa (2016), Arendt critica a defesa da liberdade dos judeus por meio da assimilação social. Alerta a autora que tal proposta tem como consequência o fim da cultura e da identidade judaica. Para ela independência desse povo deveria ser defendida a partir de uma “emancipação política” (Barbosa, 2016, p. 16) que vise à liberdade e ao direito “dos judeus viverem como judeus”. A emancipação política judaica trata-se de os judeus poderem viver como tais em seu próprio território. Barbosa (2026) esclarece que, segundo Hannah, para resolver questões nacionais é necessário, primeiramente, ter um solo nacional.

Segundo Pereira, Ana (2015, p. 14) e Benhabib (2004), para Arendt, as pessoas precisam ter “direito a ter direitos”. Benhabib (2004) divide a expressão em dois eixos, sendo que o primeiro equivale ao termo “direito”, enquanto o segundo ao termo “direitos”. Ela explica que a palavra “direito” evoca a ideia de que todo o ser humano deve ser tratado como uma pessoa pertencente a um grupo humano que lhe proporcione proteção. Esse é o direito moral,

---

<sup>51</sup> Segundo Barbosa (2016), Hannah Arendt é uma filósofa alemã de origem judaica. Ou seja, tanto Arendt, quanto Bauman são estudiosos de origem judaica que falam sobre o povo judeu.

garantido pela sua condição humana e que defende que ele deve ser protegido de atrocidades como as cometidas pelo Nazismo.

Quanto ao segundo termo, a autora explica que um ser humano só possui os chamados “direitos” quando pertence a uma comunidade política que defende a aquisição de direitos jurídicos e civis a ele. São os “direitos” que tornam possível a participação do indivíduo no espaço público. Tanto em relação ao “direito”, quanto aos “direitos”, é necessário que a cidadania esteja resguardada pela Constituição: um documento que é duradouro, objetivo e que não pode sofrer alterações de acordo com o que dada circunstância exige. Arendt, nos dizeres de Barbosa (2016), enfatiza a não participação dos judeus na política. Nesse caso, a diáspora seria uma das causas para a falta de inserção de judeus no meio político, pois eles não possuem país, governo e idioma. Como já mencionado, Bauman (1998) afirma que a diáspora judaica foi um dos pretextos de Hitler para realizar o extermínio dos judeus. O líder nazista disseminou a ideia de que, se uma guerra ocorresse, os judeus, por serem adeptos da diáspora, ao invés de defenderem o país, partiriam da Alemanha à procura de um abrigo seguro.

A permanente e irremediável falta de lar dos judeus foi parte integrante de sua identidade praticamente desde o início de sua história de diáspora. Com efeito, esse fato foi usado como principal argumento nazista contra os judeus empregado por Hitler para fundamentar a alegação de que a hostilidade antijudaica era um tipo radicalmente diferente de antagonismos comuns entre nações ou raças rivais (Bauman, 1998, p. 55).

Ao disseminar a ideia de que a Alemanha deveria ser formada apenas por alemães puros, Hitler estimulou o Holocausto.

Holocausto ou *Shoah*: *Shoah*, muitas vezes, é traduzido imprecisamente como Holocausto. Cabe aqui uma distinção, apesar de ambas as palavras serem empregadas para explicar um mesmo fenômeno. *Shoah*, palavra hebraica que significa *destruição, ruína, calamidade* (cf. Isaías, 10:3), é utilizada em Israel para designar o extermínio dos judeus na Europa nazista. *Holocausto*, do grego *holókauston*, significa *sacrifício em que a vítima era queimada inteira*. Entre os antigos hebreus possui o mesmo significado (Carneiro, 2005, p. 5).

Nesta tese, optamos pelo uso do termo *Holocausto*, pois, como observado na definição de Carneiro (2005), por fazer referência à vítima que era queimada inteira, o termo possui maior proximidade com as atrocidades cometidas contra os judeus que, após serem mortos pelos nazistas, tinham seus corpos queimados.

Baseando-se nas ideias de Gordon, Bauman (1998) elenca diversos fatores que influenciaram a ocorrência do Holocausto.

[...] um anti-semitismo radical (e, [...], moderno, isto é, racista e exterminador) de tipo nazista; a transformação desse anti-semitismo em politicagem de um poderoso Estado centralizado; o fato de comandar esse Estado um imenso e eficiente aparato burocrático; o “estado de emergência” — condição extraordinária de tempo de guerra que permitiu ao governo e à burocracia por ele controlada levar a cabo coisas que possivelmente teriam enfrentado obstáculos mais sérios em tempos de paz; e a não-

interferência, a aceitação passiva dessas coisas pela população em geral (Bauman, 1998, p. 118).

Para Bauman (1998), a execução do Holocausto foi um ato racional. O massacre dos judeus foi realizado por meio da racionalidade e da otimização na execução do objetivo. O Holocausto não foi realizado por pessoas loucas, depravados sociais, sádicos ou pessoas desequilibradas de alguma forma, e sim por pessoas que passariam em qualquer teste psiquiátrico. Durante avaliações para fazer parte de grupos de ação como o *Einsatzgruppen*, indivíduos entusiasmados ou que possuíam grande carga emocional eram barrados ou expulsos dos processos seletivos.

Em um primeiro momento, a estratégia utilizada por Hitler para livrar a Alemanha dos judeus foi a emigração desses povos. No entanto, essa estratégia logo foi substituída por outra mais eficaz: “[...] o extermínio físico foi escolhido como o mais factível e eficiente para atingir a finalidade original e recém-ampliada” (Bauman, 1998, p. 36).

O ódio que Hitler sentia pelos judeus pode ser observado por meio dos pensamentos que ele expôs em sua autobiografia: “Um dia em que passeava pelas ruas centrais da cidade, subitamente deparei com um indivíduo vestido em longo caftan e tendo pendidos da cabeça longos cachos pretos. Meu primeiro pensamento foi: isso é um judeu?” (Hitler, 1983, p. 28). Em outro momento, o líder nazista ressalta o quanto a miscigenação lhe causava repulsa: “Odiava o conglomerado de raças, checos, polacos, húngaros, rutenos, sérvios, croatas, etc. e acima de tudo aquela excrescência desses cogumelos presentes em toda parte — judeus e mais judeus” (Hitler, 1983, p. 28).

Segundo Carneiro (2005), os judeus sofreram represálias como: afastamento social, econômico e político alemão; foram proibidos de frequentar diversos lugares; não podiam atuar profissionalmente e eram espancados, frequentemente, em praças públicas. Além disso, qualquer tipo de arte ou cultura judaica foi banida das escolas, bibliotecas e museus alemães. Em 15 de setembro de 1935, esclarece Neves (2018), o Partido Nazista criou as Leis de Nuremberg. Tais leis visavam a retirada da cidadania alemã dos judeus e proibia alemães e judeus de se casarem ou se relacionarem sexualmente. Pereira, Ana (2015) também menciona que os judeus tiveram sua cidadania retirada pelo partido liderado por Hitler. A perda da cidadania acarreta desproteção, pois “[...] ficar em situação apátrida, sem cidadania e sem nenhum ordenamento jurídico a que possa reclamar; consiste então na perda da própria dignidade humana e com ela vai-se junto o direito a ter direitos” (Pereira, Ana, 2015, p. 14). Pereira, Ana (2015) pautando-se nos estudos de Arendt, esclarece que a dignidade está atrelada

à capacidade que o ser humano tem de viver em conjunto, em sociedade. Nesse caso, o fator que protege a população, como exposto anteriormente, é a garantia de direitos.

De acordo com Neves (2018), no dia 14 de novembro de 1935, as Leis de Nuremberg foram estendidas a outros grupos para impossibilitar que os alemães possuíssem descendentes de “raças suspeitas”. Além disso, “Este conjunto de leis passa legitimar a segregação do povo judaico em todo o território alemão. Ser judeu passou a ser um crime em si. O Partido Nazista promulgou 637 leis Raciais” (Neves, 2018, p. 38).

Entre os ataques ocorridos contra os judeus, merecem destaque os ocorridos em novembro de 1938. Segundo Klemperer<sup>52</sup> (2009), em 9 e 10 de novembro de 1938, aconteceu, por toda a Alemanha, uma sucessão de ataques contra os judeus. Nessa ocasião, sinagogas e lojas pertencentes a eles foram destruídas.

Os eventos desta noite deixaram 1,6 mil sinagogas incendiadas na Alemanha, tendo ainda como saldo a ida de 30 mil judeus para os campos de concentração. Na noite de 9 de novembro de 1938, ao que parece, 91 judeus foram mortos, em um período de 24 horas de violência contra um patrimônio e uma cultura (Balbino, 2016, p. 162).

De acordo com Klemperer (2009) e Balbino (2016), a onda de violência ficou conhecida como *Kristallnacht*, também chamada, devido aos vidros quebrados das lojas e sinagogas que cobriam as ruas do país posteriormente aos ataques, de *Noite dos Cristais*. Klemperer (2009) esclarece que o *pogrom* (chacina de judeus) foi motivado pela morte do secretário da embaixada alemã em Paris, Ernst von Rath. O homem foi morto por Herschel Grünsparn, filho de judeus deportados da Alemanha para Polônia em 1938. Na ocasião, Grünsparn buscava chamar a atenção do mundo para o problema judeu que ocorria na Alemanha. Além da vingança realizada por meio dos ataques contra os judeus, Grünsparn foi preso pelos nazistas em 1940 e encaminhado para um campo de extermínio, onde morreu em 1942.

---

<sup>52</sup> Klemperer era alemão e judeu. Aos 16 anos, em 1898, passou a registrar suas memórias em diários. Tais memórias foram escritas em mais de quatro mil páginas (Klemperer, 2009).

**Figura 6** — Fotografia da sinagoga destruída durante a *Noite dos Cristais*



**Fonte:** Arquivo Fotográfico do *United States Holocaust Memorial Museum (USHMM)*, Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/photo/synagogue-destroyed-during-kristallnacht>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Muitos judeus eram encaminhados para guetos. Os guetos, de forma geral, segundo Wacquant (2004), eram considerados áreas restritas, feitas para receber grupos específicos e estigmatizados que possuíam a mesma cultura. Nesta tese, tornam-se relevantes os guetos que abrigavam judeus. O isolamento nos guetos não era apenas social, mas também moral. Implicava na restrição de oportunidades de vida dos integrantes desses grupos.

Os primeiros guetos, segundo Caon (2019), surgiram como fruto da relação entre judeus e a República de Veneza. Em 1516, o senado veneziano estabeleceu limites espaciais, uma ilha chamada de *Ghetto Nuovo*, para os judeus exercerem sua cidadania. Nessa época, os guetos eram impostos pelo Estado, mas, apesar de tudo, ofereciam estabilidade e segurança aos judeus. Sobre os primeiros guetos, Wacquant (2004) afirma que se tratava de uma organização social que usava seu espaço para atingir dois objetivos contraditórios. Um deles estava ligado a fins econômicos, objetivando aumentar os lucros vindos de um grupo visto como perverso e de moral duvidosa. O outro objetivo estava vinculado ao isolamento. A restrição do contato íntimo entre os membros visava impedir a ameaça de contaminação e de corrosão simbólica. O autor elenca quatro elementos que constituíam os guetos: o limite, o estigma, o encapsulamento institucional e o confinamento social.

Caon (2019) relata que, em 1869, de acordo com o censo, 2.415 judeus viviam em Veneza: os mais pobres, 64% viviam no *Ghetto*; enquanto os mais ricos, 23%, moravam em São

Marcos<sup>53</sup>. Até às vésperas da Segunda Grande Guerra, 3.000 judeus formavam a comunidade judaica da cidade. Após o armistício, em setembro de 1943, os alemães ocuparam a cidade. Mais de 100 judeus foram presos na noite de 5 de setembro pela polícia nazista. A caça aos judeus prosseguiu e, ao final da guerra, a comunidade judaica veneziana era formada por apenas 1.000 judeus. Abraham (1992) esclarece que, durante o Holocausto, os guetos foram formados pelos nazistas para isolar os judeus. Além do isolamento, nesses lugares, os nazistas buscavam fragilizar os judeus antes de enviá-los para os campos de concentração. A falta de comida e de suprimentos básicos enfraquecia e acelerava a desintegração física dos judeus. Milhares morriam nesse processo de enfraquecimento fisiológico. Estima-se que, até a primeira deportação em junho de 1942, 100.000 pessoas morreram de inanição no Gueto de Varsóvia.

No gueto, a distância entre as classes é a morte. Simplesmente manter-se vivo significava fechar os olhos à destituição e agonia das outras pessoas. Os pobres morriam primeiro e em levas. Da mesma forma, os sem talento, os mansos, os ingênuos, os honestos, os sem iniciativa. Desde o primeiro dia, com massas de pessoas entulhadas num espaço que comportaria não mais que um terço do seu número, com rações de comida calculadas para produzir a decadência física e espiritual, com fontes de renda virtualmente inexistentes, as epidemias grassando e os remédios em falta, a vida no gueto virava um jogo sem gols onde a sobrevivência era o prêmio mais cobiçado, o único prêmio que realmente contava. Raramente foi tão alto o preço da compaixão. Raramente a simples preocupação com a sobrevivência esteve tão perto da corrupção moral (Bauman, 1998, p. 172).

Após a exclusão social, de acordo com Carneiro (2005) e Balbino (2016), os judeus eram encaminhados para campos de concentração. Segundo Balbino (2016), os campos foram construídos com o objetivo de exterminar os inimigos dos nazistas, pois pretendia-se atingir a “solução final” (Balbino, 2016, p. 158) para eliminar os judeus das terras alemãs. Carneiro (2005) acrescenta que muitos judeus eram utilizados, nos campos de concentração, para a realização de experimentos médicos. De acordo com os dois autores, para exterminar o povo judeu de forma mais rápida, os nazistas encaminhavam essas pessoas para câmaras de gás. A fim de conduzir os judeus até o local, os nazistas diziam que os levariam para um banho de desinfecção. Depois de mortos, segundo Carneiro (2005), os corpos dos judeus eram queimados e enterrados em grandes valas coletivas. Abraham (1992) salienta que, após exterminar os judeus, as empresas alemãs compravam os restos mortais das vítimas, como: dentes e alianças de ouro, óculos, sapatos e roupas. Além disso, cabelos eram comprados para serem utilizados na produção de estofamentos e ossos moídos para serem inseridos na fertilização de plantações.

---

<sup>53</sup> São Marcos é o menor e mais antigo distrito de Veneza, ele recebeu este nome por causa do santo considerado como seu padroeiro. Por ser o local que mais recebe visitas de turistas, o distrito é conhecido como o coração veneziano. Lá, encontra-se a Praça de São Marcos, o Campanile (edifício mais alto de Veneza), o Palácio Ducal, o Museu Correr e a Basílica de São Marcos. Disponível em: <https://www.tudosobreveneza.com/san-marco>. Acesso em: 06 de mai. 2024.

Em síntese, comercializava-se tudo o que podia ser aproveitado de alguma forma para gerar lucros às empresas germânicas.

**Figura 7** — Fotografia dos corpos descobertos pelas tropas americanas durante uma inspeção, em abril de 1945, ao campo de concentração de Buchenwald, na Alemanha



**Fonte:** Arquivo Fotográfico do *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/buchenwald-photographs>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Coggiola (2015) relata que, além de serem mortos, os judeus serviam como mão de obra escrava para os nazistas. A empresa IG Farbenindustrie, por exemplo, instalou, no terceiro campo de Auschwitz, uma fábrica que produzia borracha sintética; 25 mil dos 35 mil detidos que trabalharam nessa fábrica morreram. Segundo o autor, essa mesma empresa utilizou seu truste químico para produzir o Zyklon B, gás usado para exterminar as vítimas nas câmaras de gás.

A chamada *Solução Final*: o uso de câmaras de gás para matar os judeus, foi colocada em prática, segundo Coggiola (2015), em 1942. A partir desse ano, o extermínio foi a prioridade dos nazistas. Os esforços nazistas estavam tão concentrados em exterminar os judeus, que a malha ferroviária foi adaptada para tornar mais ágil a evacuação daqueles que viviam nos guetos. Essa modificação nas linhas férreas prejudicava, inclusive, a movimentação e a resistência do Exército alemão. Porém, Hitler não se importava com isso, desde que conseguisse eliminar os judeus. “Na perspectiva de Hitler, se a guerra não pudesse ser ganha, era preciso ao menos eliminar os judeus da face da Europa (já que não do mundo)” (Coggiola, 2015, p. 86).

O uso de câmaras de gás não serviu somente para acelerar a matança ou torná-la mais prática, mas também fez com que o massacre se tornasse mais impessoal. De acordo com Bauman (1998), para os nazistas, o método de matar as vítimas com metralhadoras fazia com que os atiradores relacionassem o ato de atirar com o ato de matar. Nesse sentido, os administradores do genocídio buscaram uma forma que fosse menos primitiva, mais eficiente e menos perigosa para a moral daqueles que eram encarregados de executar as vítimas. “O aumento da distância física e/ou psíquica entre o ato e suas consequências produz mais do que a suspensão da inibição moral; anula o significado moral do ato e todo conflito entre o padrão social de decência moral e a imoralidade das consequências sociais do ato” (Bauman, 1998, p. 45). Os nazistas buscaram encontrar uma maneira de separar os executores das vítimas.

As primeiras câmaras de gás foram inventadas para facilitar o processo de extermínio. Para Bauman (1998, p. 46), as câmaras de gás “[...] reduziram o papel do matador ao de ‘funcionário sanitário’ que deve esvaziar um saco de ‘desinfetantes químicos’ por uma abertura no teto de um prédio cujo interior não o estimulavam a visitar”. Muitos judeus foram mortos pelos nazistas sob o pretexto de que, vivos, estavam passando fome nos guetos. Desse modo, a exploração e a fome vivenciadas pelos judeus eram utilizadas como pretexto para um falso humanitarismo, que visava camuflar o tratamento desumano a que eram submetidos. Nos dizeres de Bauman (1998, p. 221), “[...] o assassinato parecia um ato de misericórdia — com efeito, uma manifestação humanitária”.

Além do campo de Auschwitz, mencionado anteriormente, outros campos de concentração foram construídos. Neles, milhares de pessoas realizaram trabalho escravo<sup>54</sup> e foram mortas. A seguir, são abordados detalhes sobre alguns campos de concentração criados durante o Holocausto e que são abordados durante a narrativa e no posfácio de *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018).

---

<sup>54</sup> “A escravização dos judeus nunca foi objetivo dos nazistas. Mesmo que o assassinato em massa não tenha sido pensado desde o início como fim último, a situação que os nazistas queriam criar era de total *Entfernung* — a efetiva remoção dos judeus do mundo e da vida dos germânicos. Hitler e seus seguidores não tinham uso para os serviços que os judeus podiam oferecer, mesmo como trabalhadores escravos” (Bauman, 1998, p. 145).

### 2.1.3 Campos de Concentração

Em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), foram mencionados alguns campos de concentração. O campo de Westerbork foi citado durante a narrativa de Anne. Já os demais foram referidos nas últimas páginas do diário em quadrinhos quando Folman e Polonsky relatam o que houve com cada personagem após a descoberta do Anexo Secreto. Os autores citam os campos de: Auschwitz, Bergen-Belsen, Buchenwald, Maauthausen, Neuengamme, Sachsenhausen e Theresienstadt. Na sequência, em ordem alfabética, estão relatadas informações sobre esses campos.

**Figura 8** — Mapa dos principais campos de concentração estabelecidos pelos nazistas em janeiro de 1944



**Fonte:** Arquivo Fotográfico do *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/gallery/auschwitz-camp-complex-maps>. Acesso em: 14 fev. 2021.

O maior complexo de campos de concentração criado pelos nazistas foi o de Auschwitz<sup>55</sup>. O complexo era dividido em três campos principais: Auschwitz I, Auschwitz II (conhecido como Auschwitz-Birkenau) e Auschwitz III (conhecido como Auschwitz-Monowitz). Os três foram construídos próximos à cidade de Oswiecim, na Polônia. O processo

<sup>55</sup> As informações sobre o campo de Auschwitz foram baseadas em dados presentes no *site United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/auschwitz>. Acesso em: 20 fev. 2021.

de construção de Auschwitz I foi iniciado em maio de 1940. Os prisioneiros foram obrigados a construir o campo. Os primeiros prisioneiros a chegarem lá eram alemães e poloneses. Os alemães haviam sido transferidos de Sachsenhausen e estavam presos por infração criminal recorrente. Já os poloneses eram presos políticos vindos de Dachau e de Tarnów. Uma área de aproximadamente 40 quilômetros quadrados foi reservada para o desenvolvimento do campo.

A criação do campo girou em torno de três finalidades: (1) aprisionar aqueles que eram vistos como inimigos pelos nazistas; (2) ter à disposição mão de obra escrava que trabalharia em construções e na produção de armas e artigos de guerra; e (3) servir de local de extermínio de determinados grupos. Inicialmente, uma câmara de gás provisória foi construída. No entanto, logo uma câmara maior e permanente foi instalada e ligada a um crematório. Em 1941, o gás Zyklon B passou a ser utilizado em todas as câmaras de gás do complexo de Auschwitz. O campo também servia como local para a realização de experimentos médicos. Bebês, pessoas gêmeas e anãs eram obrigados a participar dos experimentos. Além disso, em adultos, eram realizadas esterilizações forçadas e experiências ligadas a hipotermia. Em meio ao quartel e ao crematório, existia uma parede chamada de *Parede Negra*, local onde milhares de prisioneiros eram executados pela polícia nazista. Primo Levi, sobrevivente do Holocausto, relatou sobre Auschwitz:

Viajamos até aqui nos vagões chumbados; vimos partir rumo ao nada nossas mulheres e nossas crianças; nós, feito escravos, marchamos cem vezes, ida e volta, para a nossa fadiga, apagados na alma antes que pela morte anônima. Não voltaremos. Ninguém deve sair daqui; poderia levar ao mundo, junto com a marca gravada na carne, a má nova daquilo que, em Auschwitz, o homem chegou a fazer do homem (Levi, 1988, p. 55).

**Figura 9** — Fotografia da *Parede Negra* localizada em Auschwitz I



**Fonte:** Arquivo Fotográfico do *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/photo/the-black-wall-in-auschwitz-i>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Auschwitz II ou Auschwitz-Birkenau teve sua construção iniciada em outubro de 1941. Entre os campos do complexo de Auschwitz, esse foi o que abrigou o maior número de prisioneiros. Era dividido em seções específicas para homens, mulheres, ciganos e judeus, cercadas por arames farpados eletrificados. O campo também funcionava como local de extermínio, principalmente para o de judeus europeus. Os prisioneiros que chegavam ao campo eram submetidos a um processo de triagem: aqueles com boa saúde eram encaminhados para o trabalho forçado, já outros que apresentavam alguma incapacidade física ou mental eram direcionados imediatamente à câmara de gás. Estima-se que aproximadamente 960.000 judeus foram mortos no campo.

**Figura 10** — Fotografia de corpos de prisioneiros jazidos na neve após libertação do campo de Auschwitz-Birkenau



**Fonte:** Arquivo Fotográfico do *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1144239>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Auschwitz III (também conhecido como Auschwitz-Monowitz ou Buna) foi fundado em outubro de 1942. O campo abrigava prisioneiros que foram enviados até lá para trabalharem em uma fábrica de borracha sintética. No local onde o campo foi fundado, funcionava, desde 1941, uma fábrica de Borracha e combustíveis sintéticos (I.G. Farben). Em um primeiro momento, os prisioneiros de Auschwitz I eram transportados até o terceiro campo para trabalhar. O trajeto era percorrido uma parte a pé e outra parte de trem. Em 1942, os prisioneiros que iam ao campo para trabalhar na Buna passaram a morar lá. A I.G. Farben investiu cerca de 1,4 milhões de dólares na época, no campo de Auschwitz III. Trinta e nove subcampos foram criados entre 1942 e 1944 pelas autoridades de Auschwitz. Os prisioneiros escolhidos em

Auschwitz I para o trabalho escravo eram tatuados com um número de identificação no braço esquerdo e encaminhados para outros lugares do complexo.

**Figura 11** — Fotografia de prisioneiros caminhando em direção à fábrica I.G. Farben em Auschwitz-Monowitz



**Fonte:** Arquivo Fotográfico do *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1142954>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Bergen-Belsen<sup>56</sup> foi construído ao sul das cidades de Bergen e Belsen, na Alemanha, em 1940. Até 1943, o campo servia para aprisionar somente prisioneiros de guerra. Nesse ano, o campo, que até então era chamado de Stalag 311, foi nomeado como Bergen-Belsen e transformado em campo de concentração. O local foi projetado para receber 10.000 pessoas. Porém, até o final da guerra, mais de 60.000 pessoas foram prisioneiras no campo ao mesmo tempo, sendo a maioria judeus. O número alto de prisioneiros foi motivado pela evacuação de outros campos, que ocorria conforme os aliados se aproximavam. Executando as *Marchas da Morte*, os prisioneiros iam de campos como Auschwitz até Bergen-Belsen. As *Marchas da Morte*<sup>57</sup> dizem respeito às longas caminhadas, de até 56 km, que os judeus eram obrigados a percorrer a caminho de um campo de concentração para outro durante o inverno rigoroso, sem

<sup>56</sup> As informações sobre o campo de Bergen-Belsen foram baseadas em dados presentes no *site: United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponíveis em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/bergen-belsen> e <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/bergen-belsen-in-depth-the-camp-complex>. Acesso em: 20 fev. 2021.

<sup>57</sup> As informações sobre as *Marchas da morte* foram baseadas em dados presentes no *site: United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/death-marches-1>. Acesso em: 20 dez. 2020.

estarem agasalhados e, muitas vezes, sem se alimentarem. Eles percorriam o trajeto de um campo para outro a pé; aqueles que não aguentavam a caminhada eram mortos a tiros. As marchas ocorreram pouco tempo antes do final da guerra (1944-1945), quando as forças aliadas cercaram os campos de concentração nazistas. Diante desse fato, os alemães começaram a retirar os prisioneiros dos campos localizados próximos à frente de batalha e encaminhá-los para outros situados no interior da Alemanha.

Em 1944, a população de Bergen-Belsen aumentou, pois o local passou a ser utilizado como campo de recuperação, recebendo prisioneiros de outros campos que estavam doentes. No entanto, no local, os doentes não recebiam atendimento médico. Em 1945, o campo tornou-se exclusivo para o aprisionamento de mulheres. Apesar de a maior parte dos prisioneiros não serem submetidos a trabalhos forçados e do campo não possuir câmaras de gás, a quantidade exorbitante de pessoas gerou um colapso na distribuição de mantimentos e no saneamento do local. Diante disso, morreram 50.000 pessoas vítimas da fome, do cansaço e de doenças como a tifo, que causou a morte de Anne e Margot Frank, no local, em março de 1945. Em 15 de abril, Bergen-Belsen foi evacuado pelos aliados. Ainda restavam 60.000 prisioneiros no campo; a maioria extremamente debilitada.

**Figura 12** — Fotografia da lápide<sup>58</sup> simbólica construída no campo de Bergen-Belsen em homenagem a Anne Frank e sua irmã Margot Frank



**Fonte:** Anne Frank Hause. Disponível em: <https://www.annefrank.org/en/about-us/blog/2019/12/3/afscheid-van-anne/>. Acesso em: 14 fev. 2021.

<sup>58</sup> É um costume judeu que todas as pessoas que visitem um túmulo deixem sobre ele uma pedra. Além de indicar que alguém visitou o túmulo, as pedras demonstram o carinho e apreço dos familiares e amigos do falecido. Desconhecidos também podem deixar pedras sobre os túmulos de judeus como uma forma de homenagear o morto (Pinheiro, 2012).

Construído em 1937, em Ettersberg na Alemanha, a cinco milhas (aproximadamente oito quilômetros) de Weimar<sup>59</sup>, o campo de Buchenwald<sup>60</sup> administrava pelo menos 87 subcampos espalhados por toda a Alemanha. O campo recebia inicialmente somente homens. Em 1944, mulheres também começaram a ser enviadas para o local. Até 1938, o campo era utilizado para aprisionar políticos. Nesse ano, após a *Noite dos Cristais*, 10.000 judeus foram enviados para o campo. Em 1941, foram iniciados, lá, experimentos médicos involuntários, que levaram centenas de pessoas à morte. Durante a guerra, os prisioneiros foram submetidos a trabalhos forçados. Um dos principais trabalhos desenvolvidos pelos aprisionados no campo foi a construção do ramal ferroviário que conectou o local aos pátios de carga em Weimar. Tal feito tornou mais ágil o envio de suprimentos de guerra para os soldados nazistas. Os prisioneiros foram libertos em 11 de abril de 1945. Mas, até esse dia, aproximadamente 56.000 deles morreram em Buchenwald.

**Figura 13** — Fotografia de prisioneiros em trabalho forçado construindo as linhas férreas de Weimar-Buchenward



**Fonte:** Arquivo Fotográfico do *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa15055>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Segundo Martins (2016), Mauthausen era situado na Áustria, na cidade de Linz, e abrigava um complexo de campos que servia para aprisionar homens, mulheres e crianças capturados pelos nazistas em territórios ocupados pela Alemanha. Entre os capturados, havia

<sup>59</sup> Cidade onde, após a Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918), uma nova estrutura política alemã foi acordada: juntos, Assembleia e Parlamento influenciariam a república.

<sup>60</sup> As informações sobre o campo de Buchenwald foram baseadas em dados presentes no *site United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/buchenwald>. Acesso em: 20 fev. 2021.

diversos judeus. O complexo ficava localizado nas proximidades de uma pedreira, onde os prisioneiros eram obrigados a trabalhar. Apesar de fracos pela falta de alimentação e exaustos, eram forçados a carregar blocos de granito que chegavam a pesar 80 quilos. Os prisioneiros que não conseguiam cumprir com suas tarefas eram mortos por infrações legais e queimados em crematórios.

Entre os prisioneiros do campo, estava Francisco Boix, que ficou conhecido mundialmente após a libertação do campo em maio de 1945. Boix trabalhou como fotógrafo no campo. O serviço visava identificar prisioneiros e guardas, registrar obras e visitas de oficiais. Boix juntou secretamente, durante o tempo em que permaneceu em Mauthausen, diversos negativos de fotos. Eles ficaram escondidos na casa de uma austríaca que trabalhava no campo servindo refeições para os prisioneiros. Após a libertação do campo, as fotos tornaram-se públicas.

**Figura 14** — Fotografia de prisioneiros em trabalho escravo na pedreira Wiener Graben, em Mauthausen



**Fonte:** Arquivo Fotográfico do *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa19975>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Inicialmente, em 1938, Neuengamme<sup>61</sup> foi construído como um subcampo do campo de concentração Sachsenhausen. Ele foi feito por prisioneiros de Sachsenhausen e ficava localizado no terreno de uma fábrica de tijolos, que os nazistas pretendiam reativar, nas margens do rio Dove-Elba (afluente do rio Elba, em Neuengamme, na Alemanha). Em 1940, o campo

<sup>61</sup> As informações sobre o campo de Neuengamme foram baseadas em dados presentes no *site United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/neuengamme>. Acesso em: 20 fev. 2021.

tornou-se independente. Aproximadamente 105.000 pessoas foram encarceradas até 1945. No local, a alimentação era escassa. Os prisioneiros trabalhavam forçadamente na reforma das fábricas de tijolos e na construção de canais entre os rios Dove e Elba.

Devido à falta de recursos para higiene, vários prisioneiros morreram no campo vítimas de doenças como a tifo, a pneumonia e a tuberculose. Além disso, muitos presos eram espancados e torturados. Assim como em outros campos, eram obrigados a utilizar um uniforme listrado para sua identificação. Em 1942, foi construído no campo um crematório (visível ao fundo da figura 15), onde os corpos dos prisioneiros mortos eram queimados. No campo, também ocorriam diversos experimentos médicos, entre eles, a busca pelo combate à tifo. Em 1944, 20 crianças judias foram levadas de Auschwitz até Neuengamme para serem cobaias na utilização de drogas, produzidas para o combate da tuberculose, desenvolvidas por Kurt Heissmayer, médico nazista. Todas as crianças foram mortas para que não restassem vestígios do crime.

Perto do fim da guerra, o inverno fez com que o número de mortes no campo se tornasse ainda maior. Somente em fevereiro de 1945, foram contabilizadas 2.500 mortes. Quando os britânicos se aproximaram do campo, os nazistas começaram a encaminhar os prisioneiros para subcampos. Até o dia 30 de abril, o campo estava completamente vazio. No dia 4 de maio, as forças britânicas chegaram a Neuengamme. Estima-se que um total de 50.000 pessoas perderam suas vidas nesse campo de concentração.

**Figura 15** — Fotografia do campo de concentração Neuengamme



**Fonte:** Arquivo Fotográfico do *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/gallery/neuengamme-photographs>. Acesso em: 14 fev. 2021.

O campo de concentração Sachsenhausen, nos dizeres de Clímaco, Carvalho, Ninhos, Rosas e Schaefer (2021), fica localizado na cidade de Oranienburg, na Alemanha. Ele foi arquitetado em 1936 sob o comando de Heinrich Himmler, chefe da *Gestapo* (polícia secreta

nazista) e intitulado inicialmente como campo de concentração de Oranienburgo. Sua localidade era privilegiada, ficando a apenas 40 minutos de Berlim. Nele, funcionava a *Inspektion der Konzentrationslager* (Inspeção de Campos de Concentração) de onde saíam as ordens destinadas aos demais campos. De 1936 até 1945, aproximadamente, 150.000 pessoas morreram no local das mais variadas causas: fuzilamento, trabalho forçado, desnutrição, envenenamento por gás e experiências médicas fracassadas. Santos<sup>62</sup> (2014) realizou uma visita ao campo de concentração que, hoje, está desativado e aberto ao público. A respeito dos experimentos médicos, a autora relata:

Descendo as escadas do balcão que abrigava a cozinha e o banheiro, o destino era a macabra sala de experimentos médicos. O aposento era composto por frias mesas de azulejo branco, onde os prisioneiros eram submetidos a todos os tipos de atrocidades e loucuras dos médicos nazistas. Muitos deles foram dissecados ainda vivos durante os experimentos. Os prisioneiros que morriam nos procedimentos médicos eram jogados nas fossas coletivas, onde no mínimo 50 corpos eram sepultados juntos. Na parte de fora do campo, a céu aberto, ficavam os restos dos crematórios onde milhares de pessoas foram queimadas (Santos, 2014, p. 69).

De acordo com a autora, os comandantes nazistas moravam no campo de Sachsenhausen. Em frente aos aposentos dos oficiais, havia um bar; e, próximo ao campo, funcionava um local<sup>63</sup> onde prisioneiras eram escravizadas para fins sexuais. Isto é, após cometerem diversas atrocidades durante o dia, à noite, enquanto milhares de prisioneiros morriam de fome, os oficiais se divertiam no bar e exploravam sexualmente as prisioneiras judias.

Segundo Clímaco, Carvalho, Ninhos, Rosas e Schaefer (2021), o campo ficou sob o domínio alemão até 1945, quando foi tomado pelas tropas soviéticas. Lá, os soviéticos prendiam e torturavam seus prisioneiros de guerra e opositores. Em 1950, as atividades no campo foram encerradas definitivamente.

---

<sup>62</sup> A fonte trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso, optamos por sua menção por apresentar um relato de viagem que traz descrições relevantes a respeito do campo de Sachsenhausen.

<sup>63</sup> Robert Sommer, autor de "Das KZ-Bordell", é conhecido por suas pesquisas sobre os bordéis em campos de concentração. De acordo com uma matéria publicada pelo *site gl*, Sommer relatou em seu livro que os bordéis, além de serem locais onde os guardas nazistas iam em busca de diversão, eram utilizados como incentivo para aumentar a produtividade dos prisioneiros homens. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL1343845-7084,00-NAZISTAS+USAVAM+ESCRAVAS+SEXUAIS+NOS+CAMPOS+DIZ+LIVRO.html>. Acesso em: 24 out. 2021.

**Figura 16** — Fotografia de prisioneiros no campo de Sachsenhausen



**Fonte:** Arquivo Fotográfico do *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/photo/prisoners-in-the-sachsenhausen-camp>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Segundo Fernandes, Luciane (2016), o campo de Theresienstadt, mais conhecido como Terezín, foi uma cidade-fortaleza construída em 1780, na República Tcheca, pelo Imperador da Áustria José II, que homenageou sua mãe, Maria Theresa, ao nomear a cidade. Por ser próxima a Praga e possuir fortificação adequada, a cidade foi escolhida pelos nazistas para ser transformada no que eles diziam ser um gueto para judeus; mas, na verdade, era um campo de concentração. Em 10 de junho de 1940, a cidade foi invadida pela *Gestapo* e o campo renomeado como Theresienstadt. Inicialmente, judeus alemães, que atuaram na Primeira Grande Guerra e judeus famosos (cientistas e artistas) foram levados para o campo. Porém, não tardou para que toda a população judaica da cidade e de toda a vizinhança fosse encaminhada para lá. A cidade foi construída para abrigar 7.000 pessoas, mas recebeu cerca de 60.000 prisioneiros. Até 1945, aproximadamente 144.000 pessoas foram detidas. As condições de vida no local eram precárias.

De acordo com Fernandes, João (2012), a taxa de mortalidade era elevada em Theresienstadt. A tifo e a disenteria eram doenças comuns entre os prisioneiros. A falta de alimentação adequada, os trabalhos forçados, a tortura realizada pelos guardas e a execução eram as principais causas das mortes dos prisioneiros. Em 1944, o campo recebeu uma visita do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (movimento humanitário). Nessa ocasião, os

nazistas buscaram negar a superlotação no campo e esconder as reais condições de vida de quem, ali, vivia.

Para iludir o mundo e negar o sobrepovoamento, deportaram-se residentes para campos como Auschwitz; criaram-se espaços verdes; simularam-se instalações médicas e sanitárias; encenou-se uma vida urbana de qualidade com espaços públicos de encontro e convívio, cafés e escolas. Como complemento, produziu-se um filme<sup>64</sup> de encenação daquele que seria um modelo do modo como o regime hitleriano deslocou mas, ao mesmo tempo, devolveu um espaço livre e de qualidade à comunidade judaica. Depois das filmagens desta paisagem falsa, a maior parte dos figurantes foi deportada para Auschwitz (Fernandes, João, p. 190, 2012).

Após o fim da guerra, o campo tornou-se território de peregrinação. Em 1945, corpos das vítimas foram exumados e sepultados no Cemitério Nacional, localizado na entrada da cidade.

**Figura 17** — Fotografia do filme *Der Fuehrer Schenkt den Juden eine Stadt* (O Fuehrer dá aos judeus uma cidade)



**Fonte:** Arquivo Fotográfico do *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1144024>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Como foi possível observar, os campos de concentração foram construídos em diversos países. O Holocausto dos judeus tomou grandes proporções, não ocorrendo somente na Alemanha, mas também se alastrando por toda a Europa. Coggiola (2015) aponta a quantidade de judeus mortos durante o Holocausto:

<sup>64</sup> Cenas do filme produzido pelos alemães nazistas podem ser acessadas no *site* do *United States Holocaust Memorial Museum* (USHMM), Washington DC, Estados Unidos. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn1000172>. Acesso em: 3 mar. 2021.

[...] três milhões de judeus foram assassinados em campos de extermínio, 700 mil em caminhonetes (por inalação de gás carbônico), 1,3 milhão foi fuzilado pelas SS, pela polícia, por milícias auxiliares ou até por colaboradores locais das tropas alemãs. Um milhão morreu de fome, doenças ou brutalidades em guetos e campos de concentração nos territórios ocupados (Coggiola, 2015, p. 89).

No final da guerra, esse número equivalia a 65% da população judaica da Europa, que totalizava 9,4 milhões de pessoas antes do extermínio, e a 40% da mundial, cerca de 16,7 milhões de pessoas.

Em 23 de junho de 1944, os soldados soviéticos invadiram o campo de Majdanek na Polônia e libertaram os primeiros judeus. No ano seguinte, em 27 de janeiro, os soviéticos libertaram os prisioneiros de Auschwitz. Aos poucos, tropas americanas, canadenses, francesas e britânicas libertaram os prisioneiros de outros campos de concentração, colocando, dessa forma, fim ao aprisionamento dos judeus.

## 2.2 ANNE FRANK NOS QUADRINHOS: O ENREDO

Durante o Holocausto dos judeus, várias famílias judias tentaram buscar refúgio em países onde não estava ocorrendo o antissemitismo. A família de Anne Frank<sup>65</sup>, por exemplo, fugiu da Alemanha, refugiando-se em um esconderijo secreto (Anexo Secreto) por dois anos. Tal esconderijo ficava localizado nos fundos do prédio da empresa de Otto Frank, pai de Anne, em Amsterdã, na Holanda.

Após um tempo, a família “van Daan” e o senhor Albert Dussel também buscaram refúgio no esconderijo e uniram-se à família “Frank”. Desse modo, o grupo de refugiados era composto, ao todo, por oito pessoas: Anne Frank, Margot Frank, Otto Frank, Edith Frank, Peter Van Daan, Auguste Van Daan, Hermann Van Daan e Albert Dussel. No início do diário em quadrinhos, as personagens são apresentadas aos leitores.

---

<sup>65</sup> A fonte dos dados sobre a família “Frank” e os demais moradores do Anexo Secreto foi a página oficial *Anne Frank House*. (Disponível em: <https://www.annefrank.org/en/>. Acesso em: 20 jun. 2020).

## Fragmento 2.1 — Apresentação das personagens

### APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS

Como aparecem no Diário e seus nomes verdadeiros

#### A família Frank



Anne Frank



Margot Frank –  
irmã de Anne  
(três anos mais velha)



Otto Frank (“Pim”)  
– pai de Anne



Edith Frank –  
mãe de Anne

#### Os outros moradores



Peter van Daan  
= Peter van Pels



Auguste van Daan  
 (“Madame”) =  
Augusta van Pels –  
mãe de Peter

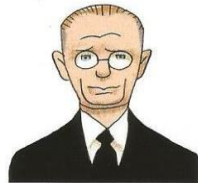


Hermann van Daan =  
Herman van Pels –  
pai de Peter



Albert Dussel  
(o dentista) =  
Fritz Pfeffer

#### Os que ajudaram



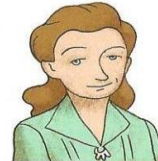
Jo Kleiman – contador  
na Opekta e na  
Pectacon, as empresas  
de Otto Frank



Victor Kugler –  
empregado da Opekta



Bep Voskuijl  
– secretária na  
Opekta e filha do  
empregado Johan  
Voskuijl



Miep Gies –  
secretária de  
Otto Frank



Jan Gies – marido  
de Miep



Johan Voskuijl –  
pai de Bep e  
administrador do  
depósito na Opekta

Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 7).

Como é possível observar no fragmento 2.1, além dos oito moradores do Anexo, outras seis personagens são apresentadas aos leitores no início da trama. As seis personagens são: Jo Kleiman, Victor Kugler, Bep Voskuijl, Miep Gies, Jan Gies, Johan Voskuijl, pessoas que ajudaram os moradores do Anexo a sobreviverem durante o período em que ficaram confinados.

Antes de ir morar no Anexo Secreto, Anne ganhou de presente, em seu aniversário, um diário, o qual nomeou como Kitty. Durante os dois anos de confinamento, a garota relatou em seu diário todos os momentos vivenciados por ela. Assim como se iniciou o diário em prosa, Folman e Polonsky iniciaram o diário em quadrinhos retomando o dia 12 de junho, data em que Anne comemorou seu décimo terceiro aniversário e ganhou o diário.

Após retomar o dia de seu aniversário, a garota apresentou sua família dizendo que tinha pais amorosos e uma irmã de dezesseis anos. De acordo com ela, suas melhores amigas eram Hanneli e Jacqueline. No entanto, como já exposto, Anne ressaltou que nunca teve uma amiga de verdade. Em seguida, a personagem relatou o início do antissemitismo na Alemanha e como isso afetou a vida de sua família. Devido à ameaça nazista, em 1933, Otto se mudou para Amsterdã, na Holanda, onde se estabeleceu financeiramente, assumindo a direção da Opeka, uma empresa que fabricava estabilizantes para geleias. Pouco tempo depois, Edith e Margot juntaram-se a Otto no país. Anne afirmou que, nesse período, ficou morando com sua avó na Alemanha, mas logo se reuniu com sua família em Amsterdã. A personagem descreveu sobre como, aos poucos, os judeus tiveram todos seus direitos tomados.

Anne chegou à Holanda quando tinha cinco anos. Lá, frequentou a escola e fez várias amizades. Porém, não tardou para que o antissemitismo chegasse ao país. Então, Otto, buscando proteger sua esposa e suas filhas, mudou-se com elas para um esconderijo que ficava nos fundos de sua empresa. Anne relatou que o local era pouco espaçoso e que, mesmo diante do pouco espaço, em um ato solidário, seu pai permitiu que outra família judia fosse morar com eles, a família “van Daan”.

Durante a trama, Anne Frank discorreu sobre sua relação com a família “van Daan”. Por meio de seus relatos, ficam perceptíveis a relação conflituosa que Anne estabeleceu com a senhora van Daan e o quanto Peter van Daan foi uma ótima companhia para ela durante o período de isolamento. Anne também discorreu sobre o relacionamento que mantinha com sua família. Observa-se que ela “nutria” uma admiração muito grande pelo pai, tinha algumas desavenças com a mãe e não gostava de ser comparada com sua irmã. Apesar das diferenças existentes, de um lado, entre ela e sua mãe e, de outro, entre ela e Margot, Anne amava sua família e importava-se com o bem-estar de todos.

No diário em quadrinhos, Anne ainda narrou sobre como a alimentação dos moradores do Anexo era escassa. Além disso, em diversos momentos da narrativa, ela abordou fatos relacionados à guerra, como os conflitos que geravam medo na população. A forma como a garota se preocupava com as pessoas que estavam desprotegidas perpassa todo o diário em quadrinhos. Anne costumava olhar para a rua pela janela do Anexo e, muitas vezes, ficava chocada com o que via. Ela afirmou que, durante a escuridão noturna, era possível ver crianças, bebês, pessoas idosas e enfermas, chorando e sendo forçadas a andarem em fila. De acordo com a menina, elas estavam marchando em direção à morte.

A fala de Anne, nesse caso, evoca, de certa forma, os acontecimentos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, chamados de *Marchas da Morte*, mencionados em “2.1.3 Campos

de Concentração (p. 71-82)”. No posfácio do diário em quadrinhos, Folman e Polonsky (2018) esclarecem que, no dia 4 de agosto de 1944, as tropas nazistas descobriram o Anexo Secreto. Os moradores do Anexo foram presos em uma prisão de Amsterdã. Posteriormente, foram levados para o campo de triagem dos judeus chamado Westerbork, na Holanda; e, em 3 de setembro de 1944, foram deportados, chegando, três dias depois, ao campo de concentração de Auschwitz, na Polônia.

Folman e Polonsky (2018) relatam que quase todos os moradores do Anexo faleceram, exceto Otto. Edith Frank, mãe de Anne, morreu de fome e exaustão no dia 6 de janeiro de 1945, em Auschwitz-Birkenau. Anne e sua irmã Margot foram levadas, no fim de outubro, de Auschwitz para o campo de concentração Bergen-Belsen, e, lá, morreram. Acredita-se que a epidemia de tifo que irrompeu entre 1944 e 1945 foi a causa da morte das irmãs. Estima-se, segundo os autores, que Anne faleceu entre o final de fevereiro e início de março e que provavelmente as duas irmãs foram enterradas em valas feitas no próprio campo de concentração onde faleceram.

Otto Frank, pai de Anne, foi o único morador do Anexo Secreto que sobreviveu aos horrores do Holocausto. De acordo com Folman e Polonsky (2018), Otto, que estava em Auschwitz, foi repatriado a Amsterdã após o campo de concentração ser libertado pelas tropas russas. Ele chegou a Amsterdã em 3 de junho de 1945. E lá permaneceu até 1953, quando se mudou para a Basileia, na Suíça. Após obter o diário de Anne, Otto decidiu publicá-lo em 1947, dando origem à obra *O diário de Anne Frank* (Frank, 1947). Em 2017, setenta anos após a primeira publicação da obra em prosa, a pedido da Fundação Anne Frank, a recriação do diário de Anne foi publicada no formato de novela gráfica.

A leitura do diário em quadrinhos permite múltiplos sentidos. Há efeitos de sentido diferentes para leitores diversos. Por exemplo, os autores se posicionaram como leitores e recriaram a história a partir de suas perspectivas. Um dos efeitos de sentido possíveis de leitura é que, nessa perspectiva trazida pelos autores, temos a impressão de ser a própria Anne Frank a criadora do diário em quadrinhos. Além disso, os autores utilizaram estratégias diferentes das utilizadas no diário de Anne em prosa para construir a narrativa. Nesse caso, é relevante evidenciar a diferença existente entre “história narrada” e “história construída”. De acordo com Franco Júnior (2009), a “história narrada” é o que se conta, é a exposição de uma sequência de acontecimentos ocorridos: a menção à temática, a contextualização da época e local em que ocorrem os fatos, a apresentação das personagens envolvidas na trama etc. Um exemplo de história narrada é o resumo sobre os escritos de Anne Frank feito acima. Já a “história construída” é a forma como se conta os fatos. São os recursos e estratégias utilizadas para se

contar uma história: a maneira como as personagens são construídas, o tipo do foco narrativo, o tempo verbal em que a narração é feita etc.

Tendo isso em vista, observa-se distinções entre o diário de Anne em prosa e o em quadrinhos quanto à “história construída”. No diário em prosa, a estratégia escolhida visou a priorização da linguagem verbal. Por outro lado, no diário em quadrinhos, optou-se pela utilização de estratégias pautadas na linguagem quadrinística, portanto trata-se de um outro modo de representar a história. No capítulo seguinte, serão expostas e analisadas as estratégias da linguagem dos quadrinhos utilizadas para construir a narração a respeito da vida da jovem Anne.

### CAPÍTULO 3

## A LINGUAGEM QUADRINÍSTICA NA CONSTITUIÇÃO DE *O DIÁRIO DE ANNE FRANK EM QUADRINHOS*

Neste capítulo, primeiramente abordamos os gêneros do discurso sob a visão bakhtiniana (Bakhtin, 2016), com ênfase nas características do diário. Com base nessas características, apresentamos a constituição do gênero diário em quadrinhos. Aspectos sobre a novela gráfica também são abordados. Em seguida, uma análise é realizada, objetivando compreender como os recursos da linguagem dos quadrinhos foram utilizados na construção dos sentidos de *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018). Os recursos quadrinísticos analisados foram: as legendas, os balões, as personagens, as expressões faciais e gestuais das personagens, o tempo, o espaço, as vinhetas e os cortes.

#### 3.1 GÊNEROS DO DISCURSO

Para Bakhtin (2016)<sup>66</sup>, a linguagem é o ponto de ligação entre os variados campos da atividade humana. A utilização da língua se dá em forma de enunciados<sup>67</sup>. Os enunciados ditos por integrantes de diversos campos da atividade humana são concretos e únicos, orais ou escritos<sup>68</sup>. De acordo com Rodrigues, Rosângela (2001), um dos focos da teoria bakhtiniana é a relação entre linguagem e sociedade e como tal relação reflete na construção dos enunciados e dos gêneros: “[...] essa relação não pode ser vista de uma maneira unilateral ou mecânica, mas como uma inter-relação dinâmica e complexa” (Rodrigues, Rosângela, 2001, p. 8).

A linguagem surge da necessidade de comunicação social. Por isso, além de ser uma expressão do pensamento e um instrumento de comunicação, é uma forma de interação. Na visão bakhtiniana, os enunciados só podem ser formados por uma relação dinâmica com outros enunciados e compreendidos ao serem relacionados à situação social. Porém, o fato de o enunciado ser determinado pela situação social não significa que ele e o discurso refletem de forma passiva a situação extraverbal ou que sejam referentes a algo já acabado. O enunciado “conclui” determinada situação à medida que sempre “cria algo” que não pode ser repetido.

---

<sup>66</sup> O ensaio foi esboçado em 1950 e incluído na coletânea *A estética da criação verbal*, publicada em 2003.

<sup>67</sup> O enunciado “[...] é a unidade concreta e real da comunicação discursiva, dado que o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos e singulares, pertencentes aos sujeitos discursivos de uma ou outra esfera da atividade e comunicação humana. Cada enunciado, dessa forma, constitui-se em um novo acontecimento, um evento único e irrepetível [...]” (Rodrigues, Rosângela, 2001, p.19).

<sup>68</sup> Ressaltamos a existência de enunciados híbridos, com duas ou mais linguagens combinadas.

O enunciado possui as seguintes características: alternância do sujeito discursivo (um falante termina o que objetivava dizer e cede a palavra ao outro), expressividade (expressa a posição dos falantes) e conclusividade (representa a alternância entre os sujeitos do discurso; é quando um falante percebe que o outro concluiu sua fala). Um dos aspectos que assegura a conclusividade do enunciado é a seleção de um gênero do discurso. O gênero é selecionado “[...] pela especificidade da esfera discursiva, pelas considerações do sentido do objeto (ou temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva e pelos seus participantes” (Rodrigues, Rosângela, 2001, p. 38). A escolha do gênero discursivo orienta o falante na construção do discurso e o leitor na interpretação do enunciado.

Todos esses três elementos — o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional — estão indissolavelmente ligados *no conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (Bakhtin, 2016, p. 12).

Em relação ao conteúdo temático, os gêneros, com os propósitos discursivos que carregam, não são indiferentes às especificidades de sua esfera (ou campo). Todo gênero possui um conteúdo temático determinado, um objeto discursivo e uma orientação de sentido relacionada a esse objeto. Sobre a composição que constitui os gêneros, os procedimentos que a formam são determinados para promover a combinação, a disposição, o acabamento do todo discursivo e levar em conta todas as pessoas (autor e participantes) envolvidas na comunicação. Uma das causas dos gêneros serem subestimados como unidades discursivas, na visão bakhtiniana, está vinculada à heterogeneidade de sua dimensão e composição. A terceira dimensão que constitui o gênero é o estilo verbal, isto é, a seleção típica de recursos da língua fraseológicos, lexicais e gramaticais. Um enunciado não pode ser compreendido se sua natureza genérica não foi levada em consideração. Estilo e gênero são inseparáveis, pois, quando se fala a respeito do estilo de um enunciado, fala-se do gênero ao qual ele pertence.

Bakhtin (2016) explica que todos os gêneros podem trazer traços individuais de quem o produz. Entretanto, alguns gêneros não são capazes de refletir a individualidade da mesma maneira que outros. Nesse sentido, os gêneros literários, por seu teor artístico, são os que melhor comportam os aspectos da individualidade do falante. Já os gêneros que possuem formas mais padronizadas, como os documentos, são os que menos incorporam um estilo individual. O estilo e a composição do enunciado são formados pelo aspecto temático e expressivo. Tais aspectos dizem respeito à “[...] atitude subjetiva e valorativa do falante (ou autor) frente ao objeto do discurso e frente aos outros participantes da comunicação discursiva e seus enunciados (emitidos ou pré-figurados) sobre o mesmo tema” (Rodrigues, Rosângela, 2001, p. 45). Essas

atitudes determinam os recursos linguísticos e composicionais que serão utilizados no enunciado. A autora esclarece que, na visão bakhtiniana, os gêneros do discurso são dados aos falantes historicamente e não criados por eles. Os gêneros são constituídos historicamente a partir das situações da vida social relativamente estáveis. Eles são formulados a partir da necessidade de cada esfera social.

Cada esfera social, com sua função sócio-ideológica particular (estética, educacional, jurídica, religiosa etc.) e suas condições concretas específicas (organização socioeconômica, relações sociais entre os participantes da interação, desenvolvimento tecnológico etc.). Historicamente formula na/para a interação verbal determinados gêneros discursivos, que lhes são específicos. Portanto, eles correspondem a situações de interação verbal típicas (mais ou menos estabilizadas e normativas) da comunicação social e como tal, apresentam na sua constituição, a finalidade e as condições da esfera ao qual pertencem (Rodrigues, Rosângela, 2001, p. 49).

Rodrigues, Rosângela (2001) enfatiza a capacidade de atualização do gênero, visto que ele se renova a cada interação verbal. Os enunciados individuais colaboram para que o gênero discursivo exista e continue existindo. A criatividade é inerente ao funcionamento do gênero. Gênero e enunciado possuem um vínculo que só pode ser compreendido a partir de sua relação sócio-histórica. A linguista menciona que, na visão bakhtiniana, apesar da heterogeneidade dos gêneros discursivos que marca as diferenças existentes entre cada um deles, todos possuem um traço em comum: sua natureza verbal. Segundo Bakhtin (2016), as inesgotáveis possibilidades de interação humana tornam infinita a diversidade de gêneros discursivos.

Brait e Pistori (2012) destacam que a noção de gênero discursivo não se reduz somente à caracterização de discurso por meio de três termos: tema, composição e estilo, feita por Bakhtin em *Os gêneros do discurso*, esboçado em 1950. Para comprovar sua afirmação, as autoras analisam, em trabalhos desenvolvidos por Bakhtin e membros do Círculo de Bakhtin, questões a respeito dos gêneros discursivos. Na obra *Problemas da poética de Dostoiévski: um estudo de gênero*, escrita por Bakhtin em 1929, é possível notar que, ao tratar de gêneros, o estudioso não os restringe à literatura nem abandona as questões linguísticas. O parentesco entre os gêneros é determinado pelo seu caráter dialógico interno e externo. Esse caráter deixa transparecer que o conceito de gêneros não se limita à estruturas ou textos, e sim está relacionado ao dialogismo e à maneira humana de viver.

Bakhtin considera a tradição em que o gênero se insere, pois ela permite estudos diacrônicos (gêneros anteriores, aos quais os gêneros se ligam e modificam-se) e sincrônicos (gêneros antecedentes, novas características que definem e difere os gêneros dos antecessores) sobre os gêneros. Ainda mostra a articulação existente entre gênero e discurso, usando o termo “relações dialógicas” para se referir ao discurso. O discurso está relacionado ao discurso do

outro e à compreensão da prosa literária. Já a prosa literária se nutre da fala cotidiana e dos gêneros que a formam. Além disso, Bakhtin aborda o surgimento de novos gêneros, questão que pode ser relacionada aos gêneros próprios das novas formas de comunicação.

De acordo com Brait e Pistori (2012), em *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária* (Bakhtin, 1923/1924), um aspecto abordado pelo autor que contribui para a discussão de gênero é a diferença entre forma composicional e forma arquitetônica. A forma arquitetônica refere-se ao estudo do texto não a partir de sua exterioridade, e sim levando em consideração suas “condições concretas de vida”, suas relações (eu para o outro/o outro para mim) e seu posicionamento dialógico e valorativo. Para o estudo de gênero, deve ser levada em consideração uma concepção de texto que contemple a forma arquitetônica.

De maneira simplificada, pode-se dizer que, diante de um gênero, e dos textos que o constituem, é necessário considerar suas dimensões (interna/externa), de maneira a explicitar as inter-relações dialógicas e valorativas (entoativas, axiológicas) que o caracterizam enquanto possibilidade de compreender a vida, a sociedade, e a elas responder. Esse movimento amplo, e não apenas descritor das estruturas, da forma composicional, visa justamente à **forma arquitetônica** do gênero, do texto, dos textos (Brait; Pistori, 2012, p. 378).

Outro texto de Bakhtin analisado por Brait e Pistori (2012) foi *O discurso no romance* de 1934-1935. Nesse texto, Bakhtin apresenta questões relevantes sobre língua, linguagem e gênero. Para ele, existem forças centrípetas e centrífugas que regem a linguagem. A tensão entre essas forças engloba questões como a unidade e a heterogeneidade de uma língua. Tal fato torna evidente o movimento existente entre unificação, centralização das ideologias verbais, plurilinguismo real e orientação para a unidade. A partir dessas questões de linguagem, o autor entende o romance e os gêneros prosaicos (gêneros ligados ao plurilinguismo, à pluralidade e à plurivocidade, que são formados por forças descentralizadoras). Bakhtin faz considerações sobre os tipos de orientação dialógica do discurso, aprofundando-se em questões ainda não abordadas sobre a linguagem viva do cotidiano. Ao discorrer sobre a estratificação e plurilinguismo no romance, ele aborda os gêneros de forma geral, destacando que os elementos da língua estão unidos às intencionalidades, propósitos do gênero. Esses elementos se adequam às necessidades do gênero do discurso. A estratificação da língua em gêneros se relaciona com estratificação profissional da língua (linguagem utilizada pelos mais diversos profissionais). Essas línguas se diferenciam pelo vocabulário, pela intenção, pela interpretação e pela apreciação concreta. Para o autor, o plurilinguismo no romance diz respeito à intercalação de gêneros.

Brait e Pistori (2012) analisam ainda *O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica* (1928), obra cuja autoria é disputada entre os

membros do Círculo e que foi referida pelas autoras como sendo de Medvedev. No texto, há uma interlocução com os formalistas russos para fundamentar um novo conceito de gênero. Medvedev, diferentemente dos formalistas russos, se contrapõe ao estudo de gênero que considera somente elementos formais da língua e propõe sua compreensão a partir da obra/enunciado completo. “O gênero emerge da totalidade concluída e solucionada do enunciado, que é o ato realizado por sujeitos organizados socialmente de uma determinada maneira. Trata-se de uma totalidade temática, orientada pela realidade circundante, marcada por um tempo e um espaço” (Brait; Pistori, 2012, p. 383).

Para o autor, o gênero se define a partir de uma dupla orientação na realidade, aspecto que reafirma a ideia de que, para compreender o gênero, o tempo, o espaço, as ideologias que orientam e constituem o discurso, os elementos enunciativos, formais e linguísticos, devem ser considerados. O enunciado é produzido em tempos e espaços reais, estabelecendo uma interação entre autor e destinatário. As formas, as estruturas e os conteúdos temáticos que formam o interior dos enunciados permitem que ele ocupe lugar na vida cotidiana, aproximando-se da esfera ideológica. Esses três aspectos são essenciais à ideia bakhtiniana sobre gêneros e não podem ser desvinculados da noção de esfera ideológica que envolve e forma a produção, circulação e recepção de um gênero, ressaltando sua relação com aspectos sociais e culturais. Sobre a dimensão temática, Medvedev aponta que cada gênero pode dominar determinados aspectos da realidade.

Quanto ao conceito de tema, Bakhtin alerta que ele não pode ser confundido com o assunto. “O que está orientado para o tema é o enunciado inteiro como atuação discursiva, a totalidade e suas formas, irredutíveis às formas linguísticas” (Brait, Pistori, 2012, p. 384). O tema possui dupla orientação na realidade, pois a unidade temática da obra não pode ser separada de circunstâncias ligadas ao tempo e ao espaço. Na obra de Medvedev, torna-se evidente, segundo Brait e Pistori (2012, p. 385), que “[...] a realidade do gênero é a realidade social de sua realização no processo da comunicação, ligados de forma estreita ao pensar”.

Por fim, as estudiosas abordam a obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, cuja autoria foi disputada na maioria das edições, exceto na edição de 2010, em que Volóchinov foi considerado o autor. Para ele, as relações de produção e a estrutura sociopolítica advinda dessas relações determinam os contatos verbais entre os indivíduos. As condições, os tipos e as formas de comunicação verbal derivam os temas e as formas de atos de fala. Brait e Pistori (2012, p. 386) resumem os assuntos abordados pelo estudioso em sua obra.

Depois de retomar a palavra como signo ideológico, a interação verbal, o processo real de comunicação, a psicologia do corpo social/a ideologia do cotidiano, discute o

que são os atos de fala, as diferentes formas de discurso que ocorrem na comunicação socioideológica de cada época e de cada grupo social.

O meio ambiente inicial para os atos de fala é a psicologia do corpo social. Essa psicologia se manifesta em vários aspectos da enunciação, na forma de diferentes modos de discurso. Volóchinov elenca que a psicologia do corpo social deve ser estudada, considerando os conteúdos dos temas em determinado tempo e espaço, além dos tipos e das formas de discurso por meio dos quais esses temas são comentados, pensados e formados. Nesse sentido, as ideias do autor se aproximam das ideias de Bakhtin, em *Gêneros do discurso*, e de Medvedev, em *Os elementos da construção artística*. Volóchinov também estabelece relação com os estudos sobre gênero feitos por Medvedev e Bakhtin. Tomando como base a constituição semiótico-ideológica de signo, aponta que deve ser elaborada uma tipologia dos atos de fala. O autor ainda demonstra que a enunciação possui natureza social.

Da ligação entre a língua e o curso da comunicação verbal concreta que se situa sócio-historicamente, decorre a organização metodológica do autor, no qual o gênero se destaca. Volóchinov aborda ainda os pontos em comum de determinada enunciação com meio verbal e extraverbal (assunto também tratado por Medvedev), da relevância das formas composicionais e do auditório. Brait e Pistori (2012) encerram sua análise afirmando que o Círculo, sem ignorar os aspectos formais da língua, sugere uma articulação necessária com a totalidade do enunciado. “O conjunto das obras do Círculo aponta para a ideia de que os gêneros governam os discursos do dia a dia, interiores e exteriores, na medida em que os enunciados, os textos, são formulados segundo princípios genéricos” (Brait; Pistori, 2012, p. 397). Na perspectiva das estudiosas, os gêneros discursivos não se reduzem às combinações de elementos linguísticos ou a uma coleção de dispositivos; os gêneros são modos de pensar. Por meio deles, constrói-se uma maneira específica de representar e enxergar determinada realidade.

Diante do esclarecimento sobre a perspectiva de gênero discursivo, adotada neste trabalho (a de Bakhtin e Círculo), a seguir, são abordadas especificidades do gênero diário e diário em quadrinhos.

### 3.2 DIÁRIO EM QUADRINHOS PUBLICADO NO FORMATO DE NOVELA GRÁFICA

Levando em consideração os estudos de Dominique Maingueneau sobre hipergênero, Ramos (2010) explica que as HQ correspondem a um hipergênero, “um grande rótulo” (Ramos, 2010, p. 20), que engloba vários gêneros discursivos. Alguns desses gêneros são: as charges, os cartuns, as tiras cômicas, as tiras de homenagem, as tiras seriadas, as HQ de aventura, as HQ de terror, as HQ biográficas, as HQ autobiográficas, os diários em quadrinhos, dentre outros.

Todos esses gêneros teriam em comum o uso da linguagem dos quadrinhos para compor um texto narrativo de um contexto sociolinguístico intencional [...]. Quadrinhos seriam, então, um grande rótulo, um hipergênero, que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades (Ramos, 2010, p. 20).

Diante das ideias do autor, percebemos que, além da linguagem quadrinística, a narratividade é um aspecto que une os gêneros das HQ, pois, com exceção da caricatura, são gêneros narrativos.

Sobre *O diário de Anne Frank* (Frank, 1947), publicado em prosa, Azevedo e Martins (2016, p. 112) destacam que “O diário pode-se assumir como uma construção histórico-factual, com diversos registros: jornalístico, confessional (memórias de diário íntimo e memórias de uma autobiografia), através de uma realidade alternativa e ficcional, de diálogos com a sua amiga imaginária Kitty”. Observamos que o texto em prosa está relacionado com os gêneros autobiografia e diário.

Em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), notamos que a HQ apresenta aspectos autobiográficos e biográficos. Lejeune (2008, p. 24) compreende que a autobiografia é “[...] (narrativa que conta a vida do autor) pressupõe que haja identidade de nome entre o autor (cujo nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala”. A partir da relação entre autor, narrador e personagem, surge o “pacto autobiográfico”. Esse pacto é um tipo de contrato de leitura entre autor e leitor.

Lejeune (2008) busca estabelecer relação entre a identificação do autor, narrador e personagem. Tal identificação ocorre por meio do uso do nome próprio e pode ser estabelecido de duas formas:

- 1) A relação entre autor, narrador e personagem pode ocorrer de forma implícita. Apesar de não nomear a personagem, o autor dá indícios (por meio de preâmbulos, prefácios e títulos) que associam o narrador-personagem ao nome do autor presente na capa do livro, deixando subentendido que autor, narrador e personagem são a mesma pessoa.
- 2) A relação entre os três pode ocorrer de forma patente. Nesse caso, o nome do narrador-personagem coincide com o nome do autor presente na capa do livro. Nos dois casos, a

assinatura do autor sustenta o “pacto autobiográfico”. Diante disso, o diário em quadrinhos se aproxima da autobiografia, pois, ao lê-la, temos a impressão de que Anne, além de ser narradora-personagem, é a autora.

Lejeune (2008) informa que tanto a autobiografia, quanto a biografia são textos referenciais por meio dos quais se fornecem informações sobre uma “realidade” que está fora do texto e que está submetida a verificação de sua veracidade. Na biografia, pode existir ou não uma ligação entre autor e narrador por uma relação de identidade. “O importante é que, se o narrador emprega primeira pessoa, nunca é para falar do personagem principal da história: esse é outra pessoa” (Lejeune, 2008, p. 38). Nesse sentido, é possível afirmar que, na biografia, não há relação de identificação entre autor e personagem, por isso, o diário em quadrinhos apresenta aspectos biográficos. Folman e Polonsky o produziram a partir do diário escrito por Anne e publicado por Otto em 1947 e de informações que obtiveram sobre a menina no museu biográfico “Anne Frank House”. Para recriar o diário de Anne, os autores Folman e Polonsky (2018) fizeram escolhas de estratégias. Uma dessas escolhas foi manter Anne como narradora e personagem da trama, estratégia usada para dar o efeito de que seria Anne quem estava narrando sua própria história de vida.

Considerando tais aspectos, neste trabalho, *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018) será tratado como um diário em quadrinhos. Diário em quadrinhos, pois, como será esclarecido a seguir, embora não possua o mesmo autor, narrador e personagem — “[...] critério muito simples, que define, além da autobiografia, todos os outros gêneros da literatura íntima (diário, auto-retrato, auto-ensaio)” (Lejeune, 2008, p. 24) — ele apresenta elementos característicos do gênero em questão por meio da linguagem dos quadrinhos. Diante disso, pretendem destacar as características que compõem o gênero diário.

Destaca-se que Lejeune (2008) faz uso do termo *diarista* para se referir às pessoas que escrevem em diários. Nesta tese, também será utilizado este termo a fim de evitar confusões quando forem mencionados autores de diários e autores citados como embasamento teórico deste texto. De acordo com Lejeune (2008), o diário, além de armazenar memórias, serve para o diarista desabafar, o ajuda a sobreviver, a se conhecer melhor, a resistir aos momentos difíceis, amplia sua capacidade deliberativa, aguça sua capacidade de pensar e o ajuda a melhorar a escrita. Brito (2011) esclarece que a escrita no diário apresenta algumas características marcantes: aspecto secreto, aprisionamento ao calendário e liberdade em relação à forma. Além de servir para armazenar relatos, o diário é, nas palavras de Brito (2011, p. 67) um local em que se pode guardar papéis que contenham conteúdos que sejam importantes para a pessoa.

Um espaço onde o sujeito pode se “colar” em figuras, adesivos, cartazes de filmes, fotos de pessoas famosas e outras nem tão famosas, quadros, pinturas, desenhos, reportagens de jornal e revista, bilhetinhos de amigas/os e até em papéis de bala; em transcrições de letras de música, poesias, versinhos, frases famosas de gente famosa, trechos de livro, cartas recebidas, cartas jamais enviadas, lista de compras, receitas de bolos...

Pozzani e Steffler (2016, p. 9) concordam com essa ideia. Segundo as autoras, além dos textos, os diários “[...] incluem fotos, imagens, figuras, bilhetes, anotações, poesias. São outros gêneros dentro desse gênero”. Segundo Pereira e Silva (2015, p. 270), “O escrevente de diário vê nele um confidente. Expressões como ‘Querido diário’ e outras criadas para direcionarem o tratamento com esse objeto são características do gênero”. Em convergência com a ideia das estudiosas, Pozzani e Steffler (2016) afirmam que, além das datas, é comum que no diário apareçam referências a locais, vocativos, texto escrito em ordem cronológica e a assinatura daquele que relata sobre si. Muitas vezes, atribuem-se apelidos aos diários.

Segundo as duas últimas autoras referidas, o termo “diário” veio do latim *diarium* e tem relação com a palavra “dia”. Lejeune (2008) explica que a história do diário é tão antiga quanto a da humanidade. Pozzani e Steffler (2016) traçam uma linha do tempo sobre os usos do gênero diário. Entre o século XVIII e XIX, os registros em diários ocorriam em virtude da realização de atividades educacionais e religiosas. Durante as atividades vinculadas à educação, as mães acompanhavam o desenvolvimento da escrita de seus filhos por meio da avaliação do que eles escreviam em seus diários. Em relação à atividade religiosa, a escrita em diários era incentivada como uma forma de induzir os fiéis a terem consciência dos pecados cometidos. No século XX, a racionalidade gerada pela modernidade foi um fator instigador para que o sujeito utilizasse o diário para refletir sobre suas atitudes.

Nesse sentido, para Lejeune (2008), devido aos estudos freudianos sobre o consciente e o inconsciente, a escrita em diários tornou-se uma prática de autorreflexão. A escrita em diários é uma atividade desenvolvida, muitas vezes, de forma passageira e é praticada mediante um período de crise, uma viagem ou em determinada fase da vida, principalmente na adolescência. De acordo com Pozzani e Steffler (2016), o gênero diário é apontado por muitos como um gênero restrito às mulheres e aos adolescentes. “Cabe aqui um adendo do porquê dessa prática ser estereotipada como feminina: o fato de que as mulheres têm a necessidade de dar forma a seu mundo através da escrita, em um espaço de isolamento” (Pozzani; Steffler, 2016, p. 10). Já segundo Pereira e Silva (2015), o gênero diário adquiriu essa conotação mais feminina devido à grande quantidade de mulheres que começou a escrever em diários, motivadas pelo surgimento do movimento cultural chamado Romantismo.

Lejeune (2008) afirma que, em um diário, são relatados apenas os fatos mais relevantes para o diarista. Nesse sentido, considera o diário como um “filtro” (Lejeune, 2008, p. 296), pois, entre os inúmeros acontecimentos que ocorreram durante o dia do diarista, ele só relatará um ou dois acontecimentos, geralmente aqueles ligados a fatos mais problemáticos. Segundo Pozzani e Steffler (2016), no diário, diferentemente do que ocorre com a autobiografia, os fatos relatados estão mais ligados ao presente, os fatos são próximos ao momento quando se escreve. Quintero (2016) destaca a importância do tempo no gênero diário, seguindo uma linha de pensamento semelhante à de Pozzani e Steffler (2016). Porém, Quintero (2016) não compara o diário à autobiografia, e sim à biografia e à memória. Nos dizeres da autora, o próprio nome “diário” indica que o texto deve ser escrito diariamente ou com intervalos pequenos de tempo entre a ocorrência dos fatos relatados e o momento do registro. Para Brito (2011), o intervalo entre a ocorrência dos fatos e seus relatos pode durar dias, meses ou até anos.

Um diário é um texto escrito todos os dias, ou pelo menos quase todos os dias. Há os que escrevem com uma disciplina religiosa, sem faltar um dia. Há, também, aqueles que geralmente se desculparam pela ausência justificada e contam os eventos de alguns dias passados. E outros que vão se acostumando, ou se acomodando, a serem menos frequentes, sem tantas culpas, quase como um jeito de ser e fazer. As falhas podem chegar a dias, semanas, meses e até anos, quando se interrompe a escrita e se retoma no futuro. Há pessoas que começam a escrever um diário várias vezes sem conseguir levá-lo adiante. Uma entrada é sempre convite para outra e outra, sucessivamente; o fim pode ser uma escolha variada, um ato programado desde o início, nunca ter sido pensado, ou ocasionado pela morte inesperada (Brito, 2011, p. 67).

De acordo com Quintero (2016), o tempo é o principal elemento que diferencia o diário de outras escritas sobre memória. No diário, as anotações devem ser sincrônicas aos acontecimentos, já as biografias e memórias são escritas a partir de uma visão total dos acontecimentos ocorridos. O autor de biografias e memórias pode informar antecipadamente em que época ocorreu a história narrada nesses textos. Neles, o tempo real dos acontecimentos pode ser distante do tempo em que eles são redigidos. Além disso, por conhecer todos os fatos que serão relatados, o autor não precisa seguir uma sequência linear desses acontecimentos na narrativa. No entanto, graças ao total conhecimento dos eventos que relatara, ele pode construir uma narrativa com início, meio e fim. Do ponto de vista estrutural, essa sequência faz com que biografias e memórias tenham um enredo.

O diário não possui caráter fechado como as biografias e memórias, sendo o tempo complexo. O diarista relata seus dias sem saber como será o desfecho do texto. “À primeira vista, o diário seria o gênero de final aberto por excelência, porque seu desfecho comum é a inconclusão, seja decorrente da decisão do autor de abandonar a escrita, seja por causa de seu falecimento” (Quintero, 2016, p. 36). No caso de Anne Frank, tanto em seu diário pessoal *O diário de Anne Frank* (Frank, 1947), quanto em *O Diário de Anne Frank em quadrinhos*

(Folman; Polonsky, 2018) onde sua história é renarrada, percebemos que a interrupção de sua escrita em seu diário (Kitty) ocorreu devido à invasão da polícia nazista no Anexo Secreto. Ao deixar o local forçadamente, Anne teve que abandonar vários objetos pessoais, entre eles, o diário. Além disso, levá-lo consigo para o campo de concentração ao qual foi encaminhada, representava um risco, visto que ele poderia ser interceptado pelos nazistas e destruído. No campo, Anne não tinha acesso aos materiais necessários para que pudesse dar sequência ao registro de seus dias. Estima-se que, sete meses após ser levada para o campo de concentração, ela faleceu.

Lejeune (2008), Brito (2011), Pereira e Silva (2015), Pozzani e Steffler (2016), Quintero (2016) concordam que os diários comumente possuem marcações cronológicas feitas por meio de datas. Lejeune (2008) ressalta que a datação nos diários é imprescindível: “[...] diário significa uma escrita cotidiana: uma série de vestígios datados” (Lejeune, 2008, p. 84). Quintero (2016) aponta que o diário possui uma marcação interna permanente do tempo presente.

A marcação das datas no início de cada apontamento constitui um sinal explícito da singularidade do tempo do diário, que é uma espécie de presente interno permanente. Afirmamos que o presente do diário é permanente porque apesar de avançarmos na linha cronológica marcada de forma explícita pela datação das entradas, cada vez que lemos uma anotação nova, lemos os acontecimentos desde a perspectiva do tempo presente inerente a essa data. Isto é, apesar de os acontecimentos serem normalmente relatados usando o tempo verbal pretérito, o passado é passado em relação à data específica marcada no início da entrada, e não em relação ao tempo geral de duração de todo o relato do diário. A data que abre cada entrada de diário localiza o leitor em um dia específico que é sempre (ou quase sempre) o “hoje” do autor (Quintero, 2016, p. 36-37).

Segundo a autora, há uma linha temporal permanente formada por cada data que marca o início de uma nova entrada no diário e outra que corresponde ao tempo de duração do diário como um todo. O tempo externo é marcado pelo suspense, pois não se sabe quando será a última vez que o diarista escreverá em seu diário. Trata-se de um tempo descontínuo. Já o tempo interno possui duração bem delimitada, pois é marcado a cada nova entrada. As diversas entradas em um diário marcam uma fragmentação do texto. Diferentemente do que ocorre em biografias e memórias, o diarista não tem a intenção de contar sua vida, e sim relatar momentos específicos de seu cotidiano. As entradas constituem “microrrelatos” (Quintero, 2016, p. 38) independentes em relação às demais. Mesmo que tenham aspectos em comum, como lugares, pessoas e histórias relatadas, cada “microrrelato” possui em sua unidade um tempo e um espaço autônomo dos encontrados em outros “microrrelatos”. Diante disso, quando uma entrada é suprimida, não ocorre prejuízo ao sentido do diário.

A estudiosa considera que o diário é um gênero flexível, porque não há regras rigorosas sobre sua forma e conteúdo. A marcação do tempo por meio de datas e a veracidade das histórias relatadas e das pessoas citadas nessas histórias são os únicos elementos indispensáveis para a existência do diário. O diário dificilmente se sujeita às regras impostas, sendo possível que cada diarista crie seu sistema particular de anotação. Diante disso, notamos que a variedade de diários é tão grande quanto a variedade de diaristas, sendo que esses diaristas podem ser pessoas desconhecidas ou famosas.

Salientam Pozzani e Steffler (2016) afirmam que existem subgêneros, como o diário íntimo e pessoal, o diário de viagem e o diário de bordo, todos eles ligados ao gênero diário. Sobre o diário íntimo, as estudiosas informam tratar-se de um subgênero em que o enunciado é escrito em primeira pessoa do singular, sendo que o protagonista e o narrador são a mesma pessoa. Segundo Quintero (2016), Pozzani e Steffler (2016), o diário íntimo pode conter registros de atividades realizadas, reflexões e pensamentos do diarista.

Diferentemente de Pozzani e Steffler (2016) que salientam existir subgêneros do gênero diário, Quintero (2016) afirma que existem variedades de diários dentro do gênero diário. Essas variedades são os diários autênticos e ficcionais. Os diários autênticos podem ser escritos por pessoas comuns desconhecidas, que não objetivam publicar seu diário ou por pessoas comuns que se tornaram famosas após terem seu diário publicado por alguma razão histórica. Nesse último caso, *O diário de Anne Frank* (Frank, 1947) é mencionado como exemplo pela autora.

Já os diários ficcionais podem ser criados por escritores da literatura. Eles podem ter trechos de diários inseridos dentro de uma obra artística ou obras fictícias feitas inteiramente em formato de diário. Diários como o *Diário de um escritor* de Fiódor Dostoiévski<sup>69</sup> abrigam a maior variedade de formas e conteúdos.

Dentro desse diário, Dostoiévski tratava dos assuntos mais variados da atualidade de seu tempo, mas também teve ali espaço para a publicação de textos literários que ganharam fama como textos independentes, como o caso de *Bobok*, *Uma criatura dócil*, e *O sonho de um homem ridículo*. Por outra parte, no diário Dostoiévski é possível também encontrar uma “teoria estética”, como garante Irineu Franco Perpétuo em sua apresentação à mais recente publicação da obra no Brasil! (Quintero, 2016, p. 49).

Quintero (2016) elenca que, pelo fato de o diarista não possuir um plano artístico, não existe a premeditação de uma linha narrativa. No entanto, essa afirmação só se sustenta em diários escritos por pessoas comuns. Em diários fictícios ou diários de escritores literários,

---

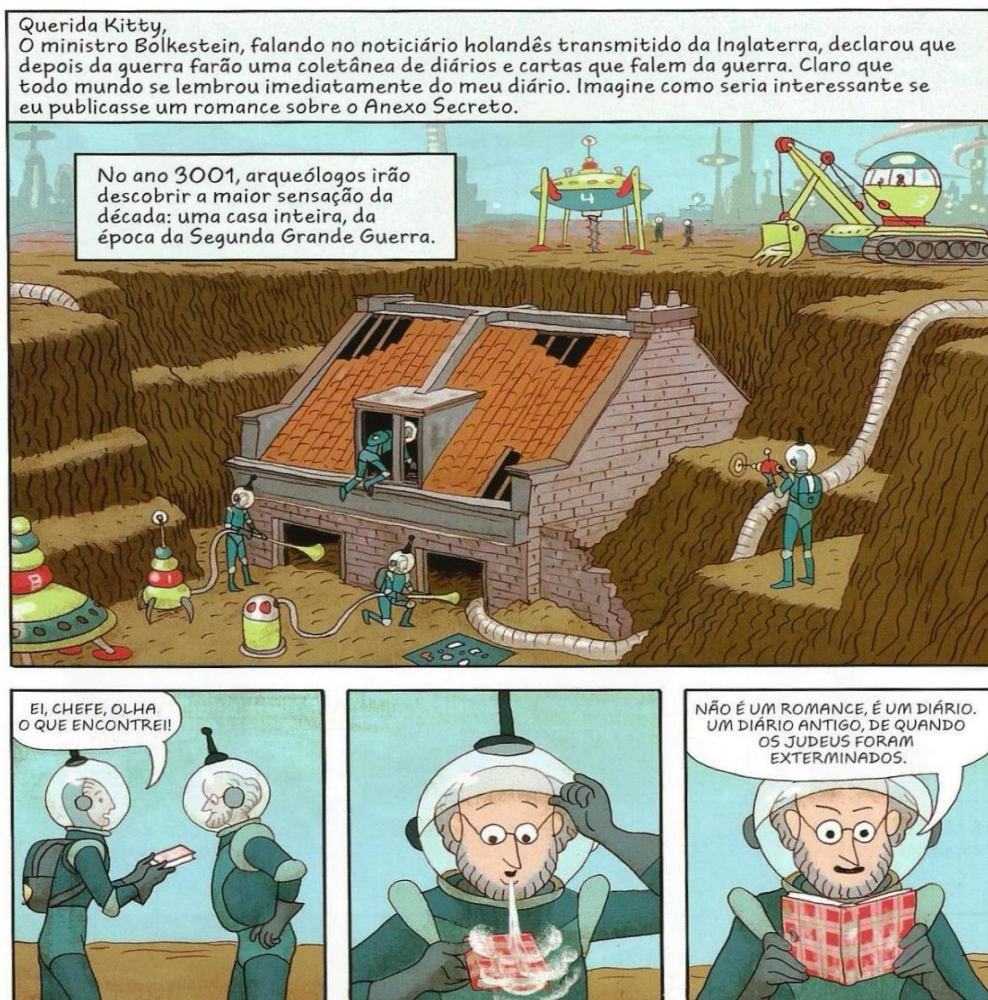
<sup>69</sup> Foi um escritor, jornalista e filósofo russo, sendo considerado um dos maiores romancistas e pensadores da história.

como o de Dostoiévski, pode haver “premeditação artística” (Quintero, 2016, p. 39), isto é, pode ocorrer a escolha e a organização de determinados fatos, objetivando estruturar o relato. Uma “premeditação artística” pode ser notada no objeto de estudo desta tese, pois Folman e Polonsky fizeram uma seleção dos acontecimentos escritos por Anne em seu diário publicado em 1947, reestruturando o relato da menina por meio da linguagem dos quadrinhos. Tal fato ajuda a pensar o gênero diário em quadrinhos.

Lejeune (2008) alerta sobre a quantidade de diários pessoais que devem existir no mundo e que não são conhecidos, pois a publicação desse gênero não é comum. Ele esclarece que talvez o diário de Anne não teria sido publicado se ela sobrevivesse ao Holocausto. No entanto, ao ler as palavras de Anne em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), é possível notar que a garota gostaria que seu diário fosse descoberto por alguém e se tornasse famoso.

### Fragmento 3.1 — A publicação do diário

Quarta-feira, 29 de março de 1944



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 124).

No fragmento 3.1, Anne falou sobre ter ouvido, no noticiário, que, após a guerra, diários e cartas escritos sobre o combate seriam publicados. A menina passou a imaginar o Anexo Secreto sendo descoberto no ano de 3001 por arqueólogos. Além de encontrarem o prédio onde ficava o esconderijo, os arqueólogos encontrariam o diário de Anne, fato que poderia possibilitar a publicação do diário.

Segundo uma reportagem publicada pela *Folha UOL*<sup>70</sup>, Anne gostaria tanto de ter seu texto publicado que, ao ouvir em uma estação de rádio sobre a possível publicação de diários escritos durante a guerra, passou a reescrever parcialmente seu texto para torná-lo mais adequado à publicação. Além disso, vários sobreviventes do Holocausto participaram de entrevistas<sup>71</sup> ou tiveram seus relatos publicados em forma de livros. Provavelmente, isso tenha acontecido devido à necessidade em fazer as pessoas relembrem a proporção da desumanidade cometida pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Assim, por meio das tristes lembranças dos sobreviventes do Holocausto, recordamos os possíveis efeitos do preconceito em uma sociedade, por exemplo, a crueldade.

Pace (2012, p. 133), baseada nos estudos de Lejeune, afirma que “[...] em nossos tempos, os diários não são textos *a priori* secretos: podem ter autoria coletiva, e circulam seja no âmbito familiar, seja no meio escolar, literário ou editorial”. De acordo com Lejeune (2008), a publicação de um diário íntimo diminui o caráter intimista do texto, visto que, ao passar por edição, o estilo, a cor e o tamanho das letras, o tipo de papel, o uso de colagens e desenhos podem ser modificados, alterando-se, assim, o texto “original” (termo do autor). Segundo Pace (2012), Lejeune, ao realizar estudos sobre diários, destaca que, para que um diário seja realmente íntimo, ele não pode se tornar público. O autor abandona o termo “diário íntimo” passando a utilizar o termo “diário pessoal”, em francês *journal personnel*, para se referir a textos de caráter intimista e que foram publicados.

Ainda, segundo a *Folha UOL*, a versão em prosa do diário de Anne (Frank, 1947), por exemplo, contou com a exclusão de partes do relato em que a menina refletia sobre puberdade. Diante disso, uma nova edição da obra foi lançada, contendo integralmente o texto escrito por Anne.

---

<sup>70</sup> Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/versao-original-de-diario-de-anne-frank-ganha-publicacao-inedita.shtml#:~:text=%E2%80%8BUma%20nova%20edi%C3%A7%C3%A3o%20do,por%20seu%20pai%2C%20%C3%A9%20publicada](https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/versao-original-de-diario-de-anne-frank-ganha-publicacao-inedita.shtml#:~:text=%E2%80%8BUma%20nova%20edi%C3%A7%C3%A3o%20do,por%20seu%20pai%2C%20%C3%A9%20publicada.). Acesso em: 20 dez. 2020.

<sup>71</sup> Além de ler estudos históricos realizados por pesquisadores da área, a fim de entender os acontecimentos referentes ao Holocausto, a autora deste trabalho assistiu a e leu entrevistas com sobreviventes do massacre antissemita. Isso a auxiliou a ver os acontecimentos sob o ponto de vista daqueles que sentiram na própria pele o ódio gerado pelo preconceito.

[...] Otto Frank teve que transformar pouco mais de dois anos de diário (12 de junho de 1942 — 1º de agosto de 1944), escritos quase que diariamente, em um livro curto para que se adequasse a uma coleção publicada pelo editor holandês. Além disso, a seleção e a organização do material “tinham” que levar em conta a cultura da sociedade da época, o costume de não se abordar assuntos relacionados à sexualidade em livros para jovens e o respeito a zelar pela memória das pessoas mortas citadas no diário (Brito, 2011, p. 13).

Em relação ao *O diário de Anne Frank* (Frank, 1947), Brito (2011) esclarece existir três versões do diário, denominadas como *a*, *b* e *c*. A versão *a* foi escrita por Anne em 1942. A *b* consiste na reescrita que Anne fez do seu diário ao imaginar que ele poderia ser publicado. E a versão *c* corresponde à edição feita por Otto Frank e publicada em 1947. Brito (2011) questiona as transformações que o diário sofre ao ser publicado no formato de livro. “Enquanto livros, eles se apresentam como qualquer outro livro: capa, título, prefácio, apresentação, índice... Enquanto diário: o que há nesses livros? O texto é o mesmo? A intimidade composta é a mesma?” (Brito, 2011, p. 65). Ao ser publicado, o diário passa pelas “mãos” de um editor norteado por algumas intenções: tornar a escrita compreensível e atrativa para os leitores. Sob essa perspectiva, Brito (2011) concorda com Lejeune (2008) sobre o texto publicado se distanciar do diário original, visto que este não é dirigido a um público. Brito (2011), Pereira e Silva (2015), Pozzani e Steffler (2016) concordam que o diário não é escrito para um leitor específico. Por isso, o diarista escreve o que deseja sem se preocupar em agradar outras pessoas.

Os segredos guardados a sete chaves, justificando assim a existência de cadeado, são produzidos e lidos pelos próprios autores ou por alguém muito íntimo. Logo, não há muita preocupação com a linguagem utilizada que, muitas vezes, é informal, coloquial, espontânea, com gírias, de caráter intimista e confidencial (Pozzani; Steffler, 2016, p. 10).

Sob essa perspectiva, Brito (2011) esclarece que, ao ser publicado, geralmente o diário vem acompanhado de prefácio, com informações sobre o diário original e a respeito de quem o escreveu. Quando é o próprio diarista que apresenta seu texto, ele também demonstra preocupação com o leitor. Porém, quando o diário é apresentado por jornalistas, críticos literários, historiadores ou pesquisadores, além de ressaltarem as qualidades literárias e históricas do texto, eles buscam convencer o leitor de que o relato do cotidiano pode ser de seu interesse. Já os diários publicados como documento histórico possuem diversas notas de rodapé explicativas ao longo do texto. A utilização do recurso parece ser usada para fazer com que o leitor se sinta diante do diário original. “Mesmo com todas essas explicações, algumas mais detalhadas e outras nem tanto, acredita-se que, de uma maneira geral, muitas coisas escapam aos olhos do leitor, principalmente informações sobre alterações mais substanciais feitas no texto do diário” (Brito, 2011, p. 76). Desse modo, Lejeune (2008) e Brito (2011) concordam que a publicação de um diário faz com que o texto perca parte de sua autenticidade. Tendo em

vista a recriação em quadrinhos do diário de Anne, publicada a primeira edição em 2017, notamos que o texto original foi modificado, pois ele foi recriado a partir da linguagem quadrinística.

*O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018) é uma recriação da versão c (a publicada por Otto em 1947), mencionada por Brito (2011), do diário de Anne. Observamos que o diário de Anne, após ser publicado, deixou de ser um diário íntimo por não possuir uma relação de intimidade somente com a diarista Anne. Muitos leitores têm acesso aos relatos da menina; e, para ser publicado, ele passou pela influência de pessoas como editores, autores etc. No entanto, *O diário de Anne Frank* (Frank, 1947) ainda pode ser considerado um diário pessoal, pois a perspectiva exposta se concentra na visão de Anne Frank. O diário em quadrinhos foi reinterpretado à luz dos recursos da linguagem dos quadrinhos. O estilo da narrativa, os recursos e as estratégias de construção se alteram, mas a temática, as reflexões de Anne e a organização cronológica foram mantidas. Por isso, o diário em quadrinhos também pode ser considerado como um diário pessoal.

No diário em quadrinhos, a narrativa de Anne foi exposta ao leitor por meio da legenda, recurso da linguagem quadrinística que será explicado mais adiante. Assim como Pozzani e Steffler (2016) explicam que ocorre no gênero diário, a narração é feita em primeira pessoa. Em meio à narração, verificamos a ocorrência de diálogos entre as personagens, expostos por meio de balões. Nota-se que o diálogo não ocorre em diários. Porém, no diário em quadrinhos, por se tratar de uma recriação feita a partir da linguagem quadrinística, em que um dos recursos é simular os diálogos, foi preciso expor os diálogos ocorridos entre as personagens. Folman e Polonsky interpretam o diário conforme as possibilidades da linguagem dos quadrinhos. Os diálogos servem para confirmar e complementar o que está sendo narrado por Anne nas legendas e dar efeito de dinamicidade à narrativa. Além disso, o balão, por onde as falas das personagens são expostas, é um dos elementos principais que compõe a linguagem quadrinística. Por isso, sua presença na narrativa é fundamental para que ela seja constituída como uma história em quadrinhos. Os balões serão explicados mais à frente.

Durante a leitura do texto em quadrinhos, vemos que Anne relatou sobre como era a vida no Anexo, expôs fatos sobre a Segunda Guerra Mundial e, acima de tudo, refletiu sobre suas atitudes e vontades. No decorrer da narrativa, afirmou ter feito muitas amigas na escola, porém ela não sabia se essas amigas eram verdadeiras. Em diversos momentos, Anne falou sobre o quanto se sentia só. Percebemos que o isolamento no Anexo a fez se sentir ainda mais sozinha. Diante disso, ao ganhar o diário, a garota viu nele a possibilidade de ter com quem desabafar. Quando escrevia em seu diário, ela fugia da realidade cruel em que se encontrava.

Ela nutria um sentimento de profunda amizade por seu diário. Como característica própria do gênero, a menina atribuiu um nome ao objeto: Kitty. A afeição que a personagem sentia por ele se torna perceptível à medida que ela o personificava (atribuia características humanas ao objeto). A personificação do diário pode ser notada por meio do diálogo que Anne fingia estabelecer com ele. Ela o questionava, de forma recorrente, demonstrando preocupação com o bem-estar do objeto e mostrando-se preocupada com o que ele poderia pensar a respeito dela. A atribuição do nome Kitty ao diário é outra forma de personificá-lo. Além disso, ao relatar seus pensamentos para o diário, frequentemente ela usava o vocativo “querida”, que, como afirmam Pereira e Silva (2015), Pozzani e Steffler (2016), é uma das características do gênero diário. Em diversos momentos da narrativa, Anne utilizou o pronome possessivo “minha” para se referir a Kitty e encerrava suas falas assinando “sua Anne”. Nesse sentido, os pronomes possessivos “minha” e “sua” demonstram o quão intensa era a relação de Anne com o diário.

### Fragmento 3.2 — A personificação do diário

Querida Kitty, espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda.



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 11).

No fragmento 3.2, por meio da legenda, é possível vermos o quanto Anne “nutria” expectativas a respeito de ter uma nova “amiga” em quem pudesse confiar plenamente. A posição corporal em que a personagem se encontrava, com as pernas cruzadas, demonstra que ela se sentia à vontade desabafando com o diário. Ainda percebemos que o ato de cochichar no ouvido de sua “amiga” ressalta a ideia de que, em um diário, o diarista relata seus pensamentos mais íntimos. Por fim, observamos que a sombra em forma de menina que sai de dentro do diário é a representação do que o objeto significava para Anne: uma amiga. Dessa forma, a sombra contribuiu para reforçar a personificação do diário, que consiste, com base em Borges (2017), na atribuição de características humanas ao diário, como será mais detalhado posteriormente.

Outro elemento que caracteriza a HQ como um diário é a marcação de datas, característica mencionada por Lejeune (2008), Brito (2011), Pace (2012), Pereira e Silva (2015), Pozzani e Steffler (2016), Quintero (2016), correspondendo a cada entrada que Anne dá no diário.

### Fragmento 3.3 — Datação

Quarta-feira, 23 de fevereiro de 1944

Hoje, como faço todas as manhãs, acordei e fui direto para o sótão de Peter.



P.S.: Pensamentos: Para Peter.

Sentimos falta de tanta coisa aqui, tanta coisa, e durante tanto tempo! Sinto tanta falta quanto você. Não estou falando de coisas exteriores, já que estamos bem providos delas, mas, sim, das interiores. Como você, anseio por liberdade e ar puro, mas acho que temos sido bastante compensados por essa perda. Por dentro, quero dizer. Hoje de manhã, quando estava sentada diante da janela e olhando longa e profundamente para Deus e para a natureza, fiquei feliz, simplesmente feliz. Peter, enquanto as pessoas sentirem esse tipo de felicidade interior, a alegria da natureza, a saúde e muito mais, sempre poderão resgatá-la.



Riqueza, prestígio, tudo pode ser perdido. Mas a felicidade em seu coração pode apenas ser diminuída; ela estará sempre lá, enquanto você viver, para torná-lo feliz de novo. Sempre que estiver sozinho ou triste, tente ir para o sótão num dia lindo e olhar para fora. Não para as casas e os telhados, mas para o céu. Enquanto puder olhar sem medo para o céu, saberá que é puro por dentro, e encontrará a felicidade outra vez.

Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 110).

No fragmento 3.3, é possível vermos a marcação temporal por meio da datação: “Quarta-feira, 23 de fevereiro de 1944”. Como foi dito por Brito (2011) e Quintero (2016), os relatos podem ser escritos no diário com intervalos de tempo. Isso ocorre no diário de Anne

publicado em 1947. Tal característica foi mantida no diário em quadrinhos. Além das legendas e dos balões, em alguns momentos, trechos completos do diário de Anne são expostos no diário em quadrinhos, como pode ser observado no fragmento 3.3, quando Anne redigiu um texto como se estivesse escrevendo uma carta: pensamentos para Peter. Talvez a transposição dos trechos do diário de Anne publicado em 1947 seja uma forma de atribuir ao diário em quadrinhos um caráter mais intimista, assim como o conteúdo presente na primeira publicação do diário da menina. A exposição da carta confirma também o que foi dito por Brito (2011), Pozzani e Steffler (2016) sobre, dentro do gênero diário, poderem ser anexados outros gêneros, como a carta em questão.

Outra característica do gênero diário apontada por Brito (2011), vista no diário em quadrinhos, é o fato de que, na narrativa, fica perceptível que os fatos relatados por Anne eram secretos. Apesar de todos os moradores do Anexo saberem sobre a existência do diário, ninguém tinha acesso a ele, além de Anne. Ressaltamos novamente que a linguagem é o principal elemento que difere o diário em quadrinhos do diário publicado em 1947. Algumas versões de *O diário de Anne Frank* (Frank, 1947), por exemplo, apresentam ilustrações, como a imagem do Anexo Secreto e fotos das personagens, outras não. Já o diário em quadrinhos, devido à linguagem quadrinística que o constitui, possui desenhos em toda a narrativa, tudo isso é fundamental para a construção dos efeitos de sentido da trama.

Embora tenha tido sua escrita interpretada pelos autores Folman e Polonsky, característica da biografia, reafirmamos que *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018) pertence ao gênero diário em quadrinhos. A escolha por considerarmos a HQ como um diário em quadrinhos se sustenta em seu próprio título *O diário de Anne Frank em quadrinhos*, que já sugere a qual gênero ele pertence. Outros motivos podem ser elencados como justificativa para tratar a HQ como um diário em quadrinhos. Ele é diário, pois apresenta em sua composição características deste gênero. Folman e Polonsky não escrevem sobre a vida de Anne, e sim recriam os dizeres da menina como se ela estivesse narrando os fatos que marcavam seu dia a dia. Diante disso, as falas foram ditas por Anne. Como já apontado, percebemos que, ao escrever no diário, ela atingiu todos os objetivos listados por Lejeune (2008). Ela desabafou, ampliou sua imaginação e sua capacidade deliberativa, aprimorou sua escrita, passou a se conhecer melhor, resistiu aos momentos difíceis e conseguiu sobreviver por dois anos no Anexo Secreto até ser encontrada pela polícia nazista. O aspecto secreto, apontado por Brito (2011), aparece no texto em quadrinhos: o local onde Anne e os outros judeus se esconderam era secreto (Anexo Secreto); e, naquele ambiente, a escrita de Anne, no diário, era confidencial. Em contrapartida, tal aspecto não se manteve fora do esconderijo, visto que os

relatos dela se tornaram públicos. No texto em quadrinhos, também existe a liberdade em relação à forma, aspecto comum ao gênero diário referido por Brito (2011).

Assim como mencionam Pereira e Silva (2015), Pozzani e Steffler (2016) sobre o gênero diário, no diário em quadrinhos, encontramos vocativos, como “Querida Kitty”. Notamos, como destacam Pozzani e Steffler (2016) sobre o gênero, que, no diário em quadrinhos, Anne faz referência a diversos lugares e assina seu nome ao final dos relatos. O texto também apresenta inconclusão, como sugere Quintero (2016), ao realizar estudos relacionados ao gênero diário. Ainda percebemos que o diário em quadrinhos é narrado em primeira pessoa, havendo marcação do tempo por meio de datas, característica referida por todos os autores citados neste trabalho que estudam o gênero diário. Além disso, o diário é em quadrinhos, porque apresenta a linguagem dos quadrinhos em sua composição. Por fim, levando em consideração as características elencadas por Bakhtin (2016), como conteúdo temático, estilo e construção composicional, destacamos o diário em quadrinhos como um gênero discursivo. Os principais recursos da linguagem quadrinística encontrados no diário em quadrinhos foram: as legendas, os balões, as personagens e suas expressões faciais e gestuais, o tempo, o espaço, as vinhetas e os cortes.

Também afirmamos que o diário em quadrinhos foi publicado no formato de novela gráfica. Segundo Borges (2020), está se tornando comum a venda de HQ intituladas como novelas gráficas nomeadas também, especificam Ramos e Figueira (2014), como *graphic novel* ou *romance gráfico*. Segundo esses autores, tais nomenclaturas podem remeter à literatura e isso mostra uma necessidade, por parte das editoras, em aproximar as HQ dos textos literários e, com isso, obter prestígio para os textos em quadrinhos. Borges (2020) alerta que esse tipo de relação pode reforçar a ideia de que a palavra escrita é superior aos desenhos. Essa inferiorização também pode ocorrer quando são feitas adaptações de textos literários para as HQ, pois, segundo a autora, tais adaptações podem ser vistas como uma maneira de simplificar os textos literários. Ela defende que não há uma simplificação da linguagem literária, mas sim uma nova maneira de apresentar a trama ao leitor, feita com base na interpretação do quadrinista e do uso da linguagem dos quadrinhos.

Todos os autores referidos concordam que as novelas gráficas não são um subgênero da literatura. Ao contrário disso, elas se caracterizam como uma expressão artística independente, que possui sua própria linguagem, a quadrinística. García (2012) define as novelas gráficas como um “fenômeno” recente que ainda não se solidificou e está passando por mudanças. Ramos e Figueira (2014) salientam a inexistência de clareza em relação à definição de novela gráfica. Isso faz com que ela seja considerada pelos leitores e pela imprensa como um gênero

quadrinístico autônomo, gerando uma confusão entre o gênero do discurso e o formato. Na visão dos autores, é necessário questionar a ideia que considera a novela gráfica como um gênero autônomo. Para eles, ela é um molde editorial, um formato por meio do qual os gêneros quadrinísticos são publicados. Eles alertam que, ao considerarmos as novelas gráficas como gêneros discursivos, as características reais do gênero que está sendo publicado por meio do formato novela gráfica, são deixadas de lado. Esta é a perspectiva adotada neste trabalho, a de novela gráfica como um formato de livro, não contemplando um gênero novo das histórias em quadrinhos. Por isso, aqui definimos que *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018) pertence ao gênero diário em quadrinhos publicado no formato editorial conhecido como novela gráfica.

Baseando-se nos estudos de García (2012) e Ramos e Figueira (2014), Borges (2020) explica que as novelas gráficas são HQ publicadas no formato de livro, pensadas de maneira estratégica para se enquadrarem no mercado editorial. Elas possuem características, como temas mais realistas, que visam conquistar o leitor adulto para aumentar as vendas do produto.

Ramos e Figueira (2014) relatam que, graças à sua extensão, a novela gráfica permite grande liberdade na escolha dos temas a serem tratados e possibilita que a trama possua descrições mais aprofundadas e detalhadas. Sob essa perspectiva, García (2012) ressalta que a novela gráfica proporciona maior liberdade de criação ao autor. Na novela gráfica, o autor possui mais espaço para demonstrar quem ele é, fazendo com que seu trabalho seja mais autoral. Percebemos que isso possibilitou que a história de Anne fosse narrada de forma a destacar muitas datas importantes, como o momento em que ela enxerga em Kitty a possibilidade de ter uma amiga fiel. Devido à extensão proporcionada pelo molde editorial novela gráfica, essa ocasião pôde ser representada ocupando uma página inteira da HQ ((fragmento 3.2 (p. 104).

A seguir, analisamos como os recursos quadrinísticos contribuem para a construção dos sentidos do diário em quadrinhos.

### 3.3 RECURSOS DA LINGUAGEM DOS QUADRINHOS

Nesta seção, com base em estudos realizados por Cagnin (1975/2014), Acevedo (1990), McCloud (2005), Ramos (2010), Borges (2017), Cirne (1970; 1975) e Vergueiro (2014b), analisamos, em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), os

seguintes recursos da linguagem dos quadrinhos: legendas, balões, expressividade, personagens, tempo, espaço, vinhetas e cortes<sup>72</sup>.

### 3.3.1 Legendas e Balões

Nesta subseção, em primeiro lugar, abordamos as legendas, posteriormente, os balões. Quanto às legendas, consideraremos sua função, posição, formato, contorno e coloração.

Segundo Ramos (2010), as legendas normalmente apresentam formato retangular, podem apresentar contorno ou não; e a coloração presente em seu interior sempre estará relacionada à intenção do cartunista. Vergueiro (2014b, p. 62) declara que “A legenda representa a voz onisciente do narrador da história”. No entanto, Ramos (2010, p. 50) discorda dessa afirmação, alegando que “[...] não é apenas o narrador onisciente que tem direito ao uso da legenda. O narrador-personagem também pode se apropriar do recurso”. Em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), por meio das legendas, foi exposta a voz de Anne Frank, que assume o papel de narradora-personagem da narrativa. Além de serem utilizadas para que Anne desempenhasse a função de narradora, as legendas foram usadas para caracterizá-la. Por meio desse recurso, temos acesso aos pensamentos mais íntimos da narradora-personagem.

A menor unidade narrativa de uma HQ, segundo Ramos (2010) e Vergueiro (2014b) é a vinheta, recurso quadrinístico que será detalhado mais adiante. Quanto à posição das legendas dentro da vinheta, os autores afirmam que, apesar de serem encontradas mais facilmente na parte superior das vinhetas, não existe uma regra específica que determine um posicionamento a ser seguido. No diário em quadrinhos, a posição da legenda na parte superior das vinhetas é predominante. No fragmento 3.1 (p. 99) e no fragmento 3.2 (p. 104), é possível observar a legenda na parte superior das vinhetas. A legenda também aparece em outras partes das vinhetas do diário em quadrinhos: do lado direito; do lado esquerdo; na parte inferior, como aparece na última vinheta do fragmento 3.3 (p. 105); ou fora das vinhetas, ocorrência que também pode ser vista no fragmento 3.3 (p. 105). Notamos ainda que o texto presente no interior das legendas é constituído por letras de fôrma. As legendas aparecem, na maioria das vezes, de duas maneiras no diário em quadrinhos.

---

<sup>72</sup> Autores como Cirne (1970; 1975), McCloud (2005) e Ramos (2010) tratam tais cortes como um recurso característico da linguagem dos quadrinhos, com certas estratégias e funções.

### Quadro 3 — Legendas com ou sem contorno

a) Legenda <i>sem</i> contorno e fundindo-se com o espaço	1) <i>Dentro de vinhetas que não possuem contorno ou que são contornadas apenas em sua parte inferior.</i> No fragmento 3.2 (p. 104), a legenda sem contorno aparece dentro de uma vinheta que também não possui contorno, ela funde-se ao espaço. 2) <i>Fora de vinhetas com contorno para mencionar algo que será exposto dentro das vinhetas que virão a seguir.</i> A marcação de data sempre aparece nesse tipo de legenda. No fragmento 3.3 (p. 105), podem ser verificados tais fatos. Na legenda sem contorno que aparece fora das vinhetas do fragmento, Anne mencionou que foi para o quarto de Peter.
b) Legenda <i>com</i> contorno e de fundo esverdeado	1) <i>Dentro de vinhetas que possuem contorno.</i> Quanto à sua estrutura, percebeu-se que elas seguem uma regularidade: apresentam formato retangular e coloração esverdeada. Retomando o fragmento 3.3 (p.105), na legenda sem contorno que aparece fora das vinhetas, como mencionado anteriormente, Anne falou sobre um acontecimento rotineiro. Em seguida, dentro de cada vinheta, há legendas com contorno e de fundo esverdeado. Essas legendas foram utilizadas para a personagem detalhar e exemplificar o que acontecia em todas as suas manhãs. 2) <i>Fora de vinhetas sem contorno ou com contorno somente em sua parte inferior.</i> Essa forma de aparição das legendas ocorre apenas três vezes no diário em quadrinhos e será detalhada mais à frente.

Fonte: a própria autora.

Como vimos no quadro 3, a presença das legendas, no diário em quadrinhos, não é aleatória. As características visuais da legenda (forma, presença de contorno, coloração) e sua posição no interior ou no exterior das vinhetas contribuem para a construção de sentidos da narrativa.

### Fragmento 3.4 — Legenda contornada e esverdeada dentro de vinhetas



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 123).

No fragmento 3.4, há a presença da legenda contornada dentro de uma vinheta que também possui contorno. Diferentemente do fragmento 3.3, não há uma legenda sem contorno fora das vinhetas contornadas. Nesse fragmento, ocorre um diálogo entre Anne Frank e Peter van Daan. Após Anne elencar, nas vinhetas anteriores, os motivos que a fizeram se apaixonar por Peter, a garota ressaltou, no fragmento selecionado, o valor que atribuía aos elogios feitos por ele e direcionados a ela. Na legenda, Anne deixou evidente, desde o início de sua fala, que

considerava algo muito importante: o fato de receber um elogio. Anne ainda afirmou não ter recebido tantos elogios a respeito de sua beleza física ao longo de sua vida. Nesse caso, a legenda foi utilizada para expor suas inseguranças a respeito de sua aparência física. A reflexão de Anne, exposta na legenda, é comprovada por meio dos balões. A coloração sutil das legendas torna-se mais perceptível por causa da coloração branca do fundo dos balões. As cores, nesse caso, assim como os formatos dos contornos, ajudam a demarcar que a legenda e o balão são recursos diferentes, com funções distintas. Isto é, por meio das legendas, expõe-se uma narração feita em primeira pessoa; e, por meio dos balões, como será visto a seguir, os diálogos. A coloração das legendas que aparecem no diário em quadrinhos é perceptível, mas trata-se de uma cor suave que não entra em conflito com outras cores presentes nas vinhetas, como as das vestimentas das personagens, dos objetos e das paisagens. Assim, no diário em quadrinhos, há harmonia entre as cores.

Notamos que há um corte entre as duas vinhetas que formam o fragmento 3.4. Esse corte exerce a função de omitir a ampliação do rosto de Anne ocorrida da primeira para a segunda vinheta. O processo de ampliação está implícito, cabendo ao leitor concluí-lo. Ao se retratar o rosto de Anne de forma mais aproximada, foram destacadas, principalmente, as “cavinhas” de seu rosto, que, segundo ela, eram sua “única marca de beleza”. Ainda é possível notar que, enquanto o rosto de Anne foi ampliado, ocorreu, por menor que fosse, uma passagem de tempo referente ao tempo utilizado para ampliar o rosto da personagem. Dessa forma, o corte entre as vinhetas também desempenhou a função de omitir uma passagem temporal curta. Diante disso, embora o foco da análise desse fragmento seja a legenda, é relevante destacar que os recursos da linguagem dos quadrinhos estão conectados, funcionando em conjunto.

No diário em quadrinhos, a legenda contornada com fundo esverdeado aparece fora de vinhetas sem contorno ou com contorno somente na parte inferior apenas três vezes. Os três momentos, consistem em situações imaginadas por Anne, retratadas por Folman e Polonsky em vinhetas sem contorno e que ocupam uma página inteira no diário em quadrinhos, como ocorre no fragmento 3.5, exposto abaixo. A legenda contornada e esverdeada, nesse caso, destaca-se em meio aos diversos elementos presentes na página. No fragmento 3.5, por exemplo, Anne imaginou todos os itens que compraria caso fosse viajar.

### Fragmento 3.5 — Legenda contornada e esverdeada fora de vinhetas



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 43).

No fragmento 3.5, apesar de não existirem divisões entre as vinhetas, cada objeto, acompanhado de seu nome e alguns de sua quantidade, equivale a uma vinheta. O contorno e a coloração da legenda, nesse caso, contribuem para que o recurso quadrinístico fique em evidência diante das diversas informações presentes no fragmento. Destacamos que a coloração da legenda é sutil. E, para que a cor seja percebida, precisamos compará-la ao fundo branco do fragmento. A legenda contornada com fundo esverdeado também serve para expor uma ideia geral de Anne: ir viajar com o pai. Os balões foram usados para mostrar o diálogo em que Otto

dá dinheiro à filha para que ela comprasse o que precisasse para a viagem. Já as diversas legendas sem contorno, contribuem para detalhar os itens que Anne gostaria de comprar.

Quando lemos a narração de Anne, exposta nas legendas, o leitor tem acesso a fatos importantes sobre a vida e modos de pensar da personagem. Por meio das legendas, o leitor descobre a idade da garota (13 anos), sua religião (judaica), o nome de seus pais (Otto Frank e Edith Frank) e o nome de sua irmã mais velha (Margot Frank). Além disso, em sua narrativa, Anne relembrou sobre o quanto era popular na escola, expôs o relacionamento conturbado que possuía com sua mãe, expressou maior apego pelo pai, afirmou detestar ser comparada com sua irmã, deixou implícito que as leituras realizadas influenciaram em seu pensamento crítico, alegou se sentir pressionada por ter que seguir as regras de convivência do Anexo Secreto e deixou evidente a falta que sentia de sua vida antes de se mudar para o esconderijo. Todos esses dilemas, vivenciados pela personagem, fizeram com que ela entrasse em estado depressivo.

Anne ainda demonstrou preocupação em relação às pessoas que estavam sendo torturadas e mortas, grande apreço pelo cinema e detalhou muitas curiosidades sobre o corpo humano e questões que envolvem sexualidade. Outro fato importante exposto nas legendas foram os constantes questionamentos que Anne fez sobre o papel da mulher na sociedade e sua vontade de, um dia, tornar-se uma escritora. Em alguns momentos, os autores preferiram reproduzir citações diretas do diário de Anne (Frank, 1947), como ocorre no fragmento 3.3 (p. 105). A legenda, por ser o recurso quadrinístico por onde foram expostos os relatos de Anne, reforça a ideia de que a HQ pertence ao gênero discursivo diário em quadrinhos.

Como vimos durante a análise do fragmento 3.4 (p. 110), as legendas e os balões compartilham funções. Os dois recursos são utilizados para expor falas. Nas legendas, expõem-se as falas do narrador e do narrador-personagem; nos balões, como será visto à frente, as falas ou pensamentos das personagens. Além disso, em diversos momentos, a coloração branca dos balões possibilita que o leitor perceba que as legendas não são brancas, e sim sutilmente esverdeadas.

Agora, abordamos os balões, considerando seus formatos e funções. Em relação aos balões, Cirne (1970) destaca:

Uma das principais características criativas dos quadrinhos, o balão — de formato ligeiramente circular, retangular etc., cujo interior encerra diálogos, ideia e pensamento e ou ruídos — começou a aparecer por volta de 1900, embora seja antigo em outras manifestações de arte (*Le bois protat* data de 1370), sem se verificar em sua pré-história (as tapeçarias de Bayeux) ou proto-história (as Imagens de Epinal, as criações de Rudolphe Töpfer, Wilherlm Busch etc.) (Cirne, 1970, p. 14).

O estudioso afirma que os balões são recursos das HQ que começaram a aparecer em 1900. Este recurso, no entanto, pode ser visualizado em outras manifestações artísticas que datam desde a Pré-história, como ocorre na xilogravura, nomeada *Le bois protat* de 1370.

Segundo Cagnin (1975/2014), os balões são utilizados para acrescentar um discurso direto na sequência narrativa, indicando um diálogo entre as personagens. Para Acevedo (1990), eles são uma forma de introduzir na vinheta as falas ou os pensamentos das personagens. De acordo com este autor, os balões são formados por dois elementos: o continente (corpo e rabicho) e o conteúdo (linguagem verbal e não verbal).

Acevedo (1990) explica que “O balão consta de um *corpo* ou forma delimitada em que estão contidos o texto do diálogo ou os pensamentos do personagem, além de um *rabicho* que indica o personagem que exprime esse conteúdo” (Acevedo, 1990, p. 100). O rabicho, segundo Cagnin (1975/2014), é uma forma de representar o discurso direto. Acevedo (1990) ressalta que alguns desenhistas utilizam apenas o rabicho para indicar a fala da personagem. No interior do balão, o que está sendo pensado ou falado pela personagem é representado ao leitor em forma de linguagem verbal ou visual.

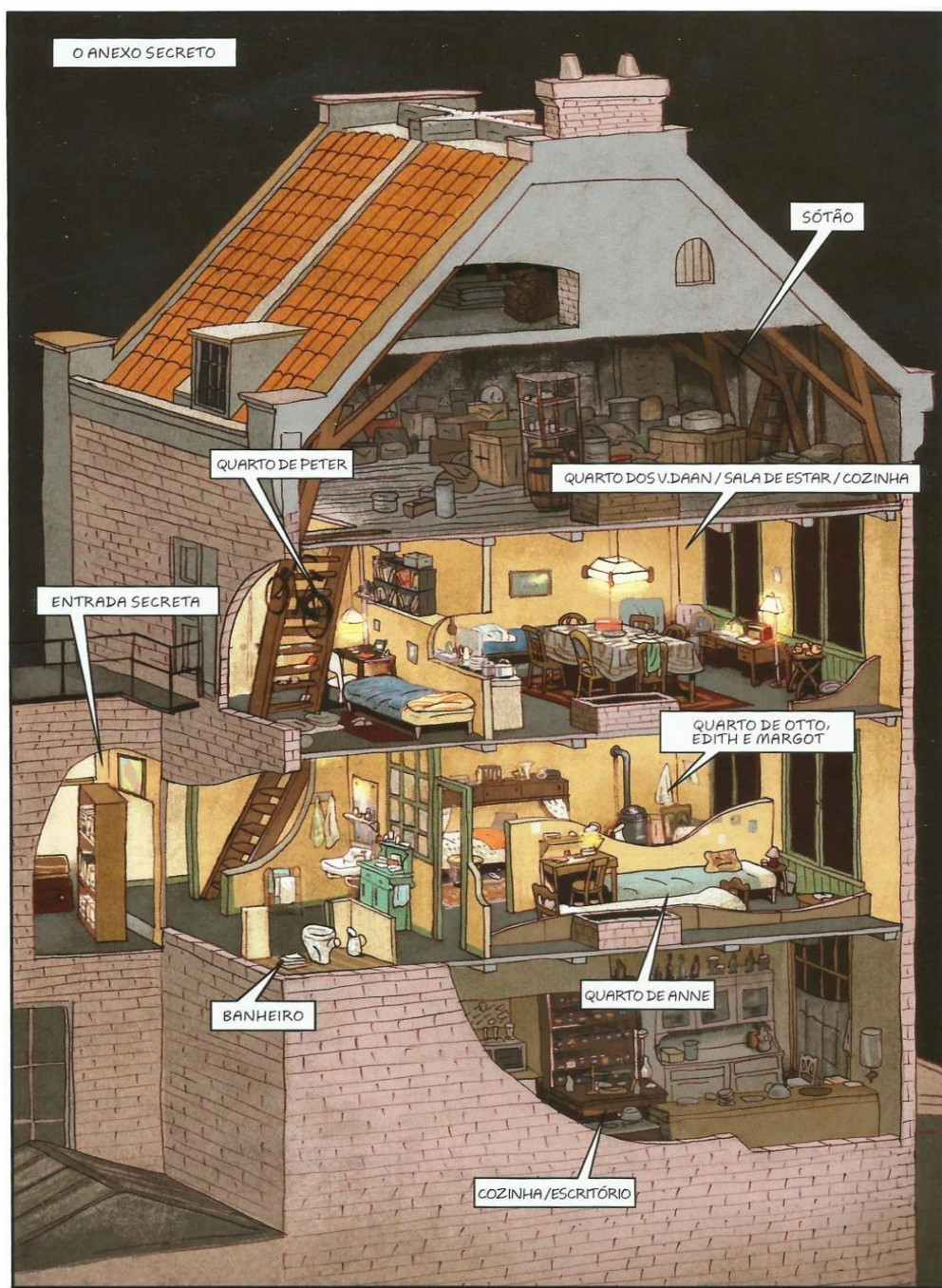
No que tange à forma dos balões, Ramos (2010) enfatiza que, por meio do contorno, os diversos sentidos presentes neles são construídos. “O balão não tem uma forma definida, varia, segundo os autores, ao infinito” (Cagnin, 1975/2014, p. 140). Diante da diversidade tipológica de balões, existem dois balões mais comuns e significativos: o balão-fala e o balão-pensamento. O balão-fala, utilizado para expressar a fala das personagens, tende a apresentar contorno contínuo e rabicho (também chamado de apêndice) em forma de uma seta e que sai da boca da personagem. Já o balão-pensamento apresenta contorno ondulado, quebrado ou em forma de pequenos arcos ligados e rabicho formado por pequenas bolas ou nuvens que saem da cabeça da personagem.

Apesar de existirem milhares de tipos de balões, Cagnin (1975/2014) menciona que é fácil identificar cada tipo quando a forma do balão está ligada ao significado do texto exposto em seu interior. Esse fato “Transforma [...] uma realidade linguística (abstrata), em realidade física e concreta” (Cagnin, 1975/2014, p. 142). Alguns nomes para outras diferentes formas de balões existentes são: balão-cochicho, balão-berro, balão-trêmulo, balão de linhas quadradas, balão vibrado, balão-glacial, balão uníssono, balão-zero ou ausência de balão, balões intercalados, balão-mudo e balão-duplo.

Em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), diante das falas de outras personagens expostas em balões, uma imagem de Anne Frank vai sendo constituída. Nos balões, ainda podemos ver as falas e os pensamentos da própria Anne Frank, fato que

reforça os assuntos abordados em sua narração vista nas legendas. No diário em quadrinhos, observamos o uso de diversos tipos de balões, sendo que alguns foram listados por Cagnin (1975/2014): balão-fala, balão-pensamento, balão-vibrado, balão de linhas quebradas, balão-trêmulo, balão-duplo. Outros balões, presentes no diário em quadrinhos, foram criados para a construção da narrativa, como o balão utilizado para expressar dor, o balão que indica tom de voz elevado e o balão utilizado para realizar descrições. Esse fato converge com o que Cagnin (1975/2014) relata sobre existirem infinitos tipos de balões, cujas formas dependem da criatividade do quadrinística. Entre os balões encontrados no diário em quadrinhos, nesta subseção, são abordados o balão-fala, o balão-pensamento e o balão utilizado para realizar descrições. O último balão citado foi nomeado, neste trabalho, como balão-legenda por apresentar em sua composição rabicho com a mesma forma do utilizado no balão-fala e formato retangular como o das legendas.

### Fragmento 3.6 — O Anexo Secreto e os balões-legendas



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 29).

No fragmento 3.6, está exposto o Anexo Secreto. Nesse momento da narrativa, a família “Frank” tinha acabado de deixar sua antiga casa na Holanda para se refugiar no Anexo. Eles levaram poucas bagagens. Anne se preocupou em levar fotografias e seu diário para o local. Ao arrumar sua mala, Anne relatou: “Enfie as coisas mais malucas na bolsa, mas não me arrependo. Para mim, as lembranças são mais importantes do que os vestidos” (Folman; Polonsky, 2018, p. 24). Ela precisou deixar sua gata Moortje para trás. Além disso, os objetos da casa foram desorganizados para que qualquer pessoa que entrasse lá pensasse que a família

havia fugido às pressas, deixando a entender que não tinham um local premeditado para onde pudessem ir. Ao chegarem ao Anexo, Anne descreveu o local, como pode ser visto no fragmento 3.6. Folman e Polonsky (2018), para representarem o lugar de forma detalhada, além de exporem o interior do esconderijo, possibilitando que o leitor contemplasse todos os cômodos que formavam a moradia, optaram pelo uso de balões que indicam o nome de cada cômodo, o balão-legenda.

Embora o rabicho desse balão e o do balão-fala sejam iguais, eles não desempenham a mesma função. O rabicho do balão-legenda indica o que ou quem está sendo descrito por meio do balão. Essa função se afasta do que Cagnin (1975/2014) e Acevedo (1990) relatam sobre o rabicho ser um elemento que marca o discurso direto nas HQ, como ocorre por meio do balão-fala. O rabicho do balão-legenda não marca uma fala ou um pensamento, e sim liga a descrição ao elemento detalhado. Os balões presentes no fragmento 3.6 passam, então, a contribuir para a descrição do Anexo. Observamos que, em todos os momentos que este balão aparece no diário em quadrinhos, ele desempenha a função de descrever objetos, como percebido no fragmento anterior, ou pessoas, como pode ser visualizado no fragmento 3.7.

### Fragmento 3.7 — Balões-legenda descrevendo Anne



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 100).

Na narrativa, antes do que é exposto no fragmento 3.7, relatamos que, após acordar e se recordar de um sonho que havia tido com Peter, Anne ficou confusa e pensativa. Em frente ao espelho, Anne contemplou seu reflexo. No fragmento em questão, há balões-legenda descrevendo como estão seus olhos e bochechas. Além disso, percebemos a presença de um balão-pensamento que, como sugere o nome, expõe as reflexões de Anne.

Em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), os principais fatos apresentados sobre Anne, por meio dos balões, foram: as críticas feitas pelos moradores

do Anexo a respeito do comportamento da garota, a descrição de suas características físicas, o destaque de sua popularidade e o apontamento de suas inseguranças.

No fragmento 3.4 (p. 110), observamos, por meio do cenário repleto de caixotes e sacos, que Anne e Peter estavam sentados no chão do sótão do Anexo Secreto, principal local de encontro entre os dois jovens. A vinheta possui dois balões-fala, cada um deles indicando a fala de uma das personagens. O pedido que Peter fez a Anne, representado no balão-fala, deixa implícito ao leitor que ele achava o sorriso dela bonito, pois ele pediu à menina, de forma acanhada, um sorriso. Notamos a timidez do rapaz pela forma como ele está sentado: corpo em posição fetal, com os ombros levemente levantados.

Por outro lado, Anne estava sentada de forma mais descontraída e não calçava sapatos, o que indica o quanto ela se sentia à vontade ao lado de Peter. No balão que indica as falas de Anne, foi mostrado que ela respondeu ao questionamento de Peter com outra pergunta. Ela questionou o motivo pelo qual ele sempre pedia para ela sorrir. Sua fala infere uma necessidade de saber se realmente estava sendo elogiada e por quais motivos. Tal questionamento reforçou a afirmação feita por ela, na legenda, sobre não receber elogios com frequência.

Como percebemos no fragmento 3.4 (p. 110), a partir das falas expostas na legenda e nos balões, podem ser notadas inseguranças de Anne a respeito de sua aparência física e como o vínculo criado entre ela e Peter representava um acontecimento bom em sua vida. Anne se sentia muito solitária e triste no Anexo. No decorrer da narrativa, ela afirmou que o desejo de ter alguém com quem conversar tinha se tornado insuportável. No entanto, a amizade com Peter trouxe um pouco de alegria para sua vida. Ao acordar pela manhã, Anne imediatamente se dirigia para o sótão a fim de encontrá-lo e, lá, passavam horas conversando. De acordo com ela, um simples olhar de Peter direcionado em sua direção causava-lhe grande alegria. Anne deixou evidente a admiração que sentia por Peter. Para ela, ele era uma criança quando apoiava a cabeça nos braços e fechava os olhos, era lindo quando brincava com o gato, era forte quando carregava os alimentos para o sótão e corajoso quando espiava a guerra pela janela ou quando rondava a casa à noite procurando ladrões. Além disso, Anne achava o jeito desastrado e desajeitado de Peter encantador.

Em suma, em relação às legendas, notamos que elas aparecem no diário em quadrinhos:

- a) sem contorno, de maneira que se funde ao espaço. Nesse caso, as legendas sem contorno podem aparecer no exterior das vinhetas, indicando o acontecimento que será exposto em seu interior ou dentro de vinhetas não contornadas ou contornadas.

- b) contornadas e com fundo esverdeado. Esse tipo foi utilizado, na maioria das vezes, dentro de vinhetas que também são contornadas. Essa legenda aparece três vezes fora de vinhetas.

Observamos que há regularidades quanto ao uso das legendas no diário em quadrinhos, como as que foram elencadas anteriormente. A utilização de cada tipo de legenda desempenha uma função para a construção de sentidos da narrativa. Além disso, todas as formas de representação da legenda foram escolhidas de modo a deixá-la sempre em evidência na página. Ao destacar a legenda em meio aos diversos elementos expostos, evidenciou-se a narrativa de Anne e, conseqüentemente, sua forma de perceber o mundo. Tal ocorrência converge com as ideias de Ramos (2010) e Vergueiro (2014b) sobre as legendas serem utilizadas para a exposição da voz de um narrador ou narrador-personagem.

Por fim, em relação ao balão, notamos, no diário em quadrinhos, o uso de diversos tipos: balão-fala, balão-pensamento, balão-vibrado, balão de linhas quebradas, balão-trêmulo e balão-duplo, balão por meio do qual se expressou dor, o balão usado para indicar tom de voz elevado e o balão-legenda. A variedade de tipos de balões utilizados na narrativa contribuiu para expor a diversidade de sentimentos experimentados pelas personagens.

A utilização das legendas foi fundamental para a caracterização de Anne, porque, por meio delas, o leitor tem acesso à narração da garota em primeira pessoa. Tal aspecto contribui para a caracterização da personagem e para a construção do gênero como um diário em quadrinhos. Os balões contribuem para a caracterização em questão, pois eles expõem as falas e os pensamentos de Anne, assim como as falas e os pensamentos das demais personagens, que, muitas vezes, estão relacionados a ela. Trazemos outras características mais adiante, com o intuito de caracterizar Anne.

### 3.3.2 Personagens e Expressividade

Cagnin (1975/2014), Acevedo (1990) e Ramos (2010) concordam que as personagens são fundamentais para a existência das HQ. “Encontram-se nos quadrinhos, como nos filmes de aventura, dois estereótipos bem definidos: o “mocinho” e o bandido, imagens do bem e do mal, do galã e do feio” (Cagnin, 1975/2014, p. 166). Seguindo essa mesma perspectiva, Acevedo (1990) define as personagens como: os sujeitos que praticam as ações. Em torno das personagens, “[...] desenrola-se a história que está sendo contada: são os ‘mocinhos’ ou os ‘bandidos’. Ou são indivíduos cujo mundo se assemelha mais ao de um ser humano verdadeiro, com suas diversas habilidades e contradições” (Acevedo, 1990, p. 21). Ramos (2010) afirma

que as personagens conduzem a ação narrativa. Elas consistem em “bússolas na trama” (Ramos, 2010, p. 107), pois o leitor consegue se orientar sobre a direção da narrativa, tomando-as como referência.

As personagens expõem seus pensamentos e suas emoções de diversas maneiras nas HQ. As legendas e os balões, por exemplo, são elementos da linguagem quadrinística utilizados para tornar nítidas as falas das personagens e, conseqüentemente, sua forma de pensar e sentir. As emoções das personagens também se tornam perceptíveis por meio de suas expressões faciais e gestuais. Cagnin (1975/2014), Acevedo (1990) e Ramos (2010) concordam sobre o rosto ser um dos principais recursos utilizados para atribuir expressividade às personagens. Segundo Ramos (2010), o rosto e o movimento das personagens transmitem parte da ação ocorrida na história.

Cagnin (1975/2014) menciona que a expressão facial é formada por cinco elementos: as sobrancelhas, os olhos, as pálpebras, as pupilas e a boca. As possibilidades de combinações das partes do rosto são variadas. Um mesmo sentimento pode ser representado por meio de combinações diferentes. Combinando esses elementos, o autor afirma que é possível formular 1566 expressões faciais. Unidas às possibilidades de postura corporal, forma-se um número altíssimo de representação de expressões. Além de tornar os sentimentos e as emoções momentâneas perceptíveis, as expressões faciais ainda contribuem para formar o caráter e o estilo das personagens. Nem em estudos realizados na área de psicologia existe uma escala de desenhos que interpretem todas as expressões humanas e transmitam seu significado aos observadores. Por meio do uso da liberdade e dos recursos disponíveis, o cartunista poderá criar diversos estilos de personagens e de expressões que transmitam as emoções pretendidas. Cabe ao leitor fazer uso de seus conhecimentos prévios para analisar as expressões faciais e deduzir o estado de espírito das personagens. “O rosto é a parte mais significativa do ser humano, a sua identidade, e externa sobretudo os sentimentos” (Cagnin, 1975/2014, p. 116).

Acevedo (1990) também considera as expressões faciais um ponto importante para a construção visual da personagem. No entanto, ao contrário de Cagnin (1975/2014), defende que a expressão facial não é formada por cinco elementos, e sim por dois: as sobrancelhas e a boca. A combinação desses dois elementos pode formar quatro expressões faciais básicas: alegria, raiva, tristeza e serenidade. A expressão facial que indica alegria é aquela em que as sobrancelhas das personagens ficam arqueadas para cima, enquanto sua boca se alonga para os lados, indo em direção às orelhas, como se as partes do rosto se expandissem. Ao contrário do que ocorre com a alegria, na raiva, tudo parece sofrer contração: os cantos da boca ficam voltados para baixo à medida que as sobrancelhas são contraídas para o centro do rosto. Na

tristeza, os cantos da boca são voltados para baixo, assim como as sobrancelhas. Nesse caso, Acevedo (1990) ressalta que tudo parece estar caído. Quanto à serenidade, a expressão facial da personagem é formada a partir da predominância de traços horizontais. Nesse sentido, a boca e as sobrancelhas realizam movimentos mais sutis.

O estudioso salienta que essas expressões são consideradas básicas, pois, por meio delas, torna-se possível a reprodução de expressões derivadas, por exemplo: a malícia e a ingenuidade. O movimento da boca que expressa alegria e o das sobrancelhas utilizado para indicar raiva, quando unidos, resultam em uma alegria maliciosa, isto é, o sorriso sádico de um indivíduo que se alegra com algo que causa dor a outra pessoa. Já a ingenuidade é representada a partir da junção da sobrancelha da tristeza e da boca usada para indicar a alegria, tendo como resultado uma alegria contida, um sorriso inibido de uma pessoa tímida ou envergonhada.

O repertório de expressões faciais pode ser expandido de acordo com a intensidade de cada estado de ânimo. A expressão de raiva pode ter seus traços intensificados de modo que se torne uma expressão de cólera ou fúria. O mesmo pode ocorrer com outras expressões, como a de alegria, que pode se transformar em um riso ou em uma gargalhada. Nesse caso, a direção da boca e das sobrancelhas segue a mesma base da expressão, tornando-se mais evidentes (Acevedo, 1990).

Como já mencionamos, mesmo que a expressão seja mais notória na face, ela pode ser percebida a partir de todo o corpo (Cagnin, 1975/2014; Acevedo, 1990; Ramos, 2010). Cagnin (1975/2014) alerta sobre a importância das expressões corporais. Todas as manifestações corporais são importantes, sejam conscientes, sejam espontâneas. Além disso, o rubor facial auxilia na transmissão de sentimentos e emoções sentidas pela personagem. Segundo Acevedo (1990, p. 53), “[...] o movimento do corpo humano não só reforça a expressão como *participa dela*”. O estudioso considera o corpo como uma estrutura e afirma que os movimentos de suas partes estão sempre relacionados. Os movimentos também estão ligados às emoções e aos pensamentos. Tal relação é denominada como “unidade corpo-mente” (Acevedo, 1990, p. 53), unidade em que não se pode modificar uma das partes sem modificar todas as outras.

Diferentemente de Cagnin (1975/2014), Acevedo (1990) aborda detalhes sobre as possíveis posturas corporais. Cada estado de ânimo é representado por uma expressão indicada por posturas e gestos corporais. Ele lista quatro expressões básicas: alegria, raiva, tristeza e serenidade. Para representar a alegria, são utilizados movimentos mais veementes. Os membros que formam o corpo se expandem. Por outro lado, para representar a raiva, os membros são contraídos, ocorrendo a contração muscular, característica gerada pela tensão. Os ombros ficam encolhidos e as pernas rígidas durante a realização de movimentos bruscos. Na tristeza, os

braços e a cabeça são representados geralmente como se estivessem caídos, demonstrando que a pessoa está desanimada. Quanto à representação da serenidade, os movimentos gestuais são harmônicos (Acevedo, 1990).

De acordo com Acevedo (1990), tanto as expressões faciais, quanto as corporais podem ser enfatizadas pelo uso de sinais gráficos. As linhas retas que parecem ser emitidas do rosto para fora transformam a alegria em uma alegria radiante. Já as linhas “vibratórias” (Acevedo, 1990, p. 32) que partem do rosto para fora são utilizadas para ressaltar a raiva, indicando calor e radiação. Em contrapartida, as linhas “vibratórias” paralelas aos lados da cabeça indicam arrepio e são capazes de transformar a expressão de tristeza em medo. Já as linhas quebradas, que parecem raios, são utilizadas para ressaltar o aborrecimento, dando a ideia de que a personagem está “soltando faíscas”. O autor ainda resalta que as gotas que partem do rosto fazem a expressão de timidez se tornar humilhação, enquanto a de tristeza pranto.

Na segunda vinheta do fragmento 3.4 (p. 110), a expressão de Anne — as sobrancelhas arqueadas, a boca com os cantos levemente curvados para cima e os dentes à mostra, indicando que ela está sorrindo — transmite a felicidade que ela está sentindo após finalmente ter sido notada e admirada por alguém. Já no fragmento 3.7 (p. 117), Anne foi retratada com sobrancelhas retas e com os cantos da boca curvados para cima, mostrando que ela estava satisfeita com a imagem que viu refletida no espelho. Diferentemente do fragmento 3.4, no fragmento 3.7 Anne não estava mostrando os dentes, pois o sorriso da garota é contido, tímido. Notamos que os traços do rosto de Anne, no fragmento 3.7, transitam entre as expressões mencionadas por Acevedo (1990): serenidade e ingenuidade.

No fragmento 1.1 (p. 25), exposto entre as primeiras páginas do diário em quadrinhos, Anne estava relatando sobre como era sua vida até aquele momento. Na perspectiva da garota, ela possuía muitos admiradores que a olhavam durante as aulas e que iam até a frente de sua casa fazer declarações de amor. As expressões faciais das personagens contribuem para a construção de sentidos da narrativa. Na quarta vinheta, Anne mencionou, por meio da legenda, possuir diversos admiradores. A expressão facial dos admiradores de Anne é composta pela boca que marca a alegria (com os cantos voltados para cima) e pelas sobrancelhas que indicam tristeza (voltadas para baixo), compondo, como dito por Acevedo (1990), a expressão facial que expressa ingenuidade. Nesse sentido, as bochechas avermelhadas dos meninos contribuem para ressaltar que eles estavam envergonhados.

Quanto à garota que ocupa a primeira carteira da sala de aula, é visível que Anne parecia divertir-se com a situação, uma vez que sua boca e sobrancelhas arqueadas indicam riso. No entanto, trata-se de um riso tímido, pois seus dentes não estão à mostra e sua cabeça

está levemente inclinada para baixo, como se ela estivesse se escondendo, mostrando-se acanhada.

Ao tomarem o aspecto visual como critério, Cagnin (1975/2014) e Ramos (2010) possuem ideias convergentes sobre as HQ apresentarem três estilos de composição de personagens: caricatas, realistas e estilizadas. Cagnin (2014, p. 116) define os objetivos da caricatura como “[...] carregar, exagerar nos traços, destacando os defeitos ou as virtudes, com o objetivo de satirizar, rir-se do alheio”. As personagens caricatas, portanto, possuem exagero em seus traços físicos. Segundo Ramos (2010), as personagens realistas são aquelas criadas a partir de modelos de pessoas reais ou de suas fotografias, elas possuem maior semelhança com o real. Em relação às personagens estilizadas, observamos a presença constante de um mesmo *design* ou estilo em sua formação. Uma mesma personagem pode ser representada pelos três estilos de composição em uma mesma narrativa.

Além desses tipos de personagens, Borges (2017) sugere uma quarta classe: as personificadas. Para sugerir essa classe, a linguista não leva em consideração apenas o aspecto visual, mas também os pensamentos e a ação desenvolvida pela personagem. As personagens personificadas surgem à medida que animais ou objetos recebem características tipicamente humanas, como sentimentos e emoções. Há, no diário em quadrinhos, a presença de uma personagem personificada: o diário, classificado dessa maneira por ser visto sob o olhar de Anne como um objeto dotado de características humanas.

Em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), os autores se inspiraram em pessoas que realmente existiram para caracterizarem as personagens; por isso, elas possuem aspecto realista. Isso pode ser comprovado diante de uma comparação entre as características visuais das personagens do diário em quadrinhos e das pessoas expostas nas figuras 1 e 2 (p. 15-16), as quais essas personagens foram inspiradas. Tais personagens também são estilizadas, porque, ao criá-las com base em pessoas reais, os autores mantiveram características visuais que aparecem constantemente em cada uma delas. Isto é, as elas apresentam sempre o mesmo estilo de composição. Notamos, por exemplo, que as personagens Anne, Edith e Margot, expostas no fragmento 2.1 (p. 83), possuem os mesmos cortes de cabelo e penteados das mulheres reais da família “Frank” expostas na figura 1 (p. 15). Ao longo de toda a narrativa, as características dessas personagens se mantêm. Anne foi retratada sempre com o cabelo na altura do queixo, com as pontas levemente desalinhadas e a franja penteada para a lateral direita de sua testa. Já o cabelo de Margot era um pouco maior e mais alinhado que o de sua irmã mais nova. Quanto a Edith, aparece, em todo o diário em quadrinhos, com os cabelos repartidos ao meio, presos em um coque na altura da nuca.

Existem personagens que pouco aparecem no diário em quadrinhos, como Hanneli e Jacque (amigas de Anne); Hello, Petel, Sally Kimmel e Appy (meninos que demonstravam afeição por Anne); Josef Israëlkade (balseiro); Uli (tio de Anne); Lotje (namorada de Albert Dussel); Senhor van Maaren (funcionário do armazém da empresa de Otto) e Adolf Hitler (presidente da Alemanha). Já as que mais aparecem na narrativa são Anne Frank, Margot Frank, Edith Frank, Otto Frank, Peter van Daan, Hermann van Daan, August van Daan e Albert Dussel. Os moradores do esconderijo são as personagens mais recorrentes no diário em quadrinhos. Isso ocorre porque a maior parte do desenvolvimento da narrativa ocorre no interior do Anexo Secreto. Em segundo lugar, as personagens mais recorrentes são as pessoas que ajudavam aqueles que estavam confinados: Johan Voskujil, Jo Kleiman, Victor Kugler, Bep Voskuijl, Miep Gies e Jean Gies. Todas essas personagens (os moradores do Anexo e seus ajudantes) foram apresentadas aos leitores no início da HQ (fragmento 2.1, p. 83) e tiveram suas descrições e caracterizações ampliadas ao longo da trama.

Analisando *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), observamos como as personagens são caracterizadas visualmente. No quadro a seguir, expomos as características físicas de cada membro que compõe a família “Frank”: Anne, sua irmã, Margot, e seus pais, Edith e Otto.

#### Quadro 4 — Família “Frank” e recursos visuais

Anne Frank	Baixa e magra. Seus cabelos pretos chegavam até a altura do meio do pescoço. O corte era repicado e contava com uma franja que Anne usava penteada para a lateral direita. Ela possuía pele branca, lábios de espessura fina e olhos grandes e pretos.
Margot Frank	Um pouco mais alta que Anne e magra. Cabelos curtos e pretos como os de Anne, porém mais alinhados e sem franja. Utilizava comumente uma presilha pequena na lateral direita da cabeça como acessório. Além da presilha, usava óculos de grau com armação arredondada; possuía pele branca e olhos pretos.
Edith Frank	Mais alta que suas filhas, mas mais baixa que Otto. Massa corporal mediana, cabelos escuros, sempre presos em um coque na altura da nuca. Tinha nariz fino e comprido, olhos pretos, com as laterais externas levemente caídas, o que lhe atribuía um “ar” de cansaço.
Otto Frank	Magro e alto. Seus cabelos eram grisalhos e ocupavam somente as laterais da cabeça. Possuía nariz e orelhas grandes e pontudos, bigode grisalho como os cabelos, olhos pretos e pele branca.

Fonte: a própria autora, com base em Folman e Polonsky (2018).

Além da família “Frank”, notamos os aspectos visuais das outras personagens que residiram no Anexo Secreto: a família “van Daan” (Peter, Auguste e Herman) e o dentista, Albert Dussel. No quadro a seguir, expomos as características visuais dessas personagens.

#### Quadro 5 — Família “van Daan”, o dentista e recursos visuais

Peter van Daan	Baixo (altura próxima a de Margot) e magro. Tinha a pele clara, cabelos curtos e castanhos; olhos pretos e nariz pequeno, cuja ponta era levemente arrebitada.
Auguste van Daan	Massa corpórea maior que a de todas as personagens presentes no diário em quadrinhos e altura média. Sua pele era branca, enquanto seus dentes um pouco afastados um do outro; seus olhos pretos e seus cabelos castanhos avermelhados sedo que estavam sempre presos em um coque

	baixo. Em alguns momentos, a personagem aparecia usando maquiagem (sombra em tom roxo claro e batom vermelho).
Hermann van Daan	Apresentava massa corporal e altura medianas, pele branca, olhos pretos, nariz comprido e largo. Seus cabelos eram mais ralos que os do dentista e possuíam dois tons de cores: castanho e acinzentado.
Albert Dussel	Em comparação com os demais adultos que aparecem no diário em quadrinhos, sua altura era baixa e ele era magro. Possuía cabelos curtos, castanhos e ralos. Tinha pele branca, olhos pretos, lábios carnudos, um pouco de papada e bochechas grandes.

Fonte: a própria autora, com base em Folman e Polonsky (2018).

Outras personagens presentes no diário em quadrinhos são as pessoas responsáveis por ajudar os moradores do Anexo. Entre os ajudantes, estavam os empregados da Opeka (empresa de Otto Frank): Johan Voskujil, Jo Kleiman, Victor Kugler, Bep Voskuijl, Miep Gies e o marido (Jean Gies).

#### Quadro 6 — Os ajudantes e recursos visuais

Johan Voskujil	Magro e baixo. Tinha cabelos curtos e pretos, com menos quantidade de cabelos na parte frontal da cabeça. Sua pele era branca, enquanto os olhos pretos e pequenos.
Jo Kleiman	Magro e alto. Seus cabelos eram grisalhos e ralos. Possuía orelhas grandes e pontudas, olhos verdes. Ele usava óculos de grau com armação arredondada.
Victor Kugler	Magro e baixo. Tinha cabelos curtos e pretos, pele branca, testa grande e olhos pretos com os cantos externos um pouco projetados para baixo.
Bep Voskuijl	Altura média. Era magra. Possuía cabelos castanhos escuros que chegavam até a altura dos ombros. Sua pele era branca e seus olhos miúdos e pretos. Usava óculos de grau com armação estreita e uma presilha branca na lateral esquerda da cabeça.
Miep Gies	Magra, de estatura média, um pouco mais alta que Bep. Tinha cabelos castanhos claros, compridos, que mantinha semipresos. Sua pele era branca, já os olhos azuis.
Jean Gies	Alto e magro. Seus cabelos eram castanhos escuros e curtos, porém volumosos. Possuía lábios carnudos, olhos azuis e pele branca. Usava óculos de grau com armação redonda.

Fonte: a própria autora, com base em Folman e Polonsky (2018).

As personagens não são constituídas apenas pelo aspecto visual, mas também possuem papéis dentro da história. Para esclarecermos quais papéis podem ser desempenhados pelas personagens dentro de uma trama, tomamos como referência os estudos sobre narrativa, desenvolvidos por, Franco Júnior (2009) e Forster (2003<sup>73</sup>). O uso da concepção da literatura para caracterizar personagem, nesta tese, busca estabelecer um diálogo entre a linguagem quadrinística e a linguagem literária, sem pretensões comparativas entre ambas. Devemos ter em mente que os estudiosos da literatura não realizaram suas pesquisas sobre personagens, tomando como base textos em quadrinhos, e sim analisaram textos literários. No entanto, foi possível percebermos que determinadas características mencionadas por esses autores podem ser consideradas para olhar para as HQ.

Segundo Franco Júnior (2009), a personagem é quem movimenta a narrativa por meio de suas ações ou estados. “A personagem é um dos principais elementos constitutivos da narrativa. É sobre ela que recai, normalmente, a maior atenção dispensada pelo leitor, dada a

<sup>73</sup> A primeira edição da obra foi publicada em 1974.

ilusão de semelhança que tal elemento cria com a noção de pessoa” (Franco Júnior, 2009, p. 38). O autor classifica as personagens levando em consideração: 1) o grau de importância que elas possuem para o desenvolvimento do conflito dramático presente na narração; 2) o nível de densidade psicológica.

As personagens classificadas quanto ao grau de importância que possuem na narrativa são divididas em dois tipos: personagem principal e personagem secundária. Em uma mesma narrativa, pode haver mais de uma personagem principal. O estudioso define como personagem principal aquela que desempenha ações indispensáveis para o desenvolvimento da narrativa. “A personagem é classificada como principal quando suas ações são fundamentais para a constituição e o desenvolvimento do conflito dramático” (Franco Júnior, 2009, p. 39). Ela pode desempenhar o papel de herói na trama, fazendo com que o leitor deposite nela sua atenção e interesse. Já a personagem secundária desenvolve ações que não são fundamentais para o conflito dramático da narrativa. Ao contrário da personagem principal, ela atrai menos a atenção do leitor. No entanto, ao longo da narrativa, devido a alguma reviravolta, pode mostrar-se indispensável para o desenvolvimento do conflito dramático do texto.

No que tange à classificação das personagens segundo o grau de densidade psicológica, existem as personagens planas, as personagens planas com tendência a redondas e as personagens redondas. As personagens planas, Segundo Forster (1974), possuem baixo grau de densidade psicológica. Elas são personagens caracterizadas por poucos atributos, fato que contribui para que elas sejam pouco complexas. Os aspectos que caracterizam a psicologia e as ações dessas personagens tendem a seguir uma linearidade.

Existem dois subtipos de personagens planas: tipos e estereótipos. Personagens tipo possuem características que a ligam normalmente a uma categoria social, por exemplo, uma profissão. As personagens estereotipadas são identificadas devido ao acúmulo de aspectos que caracterizam determinada categoria social: “[...] sua psicologia e suas ações são como que determinadas pela categoria social à qual pertence — fato normalmente construído por meio da descrição dos seus atributos físicos e de seu figurino” (Franco Júnior, 2009, p. 39). O pirata com sua perna de pau, seu chapéu preto com caveira e seu papagaio no ombro é um dos exemplos dados pelo estudioso para explicar a personagem estereotipada.

Além das personagens planas, existem as planas com tendência a ser redonda. Como podemos inferir pelo próprio nome, essas personagens estão no meio termo, entre as personagens planas e as redondas. Para explicar essas personagens, Franco Júnior (2009) leva

em consideração as ideias de Candido (1976)<sup>74</sup>. Tais personagens têm um grau médio de densidade psicológica: elas possuem linearidade em relação às características de sua psicologia e suas ações, contudo não são personagens previsíveis. Elas podem surpreender o leitor caso suas ações contrastem com sua caracterização psicológica no decorrer da narrativa.

As personagens redondas, de acordo com Forster (1974), em contraste com as personagens planas, apresentam mais variedade de características, não se reduzem aos limites de determinado grupo da sociedade. Por isso, são consideradas de maior complexidade. Mudam durante o enredo, sendo imprevisíveis. Também apresentam grau elevado de densidade psicológica, não possuindo linearidade em relação às características que formam sua psicologia e suas ações. As personagens redondas surpreendem “[...] o leitor ao longo da narrativa, pois apresentam de modo denso a complexidade, os conflitos e as contradições que caracterizam a condição humana” (Franco Júnior, 2009, p. 39).

Tendo em vista os apontamentos feitos por Franco Júnior (2009) e Forster (2003) sobre a classificação das personagens — principal, secundária (grau de importância); plana, plana com tendência a redonda e redonda (grau de densidade) — buscamos analisar as personagens presentes em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018). No quadro a seguir, mostramos a função ocupada por cada personagem que compõe a família “Frank” e quais as ações e os pensamentos desempenhados por elas que fazem com que ocupem dada função. A classificação das personagens foi realizada levando em consideração a visão que Anne, narradora da história, tem de cada uma.

#### Quadro 7 — Família “Frank” e funções

Personagens	Funções (Grau de importância para o desenvolvimento do conflito dramático presente na narração/nível de densidade psicológica)
Anne Frank	Anne é uma personagem principal e redonda, pois apresenta alto grau de complexidade. Como narradora de sua própria história, ela foi fundamental para o desenvolvimento da narrativa, pois, sem ela, não existiriam relatos no diário. Ela é uma personagem instável, não possui linearidade em suas características, sofrendo diversas mudanças de ações e pensamentos ao longo da trama. Ela iniciou a narrativa declarando ter muitas amigas e admiradores na escola. No entanto, ela se sentia sozinha e acreditava que suas amigas não eram verdadeiras. Ao ir para o Anexo, Anne entrou em um estado de tristeza que, com o passar do tempo, tornou-se depressão. Nesse período, ela elogiou sua vida antes do isolamento e sentiu falta dos amigos e da liberdade. A melancolia de Anne se agravou e talvez a tristeza e a solidão tenham sido os principais motivos que a fizeram se aproximar e iniciar um romance com Peter van Daan. Anne demonstrou alívio quando descobriu que amava Peter. O amor, nesse caso, pode ser visto como uma fuga da melancolia. Antes de se apaixonar por Peter, Anne o via como fraco e covarde. Já no início do relacionamento, ela não poupava elogios a Peter, chegando a exaltar o quanto ele era corajoso. As expressões faciais de Anne acompanharam sua mudança de humor. Durante o início do romance com Peter, ela foi retratada sempre sorrindo. Após algum tempo convivendo com o garoto, Anne começou a vê-lo como fraco e covarde novamente. A partir de então, ela passou a ser retratada com o semblante triste. O mesmo ocorreu em relação aos pensamentos que ela tinha a respeito de sua mãe. A garota criticava sua mãe no início da

<sup>74</sup> Franco Júnior (2009) refere-se à obra *A personagem de ficção* de Antonio Candido, publicada em 1976.

	narrativa, depois se arrependeu. Mas logo voltou a criticá-la. Anne refletia constantemente sobre as situações e mudava de opinião sobre as pessoas conforme os sentimentos que por elas sentia.
Margot Frank	Margot é uma personagem principal e plana com tendência a redonda. Ela era a irmã mais velha de Anne. Margot teve relevância para o desenvolvimento dos conflitos da narrativa, pois era sua existência que possibilitava às outras personagens fazerem comparações entre Anne e ela. Durante toda a trama, Margot foi considerada um exemplo a ser seguido, visto que ela era inteligente, educada, bondosa, compreensiva e gentil. Porém, ela se sentia tão sozinha no esconderijo quanto Anne.
Edith Frank	Edith é uma personagem principal e plana com tendência a redonda. Ela era mãe de Anne e Margot e esposa de Otto. Edith teve importância para os conflitos da narrativa graças à relação conturbada que possuía com Anne. No início da trama, Anne afirmou que seus pais eram amorosos. Contudo, ao longo da narrativa, ela reclamou diversas vezes sobre o comportamento de sua mãe. A falta de carinho e as críticas de Edith sobre Anne não ser comportada como Margot magoavam Anne. Em um momento da narrativa, Anne se arrependeu pelos comentários pejorativos que escreveu no diário sobre sua mãe. No entanto, ela não deixou de escrever sobre o quanto gostaria que Edith fosse mais amorosa.
Otto Frank	Otto é uma personagem principal e plana (tipo). Ele era pai de Margot e Anne e esposo de Edith. Otto foi essencial para o desenvolvimento do conflito dramático presente na narrativa, porque foi ele quem arranjou um esconderijo onde pudesse morar com a família até o fim do antissemitismo. Sem o esconderijo, a família “Frank” provavelmente teria sido encaminhada para um campo de concentração, assim que os alemães tomaram a Holanda e Anne não escreveria o diário. Apesar de comparar suas filhas em alguns momentos, Otto mostrou-se ser um pai carinhoso, compreensivo e cuidadoso desde o começo até o final da trama.

Fonte: a própria autora, com base em Folman e Polonsky (2018).

A seguir, descrevemos, no quadro, a relevância e a personalidade das outras personagens que residiam no Anexo: a família “van Daan” e o dentista Albert Dussel.

#### Quadro 8 — Família “van Daan”, o dentista e funções

Personagens	Funções (grau de importância para o desenvolvimento do conflito dramático presente na narração/nível de densidade psicológica)
Peter Van Daan	Peter é uma personagem principal e plana com tendência a redonda. Ele era filho do senhor e da senhora van Daan. O garoto teve relevância para o desenvolvimento dos conflitos da narrativa, pois sua amizade com Anne foi responsável por ajudá-la a superar o estado depressivo em que se encontrava. Anne, no início da trama, descreveu Peter como alguém que tinha “medo da própria sombra” (Folman; Polonsky, 2008, p. 30). Ele tinha medo de ratos, era dramático e estava sempre sofrendo de alguma doença horrível. Em determinado momento da narrativa, Anne se perguntou sobre como não tinha notado o quanto Peter era gentil e sensível. A partir daí, a garota, apaixonada, passou a descrevê-lo como sendo lindo, forte, corajoso e encantador. Porém, não tardou para que Anne voltasse a afirmar que ele era fraco.
Auguste Van Daan	Auguste é uma personagem principal e plana (estereótipo). Ela era mãe de Peter e casada com Hermann. Auguste foi fundamental para o conflito dramático da narrativa, pois entrou frequentemente em atrito com Anne. Na primeira vez em que Anne viu a senhora van Daan, ela a comparou com uma “diva do inferno” (Folman; Polonsky, 2008, p. 30). A má impressão que Anne teve de Auguste durou por toda a narrativa. Auguste tecia comentários maldosos sobre Anne; era vaidosa, egoísta e arrogante.
Hermann Van Daan	Hermann é uma personagem secundária e plana (tipo). Ele era pai de Peter, casado com Auguste e trabalhou na empresa de Otto. Hermann apareceu pouco na trama, não sendo essencial para o desenvolvimento do conflito dramático da narrativa. Quando apareceu nos relatos de Anne, Hermann geralmente estava em conflito com sua esposa.
Albert Dussel	Albert é uma personagem secundária e plana (tipo). Albert era dentista. Ele é retratado, algumas vezes na narrativa, vestido com roupas que remetem às vestimentas usadas por um dentista (túnica branca ou avental branco) e chegou ao Anexo carregando seus instrumentos de trabalho. Por meio das poucas vezes que Anne fez anotações sobre Albert, foi possível constatar que ele era desorganizado e, em alguns momentos, egoísta. O dentista recebia comidas de sua namorada e as escondia embaixo da cama para comer sozinho durante a

	madrugada. Albert executou seu trabalho de dentista sempre que foi necessário no Anexo, ajudando as pessoas com cuidados médicos.
--	---

**Fonte:** a própria autora, com base em Folman e Polonsky (2018).

Em relação às personagens que ajudavam os moradores do Anexo Secreto a sobreviverem, também podemos traçar algumas considerações a respeito de sua importância e personalidades. Todas essas personagens (Johan Voskujil, Jo Kleiman, Victor Kugler, Bep Voskuijl, Bep Voskuijl, Miep Gies e Jean Gies) ocupam o lugar de personagens secundárias no diário em quadrinhos, pois, mesmo tendo sido essenciais para que os moradores do Anexo sobrevivessem, elas não desenvolveram ações fundamentais para o conflito dramático da narrativa. Muitas delas foram apenas citadas por Anne, não participando como personagens no diário em quadrinhos. Além disso, todas podem ser consideradas personagens planas típicas. Planas, porque demonstram um grau baixo de densidade psicológica. A caracterização dessas personagens, feita por poucos atributos, faz com elas tenham conseqüentemente pouca complexidade. As características atribuídas a elas são típicas e, por isso, remetem a uma categoria social, nesse caso, pessoas que trabalham em um escritório.

Johan Voskujil administrava o depósito da empresa Opeka. Os principais fatos mencionados sobre Johan, ao longo da narrativa, estão relacionados ao seu estado de saúde, como a realização de uma cirurgia em decorrência de uma crise de úlcera e a descoberta de um câncer em estado avançado, que reduzia consideravelmente seu tempo de vida. Já Jo Kleiman trabalhava como contador nas duas empresas de Otto, a Opeka e a Pectacon. Na narrativa, a personagem executava a tarefa de comprar comidas para os moradores do Anexo, que se tornava cada dia mais difícil devido à fiscalização nazista e ao aumento dos preços dos alimentos. Ele também ajudou os moradores do Anexo ao vender objetos que lhes pertenciam para arrecadar dinheiro e ao vigiar uma invasão de ladrões ocorrida na empresa onde ficava o Anexo. Assim como Johan, Jo possuía saúde instável, tendo que se ausentar das tarefas que desempenhava por apresentar problemas no estômago e para realizar uma cirurgia no intestino.

Victor Kugler dirigiu a empresa Opeka durante o isolamento de Otto no esconderijo. A personagem participou de reuniões importantes para o crescimento da empresa, ajudava os judeus que estavam no Anexo de todas as maneiras possíveis, até mesmo despistando pessoas que desconfiaram que houvesse algo suspeito na empresa. Por um tempo, Victor foi a única pessoa disponível para auxiliar os moradores do Anexo, pois todos os outros precisaram se afastar por problemas de saúde.

Bep Voskuijl trabalhava como secretária na Opeka. Ela era filha de Johan e se esforçava para estar sempre à disposição dos moradores do Anexo, oferecendo-se, por exemplo,

para levar Anne, de forma clandestina, ao oftalmologista. Além de dar suporte aos moradores do esconderijo, Bep cuidou de Johan quando ele descobriu que estava com câncer. Esse fato fez com que ela não conseguisse mais ajudar de maneira ativa seus acobertados. Assim com Bep, Miep Gies trabalhava como secretária na empresa de Otto. Ela era muito empenhada em ajudar os judeus escondidos. No entanto, precisou ficar um tempo ausente, pois, ao ir comprar um livro para Dussel, foi atropelada por uma motocicleta da polícia nazista e se machucou. Jean Gies era marido de Miep. Ele e sua esposa ajudaram a família “Frank” a realizar a mudança para o Anexo Secreto.

Como observamos nos quadros 5 e 6 (p. 124-125), os acontecimentos narrados por Anne, na maioria das vezes, giram em torno dela. Entre todos os aspectos referentes aos estilos de personagem e expressões faciais e gestuais citados nesta seção, percebemos que Anne foi a personagem do diário em quadrinhos que pôde ter tanto as características, quanto o modo de agir, pensar etc. mais detalhados. Isso foi possível, porque, além de ser a personagem mais importante da trama, a protagonista, Anne ocupou o papel de narradora da história e, durante seus relatos, falou consideravelmente sobre si. Além de Anne, existem outras personagens que, dependendo da situação em que se encontravam, podem ser consideradas personagens principais da narrativa. Essas personagens são: Otto Frank, Peter van Daan, Auguste van Daan, Edith e Margot Frank, sendo que as três últimas personagens referidas se tornam, de certa forma, personagens rivais à Anne em alguns momentos da trama. Essa instabilidade das personagens faz com que o desenvolvimento narrativo seja dinâmico.

Entre todas as personagens principais na narrativa — Anne, Otto, Edith, Margot, Peter e Auguste — destacamos que Anne é a personagem mais complexa, pois apresenta inconstâncias e a narrativa está tão concentrada nela que, sem ela, não existiria narrativa. Podemos afirmar que todas as personagens mencionadas anteriormente enquadram-se nos tipos de personagem descritas por Franco Júnior (2009) e Forster (2003) como planas ou planas com tendência a redonda, exceto Anne. Somente ela pode ser considerada uma personagem redonda, pois foi a personagem que apresentou maior densidade psicológica durante a trama e características mais variadas. Anne era imprevisível. Isso foi visto em suas expressões gestuais e faciais, que foram fundamentais para a construção de sentidos da trama e, conseqüentemente, para a caracterização de Anne, pois, muitas vezes, os sentimentos da garota só podiam ser notados por meio de tais expressões.

Na sequência, analisamos como ocorreu a marcação temporal no diário em quadrinhos.

### 3.3.3 Tempo

Nesta subseção, o tempo é abordado levando em consideração, principalmente, as ideias de Cagnin (1975/2014), Acevedo (1990) e Ramos (2010). Segundo Cagnin (1975/2014), a ideia de tempo merece destaque. Durante a leitura de uma HQ, com base nos contextos variados, é possível deduzirmos o tempo. “É a ideia de tempo, tão importante na narrativa icônica” (Cagnin, 1975/2014, p. 72). Acevedo (1990) não faz alusão direta à passagem do tempo em sua obra. No entanto, aborda as linhas ou figuras cinéticas: marcações gráficas que indicam movimento. Tais marcações são consideradas por Ramos (2010) como marcações temporais, visto que a movimentação indicada pelas linhas cinéticas sugere a passagem de tempo. Ramos (2010, p. 128) define o tempo como “[...] elemento essencial nos quadrinhos”. A seguir, são elencados tipos de tempo segundo os autores referenciados, iniciando por Cagnin (1975/2014).

#### 3.3.3.1 Tipos de tempo e suas representações no diário em quadrinhos

Segundo Cagnin (1975/2014), o tempo pode aparecer na linguagem quadrinística de seis maneiras.

**Quadro 9** — Tipos de tempo

1) “Tempo enquanto sequência de um antes e um depois”	“Este caso se dá nas historinhas de um só quadro e sempre nas sequências em que a justaposição dos quadrinhos mais significativos dos momentos da ação sugerem o movimento, mesmo com cortes daqueles momentos entre os quadrinhos”.
2) “Tempo enquanto época ou era”	Esse tempo é a representação de um momento histórico, perceptível por meio das roupas, do cenário etc.
3) Tempo astronômico	O tempo é referente à divisão dos períodos do dia (dia e noite). Nele, ocorre a utilização dos signos visuais sol e lua, além dos contrastes de tons para representar esses períodos.
4) Tempo meteorológico	Caracteriza-se pela representação climática (frio, calor etc.). Ele pode ser observado por meio de figuras específicas (neve caindo) ou de forma indireta (agasalhos, ventilador etc.).
5) Tempo da narração	Trata-se de uma ação representada pelo cartunista e que se torna presente durante a leitura. O tempo de narração é reproduzido conforme a sequência de vinhetas vai sendo lida.
6) Tempo de leitura	Refere-se à linearidade presente na leitura feita pelo leitor. A leitura se desenrola conforme a vontade e o ritmo de cada leitor. No decorrer da leitura, uma mesma vinheta passa por três tempos: passado (depois que foi lida), presente (momento em que está sendo lida) e futuro (antes de ser lida). Nesse sentido, a vinheta elíptica terá um passado e um futuro, mas não terá um presente, já que nunca se realiza.

Fonte: a própria autora, com base em Cagnin (1975/2014, p. 72-74).

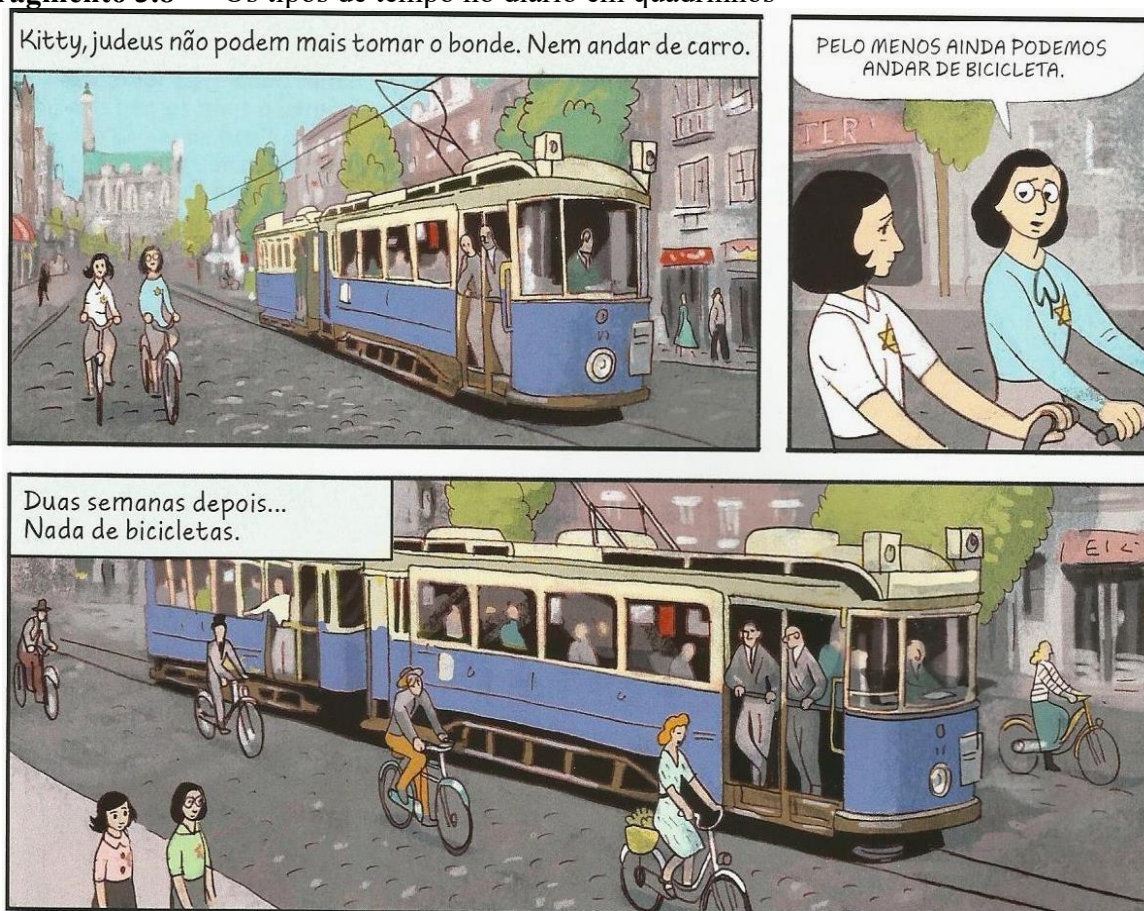
Entre os tempos mencionados por Cagnin (1975/2014), notamos que os tempos “enquanto sequência de um antes e um depois”, “enquanto época ou era”, o astronômico e o

meteorológico são ligados ao desenvolvimento da trama. Por outro lado, o “tempo da narração” e o “tempo de leitura” são vinculados ao leitor. Ramos (2010) concorda com a existência dos seis tipos temporais citados por Cagnin (1975/2014) nas HQ. Porém, o tempo nominado por Cagnin (1975/2014) como “tempo enquanto época ou era” é renomeado por Ramos (2010) como “época histórica”. Neste trabalho, este tempo será chamado de “tempo histórico” como forma de deixar a terminologia mais sucinta e compreensível.

Notamos que esses seis tipos de tempo foram utilizados para a construção de sentidos de *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018). As roupas utilizadas pelas personagens e a presença de neve e de chuva marcam a presença do tempo meteorológico na narrativa. O tempo histórico pode ser deduzido diante da observação das roupas, dos símbolos e espaços expostos, como os campos de concentração. Já o tempo astronômico pode ser identificado, no diário em quadrinhos, a partir da presença da lua e das estrelas e pela coloração do céu, usados para indicar a noite. O dia pode ser identificado apenas pela coloração do céu, visto que, em nenhum momento da narrativa, ocorre a exposição do sol.

Ao contemplar o fragmento 3.6 (p. 116), por exemplo, percebemos que era noite, pois o céu estava escuro e as luzes, no interior do Anexo, estavam acesas. Na quarta vinheta do fragmento 1.1 (p. 25), há um relógio na parede da sala de aula. Por se tratar de uma aula para crianças, pressupõe-se que ela estava ocorrendo por volta do meio-dia, portanto a cena se passou durante o dia. O horário exposto no relógio e o contexto envolvendo aulas para crianças contribuem para a marcação do tempo. Diante desses fatos, é possível notar que outros elementos, além dos apontados Cagnin (1975/2014), a presença do sol e da lua e da coloração do céu, aparecem, no diário em quadrinhos, contribuindo para a identificação do tempo astronômico.

### Fragmento 3.8 — Os tipos de tempo no diário em quadrinhos



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 17).

Na sequência narrativa anterior ao fragmento exposto, Anne e Margot estavam em um espaço para lazer com piscina. Na ocasião, um guarda nazista expulsou os judeus da piscina, pois os acreditavam que eles eram capazes de contaminar a água com germes perigosos. No fragmento 3.8, Anne e Margot ainda estavam dialogando sobre as restrições impostas aos judeus pelos nazistas. Os judeus foram proibidos de andarem de bonde, carro e bicicleta. Tais restrições são expostas ao leitor por meio das legendas, do balão-fala, das ações das personagens e da representação do tempo e do espaço. Há marcação temporal nas falas de Anne expostas por meio das legendas. Ela afirmou que, em determinado período, os judeus não podiam andar de carro e bonde, mas podiam andar de bicicleta e, em outro momento, eles não podiam mais andar de bicicleta.

Notamos que a sequência de um antes e um depois, o tempo de narração e o tempo de leitura estão presentes em todas as vinhetas que formam o fragmento. Sobre a sequência de um antes e um depois, há cortes entre as vinhetas: alguns fatos não são expostos ao leitor e devem ser inferidos por ele. Na primeira vinheta, as irmãs estavam andando de bicicleta. Na segunda vinheta, elas continuavam praticando a mesma ação, mas estavam em um novo espaço, o que

mostra que elas se movimentaram com suas bicicletas. Constatamos que, da primeira para segunda vinheta, as personagens se deslocaram de um lugar para outro, porém esse deslocamento não foi exposto explicitamente ao leitor. O mesmo pode ser observado na transição da segunda para a terceira vinheta. Na legenda da terceira vinheta, foi indicada a passagem temporal equivalente a duas semanas. Isso deixa implícito que vários acontecimentos se passaram até a ocasião exposta na vinheta em questão. No entanto, eles não foram expostos ao leitor. Nesse caso, destacamos que o uso do advérbio de tempo “depois”, presente na terceira vinheta, indicando a passagem de duas semanas, contribuiu para a marcação temporal do fragmento. Os cortes serão abordados novamente, de forma mais detalhada, na subseção “3.3.5 Vinhetas, a Menor Unidade Narrativa” (p. 161-169).

Em todas as vinhetas do fragmento 3.8, as meninas caminharam na mesma direção, da esquerda para a direita. Isso indica o tempo de narração: a ordem que o leitor deve realizar a leitura. Quanto ao tempo de leitura, ressaltamos que está ligado ao subjetivismo de cada leitor e cabe a ele escolher o ritmo que realizará a leitura da HQ. Ainda percebemos, no fragmento 3.8, a presença do tempo astronômico, do meteorológico e do histórico. No que confere ao tempo astronômico, por exemplo, constatamos que é dia por meio da claridade do céu. Em relação ao meteorológico, percebemos que algumas pessoas foram expostas trajando blusas de manga cumprida, outras estão vestindo blusas de manga curta ou vestidos. As vestimentas das personagens, nesse caso, indicam que o clima está ameno. Além disso, a presença da estrela amarela nas vestes de Margot e Anne, como será detalhado adiante, marca o tempo histórico no fragmento.

Sobre a movimentação nas HQ, Acevedo (1990, p. 72) esclarece que “[...] *a história em quadrinhos carece de movimento*, mas o sugere. É o leitor que lhe dá movimento e continuidade, em sua imaginação”. O autor aponta, como expomos no início desta subseção, que um dos elementos utilizados nas HQ para indicar o movimento são as linhas cinéticas: “[...] uma convenção gráfica que expressa a ilusão do movimento ou a trajetória dos objetos que se movem. São algo assim como ‘pegadas do movimento’” (Acevedo, 1990, p. 151). Essas linhas podem ser abstratas ou naturalistas. Aquelas indicam o movimento sinteticamente e são utilizadas para indicar o espaço percorrido pelo corpo em movimentação, por exemplo, o corpo correndo. Já as naturalistas sinalizam o movimento analiticamente. Elas podem ser utilizadas para descrever momentos relevantes que o corpo faz durante o movimento, como balançar a cabeça em sentido negativo ou afirmativo.

Segundo Ramos (2010), o tempo pode ser retratado dentro da vinheta por meio da movimentação das personagens, pois toda ação realizada por elas infere a ocorrência de uma

passagem temporal. Ele considera que as linhas cinéticas mencionadas por Acevedo (1990), por reforçarem a movimentação feita pelas personagens, são um recurso que contribui para expressar o tempo transcorrido na história. De acordo com Ramos (2010), o tempo ainda pode ser inferido por meio da disposição das vinhetas. A quantidade de vinhetas presente em uma HQ influencia na representação temporal. Ao observar uma grande quantidade de vinhetas e uma redução no corte entre elas, tem-se a sensação de um prolongamento temporal. Por outro lado, o tempo tende a parecer reduzido quando a quantidade de vinhetas é menor e os cortes entre as cenas são maiores.

Nas vinhetas, podem existir pistas visuais que indicam tempo transcorrido. Para exemplificar a afirmativa do autor, pode-se imaginar uma sequência de três vinhetas em que uma pessoa está sentada diante de um prato como se estivesse se alimentando. Se for exposto, respectivamente, em cada vinheta, um prato repleto de comida, um prato com pouca comida e um prato vazio, será possível deduzir que a pessoa terminou de se alimentar e que, portanto, houve passagem de tempo. Além disso, segundo o estudioso, a passagem do tempo pode ser percebida tendo em vista o envelhecimento das personagens. E, quando há o aumento de tensão nas cenas, o prolongamento temporal se torna ainda maior.

### **Fragmento 3.9** — Anne com cinco anos de idade



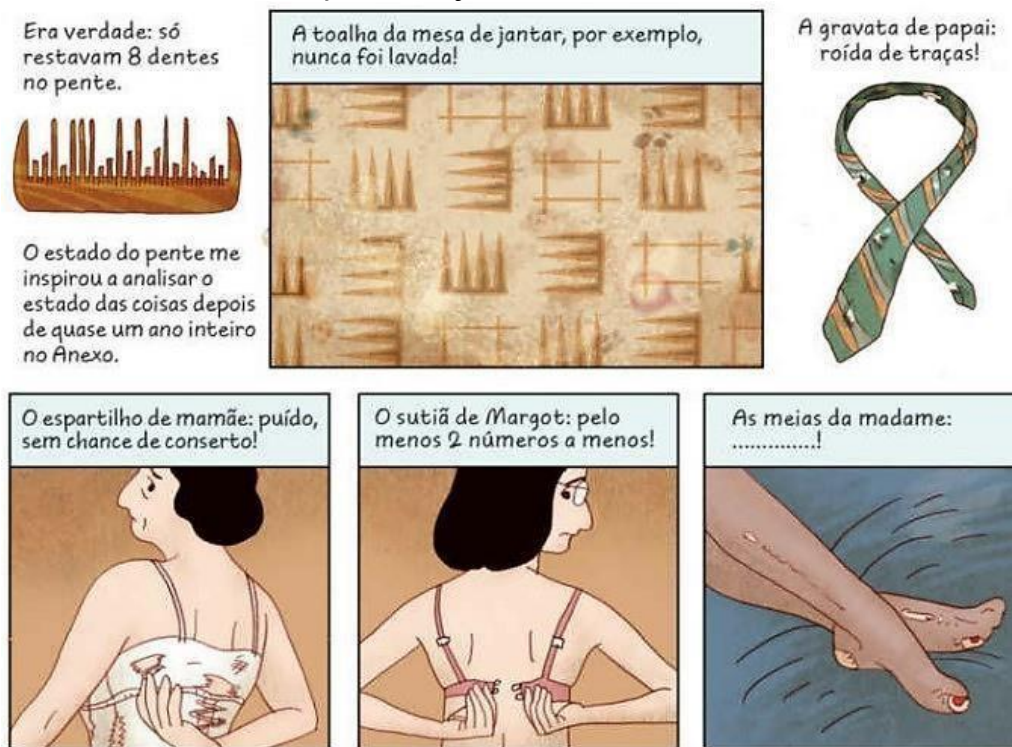
Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 14).

Quando se comparam Anne e Margot nos fragmentos 3.8 (p. 133) e 3.9, notamos que as irmãs estão mais velhas naquele. Esse envelhecimento das personagens torna evidente a passagem do tempo. O fragmento 3.9 diz respeito ao momento quando Anne e sua família se mudaram para a Holanda. Otto foi o primeiro a se mudar, em 1933. Na primeira vinheta, foi retratada a chegada de Edith e Margot ao país. Na segunda, foi exposta a chegada de Anne que ocorreu alguns meses após a mudança de sua mãe e de sua irmã. Observamos que há um corte,

omitindo uma passagem longa de tempo entre as vinhetas: os meses que Anne ficou morando com sua avó na Alemanha até poder se mudar para a Holanda. O corte também é um elemento importante para a construção do tempo transcorrido na narrativa.

No fragmento 3.9, Anne e sua irmã eram crianças. Diante da legenda, é possível deduzirmos que, se Anne chegou à Holanda no oitavo aniversário de sua irmã e Margot era três anos mais velha que ela, então, na ocasião, Anne tinha cinco anos de idade. Já no fragmento 3.9, Anne e Margot envelheceram e estavam vivenciando a fase da adolescência. Além do envelhecimento das personagens, no diário em quadrinhos, vemos a passagem do tempo por meio do envelhecimento dos objetos, como será contemplado no fragmento 3.10.

### Fragmento 3.10 — A deterioração dos objetos



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 68).

O fragmento 3.10 é referente ao momento da narrativa em que a Edith pediu para que Anne a ajudasse a pentear-se. Ao sentir dificuldade para desempenhar a ação, Anne percebeu que o pente estava danificado. A garota passou a observar o desgaste de diversos objetos, como exposto no fragmento. Os objetos foram representados de modo que os desgastes causados pelo tempo ficassem em evidência tanto nas ilustrações, quanto nas legendas. Na primeira vinheta, visualizamos que o pente de Edith perdeu quase todos os dentes, restando-lhe apenas oito. A toalha utilizada na mesa de jantar foi exposta apresentando manchas na segunda vinheta. Talvez, ela não pudesse ser lavada, pois, no Anexo, não havia espaço e luz solar suficientes

para sua secagem. Na terceira vinheta, está em exposição a gravata de Otto repleta de buracos causados pelas traças.

O espartilho de Edith, como verificado na quarta vinheta, tornou-se desgastado ao ponto de, na visão de Anne, não poder ser consertado. Na quinta, foi exposto o sutiã de Margot. A vestimenta, segundo a narrativa presente na legenda, não servia mais na menina. Por último, na sexta vinheta, mostrou-se que as meias da senhora van Daan desfiaram. Em relação às meias, na legenda, não fica explícito o que ocorreu com elas. O uso das reticências, nesse caso, sugere que elas podem ter tido o mesmo destino dos demais objetos aos quais Anne referiu-se. Esse fato fica comprovado pela representação ilustrativa das meias. A degradação dos objetos ocorreu por serem utilizados com frequência, denotando a passagem temporal.

Quanto aos cortes existentes entre as vinhetas, notamos que, nesse fragmento, eles desempenham função diferente da que exercem no fragmento 3.9 (p. 135): a de omitir a passagem temporal entre as vinhetas. Isso não ocorre no fragmento 3.10, pois não foi desempenhada uma sequência de ações executadas pelas personagens de uma vinheta para a outra. Não é necessário que o leitor deduza uma ação omitida no meio das vinhetas. Nesse fragmento, a presença de cortes entre as vinhetas contribui para isolar cada objeto apresentado, ressaltando o desgaste provocado pelo seu uso durante vários meses e as condições precárias em que viviam os moradores do Anexo Secreto.

Entre os tipos de tempo elencados por Cagnin (1975/2014) e Ramos (2010), observamos que todos estão presentes no diário em quadrinhos. O tempo histórico, abordado por Cagnin (1975/2014) e retomado por Ramos (2010), e a passagem temporal ligada à movimentação presente nas vinhetas, mencionada por Ramos (2010), são as marcações de tempo predominantes na narrativa. O tempo histórico é fundamental para a construção de sentidos de *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), visto que o período histórico quando a narrativa se passou foi um dos fatores que influenciou no destino da família “Frank”. A seguir, analisamos como o tempo histórico é marcado e contribui para a construção de sentidos no diário em quadrinhos.

### 3.3.3.2 Tempo histórico

O tempo histórico pode ser notado no diário em quadrinhos, por meio de diversos elementos, como a narração de Anne e as falas de outras personagens. Os principais fatos citados por Anne que remetem às questões históricas são: a rendição da Itália na Segunda Guerra Mundial, o Dia D, os barulhos de tiros e bombas, a menção à existência de campos de

concentração e às proibições estabelecidas pelos nazistas direcionadas aos judeus. Diante da narração de Anne disposta no fragmento 3.8 (p. 133), vimos as restrições impostas aos judeus, fato que remete ao período quando ocorreu o antissemitismo. Os espaços físicos: campo de concentração em Westerbork, Anexo Secreto e alguns cenários compostos pela presença de explosivos, armas, tanques de guerra e aviões também indicam o tempo histórico. Os espaços físicos serão retomados e descritos na subseção “3.3.4 Espaço” (p. 151-161).

No diário em quadrinhos, o tempo histórico ainda pode ser observado a partir da marcação de datas, característica própria do gênero diário (Lejeune, 2008; Brito, 2011; Pace, 2012; Pereira, Silva, 2015; Pozzani, Steffler, 2016; Quintero, 2016). Folman e Polonsky (2018) priorizaram algumas datas importantes na vida Anne, como seu aniversário (12 de junho), o dia em que ocorreu seu primeiro beijo (15 de abril de 1944) e o Dia D (6 de junho de 1944), fato histórico que trouxe à Anne a esperança de que o fim da guerra estava próximo.

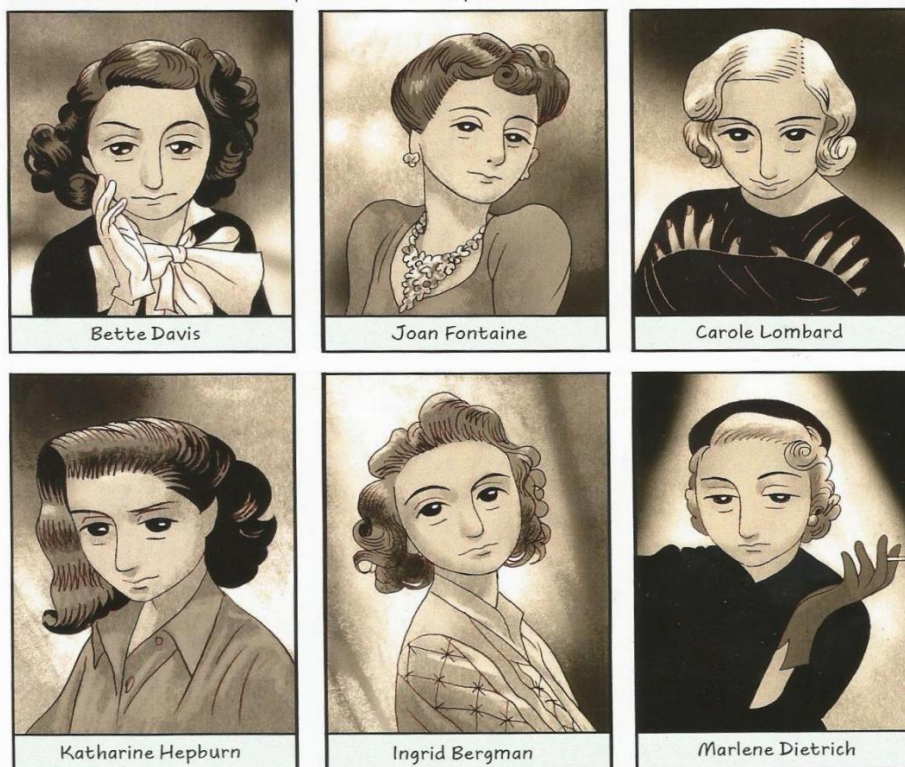
O fragmento 3.11 inicia-se com a marcação da data. No diário em quadrinhos, como visto no “Quadro 3 — Legendas com ou sem contorno” (p. 110), as datas em que Anne escrevia seus relatos sempre aparecem fora das vinhetas e em legendas sem contorno que se fundem ao espaço.

### Fragmento 3.11 — Marcação das datas

Sexta-feira, 28 de janeiro de 1944



Eu leio todas as críticas, conheço de cor o enredo de todos os principais filmes, e os elencos inteiros, é claro. Adoro desfilhar com um penteado novo inspirado em minhas amadas atrizes.



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 104).

Observando as anotações de Anne, percebemos que geralmente ela não escrevia todos os dias em seu diário. Devemos ter em mente que Folman e Polonsky (2018) fizeram recortes do diário pessoal de Anne para produzir a recriação em quadrinhos. Na parte do diário em quadrinhos intitulada “Nota dos autores”, Folman, responsável pelo roteiro do diário em quadrinhos, esclareceu:

O texto é icônico e único, e o projeto apresentava um grande desafio: se quiséssemos entregar o texto inteiro em versão ilustrada, sem pular uma só palavra, honrando cada letra que Anne escreveu, teríamos de trabalhar com cerca de 3.500 páginas, o que levaria quase uma década inteira. Além do mais, essa opção desconsideraria o principal problema que enfrentamos hoje: a dramática queda no número de crianças que leem, a maioria das quais se perdeu no apelo das telas. A tarefa mais difícil, então,

era usar apenas uma seleção do texto original, condensar o texto integral e ainda ser o mais fiel possível à escrita de Anne. Como princípio básico, cada trinta páginas do texto original se tornariam dez na versão ilustrada, e muitos registros seriam agrupados (Folman; Polonsky, 2018, p. 154).

Diante disso, temos acesso a uma justificativa para o fato de que, no diário em quadrinhos, os relatos de Anne não eram escritos todos os dias. Porém, mesmo que os autores tivessem utilizado o diário pessoal completo para produzir a recreação, os relatos de Anne não ocorreriam todos os dias já que, no texto de 1947, ela não escrevia diariamente em seu diário. No diário em quadrinhos, Anne afirmou que os dias no Anexo não possuíam muitas novidades. Por isso, ela escrevia de tempos em tempos, quando sentia necessidade de desabafar algo. Além disso, como vimos em “3.2 DIÁRIO EM QUADRINHOS PUBLICADO NO FORMATO DE NOVELA GRÁFICA” (p. 93-108), não é condição necessária escrever todos os dias em um diário. No fragmento 3.11, ainda é possível inferirmos em que época a história narrada se passa diante das atrizes citadas por Anne, visto que são atrizes que atingiram o auge de suas produções artísticas por volta de 1930-1950.

Com base em dados disponibilizados pela Folha UOL<sup>75</sup>, notamos que as atrizes foram indicadas ao Oscar, concorrendo ao título de melhores atrizes diversas vezes. Bette Davis foi indicada ao Oscar em 1934, 1935, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942 e 1944, sendo vencedora em 1935 pela atuação no filme *Dangerous* e em 1938 pelo filme *Jezebel*. Joan Fontaine foi indicada em 1940, 1941 e 1943, recebendo o prêmio em 1941 pela sua atuação no filme *Suspicion*. Carole Lombard concorreu ao Oscar em 1936. Katharine Hepburn competiu em 1933, 1935, 1940 e 1942, conquistando a vitória em 1933 pelo filme *Morning Glory*. Já Ingrid Bergman foi indicada ao Oscar em 1943, 1944 e 1945, sendo vencedora em 1944 pela participação no filme *Gaslight*; e Marlene Dietrich foi indicada em 1931.

Percebemos que há cortes entre as oito vinhetas que formam o fragmento 3.11. Tais cortes desempenharam duas funções. Da primeira para a segunda vinheta, o espaço omitiu o processo de ampliação da capa da revista e, conseqüentemente, uma curta passagem do tempo equivalente ao tempo quando a ampliação foi executada. Nas demais vinhetas, os espaços que as separam, exercem a função de isolamento das várias representações de Anne, destacando-as.

A menção às atrizes ocorreu no diário em quadrinhos por meio da representação que Anne fez de si ao se imaginar com a aparência das atrizes e pela narração da garota presente na legenda. A referência às atrizes, além de fazer alusão a um período histórico específico, contribui para a caracterização de Anne, pois expôs a paixão que ela sentia pelo cinema e por

<sup>75</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fol/oscar/atriz3.htm>. Acesso em: 20 fev. 2021.

astros cinematográficos. No diário em quadrinhos, foram mencionadas outras figuras históricas, como as que estão presentes em um cartaz exposto nas ruas da Alemanha. Nesse cartaz, foram citados astros do cinema alemão. Entre os nomes nítidos no cartaz estão: *Marika Röck*, Willy Fritsch, Aribert Wäscher, Herbert Hübner e Rudolf Carl. Peter também mencionou, durante a narrativa, Churchill, que, na época, era primeiro-ministro do Reino Unido.

Outra forma de percebermos o contexto sócio-histórico que perpassa a narrativa é a partir da observação das vestimentas das personagens, como já dito anteriormente em “3.3.3.1 Tipos de tempo” (p. 131-137). Os soldados nazistas, por exemplo, possuíam o símbolo da suástica em seus uniformes. Já os judeus usavam uma estrela<sup>76</sup> amarela de seis pontas com a inscrição “judeu” em preto, pregada em suas roupas. Segundo Schilling (2016), eles deveriam utilizar a estrela para serem identificados com facilidade pelos nazistas, estratégia que já havia sido utilizada séculos antes para destacar os judeus em meio à população.

A estrela pode ser contemplada no fragmento 3.8 (p. 133). Ela também aparece em outros momentos quando Anne estava andando na rua: durante a saída da escola, quando estava sentada no banco da praça com seu amigo Hello, na ocasião em que ele a acompanhou até a casa dos Frank e quando ela foi se mudar de sua casa para o Anexo. Outras personagens aparecem utilizando a estrela amarela no diário em quadrinhos. Os van Daan utilizavam a estrela em suas vestes quando chegaram ao Anexo. Otto e Edith também tinham o símbolo preso em seus casacos quando se mudaram para o esconderijo.

Durante a Idade Média, diante da crença de que os judeus conspiravam contra o cristianismo, eles foram obrigados a utilizar chapéus cônicos ou uma estrela de Davi amarela (cor da traição) fixada no braço ou na lapela dos casacos. De acordo com Richards (1993) e Schilling (2016), tais medidas foram tomadas para evitar que os judeus se aproximassem dos gentios obedientes ao quarto Concílio de Latrão<sup>77</sup>, de 1215.

Quanto à suástica, segundo Bortulucce (2008), o símbolo significa “boa sorte”. Embora tenha sido utilizado pelo Partido Nazista, a autora esclarece que a suástica não foi uma criação de Hitler, pois ela existe há milhares de anos. Ela se ressignifica de acordo com o propósito de quem a utiliza. O sentido no qual ela gira: horário ou anti-horário também define seu significado. O símbolo, quando utilizado pelo Partido Nazista, seguia o sentido horário: “A suástica girando no sentido horário é um símbolo do sol, fonte da vida, e foi adotada pelo

---

<sup>76</sup> Disponível em: <http://www.documentArchiv.de/ns/jdnstern.html>. Acesso em: 24 fev. 2021.

<sup>77</sup> “O IV Concílio de Latrão celebrado em 1215 sob liderança do papa Inocêncio III foi o maior dos concílios ecumênicos da Idade Média. Desta reunião conciliar, resultaram 70 cânones que legislavam sobre as heresias, previa punições, exclusões e diversas modificações na organização eclesial” (Arruda, 2011, p. 2370).

nazismo” (Bortulucce, 2008, p. 49). Existe a hipótese de que o partido adotou o símbolo, pois os nazistas concordavam que era o “fogo verticilado”, a origem do mundo, descrição do símbolo feita pela mitologia germânica. No fragmento a seguir, notamos a relação intensa entre a suástica e o Partido Nazista, liderado por Adolf Hitler.

### Fragmento 3.12 — O tempo histórico e a suástica



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 13).

No fragmento 3.12, a família “Frank” ainda residia na Alemanha. Na ocasião, Anne estava relatando que, apesar de sua mãe ser de uma família judaica tradicional, a religião não era tão importante em sua casa. No entanto, para os nazistas, ser judeu era ser diferente e uma

ameaça, como exposto no fragmento referido. No diário em quadrinhos, este fragmento é o primeiro em que os nazistas são mencionados. A partir daí, o futuro dos Frank passou a ser planejado levando em consideração o risco de vida que corriam com a ascensão do nazismo. Observamos que, no fragmento, foram apresentados diversos tipos de tempo. Mesmo que o sol ou a lua não estivessem presentes, por meio da tonalidade do céu, representado na primeira e na terceira vinheta, é possível deduzir que se trata do uso do tempo astronômico para retratar o dia. Também percebemos a marcação do tempo histórico. Na primeira e na terceira vinheta, como principal marcação de tempo histórico existe a presença de bandeiras de coloração vermelha, branca e preta (cores do Partido Nazista), com a suástica. A bandeira foi produzida pelo próprio líder do partido. Na obra *Minha luta*, Hitler relatou sobre como decidiu as cores e o símbolo que formariam a bandeira do Partido Nazista.

Nesse ínterim, depois de inúmeras tentativas, eu havia chegado a uma forma definitiva; uma bandeira de fundo vermelho com um disco branco, em cujo meio figurava uma cruz suástica preta. Após longas experiências, descobri, também, uma relação determinada entre a dimensão da bandeira e a do disco branco, como entre a forma e o tamanho da cruz suástica, e aí fizemos o ponto final (Hitler, 1983, p. 210).

Na terceira vinheta, o tempo histórico é ainda mais marcado pela posição em que as pessoas foram ilustradas: com o braço direito esticado para frente e inclinado para cima, em 45 graus, posição conhecida como um indicativo de cumprimento a Hitler. De acordo com Bortulucce (2008), a saudação era executada em respeito a Hitler e foi criada por ele com base nas saudações romanas. O modelo do carro, presente no canto direito da vinheta, auxilia o leitor a inferir que o tempo retratado não é atual nem muito antigo. A narrativa que perpassa as legendas de todas as vinhetas faz menção aos nazistas e ao sofrimento vivenciado pelos judeus. No balão, por meio do qual a fala de Otto foi exposta, esse fato também pode ser verificado. Desse modo, levando em conta tais elementos, torna-se evidente que a história se passa durante a Segunda Guerra Mundial, período quando o Partido Nazista liderava a Alemanha.

Quanto ao tempo meteorológico, as nuvens, a coloração acinzentada e as roupas (casacos, luvas e gorros) indicam que estava frio. Sobre os uniformes utilizados pelos guardas, Bortulucce (2008, p. 51) esclarece que o uso dos trajes foi uma forma de agregar ao Partido Nazista um aspecto militar: “[...] os uniformes e a pompa militar permitiam dissimular as diferenças sociais e transcender a pobreza emocional da vida civil cotidiana”. Além disso, terceira vinheta, alguns pontilhados brancos, presentes principalmente no chão e em cima do carro, sugerem que estava garoando. Os reflexos das bandeiras nazistas no chão reforçam a ideia de chuva, uma vez que eles só são possíveis graças à presença de poças, formadas no asfalto pelo acúmulo de água da chuva. Na terceira vinheta, a grande influência que Hitler

(retratado em cima do palanque) exercia sobre a população foi reforçada pela quantidade de pessoas que o cercavam. O tempo meteorológico também reforçou a influência do líder alemão, visto que seus seguidores permaneciam ouvindo seus discursos mesmo embaixo de chuva.

Por fim, na quarta e última vinheta do fragmento, os discursos de Hitler aparecem ocupando as capas dos jornais, destacando-se na mídia. O jornal lido por Otto estava divulgando a mesma imagem presenciadas pessoalmente por Edith e suas filhas no caminho que percorreram ao voltarem para a casa. Esse fato pode estar ressaltando a eficiência da imprensa em divulgar os discursos de Hitler, já que, nos dizeres de Bortulucce (2008), o líder nazista tinha a imprensa como grande aliada para a divulgação de seus ideais. Hitler usava as propagandas para conquistar seguidores. As ideias nazistas eram repetidas de várias formas, por diversas vezes, e apelavam para aspectos emocionais ligados a sentimentos como o amor e o ódio. “Goebbels, o ministro da propaganda do partido, dizia que se uma mentira fosse contada mil vezes, ela se tornaria realidade” (Bortulucce, 2008, p. 46).

No fragmento analisado, observamos a sequência de um antes e um depois por meio da mudança de cenário, pois, na primeira vinheta, Edith, Margot e Anne Frank estavam caminhando na rua. Já na segunda, as personagens aparecem dentro de uma sala (uma clínica veterinária) e, na terceira vinheta, caminhavam novamente ao ar livre. Nesse sentido, notamos que a passagem de tempo também se constrói por meio de cortes entre as vinhetas que omitem algumas ações feitas pelas personagens, cabendo ao leitor deduzi-las. Esses cortes deixam em evidência que o percurso feito por mãe e filhas ocorreu em um curto período. Assim, eles omitem uma passagem breve de tempo transcorrido de uma vinheta para outra. Ainda percebemos que a mudança de cenário, exposta no fragmento, auxilia na compreensão do tempo de leitura, visto que existe um encurtamento na descrição dos fatos que ocorre por meio dos cortes entre as vinhetas. Notamos também que o andar das personagens contribuiu para o tempo da narrativa, pois indica uma direção de leitura a ser seguida: da esquerda para a direita.

Quanto à caracterização de Anne Frank, confirmamos que, entre todos os tempos sugeridos por Cagnin (1975/2014), o tempo histórico é o que mais influenciou sobre a construção da personagem. A partir da narração de Anne, disposta na legenda presente na primeira e na terceira vinheta, os nazistas tinham como objetivo principal eliminar os judeus da sociedade alemã. Nesse sentido, todas as atitudes tomadas pelo Partido Nazista giravam em torno de exterminar os judeus e outras raças consideradas por eles como inferiores e prejudiciais à Alemanha. A inferioridade dos judeus perante os olhos dos nazistas foi enfatizada na segunda vinheta, quando Edith afirmou que os judeus eram tratados como “animais” simplesmente pelo fato de serem judeus. No diálogo estabelecido entre Margot e Edith, percebemos dois sentidos:

o médico, além de tratar animais que pertenciam a judeus, era considerado um “animal” por ser judeu.

Em uma entrevista concedida a BBC News Brasil<sup>78</sup>, no dia 23 de janeiro de 2020, Andor Stern<sup>79</sup>, único brasileiro nato a sobreviver aos campos de concentração, relatou algumas experiências passadas pelos judeus durante o Holocausto. Segundo o sobrevivente, ao serem encaminhados para os campos de concentração, cerca de 100 pessoas, entre elas crianças recém-nascidas e idosos de 90 anos de idade, passavam, em média, uma semana dentro de um vagão utilizado comumente para levar gados para o matadouro. Stern contou que, ao chegarem aos campos de concentração, os judeus eram marcados de forma dolorosa com um número no braço. O número servia como identificação, substituindo seus nomes.

De acordo com o relato de Stern, nos campos de concentração, a comida era servida aos judeus dentro de bacias que também eram utilizadas por eles como penicos. Além disso, eles não recebiam talheres, o que os obrigavam a comer com as mãos ou colocando a boca diretamente na bacia, como os cachorros fazem. O antissemitismo desumanizava os judeus, fato que retomamos no último capítulo. Notamos uma convergência entre os relatos de Andor Stern e as falas de Edith e Margot, expostas na segunda vinheta do fragmento 2.13: os judeus eram considerados animais por Hitler e seus seguidores. A mesma afirmação pode ser notada nos relatos de Primo Levi, outro judeu que sobreviveu aos horrores do Holocausto.

[...] o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais; até num lugar como este, pode-se sobreviver, para relatar a verdade, para dar nosso depoimento; e, para viver, é essencial esforçarmos por salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização (Levi, 1988, p. 39).

No fragmento 3.12, a forma como as personagens foram retratadas mostra a relação de medo que sentiam diante dos nazistas. Na primeira vinheta, mãe e filhas apresentaram expressões faciais entristecidas ao passarem perto dos guardas: estavam com as sobrancelhas e bocas voltadas para baixo. Já na terceira vinheta, Edith, como adulta que entendia a gravidade da situação, caminhou com a cabeça voltada para o chão, atitude que indica medo. As garotas, por outro lado, agiram de forma despretensiosa. Margot, por exemplo, olhou para a cena expondo a inocência da criança perante a situação. Esse fato deixa nítida a diferença de maturidade existente entre um adulto e uma criança.

---

<sup>78</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50790313>. Acesso em: 20 fev. 2021.

<sup>79</sup> Andor Stern faleceu em decorrência de um câncer aos 93 anos em abril de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/mortes-andor-stern-foi-um-dos-sobreviventes-do-holocausto.shtml>. Acesso em: 8 jun. 2022.

Anne, na condição de judia, foi afetada diretamente pelos ideais nazistas. Segundo Epelboim (2004), os judeus foram o povo escolhido para receber a Lei divina. “De acordo com o Judaísmo, a Lei divina é transmitida através da *Torá* — livros que foram escritos por Moisés quando Deus revelou, ao mesmo, sua Lei” (Epelboim, 2004, p. 89). A escolha de Deus não deve ser interpretada como a atribuição de superioridade a um povo em detrimento de outros, pois ela diz respeito somente ao fato de que os judeus deveriam estudar suas Leis e mandamentos para segui-los de forma consciente. Grosso modo, ser judeu inicialmente era seguir as Leis e os mandamentos de Deus revelados a Moisés.

Contudo, como abordamos na subseção “2.1.2 O Holocausto dos Judeus” (p. 57-70), ser judeu passou a ter outro significado durante o governo nazista. Após a criação das Leis de Nuremberg, ser judeu tornou-se, na Alemanha, uma subcondição humana. Por meio dessas Leis, todo tipo de direito civil foi retirado dos judeus. Aos poucos, a retirada de direitos não foi considerada por Hitler como uma medida totalmente eficaz para afastá-los do país. Em uma parte da autobiografia de Hitler, é possível interpretarmos que o líder nazista defendia o uso da força física como ferramenta política contra os judeus.

Não são mais os príncipes e amantes de príncipes que mercadejam e negociam as fronteiras do Estado e sim o implacável judeu internacional que luta pelo domínio sobre os povos. Não há povo que consiga afastar esse punho de sua garganta, a não ser pela espada. Somente a força unida e concentrada de uma paixão nacional em ebulição consegue fazer frente à escravização internacional dos povos. Uma tal solução é e terá de ser sempre por meio da violência (Hitler, 1983, p. 275).

No diário em quadrinhos, o tempo histórico é uma das formas de retratar como ocorreu a influência da realidade sócio-histórica na vida de Anne. O antissemitismo direcionou sua vida, assim como a de milhões de outros judeus. O contexto socio-histórico levou Anne a escrever sobre suas angústias. Ele é tão importante em sua caracterização que afetou, inclusive, sua existência, pois, em 1944, Anne foi levada pelos nazistas para o campo de concentração onde perdeu sua vida.

Diante da análise de *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), observamos que, além dos aspectos temporais abordados por Ramos (2010) e dos seis tipos de tempos mencionados por Cagnin (1975/2014), pode ser notada a presença de outro tempo: o psicológico. Na sequência, apontamos alguns aspectos sobre o tempo psicológico, como sua definição e a maneira como ele está presente no diário em quadrinhos, colaborando para a construção de sentidos da narrativa.

### 3.3.3.3 O tempo psicológico

Quanto aos aspectos temporais de *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), percebemos a existência de um tempo que está ligado à imaginação de Anne, tratado neste trabalho como tempo psicológico. Os tipos de tempos abordados até agora, com base em Cagnin (1975/2014), Acevedo (1990) e Ramos (2010), não contemplam o tempo psicológico, o único aspecto trazido por esses autores que remete ao tempo referido, como será visto adiante, são os *flashbacks*.

Benedito Nunes (1995), ao realizar estudos sobre o tempo narrativo, explica que podem estar presentes, na narrativa, um tempo físico e um tempo psicológico. O primeiro é objetivo, pois não depende da “consciência do sujeito” (Nunes, 1995, p. 18). Ele é quantitativo, porque está ligado à sucessão temporal dos fatos ocorridos, podendo ser expresso por meio de grandezas. O tempo psicológico, também chamado de tempo vivido ou duração interior, apresenta diferenças em relação ao tempo objetivo.

A experiência da sucessão dos nossos estados internos leva-nos ao conceito de tempo psicológico ou tempo vivido, também chamado de duração interior. [...]. Uma hora pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se a vivemos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediamos (Nunes, 1995, p. 18).

O autor classifica esse tempo como subjetivo e qualitativo. Ele é subjetivo, pois varia de indivíduo para indivíduo; e é qualitativo, porque é oposto ao tempo físico da natureza. Por meio do tempo psicológico, [...] “a percepção do presente se faz ora em função do passado ora em função de projetos futuros” [...] (Nunes, 1995, p. 18). Sob essa perspectiva, notamos que o tempo psicológico está ligado às experiências subjetivas das personagens, como suas memórias, seus *flashbacks* e suas reflexões.

No caso de gêneros quadrinísticos como o diário em quadrinhos, a urgência em abordar a construção do tempo a partir do olhar da personagem principal e narradora da HQ, torna-se ainda maior. Esse fato ocorre, pois é característica própria do gênero em questão (diário em quadrinhos) que ocorram retomadas das memórias das personagens principais e que sejam expostas suas perspectivas em relação ao fato narrado.

Notamos que Anne era uma garota que tinha uma imaginação muito aguçada. Vygotsky (2012, p. 24) define a imaginação como a “[...] atividade criadora baseada nas capacidades combinatórias do nosso cérebro [...]”. Em *O diário de Anne Frank* (Frank, 1947), a imaginação se concentrava na visão de Anne. A escrita da menina, presente no diário de 1947, foi interpretada por Folman e Polonsky (2018), servindo como base para que eles retratassem a imaginação da personagem no diário em quadrinhos. Assim, tem-se acesso ao que os autores

interpretavam do que Anne imaginava, isto é, além da imaginação de Anne, no diário em quadrinhos, há a perspectiva imaginativa de Folman e Polonsky.

Ao lermos a HQ, cabe ao leitor olhar a representação do que os autores deduziram que Anne estava imaginando ao escrever seu diário. Nesse caso, a imaginação não pode ser vista apenas como um processo mental, como afirmado por Vygotsky, e sim como sendo construída no âmbito da ficção. No diário em quadrinhos, a imaginação de Anne foi despertada em diversos momentos: por meio de sonhos (de forma inconsciente enquanto ela dormia), quando ela pensava em situações que podiam ser reais ou que ela gostaria de que fossem, e ao refletir sobre fatos ocorridos (*flashbacks*).

Tomando como base os estudos quadrinísticos desenvolvidos por Cagnin (1975/2014), Acevedo (1990) e Ramos (2010), notamos que abordam um aspecto ligado ao tempo psicológico ao mencionar o *flashback*. Segundo Cagnin (1975/2014), é possível que a sequência temporal da narração seja interrompida para que um *flashback* seja narrado. Um *flashback* “Significa uma ruptura na ordem narrativa e voltar rapidamente para algum ponto da narrativa ou até antes dela — nesse caso, é um fato acontecido no passado que é inserido em um momento atual” (Cagnin, 1975/2014, p. 185). Acevedo (1990, p. 176) define o *flashback* como uma “evocação do passado” e Ramos (2010, p. 50) como “uma menção a um fato no passado”. No fragmento 3.12, verificamos a ocorrência do *flashback*, pois Anne estava escrevendo de forma a retomar o passado: o momento em que a política nazista começou a se fortalecer. No fragmento a seguir, notamos a presença da imaginação de Anne por meio dos sonhos.

### Fragmento 3.13 — Tempo psicológico

Como você pode ver, no momento estou no meio de uma depressão. Não sei dizer de fato o que a provocou, mas acho que vem da minha covardia, que tenho de encarar o tempo todo.



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 85).

Observamos, no uso das legendas presentes no fragmento 3.13, a regularidade sobre suas utilizações mencionada em “3.3.1 Legendas e Balões” (p. 109-119). Em outras palavras, legendas sem contorno e que aparecem fora das vinhetas fazem referência à rotina. Já as legendas com contorno, com fundo sutilmente esverdeado e expostas dentro das vinhetas são utilizadas para uma explicação, um detalhamento do que foi dito por meio da legenda sem contorno, localizada fora das vinhetas.

Inicialmente, no fragmento 3.13, Anne afirmou, por meio da legenda sem contorno exposta fora das vinhetas que estava com depressão. Nas legendas com contorno e de fundo

esverdeado, presentes no interior das vinhetas, ela detalhou o que lhe estava sucedendo. Na primeira vinheta do fragmento, Anne estava com expressão de tristeza (olhos e boca caídos). A garota estava deitada em sua cama e se agarrava ao cobertor, como se ele fosse capaz de protegê-la. Os cabelos dela estavam despenteados, sugerindo que ela não tinha mais ânimo para se arrumar. Na segunda vinheta, a personagem mencionou que estava tomando um remédio composto por valeriana, para controlar sua ansiedade. Já na terceira vinheta, ela foi representada ingerindo um comprimido do remédio.

As cores contribuem para a construção de sentido da narrativa. Há a predominância de tons acinzentados, que mostram que os dias de Anne estavam sendo tristes e sombrios. Além disso, as cores do pote de remédios e do comprimido de valeriana se destacam entre os tons acinzentados. Percebemos ainda que a região em torno dos olhos de Anne estava avermelhada, o que pode estar indicando que a menina estava dormindo pouco ou chorando com frequência. Na quarta vinheta, Anne estava com os olhos fechados, enquanto seu corpo coberto por flores de valeriana. Isso sugere que a personagem estava adormecendo sob efeito do calmante e adentrando o mundo da imaginação.

A última vinheta foi utilizada para retratar o sonho de Anne e, conseqüentemente, o tempo psicológico. A legenda serve para esclarecer que a cena é a representação de um sonho. Nessa ocasião, há várias flores de valeriana se incendiando. Anne tentou fugir do incêndio, mas se deparou com uma infinidade de soldados, todos segurando lanças pontiagudas apontadas para cima. Anne, com parte da roupa tomada pelo fogo, correu com os pés descalços sobre as lanças. Esse fato ressalta o quanto os sonhos que ela tinha eram angustiantes. Na vinheta, ocorre novamente o uso dos tons acinzentados para tornar a situação ainda mais sombria.

Tomando como base os estudos de Nunes (1995), compreendemos que, apesar de os sonhos de Anne durarem alguns minutos ou poucas horas, eles podem sugerir o acontecimento de fatos que, na mente da personagem, duraram muito tempo. O tempo psicológico, como afirma o estudioso, está ligado à subjetividade do indivíduo. No diário em quadrinhos, era comum que Anne sonhasse ao adormecer. Os sonhos deixaram transparecer os maiores medos da personagem, como visto no fragmento analisado, e suas vontades mais profundas, por exemplo, viver um romance com Peter van Daan. O tempo psicológico que ocorre por meio da imaginação de Anne também está presente quando ela pensa em situações que podem ocorrer ou que gostaria de que ocorressem. A exemplificação dessas situações pode ser vista no fragmento 3.16, exposto mais à frente.

No decorrer da leitura do diário em quadrinhos, percebemos uma vinculação espaço-temporal, visto que o tempo só é perceptível a partir da presença de um espaço. E, em todos os

espaços, existe uma marcação temporal. Por conseguinte, notamos que é condição das HQ que o espaço e o tempo estejam relacionados. Franco (2001, p. 21) elenca que “[...] o tempo é de certa forma espacializado na narrativa quadrinística”. Ramos (2010) também concorda com essa ideia: “[...] os dois elementos narrativos estão firmemente associados” (Ramos, 2010, p. 135). A seguir, a relação tempo-espaço é detalhada e analisada no diário em quadrinhos.

### 3.3.4 Espaço

Ao analisarmos uma HQ, podemos encontrar dois tipos de espaços representados: o físico e o simbólico. Os espaços físicos são concretos: casa, escola, floresta etc. Eles fazem parte do cotidiano das personagens. Já os espaços simbólicos dizem respeito aos espaços que são fruto da imaginação das personagens e só existem em seus pensamentos. Além disso, de acordo com Acevedo (1990) e Ramos (2010), os espaços, sejam físicos, sejam simbólicos, podem ser retratados por meio de diversos planos e ângulos de visão. Tais planos e ângulos de visão são diferenciados a partir de um ponto de referência específico: o corpo humano. Ramos (2010) compara o papel dos planos de visão com a função do botão de *zoom* de uma máquina fotográfica. Assim, o recurso pode ser utilizado para aproximar ou afastar uma imagem, tornando seus detalhes mais ou menos perceptíveis aos olhos do leitor.

Nos dizeres de Acevedo (1990), existem seis planos de visão: plano geral ou panorâmico, plano total ou de conjunto, plano americano, plano médio ou aproximado, primeiro plano e plano de detalhe.

#### Quadro 10 — Planos de visão

Plano geral ou panorâmico	É usado para representar a personagem por completo. Engloba o cenário, permitindo referências ao local onde a ação se desenvolve.
Plano total ou de conjunto	A personagem é retratada de forma mais próxima, destacando-se em relação ao restante do cenário.
Plano americano	Expõe-se a personagem dos joelhos para cima.
Plano médio ou aproximado	A personagem é apresentada da cintura para cima. As expressões faciais das personagens se tornam mais evidentes a partir desse plano.
Primeiro plano	A personagem é retratada dos ombros para cima, ocorrendo o destaque de suas expressões faciais.
Plano de detalhe	O foco se volta para detalhes do rosto da personagem ou para objetos.

Fonte: a própria autora, com base em Acevedo (1990, p. 77-85).

Cagnin (1975/2014) ainda acrescenta um sétimo plano, o de perspectiva, que se refere à soma de diferentes planos em uma única vinheta. Ramos (2010) esclarece que os planos de visão podem ser vistos sob vários ângulos de visão. Exemplifica-os a partir da contemplação de uma folha, pois, ao olhá-la, o leitor irá vê-la a partir do ângulo em que ele se encontra. Assim,

conforme o leitor muda de posição, o ângulo, por meio do qual se dá a observação do papel, também mudará. Acevedo (1990) elenca três tipos de ângulos de visão: o ângulo de visão médio, o ângulo de visão superior (ou *plongé*, ou picado) e o ângulo de visão inferior (ou *contra-plongé*, ou contrapicado).

**Quadro 11** — Ângulos de visão

Ângulo de visão médio	A cena é observada à altura dos olhos do leitor.
Ângulo de visão superior	A cena contemplada de cima para baixo.
Ângulo de visão inferior	A cena é vista de baixo para cima.

**Fonte:** a própria autora, com base em Acevedo (1990, p. 91-93).

Em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), há o uso de todos os planos e ângulos de visão. Com base nos fragmentos mencionados anteriormente, podemos exemplificar a maneira como ocorre o uso dos planos e dos ângulos de visão na HQ. Na primeira, na segunda, na terceira e na sexta vinheta do fragmento 3.10 (p. 136), notamos a presença do plano de detalhe, utilizado para destacar, respectivamente, o desgaste do pente de Edith, a sujeira na toalha da mesa e os buracos presentes tanto na gravata de Otto, quanto na meia da senhora van Daan. Na quarta e na quinta vinheta do mesmo fragmento, percebemos o uso do plano médio, pois as personagens foram representadas da cintura para cima. Esse plano possibilitou o enfoque nas costas das personagens, para demonstrar como suas roupas íntimas, espartilho e sutiã estavam velhos e apertados, contribuindo para a construção temporal, indicando que as personagens estavam no Anexo há tempos.

Quanto aos ângulos, notamos que, na quarta e quinta vinheta, Edith e Margot estavam sendo vistas a partir do ângulo de visão médio, que contribui para que a visão do leitor seja direcionada para o centro das vinhetas. O destaque torna-se o meio das costas das personagens onde estão expostos os rasgos do espartilho de Edith e o quanto o sutiã de Margot estava apertado na menina. Se considerado os objetos que estavam sobre a mesa, na primeira, segunda e terceira vinheta, eles podem ser contemplados por meio do ângulo de visão superior o que possibilitou com que fossem expostos totalmente. Isso proporcionou ao leitor enxergar todos os desgastes causados no pente, na toalha e na gravata após meses de uso.

Quanto à sexta vinheta, observamos que o ângulo utilizado não expõe o objeto de cima para baixo, nem na altura dos olhos. Ele é uma mistura entre esses dois ângulos (ângulo de visão superior e ângulo de visão médio). Ressaltamos que essa mescla entre os ângulos não foi descrita por Acevedo (1990), Cagnin (1975/2014) ou Ramos (2010). A junção dos ângulos proporcionou a exposição dos rasgos presentes tanto nas partes da meia que ficam do lado das pernas, quanto das partes que ficam no dorso dos pés, enfatizando, assim, a deterioração da

vestimenta. Além disso, a união dos ângulos permitiu que o leitor note que as pernas da senhora van Daan estão cruzadas, gesto que converge com a palavra “madame” presente na legenda da vinheta, pois espera-se que uma dama cruze as pernas ao se sentar.

Na terceira vinheta do fragmento 3.8 (p. 133), ocorre o uso do plano de perspectiva (uma mistura de vários planos). Na vinheta, Anne e Margot foram retratadas do joelho para cima (plano americano). O motorista do bonde e alguns passageiros que estavam sentados no interior do veículo foram representados da cintura para cima (plano médio). Outros passageiros e alguns pedestres foram retratados de corpo inteiro em um cenário amplo (plano geral). O uso de tal plano permitiu que as diversas personagens fossem retratadas, ao mesmo tempo, praticando ações diversas e que o cenário fosse contemplado em sua totalidade para o leitor. Essa ampla visualização faz com que o leitor perceba a discrepância entre os direitos dos judeus e dos “não judeus”, pois é possível ver os cidadãos andando de bonde e em bicicletas, enquanto as irmãs Frank, judias, só podiam se locomover pela cidade a pé. Em relação ao plano geral, é usado nas duas vinhetas que compõem o fragmento 3.9 (p. 135), permitindo que o leitor visualize as personagens por completo e os cenários onde elas estavam. O plano torna nítida a mudança de cenário: a empresa de Otto, exposta na primeira vinheta, e a casa dos Frank na Alemanha, na vinheta seguinte.

O plano de conjunto, o plano americano e o primeiro plano podem ser vistos no fragmento 3.13. Na segunda vinheta, é possível notarmos o plano de conjunto. Nela, seu uso deixou Anne em evidência. Percebemos que, apesar de estar com um cobertor sobre seu corpo, a personagem foi retratada de corpo inteiro. O uso de tal plano também torna possível que o leitor visualize parte do cenário em que a personagem estava. Nesse caso, graças ao plano utilizado, vemos que Anne estava deitada em uma cama localizada possivelmente em seu quarto. Mesmo com o uso do cobertor, inferimos que, na primeira e na quarta vinheta, a personagem foi representada dos joelhos para cima, por meio do plano americano. O plano, juntamente com o cobertor, contribuiu para que ela fosse exposta deitada, de modo que a parte de cima de seu corpo (braços, mãos e cabeça), que estava descoberta, ficasse em evidência. Já o primeiro plano pode ser verificado na terceira vinheta, na qual Anne apareceu retratada dos ombros para cima. O uso desse plano chama a atenção do leitor para quando Anne tomou um remédio indicado para o controle da ansiedade e da depressão, destacando a ação da personagem e seu desespero perante a tristeza que estava sentindo.

Os espaços físicos e os simbólicos são recorrentes no diário em quadrinhos em análise. Quanto aos físicos, destacam-se: a casa da família “Frank”, as ruas da Holanda, a escola onde Anne estudava, os campos de concentração e o Anexo Secreto.

**Quadro 12** — Descrição dos espaços físicos

Casa da família Frank na Holanda	As paredes da casa eram verdes. No interior da residência, havia móveis (sofá, poltronas, estante, mesa, cadeiras e cama) e utensílios de decoração (pratos, bule, xícaras, quadros, abajures, livros e vasos).
A escola	As salas de aula eram compostas por carteiras e cadeiras marrons, armários de ferro, relógio de parede e globo terrestre decorativo. Além disso, os materiais escolares utilizados pelos alunos — como mochilas, lápis e cadernos — remetiam ao ambiente escolar.
Campos de concentração	O local era constituído por tanques de gás, construções semelhantes a estábulos, com chaminés nos telhados, mangueiras que ligavam os tanques de gás a essas construções, trens, cercas de arame, árvores, postes de luz e guarita militar.
Ruas na Holanda	As ruas de Amsterdã, na Holanda, eram formadas por pontes, lagos, árvores, prédios, bancos de madeira e postes de luz. Elas eram repletas de meios de transportes, como: bicicletas, barcos, trens, carros, bondes, viaturas de policiais e aviões. Destacam-se ainda a presença de policiais armados e as explosões nas ruas da cidade.
Anexo Secreto	O local possuía os seguintes cômodos: sótão, quatro quartos, um banheiro e uma cozinha, que também funcionava como escritório. Todos os cômodos eram pequenos e as janelas permaneciam sempre cobertas por cortinas.

**Fonte:** a própria autora, com base em Folman e Polonsky (2018).

Dentre esses espaços, a maior parte da narrativa se desenvolve no Anexo Secreto. Este funcionou de refúgio para a família “Frank”, a família “van Daan” e o Albert Dussel. Localizado nos fundos da empresa de Otto, Anne relatou que a fachada do prédio era formada por depósitos e escritórios. Isso tornava pouco provável que alguém desconfiasse que, nos fundos, existia um apartamento completo. A garota ressaltou que era preciso passar por uma escada íngreme e deslocar uma estante de livros para chegar até a porta de entrada do Anexo.

No fragmento 3.6 (p. 116), observamos todos os cômodos que formavam o Anexo. A cozinha e o escritório ficavam no primeiro andar. O segundo andar era constituído pelos quartos de Anne e Dussel e dos pais de Anne e Margot, além do banheiro. Ainda nesse andar, havia a entrada secreta, que ficava escondida atrás de uma estante e dava acesso ao Anexo. No terceiro andar, havia o quarto de Peter e de seus pais. Por fim, no quarto andar, ficava o sótão, local onde alguns alimentos e objetos eram guardados pelos moradores.

Anne expôs mais informações sobre o Anexo Secreto em um cartaz que ela preparou para mostrar ao Sr. Dussel quando ele, lá, chegou. No cartaz, ela relatou que o Anexo Secreto ficava localizado no coração de Amsterdã, em um bairro silencioso, onde não havia residências particulares. Anne também mencionou as regras estabelecidas para melhorar a convivência dos moradores no Anexo, tais como: as estações de rádio alemãs eram proibidas de serem ouvidas durante as refeições; bebidas alcoólicas só podiam ser utilizadas para fins medicinais; animais de estimação deveriam ficar somente no sótão; e cada morador deveria providenciar seu banho, que só poderia ser executado à noite ou aos finais de semana.

Em relação à alimentação, ela afirmou que a dieta dos moradores era pobre em gordura. Eles faziam as refeições em horários regulares: o café da manhã era tomado às nove horas; o almoço era servido à uma hora e quinze minutos e retirado à uma hora e quarenta e

cinco minutos; já o jantar dependia dos noticiários para que seu horário fosse determinado. Anne ressaltou, no cartaz, que as refeições eram feitas em silêncio, exceto aos finais de semana, quando não havia expediente na empresa de Otto e eles não corriam o risco de serem ouvidos por algum funcionário que estivesse trabalhando lá.

No diário em quadrinhos, os espaços físicos aparecem de três maneiras:

(1) em uma única vinheta, que ocupa uma página inteira, tanto na direção horizontal quanto na vertical, como é perceptível no fragmento 3.6 (p. 116). Nele, o Anexo Secreto se estende por toda a página, possibilitando a visualização detalhada de todos os cômodos pelo leitor. Notamos que esse fato ressalta a relevância do espaço para o desenrolar da narrativa.

(2) em várias vinhetas, dispostas em partes das páginas, como aparece no fragmento 3.11 (p. 139). O espaço físico do Anexo Secreto foi retratado nas duas primeiras vinhetas do fragmento. As outras seis vinhetas que formam o fragmento foram utilizadas para a exposição do espaço simbólico, referente à imaginação de Anne e que será analisado posteriormente.

(3) em várias vinhetas, dispostas por toda uma página, como é possível reparar no fragmento 3.12 (p. 142). Há a presença do espaço físico nas quatro vinhetas que formam o fragmento, sendo que, na primeira e na terceira, foram retratadas as ruas da Alemanha; na segunda, aparece a clínica veterinária; e, na quarta, foi exposta a casa dos “Frank” na Alemanha.

### Fragmento 3.14 — O espaço físico



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 10).

Em relação ao espaço presente no fragmento 3.14, notamos que sua representação ocorreu por meio de diversos planos e ângulos de visão. Na primeira vinheta, Anne foi retratada da cintura para cima (plano médio ou aproximado) e na altura dos olhos do leitor (ângulo de visão médio). A ação se passa no dia do aniversário dela e expõe sua reação ao ganhar um diário. A partir da expressão facial da personagem (boca levemente curvada para cima,

indicando um sorriso) e do gesto de abraçar o diário, fica evidente o quanto Anne gostou do presente. Sua narração, disposta na legenda, amplia esse sentido, pois torna evidente o motivo que a levou a gostar tanto do diário: a possibilidade de ter uma amiga para compartilhar seus pensamentos. Nesse caso, o plano e o ângulo de visão médio possibilitam a visualização do abraço, contribuindo para ressaltar a afeição de Anne pelo objeto. Percebemos ainda que o preenchimento do fundo da vinheta com mesma estampa da capa do diário reforça a relevância do objeto na vida da personagem.

Na segunda vinheta, o ângulo de visão permaneceu na altura dos olhos do leitor (ângulo de visão médio). O plano utilizado na vinheta foi o plano geral, que permite a visualização de todo o cenário. Desse modo, o leitor pode observar o local físico onde Anne se encontrava: sua casa. A expressão facial da menina continua indicando a felicidade que ela estava sentindo. Além disso, por meio da narração, ela atribuiu um nome próprio ao diário e imaginou que estava dialogando com ele, promovendo a personificação do objeto. Os embrulhos dos demais presentes aparecem na imagem, ressaltando a atenção que Anne deu ao diário, pois, enquanto ela estava escrevendo nele, os demais presentes foram desembulhados e provavelmente guardados. Ao fundo, os pais de Anne foram retratados a partir do plano geral, em que o posicionamento das personagens sobrepõe ao espaço. A retratação de seus pais mostra que eles estavam sempre próximos fisicamente da filha. Porém, mesmo estando presentes em sua vida, não conseguiam suprir a solidão que ela sentia.

Na terceira vinheta, presente no fragmento 3.14, ocorre uma mistura entre os ângulos de visão médio e superior, pois a imagem do diário não está somente na altura dos olhos do leitor, mas também, não pode ser vista de cima para baixo por ele. Quanto ao plano de visão utilizado na vinheta, há o uso do plano de detalhes, cujo foco é a página do diário de Anne. Tais recursos da linguagem dos quadrinhos foram utilizados no fragmento para ressaltar o ato da escrita da personagem, possibilitando a visualização das primeiras palavras escritas pela menina em seu diário, ou seja, o primeiro contato ocorrido entre Anne e a “amiga” que seria sua principal fonte de conforto durante os anos de confinamento no Anexo Secreto. Assim, percebemos que os espaços presentes no fragmento analisado e a forma como eles foram retratados contribuem para a caracterização de Anne Frank, pois ressaltam o quanto o diário foi importante para ela, desde o primeiro contato que teve com o objeto.

Como já mencionamos em “3.3.3.3 Tempo psicológico” (p. 147-151), a imaginação de Anne é colocada em prática em diversos momentos. Nesse sentido, os espaços simbólicos estão atrelados ao tempo psicológico, pois ambos são elementos que estavam vinculados à imaginação da personagem. No diário em quadrinhos, tais espaços são, quanto à exposição,

mais frequentes do que os espaços físicos. Esse fato pode ter ocorrido para reforçar uma das características mais marcantes de Anne: sua imaginação aguçada.

Assim como ocorre com o tempo psicológico, os espaços simbólicos foram utilizados para retratar: a) os sonhos que Anne tinha enquanto dormia; b) as reflexões acerca de acontecimentos que já haviam ocorrido ou que estavam ocorrendo; c) as imaginações ligadas a fatos que ela imaginava que poderiam ocorrer ou que ela gostaria de que ocorressem. Notamos que, no diário em quadrinhos, os espaços simbólicos são representados de quatro maneiras: 1) em várias vinhetas que ocupam parte de uma página; 2) em várias vinhetas que ocupam uma página inteira; 3) em uma única vinheta que pode se estender por toda a página; 4) em uma única vinheta que pode preencher duas páginas.

O fragmento 3.13 (p. 149) pode servir como exemplo para a primeira forma de representação dos espaços simbólicos: em várias vinhetas que ocupam parte de uma página. Nele, percebemos que a imaginação de Anne estava vinculada ao ato de sonhar e que o espaço simbólico ocupa parte de uma página.

### Fragmento 3.15 — O espaço simbólico em várias vinhetas ocupando uma página completa

Segunda-feira, 3 de abril de 1944

Minha querida Kitty,  
Ao contrário do que costumo fazer, vou dar uma descrição detalhada da situação alimentar, que se tornou uma situação difícil e importante, não somente aqui no Anexo, mas em toda a Holanda, em toda a Europa e até no resto do mundo. Nos 21 meses em que vivemos aqui, passamos por muitos "ciclos alimentares", em que só temos um prato específico ou um tipo de verdura para comer.



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 126).

A segunda forma de representação do espaço simbólico — em várias vinhetas que ocupam uma parte inteira — pode ser vista no fragmento 3.15. Anne refletiu a respeito da situação alimentar tanto dos moradores do Anexo, quanto do resto do mundo durante a guerra. No mês quando escreveu o relato, abril de 1944, completava vinte e um meses que Anne, sua família, a família “van Daan” e Albert estavam em confinamento. Segundo a personagem, os moradores do Anexo vivenciaram ciclos de alimentação durante esse período. Por causa da restrição alimentar, a cada mês, um alimento era mais consumido no local. Em dezembro, a endívia foi consumida com e sem areia, frita e ensopada. Em janeiro, consumiu-se sanduíche de espinafre, espinafre *fitness* e charuto de espinafre. Nesse caso, o charuto foi representado

como fazendo alusão a um objeto utilizado para fumar, contudo há uma receita feita com a verdura que recebe o nome “charuto de espinafre”. O grande consumo do espinafre, durante o mês, tornou-se mais ressaltado quando Anne afirmou que o alimento também foi utilizado como máscara facial. O bolo de carne foi o alimento protagonista na dieta dos confinados em fevereiro. Eles consumiram: tartar de carne, bolo de carne artístico, panqueca de bolo de carne e bolo de carne seco. Em março, os moradores do Anexo tiveram como principal alimento o pepino. Este foi consumido flambado, recheado, como se fosse uma espiga de milho e utilizado para fazer compressas para os olhos.

A terceira forma de representação do espaço — o espaço simbólico exposto em uma única vinheta ocupando uma página completa — pode ser exemplificada pelo fragmento 3.2 (p. 104), onde a imaginação de Anne estava ligada às reflexões sobre ter uma amiga. Para ela, Kitty não era apenas um diário, e sim uma amiga por quem sentia empatia ao falar sobre fatos tristes referentes à guerra, por exemplo. Anne se preocupava com o bem-estar da amiga imaginária.

**Fragmento 3.16** — O espaço simbólico em uma única vinheta ocupando duas páginas completas



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 86-87).

Por fim, a quarta forma de representação do espaço simbólico — em uma única vinheta que pode preencher duas páginas — pode ser exemplificada por meio do fragmento 3.16. Para

que o leitor desta tese possa compreendê-lo, é necessária uma transcrição das palavras de Anne expostas na legenda.

Simplemente não consigo imaginar que o mundo volte a ser normal para nós. Falo sobre “depois da guerra”, mas é como se estivesse falando de castelos no ar, de uma coisa que pode nunca acontecer.

Vejo nós oito, no Anexo, como se fôssemos um retalho de céu azul rodeado por nuvens negras e ameaçadoras. O trecho perfeitamente redondo onde estamos ainda é seguro, mas as nuvens se aproximam, e o círculo entre nós e o perigo que se aproxima está se estreitando cada vez mais. Estamos rodeados por escuridão e ameaças, e, em nossa busca desesperada por uma saída, vivemos nos chocando uns contra os outros. Olhamos a luta lá embaixo e a paz e a beleza lá em cima. Enquanto isso, somos isolados pela massa de nuvens, de modo que não podemos subir nem descer. Ela paira diante de nós como uma parede impenetrável, tentando nos esmagar, mas ainda sem conseguir. Só posso chorar e pedir: “Ah, círculo, círculo, abra e nos deixe sair!”

No fragmento 3.16, o espaço simbólico ocupa duas páginas inteiras do diário em quadrinhos. Notamos que a imaginação de Anne estava relacionada à maneira como ela se sentia e aos fatos os quais ela tinha medo de que ocorressem: o mundo nunca mais seria o mesmo após a guerra, e os quais gostaria de que ocorressem: que a guerra acabasse o mais rápido possível. Essas duas reflexões de Anne, como vimos anteriormente, marcam o tempo psicológico na HQ.

Na legenda, Anne explicou como se sentia diante de todos os acontecimentos ligados à guerra. Para ela, imaginar que o mundo voltaria a ser como era antes do conflito mundial era praticamente impossível. Ela imaginava os moradores do Anexo como se estivessem em uma parte do céu azul, cercado por nuvens escuras. Abaixo do céu, existia luta e, acima deles, paz.

A fala de Anne ganhou forma por meio da ilustração. No fragmento, as personagens foram retratadas em cima de uma nuvem. Suas expressões faciais permitem que percebamos o quanto estavam aflitas. Além disso, acima das personagens, existe um buraco por onde é possível ver os raios do sol; e, abaixo delas, há escuridão e casas em chamas. Anne foi a única personagem que olhou em direção ao buraco. Tal fato reforça a fala da garota, presente na legenda, em que ela pediu ao círculo para se abrir, mostrando, assim, o quanto desejava o fim da guerra e o direito à liberdade e à segurança.

Na legenda, Anne mencionou que as nuvens isolavam os moradores do Anexo, impedindo-os que descessem ou subissem. Relacionando à fala de Anne com o contexto no qual as personagens estavam inseridas, de forma metafórica, as nuvens representavam, para ela, as paredes do Anexo, pois era o local que mantinha as personagens isoladas do resto do mundo. A personagem ressaltou que, mediante o desespero em encontrar uma solução, os moradores acabavam se chocando uns contra os outros. Por essa razão, o confinamento pode ter instigado esse conflito. Nesse sentido, o choque mencionado por Anne pode ser compreendido como uma

alusão aos desentendimentos constantes que ocorriam entre as personagens. Diante da análise do diário em quadrinhos, concluímos que o isolamento obrigava os moradores do Anexo Secreto a passarem muito tempo juntos, tendo que conviver, por consequência, com as diferenças existentes entre eles, divergências que, muitas vezes, geravam conflitos.

Em seguida, são observados aspectos relacionados às vinhetas que compõe o diário em quadrinhos.

### 3.3.5 Vinheta, a Menor Unidade Narrativa

A sequência narrativa das HQ, para Acevedo (1990), é construída por meio das vinhetas. “Podemos dizer que a vinheta é a unidade mínima de significação da história em quadrinhos” (Acevedo, 1990, p. 69). Ramos (2010) e Vergueiro (2014b) concordam com essa ideia. Ramos (2010) afirma que as vinhetas são um conjunto de linhas que contornam as HQ: “Agrupam-se cenário, personagens, fragmentos do espaço e do tempo. Tudo é encapsulado dentro de um conjunto de linhas, formando um retângulo, quadrado, esfera ou outro formato” (Ramos, 2010, p. 89). Ele e Vergueiro (2014b) utilizam dois termos, vinhetas ou quadrinhos, para se referirem ao recurso quadrinístico, ao contrário de Acevedo (1990), que faz uso somente do termo vinheta, também utilizado nesta tese. Cagnin (1975/2014) não traz, em seu texto, especificidades a respeito da vinheta. Ele diz somente que as imagens e os textos são limitados por molduras dos quadrinhos. “Os dois elementos estão contidos na moldura do quadrinho, como as pinturas nos quadros, e justamente por esse fato é que recebeu o nome de quadrinho, com o significado de imagem” (Cagnin, 1975/2014, p. 178).

Para Ramos (2010), no interior da vinheta, estão agrupados os cenários, as personagens, o tempo e o espaço. O passado ou a imaginação das personagens também podem aparecer nas vinhetas. Devido à quantidade de elementos que são “encapsulados” (Ramos, 2010, p. 89) dentro da vinheta, pode ser afirmado que elas possuem um grau elevado de normatividade. Para Vergueiro (2014b), por meio das vinhetas, é exposta uma imagem fixa que representa um momento específico ou uma sequência de momentos interligados, que são indispensáveis para que o leitor possa compreender uma ação ou um acontecimento.

Ramos (2010) esclarece que, a partir da comparação entre as ações expostas em cada vinheta, a narrativa é conduzida. As vinhetas podem compor formatos variados, que dependem da intenção do quadrinista e do espaço físico no qual a HQ será produzida. Há suportes que possuem mais páginas e são fisicamente maiores, de maneira a permitir que o quadrinista tenha mais liberdade para inovar no formato e na disposição das vinhetas, como ocorre com a novela

gráfica. Quanto ao formato, Vergueiro (2014b, p. 37) pontua que “A decisão sobre o formato mais adequado de vinheta a se utilizar em uma determinada história dependerá também da ação que o artista procura retratar”. Ainda aponta que a presença de vinhetas de formatos variados em uma mesma página ajuda a diminuir a “monotonia visual” (Vergueiro, 2014b, p. 37). Segundo Ramos (2010), as formas mais comuns de vinhetas são retangulares ou quadradas.

O contorno das vinhetas é chamado de linhas demarcatórias por Acevedo (1990), Ramos (2010) e Vergueiro (2014b). O contorno desempenha, salienta Ramos (2010), duas funções: (a) marca graficamente a ação ou o acontecimento que se passa dentro da vinheta, e (b) indica o momento quando ocorre aquele trecho na narrativa. O tipo de contorno mais utilizado na produção de uma HQ é o formado pela linha reta. “Funciona como um marco zero, servindo de referência para outras possibilidades de contorno. Ela indica o momento vivido pelos personagens, seja em qual época histórica for” (Ramos, 2010, p. 98). A linha reta pode ser mais linear quando feita com o auxílio de uma régua ou mais rústica quando feita manualmente. Tais diferenças estão ligadas ao “nível do estilo” (Ramos, 2010, p. 98), não acarretando mudanças relevantes de sentido.

De acordo com Acevedo (1990), o espaço e o tempo que se pretendem representar influenciam na escolha do contorno ideal. Os contornos estão ligados ao tempo da narrativa. Convergindo com tal ideia, Ramos (2010) esclarece que as linhas retas geralmente são utilizadas para indicar o tempo presente, já as linhas onduladas ou tracejadas podem ser utilizadas como uma referência aos fatos ocorridos no passado. As linhas onduladas ainda podem indicar que os fatos presentes no interior da vinheta se passam na mente da personagem.

O passado ou a imaginação das personagens também podem ser marcados pela maneira como as linhas demarcatórias são interligadas. Nesse caso, as linhas que formam uma curvatura, ao invés de formarem um ângulo de 90 graus, indicam que a história se passa no passado ou que ela está ocorrendo na mente da personagem. De acordo com Ramos (2010), outra forma de representar o passado e a imaginação é por meio de vinhetas com contornos desenhados.

Há casos (mais raros) em que todo o contorno da vinheta é desenhado. [...] O mecanismo funcionava assim: a borda reta do quadrinho significava o tempo presente da história, o momento da narração; a vinheta com desenhos nas laterais indicava uma ação do passado, relembrada por algum dos personagens (Ramos, 2010, p. 103).

O desenho dos contornos, mencionado por Ramos (2010), nesse caso, diz respeito a formatos variados feitos em torno das vinhetas; é possível comparar, por exemplo, esses desenhos àqueles esculpido em molduras de madeira para quadros. Além disso, Vergueiro

(2014b) acrescenta que existem vinhetas que não possuem contorno, porém isso não dificulta a leitura da HQ, visto que o leitor imagina tal contorno não visivelmente desenhado.

Em suma, a vinheta é considerada a menor unidade narrativa; e, em seu interior, são “encapsulados” diversos recursos quadrinísticos. Elas podem ser compostas por formatos e contornos variados, sendo que os formatos mais comuns são os retangulares e quadrados, enquanto os contornos mais recorrentes são os constituídos por linhas retas. Além disso, o contorno pode representar um espaço e um tempo: as linhas retas indicam o presente; as onduladas, as tracejadas ou os contornos desenhados fazem referência ao passado ou à imaginação das personagens. Pode haver também vinhetas sem contorno.

Em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), é possível constatar que grande parte das vinhetas possuem formatos retangulares ou quadrados e que os contornos mais comuns utilizados são os em linha reta. Sob essa ideia, as vinhetas no diário em quadrinhos têm características que coincidem com o que foi dito por Cagnin (1975/2014), Acevedo (1990), Ramos (2010) e Vergueiro (2014b) sobre as possibilidades de composição do recurso em questão. No entanto, no diário em quadrinhos, foram encontradas características referentes às vinhetas que não foram citadas pelos autores. Isso ocorre, porque as vinhetas foram construídas de acordo com o ponto de vista de Folman e Polonsky a partir da recriação do diário pessoal de Anne Frank (1947). Tal fato converge com as ideias já referidas de Vergueiro (2014b) sobre os quadrinistas escolherem o formato das vinhetas em concordância com a ação que julgam pertinente para a narrativa.

Quanto às características visuais das vinhetas, notamos que, no diário em quadrinhos, muitas vezes ocorre a exposição de uma sequência de vinhetas com a mesma composição. O uso de vinhetas com estrutura visual semelhante remete à “monotonia visual” (Vergueiro, 2014b, p. 37), como já esclarecemos. Porém, tal monotonia, no diário em quadrinhos, não é um ponto negativo. Ao contrário disso, ela também contribui para os efeitos de sentido desenvolvidos na narrativa. Ao utilizar vinhetas semelhantes, destacam-se os acontecimentos expostos em seu interior. No fragmento 3.9 (p. 135), por exemplo, as duas vinhetas possuem o mesmo formato, contornado por linha reta. Nas partes superiores de ambas, há a exposição de legendas retangulares, contornadas e com o fundo esverdeado. Ainda há o uso da mesma paleta de cores nas duas vinhetas. Todos esses elementos as tornam semelhantes. O elemento principal que as diferencia é a chegada de Anne e a mudança da expressão das personagens, expostas na segunda vinheta, que demonstram alegria ao verem a família reunida novamente. Desse modo, as semelhanças dos elementos que formam as duas vinhetas contribuem para destacar que a

chegada de Anne foi uma novidade, intensificando que tal chegada trouxe alegria para a família “Frank”.

Ramos (2010), como já apresentamos, esclarece que contornos desenhados podem tornar vinhetas em que foi exposto o passado relembrado por alguma personagem.

### Fragmento 3.17 — Vinhetas em forma de fotografias



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 12).

O fragmento 3.17 foi constituído por quatro vinhetas. Nele, foram abordadas fotografias ligadas ao passado da família “Frank”. A menção ao passado pode ser inferida graças à fala de Anne, disposta na legenda, na qual a personagem afirmou que faria uma síntese sobre sua vida. Anne relatou como havia sido o início do relacionamento amoroso existente entre seus pais e como a família “Frank” foi constituída. A retomada do passado também se dá pela marcação temporal representada pelas datas. Notamos ainda que existem cortes entre as vinhetas que auxiliam na construção temporal, sendo que os cortes existentes entre as três primeiras vinhetas omitem uma passagem longa de tempo, equivalente há anos transcorridos. Como é possível observarmos por meio da legenda, os fatos presentes na primeira vinheta ocorreram em 1925; os retratados na segunda vinheta, em 1926; e os expostos na terceira vinheta, três anos depois, em 1929.

Além da marcação temporal por meio das datas e dos cortes, analisando o cenário disposto em cada vinheta, é possível perceber a passagem do tempo por meio das estações do

ano, pois elas variam em cada uma das vinhetas. Diante das folhas secas em tons amarelados e alaranjados presentes na primeira vinheta, inferimos que era outono. Já as árvores secas e o tom predominantemente cinza, dispostos na segunda vinheta, indicam o inverno. Por fim, na terceira, as árvores verdes e floridas fazem alusão à primavera. Além disso, confirmamos que era primavera diante da relação da data exata do nascimento de Anne com o período quando ocorre cada estação do ano na Alemanha, país onde a personagem nasceu. Ao relacionar tais fatos, é possível constatar que, no dia quando Anne nasceu, 12 de junho, é primavera na Alemanha. No que tange ao corte entre a terceira e quarta vinheta, percebemos que ele omite uma passagem curta de tempo, visto que, observando a paisagem, vestimentas e ações das personagens, os fatos ocorridos na terceira e quarta vinheta ocorreram no mesmo dia.

Ao retomar as ideias de Ramos (2010) sobre os contornos desenhados, percebemos que o contorno das vinhetas se assemelha ao citado pelo autor, pois foi formado pela união de várias linhas curvas, lembrando o formato de uma nuvem e remetendo ao passado. Isso ocorre, porque, nesse fragmento, o contorno desenhado, juntamente com a coloração amarelada que faz referência ao papel envelhecido, foi utilizado para transformar as vinhetas em fotografias da família “Frank”, elemento que está intimamente ligado ao passado e às recordações.

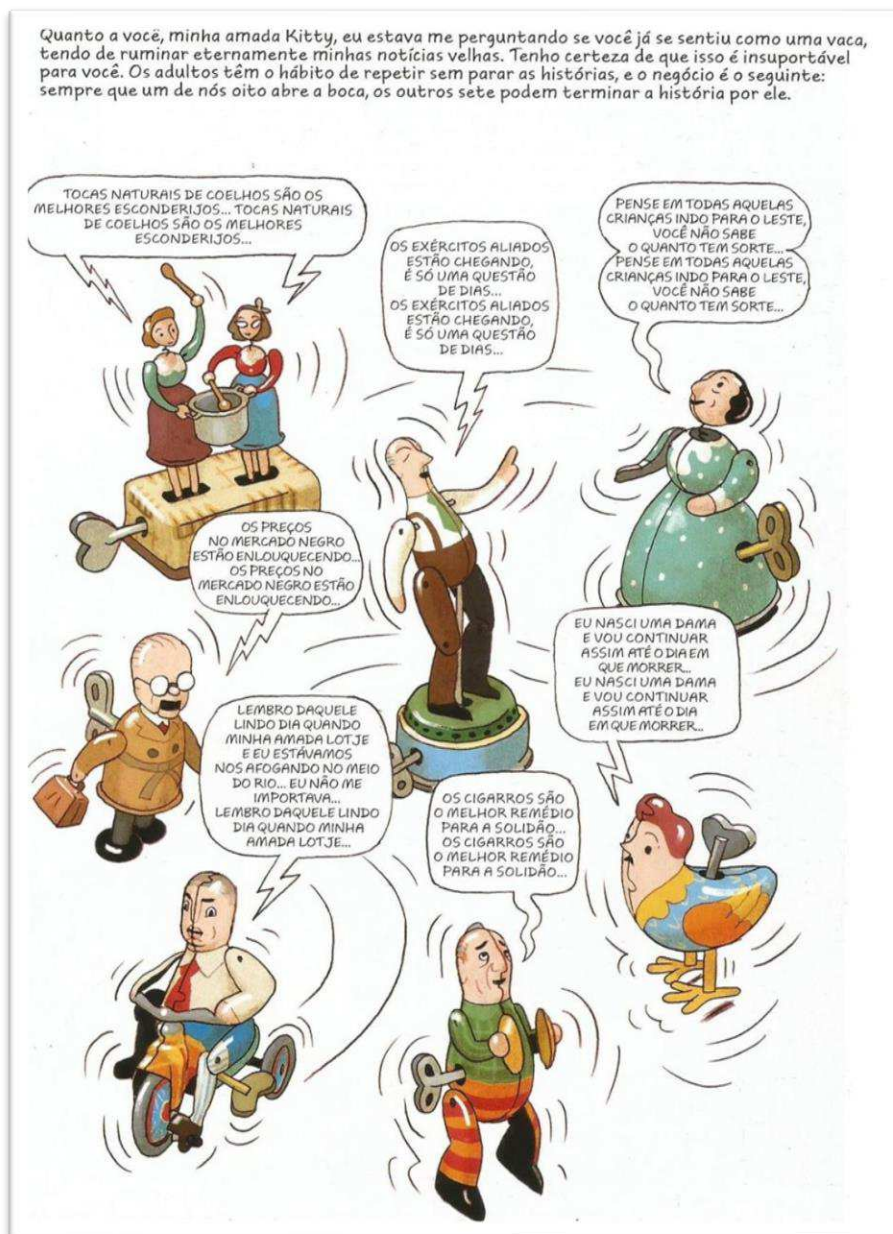
Assim, notamos que há um encontro entre o tipo e a função do contorno utilizado nas vinhetas que formam o fragmento 3.17 e as ideias de Ramos (2010) sobre os tipos de contorno que podem ser usados para fazer alusão ao passado. Em relação às vinhetas contornadas do diário em quadrinhos, percebemos a presença do contorno feito com linhas retas em todas elas, com exceção das vinhetas presentes nos fragmentos 3.5 (p. 112) e 3.17.

Cagnin (1975/2014), Acevedo (1990), Ramos (2010) e Vergueiro (2014b) não esclarecem que as vinhetas podem ter apenas um de seus lados contornados. Isso ocorre no diário em quadrinhos. No fragmento 3.15 (p. 158), somente a parte de baixo de algumas vinhetas foram contornadas. Nas vinhetas 8, 11, 13 e 16 do fragmento em questão, a linha reta exerce somente a função de contornar as vinhetas. Já nas vinhetas 1, 2, 3, 5, 6, 7, 14 e 15 do fragmento, a linha reta, além de contorná-las, foi utilizada como uma superfície, provavelmente uma mesa, na qual os pratos e os abraços das personagens puderam ser apoiados. Essa forma de contorno aparece em outros fragmentos do diário em quadrinhos. Na maioria das vezes, além de servir como contorno, representa uma mesa ou o chão: um local para o apoio de objetos ou pessoas, como se infere no fragmento.

No fragmento 3.15, ainda vemos que as vinhetas 4, 9, 10 e 12 não possuem contorno. A falta de contorno das vinhetas, como já dito, pode ocorrer nas HQ de acordo com Vergueiro (2014b). A ausência de contorno também pode ser notada em outros fragmentos, como no 3.2

(p. 104), que foi retratado em uma única vinheta não contornada e que ocupa uma página inteira do diário em quadrinhos. A falta de contorno da vinheta, nesse caso, pode estar contribuindo para atribuir ideia de liberdade à ação representada, ou seja, para ressaltar que Anne se sentia confortável em desabafar com seu diário. Anne está livre na vinheta sem contorno, da mesma forma que se sentia livre para contar segredos à Kitty.

### Fragmento 3.18 — Vinhetas sem contorno



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 105).

O fragmento 3.18 também é um exemplo de vinhetas sem contorno. Na parte superior da página, há uma legenda sem contorno que se funde ao espaço. Nela, Anne expressou o amor que sentia por Kitty ao usar o vocativo “amada”. Ainda fica evidente, na legenda, a maneira

como Anne, ao questionar o que sentia, personificava o diário. Ela se questionava sobre como Kitty se sentia ao ter acesso às notícias repetidas. Esse seu pensamento pode ser associado à função do diário de armazenar memórias, sendo que algumas dessas memórias podem ser repetidas. A garota ainda mencionou que, no Anexo, ela escutava diariamente notícias repetidas, pois os adultos tendiam a contar as mesmas histórias incansavelmente. Observamos que, para representar a mecanicidade presente na maneira como as personagens repetiam as histórias, elas foram transformadas em “bonecos de dar corda”. No fragmento, estão presentes as seguintes personagens: Bep Voskuijl, Miep Gies, Otto Frank, Edith Frank, Auguste van Daan, Hermann van Daan, Albert Dussel e Jo Kleiman.

Notamos que as ações desempenhadas pelas personagens, no fragmento 3.18, estão intimamente ligadas às características, detalhadas em “3.3.2 Personagens e expressividade” (p. 119-130), de cada uma delas. Elas referem-se de forma repetitiva, no fragmento, algo relacionado às boas recordações, às suas habilidades e ao modo que agiam e viam o mundo. As falas das personagens são reproduzidas dentro dos balões.

No fragmento, Bep e Miep estavam cozinhando e falando sobre as tocas dos coelhos serem uma boa opção de esconderijo. Jo Kleiman estava carregando sua mala e reclamando sobre os preços do comércio clandestino. Ao falarem sobre esconderijos e comércio clandestino, tais personagens, na posição de ajudantes dos moradores do Anexo Secreto, demonstravam estar constantemente preocupados com a segurança e a sobrevivência de seus protegidos. Dussel estava andando de triciclo e lembrando os momentos que passou com Lotje, sua amada. Apesar de ser pouco aludida na narrativa, Lotje contribuiu para a sobrevivência do dentista, pois ela lhe enviava mantimentos. Além disso, as cartas de amor trocadas pelo casal mantinham Dussel esperançoso sobre permanecer vivo até o fim da guerra e reencontrá-la. Hermann estava tocando um instrumento musical (pratos) e comentando sobre como, sob o próprio ponto de vista, o cigarro poderia suprir a solidão. Ao falar sobre os cigarros auxiliarem no combate à solidão, ele deixou margem para que o leitor interpretasse que sua esposa não era uma “boa” companhia e que existia um relacionamento conturbado entre eles.

Otto, Edith e Auguste, ao contrário das outras personagens já citadas, não estavam segurando nenhum objeto, porém também tiveram suas falas representadas. Otto alertou sobre a chegada dos aliados, mostrando, como fez em outros momentos da narrativa, estar em alerta sobre o desenvolvimento da guerra. Edith destacou as pessoas que estavam correndo ainda mais perigo que eles. Ela repetiu uma estratégia constantemente utilizada por ela para lutar contra a melancolia. Em seus relatos, Anne afirmou que sua mãe aconselhava os moradores a pensarem no sofrimento existente no mundo e agradecerem por não fazerem parte dele. Essa era uma

característica marcante da personagem: dizer, principalmente a Anne, como agir e pensar. Auguste disse que sempre seria uma dama. A mulher foi a única personagem que falou somente sobre si no fragmento. Isso deixa à mostra um traço de egoísmo da personagem. Durante a trama, a prioridade dela foi sempre seu próprio bem-estar.

Ainda percebemos, no fragmento 3.18, o uso de linhas cinéticas em torno do corpo das personagens, indicando os movimentos corporais repetitivos realizados por elas, característica inerente aos “bonecos de dar corda”. Quanto aos balões, o uso do rabicho em forma de raios ou em forma de ondas ressalta o tom de voz elevado das personagens. Notamos que elas foram ilustradas com seus corpos naturais (formato humano) exceto a senhora van Daan, que foi retratada com o corpo de uma galinha. Provavelmente, Anne a imaginava dessa forma, devido à antipatia que sentia por ela. Assim, a forma do corpo de Auguste van Daan também pode ter sido utilizada para contrariar seus dizeres sobre jamais deixar de ser uma dama.

Mesmo sem o contorno indicando a divisão de vinhetas no fragmento, a ação e a fala repetida por cada personagem pode ser compreendida independentemente das outras. Isso mostra que não há um diálogo estabelecido entre elas. Podemos considerar, desse modo, que cada uma ocupa vinhetas distintas, cuja existência é inferida pelo leitor. Nesse caso, as linhas cinéticas presentes em torno das personagens auxiliam no isolamento de cada uma delas.

Durante a leitura do fragmento 3.5 (p. 112), também cabe ao leitor inferir a existência de demarcações de vinhetas. Cada objeto pode ser visualizado como se ocupasse uma vinheta distinta. No fragmento, aparece ainda uma vinheta contornada com o formato de nuvem. O formato, remetendo à imaginação de Anne já aludida na legenda, localizada na parte superior do fragmento. A imaginação da personagem está presente em todos os fragmentos (3.5, p. 112; 3.15, p. 158; 3.18, p. 166) mencionados, para exemplificar a ausência de contorno das vinhetas. Isso se estende por todo o diário em quadrinhos, pois, apesar de a imaginação de Anne também aparecer em vinhetas contornadas, como pode ser verificado no fragmento 3.13 (p. 149), ela foi representada no diário em quadrinhos majoritariamente em vinhetas sem contorno. Diante disso, é possível notarmos que a representação da imaginação da personagem não segue o que foi dito por Ramos (2010) sobre a imaginação ser representada em vinhetas contornadas por linhas onduladas ou tracejadas.

De acordo com Acevedo (1990), na sequência de vinhetas utilizadas para narrar uma ação, fatos que são facilmente inferidos pelo leitor são eliminados. Cabe ao leitor imaginar os movimentos sugeridos nas HQ, coparticipando da continuação da narração. Há cortes entre as vinhetas que estão intimamente ligados ao tempo e a outros recursos da linguagem das HQ. Como vimos no decorrer deste capítulo, os cortes presentes entre as vinhetas exigem, com base

em Acevedo (1990), que o leitor preencha as lacunas provocadas na narrativa. Quanto ao corte utilizado para omitir a passagem de tempo entre as vinhetas, constatamos que ele aparece de duas formas no diário em quadrinhos. O corte pode omitir uma passagem temporal curta, como apontamos no fragmento 3.9 (p. 135), ou uma passagem de tempo longa, explicada no fragmento 3.17 (p. 164).

Sobre essas duas formas de omissão de tempo transcorrido, realizadas por meio do corte, notamos que leitor tem maior liberdade para imaginar os fatos omitidos. No entanto, quando os cortes são utilizados para destacar um objeto ou personagem, sejam isolando tais elementos, como visto no fragmento 3.10 (p. 136) e 3.11 (p. 139), sejam ampliando-os, fato perceptível no fragmento 3.4 (p. 110) e novamente no 3.11 (p. 139), observamos uma coparticipação especial do leitor. Faz-se necessário, nesse caso, que o narrador e o leitor pensem de forma semelhante. Quando há o isolamento das personagens e dos objetos em um fragmento, cabe ao leitor olhá-los isoladamente. Isso se repete quando as personagens e os objetos são ampliados: o leitor precisa imaginar o processo de ampliação ocorrendo.

Vergueiro (2014b, p. 39) alerta que as vinhetas não devem ser consideradas “gaiolas” de onde nada pode fugir. Alguns quadrinistas costumam ultrapassar o contorno das vinhetas, fazendo com que parte da ação ocorra em seu exterior. Em algumas ocasiões, as vinhetas podem aparecer inter-relacionadas: uma mesma ação pode ser contada transpassando diversas vinhetas. Como já mostramos, de acordo com o estudioso, a composição das vinhetas se dá em concordância com os acontecimentos que o quadrinista pretende expor por meio delas. Na construção da narrativa do diário em quadrinhos, a composição visual das vinhetas, assim como o uso dos outros recursos da linguagem quadrinística, não foram escolhidos de forma aleatória por Folman e Polonsky. As composições visuais dos recursos dos quadrinhos e as combinações entre eles foram utilizadas pelos autores visando expressar determinadas ideias que são inferidas, interpretadas e ampliadas mediante a participação do leitor.

### 3.3.6 Considerações Sobre a Linguagem Quadrinística no Diário de Anne Frank

Constatamos, neste capítulo, que os recursos da linguagem dos quadrinhos contribuíram com a caracterização da personagem protagonista Anne Frank, com a sua representação e para a construção do enredo em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018). Diversas formas de representar as legendas foram identificadas no diário em quadrinhos. Aparentemente, o formato e o contorno de cada legenda foram escolhidos, visando o destaque do recurso na página em que foi inserido. Por meio das legendas,

foram expostos os relatos de Anne, fator indispensável para considerar a HQ como pertencente ao gênero diário em quadrinhos e para expor a maneira como ela enxergava o mundo ao seu redor. Assim, à medida que havia o destaque das legendas nas páginas, sobressaiu-se a voz de Anne e a história de sua vida.

Quanto aos balões, os mais recorrentes no diário em quadrinhos foram os balões-fala, que marcam o diálogo direto entre as personagens. O formato dos balões contribuiu para ressaltar o humor das personagens. O uso do balão-berro, por exemplo, transpareceu que a personagem a qual ele foi vinculado, estava exaltada. As emoções das personagens também foram expostas por meio de suas expressões faciais e gestuais. No diário em quadrinhos, tais expressões foram ressaltadas de acordo com o tipo de plano e ângulo de visão utilizado na composição da vinheta. Estes também contribuíram para ressaltar os demais recursos quadrinísticos, como o tempo e o espaço.

Em relação ao tempo, observamos várias maneiras para a marcação no diário em quadrinhos. Destacamos a marcação do tempo histórico, pois a narrativa se passou durante a Segunda Grande Guerra Mundial; e a do psicológico, já que, em diversos momentos, foi retratada a maneira como Anne imaginava determinadas situações acontecendo e refletia sobre os mais variados assuntos. Ainda foram retratados os sonhos que ela tinha ao adormecer. Desse modo, o espaço simbólico também se sobressaiu no diário em quadrinhos, visto que ele está vinculado ao tempo psicológico. Na maioria das vezes, fatos imaginados por Anne foram expostos em vinhetas sem contorno. A falta de contorno, nesse caso, contribuiu para expor que sua imaginação não era limitada. A personagem refugiava-se em seu senso imaginativo para fugir de toda a angústia causada pela situação em que se encontrava: escondida em um local pequeno, com poucos recursos para higiene e alimentação e, como detalhamos no próximo capítulo, convivendo com pessoas que criticavam seu modo de agir, pensar e ver o mundo.

Em relação ao espaço físico, o Anexo Secreto foi destaque, pois grande parte da narrativa se passou nesse ambiente. Observamos que os espaços existentes entre as vinhetas não só omitiram movimentos na narrativa, mas também contribuíram para destacar (seja isolando, seja ampliando) determinados objetos e acontecimentos.

Diante da análise de *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), constatamos que sua construção de sentidos só se tornou completa a partir do momento quando foi considerada a interação dos recursos que formam a linguagem quadrinística. Vergueiro (2014b, p. 31) define as HQ como sendo formadas pela junção da linguagem verbal com a visual: “Em primeiro lugar, nota-se que as histórias em quadrinhos constituem um

sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal”.

No entanto, nesta tese, defendemos que as HQ não podem ser definidas dessa forma. Cagnin (1975/2014) esclarece que, apesar de serem menos comuns, existem HQ que expõem a palavra escrita apenas em seus títulos. “Conclui-se, então, que o texto não é essencial à história em quadrinhos, assim como o romance escrito não exige forçosamente seja lustrado com imagens. Os gestos das figuras, as expressões do rosto revelam a ação substituindo com vantagem, balões e legendas” (Cagnin, 1975/2014, p. 35). Em concordância com isso, Acevedo (1990, p. 19) destaca que “Às vezes, as aventuras são contadas com simples desenhos e às vezes, também, com palavras escritas junto aos desenhos. Isso é a história em quadrinhos”. Mediante a afirmação dos dois últimos autores citados, notamos que as HQ não podem ser definidas como a junção de duas linguagens, pois elas podem expressar sentidos completos sem que a linguagem verbal tenha sido utilizada em sua produção.

Considerando outras expressões artísticas, como a literatura e o cinema, por exemplo, notamos que não é possível definir os textos literários somente como textos formados por linguagem verbal. Também não é possível definirmos o cinema apenas como sendo a junção de movimentação de imagens e som. Tais definições não são suficientes para esclarecerem o que é a literatura ou o que é o cinema. Do mesmo modo, definir as HQ como a junção de duas linguagens (verbal e visual) parece “simplório” diante da complexidade existente em sua linguagem. Além disso, definir as HQ dessa maneira sugere que elas dependem da literatura e da arte, ofuscando sua originalidade.

Os quadrinhos não são um híbrido de palavra e imagem, um filho bastardo da literatura e a arte que foi incapaz de herdar as virtudes de seus progenitores. Os quadrinhos pertencem a uma estirpe distinta, e se realizam em um plano diferente daquele em que se realizam cada uma dessas artes. Tem suas próprias regras e suas próprias virtudes e limitações, que mal começamos a entender (García, 2012, p. 301).

Como já mencionamos nesta tese, convergindo com as ideias de Ramos (2010) e Borges (2020), defendemos a autonomia das HQ. “Os recursos constituintes da linguagem quadrinística são regidos por uma construção diferenciada e única. Não existe, portanto, outra linguagem que seja construída como ocorre em um texto em quadrinhos” (Borges, 2020, p. 8). Por meio da análise do diário em quadrinhos, concluímos que, embora seja possível a compreensão de cada recurso da linguagem quadrinística de maneira isolada, as contribuições para a construção dos sentidos se dão no conjunto, em funcionamento, em inter-relação. Os recursos analisados neste capítulo comprovam a autonomia, a autossuficiência, para contar histórias de maneira particular, própria, sem depender de outra linguagem.

Além disso, reafirmamos que os recursos quadrinísticos foram usados para representar Anne Frank. As legendas proporcionaram que a voz de Anne chegasse ao leitor como a narradora de sua própria história. Ela traz diversas informações sobre a forma de Anne pensar e agir, assim como os balões mostraram a maneira como os outros moradores do Anexo Secreto viam a menina. Já os recursos imagéticos, como as expressões faciais e corporais e a caracterização visual de Anne, permitiram que os leitores possam ter uma maior percepção de quem ela era.

No capítulo a seguir, mostramos como ocorre a formação e a transformação identitária de Anne Frank em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018).

## CAPÍTULO 4

### UM “FEIXE DE CONTRADIÇÕES”: A FORMAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE ANNE FRANK

Observamos que a protagonista de *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman, Polonsky, 2018), Anne Frank, tinha uma constituição identitária complexa. Diante disso, neste capítulo, inicialmente, pretendemos, a partir dos estudos de Rajagopalan (2003), Bauman (2005), Silva, Tomaz (2012), Woodward (2012) e Hall (2012; 2015), explicar como se constroem as identidades, focando a formação e a transformação identitária de Anne Frank. Em seguida, buscamos mostrar que há uma interdependência entre identidade e diferença. Fizemos uma comparação entre Anne e outros moradores do Anexo Secreto, a fim de compreendermos como a formação e a transformação identitária da personagem se constroem a partir das diferenças. Também abordamos a ideia de identidade nacional e como o nacionalismo defendido por Hitler afetou os judeus, estabelecendo diferenças entre eles e os alemães. Em seguida, explicamos como as identidades podem ser representadas por meio de símbolos. Para isso, destacamos a formação identitária religiosa de Anne Frank.

Na sequência, contextualizamos sócio-historicamente (Alves, Pitanguy, 1985; Auad, 2003; Pinto, 2010) a visão social que se teve sobre a mulher ao longo dos séculos e a respeito do surgimento e o desenvolvimento do movimento feminista. Depois, apresentamos concepções a quanto às relações de gênero (Beauvoir, 1970, 1980; Alves, Pitanguy, 1985; Scott, 1995; Auad, 2003; Perrot, 2007; Goellner, 2010, Butler, 2019<sup>1</sup>) e à representação feminina (Butler, 2003). Por fim, analisamos a representação feminina de Anne Frank em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018).

#### 4.1 FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO IDENTITÁRIA, A BUSCA PELA COMPLETUDE

Antes de iniciarmos as considerações sobre identidade, que é feita a partir dos estudos de Rajagopalan (2003), Bauman (2005), Silva, Tomaz (2012), Woodward (2012) e Hall (2012; 2015), autores que tratam a formação identitária na pós-modernidade, é relevante destacarmos o que entendemos como pós-modernidade nesta tese.

Benko (2011<sup>80</sup>, p. 187) menciona que “Modernidade e pós-modernidade nasceram de certas evoluções profundas da organização social, econômica, política, realizando-se ao nível

---

<sup>80</sup> Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1997.

dos costumes, do modo de vida e do cotidiano”. Baseando-se nas ideias de Habermas<sup>81</sup>, Benko (2011) traça um panorama histórico do termo *moderno*. Resumidamente, o termo foi utilizado durante grande período histórico para marcar geralmente uma ruptura com o passado. Isto é, sempre que se estabelecia uma “nova” relação com a Antiguidade, era despertada a consciência de que uma época “nova” havia surgido. Já os “tempos modernos” remetem ao período do Renascimento, sendo principalmente durante o Iluminismo, século XVIII, que o “moderno” se solidificou intelectualmente. No Iluminismo, o moderno deixou de ser visto como uma “sensibilidade amorfa” e passou a ser considerado um “espírito do tempo” (Benko, 2011, p. 189). Entretanto, somente no século XIX, a modernidade passou a ser relacionada às questões sociais e políticas: “[...] somente a partir do século XIX que a modernidade adquire uma densidade social e prático-estética (modernismo). Desse ponto de vista, o século XIX constitui uma reviravolta” (Benko, 2011, p. 189).

Embora existam várias formas de conceituar a modernidade, o autor afirma que é possível atribuir um sentido único ao termo. Ela refere-se a uma “nova” visão de mundo. Assim, o termo *moderno* pode ser utilizado para designar aquilo que aconteceu após uma mudança tanto no homem, quanto no ambiente onde ele está situado. De acordo com o estudioso, ao utilizar o termo *modernidade*, fala-se sobre uma ruptura entre o tempo passado e o presente e, conseqüentemente, a respeito de uma ruptura entre os modelos desses dois tempos.

Benko (2011, p. 187) também aborda a pós-modernidade. Ele esclarece que a revolução cultural<sup>82</sup> e a revolução industrial<sup>83</sup> são dois acontecimentos históricos geralmente vistos como marcos que estabelecem a passagem da modernidade para a pós-modernidade. O termo *pós-moderno* ganhou notoriedade em 1960. No entanto, não é possível datar o início da pós-modernidade com precisão.

Mais freqüentemente, aqueles que falam de pós-modernidade focalizam sua atenção na revolução cultural e na revolução industrial. A história já longa destas duas revoluções lhes parece comportar uma ruptura essencial que marca um antes — a modernidade, e um depois — a pós-modernidade. Sem que se possa datá-la com precisão, a ruptura cultural aparece com evidência por volta de 1968 (Benko, 2011, p. 192).

---

<sup>81</sup> Benko (2011) refere-se à obra *O discurso filosófico da modernidade* de Habermas, publicada pela primeira vez em 1985.

<sup>82</sup> A Revolução Cultural ocorreu na China em 1963 e consistia basicamente em uma política de censura e repressão contra quem pensavam diferente de Mao Tsé-Tung, principalmente os intelectuais. Tal revolução gerou grande violência no país. Disponível em: <https://www.significados.com.br/revolucao/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

<sup>83</sup> A Revolução Industrial foi um período de transformações sociais e econômicas ocorridas principalmente na Inglaterra e na Europa entre os séculos XVIII e XIX. Como principais marcos desse período, podemos mencionar a criação da máquina a vapor e sua utilização no transporte e na indústria, isto é, ocorreu a transição da manufatura para a maquinofatura. Essa mudança gerou o aumento dos lucros das empresas. Disponível em: <https://www.significados.com.br/revolucao-industrial/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

Por outro lado, Manieri (2017), ao realizar estudos sobre as obras<sup>84</sup> de Zygmunt Bauman, afirma que o marco divisor entre a modernidade e a pós-modernidade foi a Segunda Guerra Mundial.

Evidentemente, pode-se fazer uma verdadeira história genealógica do termo “*pós-moderno*”, com várias interpretações possíveis. Mas, *grosso modo*, o fenômeno totalitário (no decorrer na Segunda Guerra Mundial) pode ser considerado o acontecimento histórico que pôs fim ao que se denomina de moderno (Manieri, 2017, p. 3).

A concepção de que a pós-modernidade surgiu no decorrer da Segunda Guerra Mundial é adotada por nós nesta tese. Segundo Manieri (2017), Bauman divide os períodos temporais como “sólidos” e “líquidos”, ideia que pode ser observada em diversas de suas obras. Em Bauman (2001), é possível percebermos a diferença entre a era moderna sólida e a era moderna líquida. A era sólida diz respeito ao período quando as identidades eram mais estáveis, ainda havia fixidez nas relações sociais. O estabelecimento de uma identidade nacional, como será visto mais adiante, era uma forma de buscar a solidez identitária. Na visão de Bauman (2005), a modernidade não se encerrou, mas teve uma mudança em relação à sua solidez. A sociedade moderna está atravessando a fase da identidade sólida para uma identidade líquida e fluida.

Estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluida”. E os “fluidos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. Num ambiente fluido, não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca — é melhor estar preparado para as duas possibilidades (Bauman, 2005, p. 57).

Para ele, a modernidade passou a ser líquida, dado que as relações sociais, de modo geral, não são fixas. Elas são frágeis e, assim como os líquidos, fluidas e adaptáveis. O período de liquidez abordado por Bauman em várias obras, como sugere os estudos de Manieri (2017), diz respeito ao que outros autores denominam de pós-modernidade.

Rajagopalan (2003), Bauman (2005), Silva, Tomaz (2012), Woodward (2012) e Hall (2012; 2015) concordam que as identidades estão em formação constante na pós-modernidade, configurando-se incessantemente. Segundo Bauman (2005), elas são frágeis e provisórias. Elas envolvem conflitos, como buscar estabelecer uma identidade fixa. A ideia de uma vida sem uma identidade fixa pode parecer instigante por um curto período. Entretanto, em um período maior, a falta do estabelecimento identitário pode gerar inquietação. Assim, para se sentirem

---

<sup>84</sup> Em seu artigo, Manieri (2017) aborda as seguintes obras de Zygmunt Bauman: *Em busca da política* (2000), *Ética pós-moderna* (1997), *Globalização: as consequências humanas* (1999), *Isto não é um diário* (2012), *Modernidade líquida* (2001), *Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna* (2011), *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria* (2008) e a obra escrita por Bauman e Leonidas Donskis: *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida* (2014).

seguras, as pessoas buscam estabelecer uma identidade. Por outro lado, não parece uma escolha atraente optar por uma única posição identitária quando há infinitas alternativas de posições a serem ocupadas. “Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, ‘estar fixo’ — ser ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativa — é algo cada vez mais malvisto” (Bauman, 2005, p. 35).

Hall (2015) argumenta que a identidade não existe na consciência<sup>85</sup> das pessoas quando elas nascem, mas se forma e transforma-se ao longo do tempo. Notamos que o autor concorda com Bauman (2005) sobre a identidade sofrer mudanças constantes. Hall (2012) defende que elas não são unificadas nem singulares, e sim múltiplas e fragmentadas; elas estão em constante processo de mudança. Hall (2015, p. 24) menciona que a identidade [...] “permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’”. Rajagopalan (2003, p. 71) também concorda com essa ideia ao dizer que a identidade não está pronta e acabada: “[...] as identidades estão, todas elas, em permanente estado de transformação, de ebulição”.

No diário em quadrinhos, observamos que a formação e a transformação identitária de Anne foram sendo construídas à medida que ela convivia com outras pessoas. Embora tenha relatado que não era feliz, antes de ir morar no Anexo Secreto, conforme suas expectativas, percebemos que ela viveu momentos de felicidade, antes do isolamento, como o evidenciado no fragmento 3.9 (p. 135), quando podemos observar a chegada de Anne à Holanda. É possível inferirmos que ela era desinibida, que não se importava com a opinião alheia, nem precisava de companhia para se sentir completa. Essa completude pode ser associada ao desejo de estabelecer uma identidade fixa, como abordado por Bauman (2005). Após ir morar no Anexo, Anne passou a demonstrar tristeza diante do isolamento e dos julgamentos que recebia de outras pessoas. Depois que se apaixonou por Peter van Daan, ela afirmou que surgiu uma segunda Anne. Essa Anne não era tão confiante e divertida quanto a primeira e só queria amar alguém e ser amada da mesma maneira.

Hall (2015) explica como as mudanças identitárias ocorreram ao longo do tempo. Ele sintetiza a existência de três tipos de identidade, partindo da concepção de identidade de três sujeitos: o sujeito do Iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. O sujeito do Iluminismo era baseado na ideia de pessoa humana completamente centrada em seu núcleo interior. “O centro essencial do ‘eu’ era a identidade de uma pessoa” (Hall, 2015, p. 11). A identidade nascia e se desenvolvia com o sujeito. Essa é uma concepção individualista do sujeito e de sua própria

---

<sup>85</sup> Hall (1996; 2012; 2015) explica a identidade fazendo uso de teorias como a psicanálise e a análise de discurso. No entanto, nesta tese, não são abordadas essas teorias.

identidade. Como vimos em Benko (2011), durante o século XVII, no Iluminismo, a ideia de modernidade girava em torno dos avanços intelectuais.

O sujeito sociológico “refletia a crescente complexidade do mundo moderno” (Hall, 2015, p. 11). Ao retomarmos os estudos de Benko (2011), podemos deduzir que tal sujeito está ligado ao século XIX, quando a modernidade deixou de ser um projeto, como era no Iluminismo, adquirindo densidade social. O sujeito sociológico, segundo Hall (2015), tinha um núcleo interior que não era autônomo. Mas tal núcleo era modificado diante das relações com as culturas e as identidades dos mundos “exteriores”, ou seja, mediante a relação estabelecida entre ele e o meio social. A identidade desse sujeito liga seu mundo pessoal ao mundo público. “A identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (Hall, 2015, p. 11).

Com o passar do tempo, o sujeito que possuía uma identidade única e estável foi se transformando em um sujeito fragmentado. Sob essa perspectiva, ele passou a ser formado por várias identidades. Surgiu, então, o sujeito pós-moderno, conhecido por não possuir uma identidade fixa, assumindo diferentes identidades em diferentes situações. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (Hall, 2015, p. 112). Tal sujeito está vinculado à pós-modernidade, período que se inicia, segundo Manieri (2017), durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

A narrativa do diário em quadrinhos ocorre quando se iniciava a pós-modernidade. Ainda que o termo *pós-modernidade* tenha ganhado notoriedade por volta de 1960, como afirma Benko (2011), notamos que as personagens do diário em quadrinhos já apresentavam traços de fragmentação em suas formações e transformações identitárias, como os sujeitos pós-modernos apresentam, fato que nos leva a considerar as personagens como pós-modernas. Entre as identidades assumidas por Anne Frank, percebemos que ela era judia, adolescente, mulher e filha, por exemplo. E, em cada situação vivida pela personagem, essas identidades sofriam oscilações ligadas às relações estabelecidas entre ela e amigos, familiares e os outros moradores do Anexo Secreto. Observamos, por exemplo, que Anne, como filha, posicionava-se de formas diferentes em relação aos pais. Isso ocorria, pois ela não tinha uma identidade fixa como a do sujeito pertencente ao Iluminismo, presente nos estudos de Hall (2015). Sua identidade era fragmentada, assim como a do sujeito pós-moderno, também referido por Hall (2015). Com Otto, Anne era mais amorosa e afeiçãoada, já com Edith, a menina mantinha uma relação conturbada, como é detalhado adiante.

Na modernidade líquida, como já esclarecemos, nos dizeres de Bauman (2005), valoriza-se o indivíduo que não possui uma identidade fixa. A modernidade contempla identidades com estruturas frágeis e que mudam com facilidade à medida que são influenciadas por qualquer tipo ou relação de força. Quanto ao diário em quadrinhos, percebemos que a guerra e o Holocausto exerceram força sobre as identidades das personagens. Foram esses acontecimentos que levaram Anne e sua família a se esconderem no Anexo Secreto, vivenciando dois anos de isolamento social. Segundo Bauman (2005), podemos exemplificar a formação das identidades, relacionando-as, de certa forma, à montagem de um quebra-cabeça. As identidades pessoais devem ser formadas como se compõe um quebra-cabeça, pois, a cada nova peça encaixada, forma-se uma nova identidade. A formação identitária, entretanto, sempre será comparada a um quebra-cabeça incompleto. O jogo, quando comprado em uma loja, contém, na caixa, todas as peças e a imagem a qual se chegará após a junção de todas, mas isso não ocorre com a formação identitária. Várias peças devem ser unidas para formá-la, todavia sua imagem final não é disponibilizada com antecedência.

No caso da identidade, não funciona nem um pouco assim: o trabalho total é direcionado para os meios. Não se começa pela imagem final, mas por uma série de peças já obtidas ou que pareçam valer a pena ter, e então se tenta descobrir como é possível agrupá-las e reagrupá-las para montar imagens (quantas?) agradáveis. Você está experimentando com o que tem. Seu problema não é o que você precisa para “chegar lá”, ao ponto que pretende alcançar, mas quais são os pontos que podem ser alcançados com os recursos que você já possui, e quais deles merecem os esforços para serem alcançados (Bauman, 2005, p. 55).

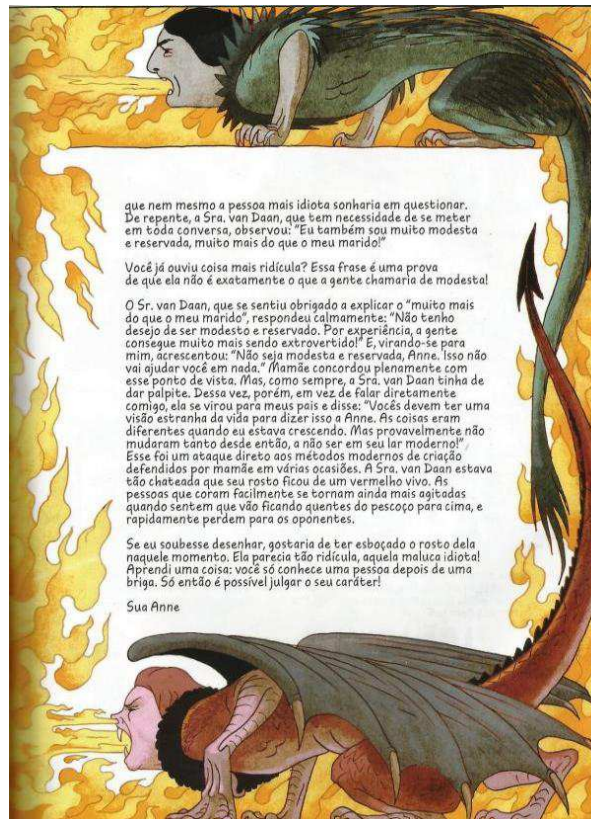
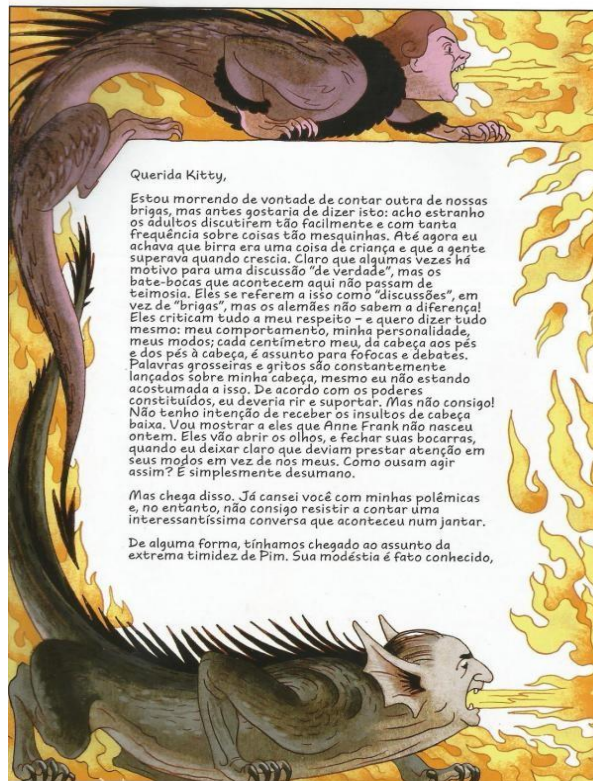
Para o sociólogo, a construção identitária tornou-se uma forma de experimentação sem fim, visto que, ao mesmo tempo em que se assume uma identidade, muitas outras estarão disponíveis e prontas para serem escolhidas e testadas, estando abertas às transformações constantes. Além disso, várias ainda serão inventadas e disponibilizadas para escolha. “Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação”, alerta Bauman (2005, p. 91). Ele classifica a identidade como um “conceito altamente contestado” (Bauman, 2005, p. 83), porque a palavra *identidade* sugere a existência de uma batalha; ela envolve conflito. Por isso, está em constante movimentação, quer dizer, está sempre em transformação.

Anne Frank não estava satisfeita com suas identidades. Após a mudança para o Anexo Secreto, a menina, afastada da vida social agitada, afirmou que passou a ter mais tempo para refletir sobre si. Conforme suas reflexões se intensificaram e foram relatadas em seu diário, notamos conflitos em sua formação e transformação identitária. Eles eram permanentes nas atitudes da menina, pois suas ações sofriam constante monitoramento. Muitas vezes, ela não podia agir como gostaria. Ela sentia vontade de falar sobre seus sentimentos quanto à guerra e

às relações pessoais, mas não falava a respeito deles por medo de como seria vista e julgada pelos outros moradores do Anexo.

### Fragmento 4.1 — Conflitos entre adultos

Segunda-feira, 28 de setembro de 1942



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 40-41).

Devido ao tamanho da exibição do fragmento 4.1 feita aqui, que impede a leitura dos relatos de Anne, transcrevemos os trechos mais relevantes para análise.

[...] Até agora eu achava que birra era uma coisa de criança e que a gente superava quando crescia. Claro que algumas vezes há motivo para uma discussão “de verdade”, mas os bate-bocas que acontecem aqui não passam de teimosia. Eles se referem a isso como “discussões”, em vez de “brigas”, mas os alemães não sabem a diferença! Eles criticam tudo a meu respeito — e quero dizer tudo mesmo: meu comportamento, minha personalidade, meus modos; cada centímetro meu, da cabeça aos pés e dos pés à cabeça, é assunto para fofocas e debates. Palavras grosseiras e gritos são constantemente lançados sobre minha cabeça, mesmo eu não estando acostumada com isso. [...] Vou mostrar a eles que Anne Frank não nasceu ontem. Eles vão abrir os olhos, e fechar suas bocarras, quando eu deixar claro que deviam prestar atenção em seus modos em vez de nos meus. Como ousam agir assim? É simplesmente desumano. [...]

De alguma forma, tínhamos chegado ao assunto da extrema timidez de Pim<sup>86</sup>. Sua modéstia é fato conhecido, que nem mesmo a pessoa mais idiota sonharia em questionar. De repente, a Sra. van Daan, que tem necessidade de se meter em toda conversa, observou: “Eu também sou muito modesta e reservada, muito mais do que o meu marido!”

Você já ouviu coisa mais ridícula? Essa frase é uma prova de que ela não é exatamente o que a gente chamaria de modesta!

<sup>86</sup> Apelido de Otto Frank.

O Sr. van Daan, que se sentiu obrigado a explicar o “muito mais do que o meu marido”, respondeu calmamente: “Não tenho desejo de ser modesto e reservado. Por experiência, a gente consegue muito mais sendo extrovertido!” E, virando-se para mim, acrescentou: “Não seja modesta e reservada, Anne. Isso não vai ajudar você em nada.” Mamãe concordou plenamente com esse ponto de vista. Mas, como sempre, a Sra. van Daan tinha de dar palpite. Dessa vez, porém, em vez de falar diretamente comigo, ela se virou para meus pais e disse: “Vocês devem ter uma visão estranha da vida para dizer isso a Anne. As coisas eram diferentes quando eu estava crescendo. Mas provavelmente não mudaram tanto desde então, a não ser em seu lar moderno!” Esse foi um ataque direto aos métodos modernos de criação defendidos por mamãe em várias ocasiões. A Sra. van Daan estava tão chateada que seu rosto ficou de um vermelho vivo. As pessoas que coram facilmente se tornam ainda mais agitadas quando sentem que vão ficando quentes do pescoço para cima, e rapidamente perdem para os oponentes.

[...]

Sua Anne (Folman; Polonsky, 2018, p. 40-41).

No fragmento 4.1, percebemos o quanto Anne era criticada pelos outros moradores do Anexo. O conflito relatado ocorreu por motivos banais, segundo Anne. Fica evidente que os adultos exigiam que ela tivesse uma forma de agir que nem eles tinham. Eles não agiam civilizadamente. Isso fica nítido na forma como foram retratados: dragões em combate. Destacamos que o conflito entre as personagens é recorrente na HQ.

No fragmento 3.16 (p. 159), foi possível constatar que o espaço restrito do Anexo Secreto e o isolamento obrigavam os moradores a permanecerem muito tempo juntos, fato que intensificava os conflitos entre eles. Anne sentia vontade de dizer o quanto as críticas que recebia a incomodavam, como é possível observar no fragmento, mas optava por não dizer, porque achava que as pessoas ficariam felizes ao vê-la magoada e não queria satisfazê-las. Ela relatou que tentava agir buscando agradar a todos, tentava sorrir e parecer feliz. Na legenda inicial do fragmento 3.13 (p. 149), Anne falou sobre estar com depressão graças a sua covardia. Notamos ainda um sentimento de culpa e fracasso da personagem por estar depressiva. Talvez, ao mencionar a covardia, ela estivesse se referindo ao seu silêncio diante das críticas negativas que as pessoas que a cercavam lhe destinavam.

Segundo Rajagopalan (2003), as identidades são construídas e reconstruídas constantemente; são adaptadas e adequadas aos diversos contextos. Diferentes ocasiões exigem diferentes identidades. Anne, antes de ir morar no Anexo, era cercada de amigos e admiradores, como exemplificamos com o fragmento 1.1 (p. 25). Mas, ela alegou que não confiava nas pessoas e se sentia solitária. No Anexo, por meio dos fragmentos 3.18 (p. 166) e 4.1, observamos que ela não se sentia à vontade para conversar com os adultos. No fragmento 3.18, a menina falou sobre os adultos repetirem sempre as mesmas histórias, o que remetia ao tédio. Já no fragmento 4.1, notamos que eles discutiam por motivos que ela não considerava plausíveis e direcionavam-lhe críticas cruéis. Percebemos, no fragmento 3.2 (p. 104), que Anne nunca

havia contado seus segredos a ninguém e que o diário seria seu confidente. No fragmento 3.14 (p. 155), ela afirmou que Kitty, o diário, seria a melhor amiga que ela nunca teve. Após ir morar no esconderijo, o enclausuramento restringiu ainda mais suas relações sociais, possibilitando, como já apresentamos, que ela refletisse de forma mais intensa sobre seus sentimentos, vontades e laços afetivos.

Segundo Woodward (2012), em situações distintas, como ir ao supermercado ou a uma reunião de pais na escola, as pessoas acreditam serem sempre as mesmas pessoas. Contudo, elas ocupam posições diferentes, pois cada uma dessas situações gera expectativa ou restrições sociais. “Em um certo sentido, somos posicionados — e também posicionamos a nós mesmos — de acordo com os ‘campos sociais’ nos quais estamos atuando” (Woodward, 2012, p. 31). A vida moderna, caracterizada pela busca por comodidade e praticidade, faz com que as pessoas assumam diversas identidades. Convergindo com as ideias de Bauman (2005), a estudiosa alega que essas identidades podem entrar em conflito. A identidade “pais” entra em conflito com a identidade “assalariado”, por exemplo. Isso ocorre, porque a demanda de uma posição acaba interferindo na da outra.

No que tange à Anne, a identidade como “judia” estava em conflito com a identidade como “alemã” (Anne nasceu em Frankfurt, na Alemanha). Sua identidade como “alemã” está ligada ao que Bauman (2005) menciona sobre as pessoas nascerem com uma identidade nacional. O conflito identitário entre ser judia e ser alemã acontecia, pois os alemães deveriam, sob a perspectiva nazista, perseguir os judeus. Como vimos em “2.1.2 O Holocausto dos Judeus” (p. 57-70), nos dizeres de Carneiro (2005), os judeus tiveram diversos direitos revogados pelos nazistas. As represálias foram desde a proibição dos judeus frequentarem locais públicos até seu extermínio em câmaras de gás.

Observamos ainda que, quando Anne assumia a identidade como “filha”, era instaurado um conflito com a identidade como “adolescente”, visto que seus pais esperavam que ela fosse uma filha responsável como uma adulta. Esse desejo dos pais mostra uma contradição. Eles esperavam que Anne se comportasse, agisse como uma adulta, mas, como mostramos no fragmento 4.1, os adultos brigavam por motivos considerados fúteis por Anne. Esse fato é uma fundamentação pertinente para a formação e transformação identitária de Anne, já que as identidades se formam e transformam-se a partir daquilo que o outro não é, assunto que discutimos na próxima seção.

Os relatos de Anne deixam transparecer que havia um conflito entre suas formas de agir, pensar e sua idade. Por sentir medo das explosões provenientes do combate provocado pela guerra, Anne, em busca de segurança, ia dormir com seu pai quando ouvia os sons dos

explosivos sendo detonados. Nesses momentos, ela se considerava infantil no sentido imatura e até se desculpava com seu pai por isso. Por outro lado, no fragmento 4.1, ela mostrou-se madura ao ver que o conflito entre os adultos poderia ser evitado, pois não passava de teimosia da parte deles, que pareciam, segundo ela, crianças “birrentas”. Isso confirma a ideia de Woodward (2012), Hall (2012) e Bauman (2005) de que identitariamente os sujeitos abarcam posições diferentes. Anne, em certo momento, mostrou-se mais amadurecida, mais adulta; enquanto, em outro, mais vulnerável, indefesa, como uma criança. Trata-se da flexibilidade constituinte das identidades.

Em alguns momentos da narrativa, os adultos, moradores do Anexo, achavam que Anne não se comportava<sup>87</sup> como uma criança ou uma adolescente, e sim como uma pessoa idosa.

---

<sup>87</sup> O verbo *comportar*, nesta tese, está ligado ao sentido de modo, maneira de agir. Não se trata de um agir fixo, constante, imutável, semelhante à concepção essencialista de identidade.

**Fragmento 4.2** — Anne precisava se casar segundo os adultos do Anexo Secreto  
Quinta-feira, 29 de julho de 1943

Querida Kitty, ontem, enquanto a madame e o Sr. Dussel estavam lavando os pratos, eu me esforçava muitíssimo para não começar uma briga.



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 78).

No fragmento 4.2, Anne, na legenda, reforçou o que foi visto no fragmento 4.1: ela não gostava de brigas. Por meio dos fatos aludidos nas vinhetas do fragmento 4.2, percebemos o motivo que estava levando-a a tentar evitar uma briga. Nos balões-fala, foi exposto um diálogo ocorrido entre Anne, Dussel e Auguste. Ao criticar de forma petulante o livro que havia ganhado de Dussel, Anne mostra uma contradição sobre querer evitar uma briga. Sua expressão facial reforça a ideia de “desdém” perante o presente. Dussel reagiu à crítica afirmando que Anne agia como uma “velha”. Isso mostra o conflito existente entre a idade da menina e a

maneira como ela era vista por algumas pessoas por causa de suas ações, que incluía um senso crítico referente a livros e outras arte, por exemplo. Esse fato relaciona-se com a representação, pois mostra como cada personagem via o outro, a imagem representada que cada um possuía.

Perante os fatos apontados, concluímos que a formação e a transformação identitária de Anne se davam mediante o conflito. Sua formação e transformação identitárias eram fragmentadas e instáveis. Essa instabilidade era motivada por várias ordens, como a guerra e os relacionamentos que ela estabelecia com sua família e os outros moradores do Anexo. As identidades da personagem estavam em constante formação e transformação. A fragmentação e a instabilidade das identidades não constituem um caos, e sim que as identidades estão abertas às adaptações, são flexíveis. Além disso, elas são fragmentadas porque resistem à solidez, à fixidez, ao estável.

#### 4.2 IDENTIDADE E DIFERENÇA, UMA INTERDEPENDÊNCIA

Nesta seção, abordamos, a partir de Rajagopalan (2003), Bauman (2005), Silva, Tomaz (2012), Woodward (2012) e Hall (2012; 2015), a relação existente entre identidade e diferença. Em seguida, fizemos uma comparação entre Anne Frank e as outras personagens que viviam no Anexo Secreto, a fim de compreender a formação e a transformação identitária da protagonista. O estudo sobre a Anne e as outras personagens é uma tentativa de entender o sujeito humano, pois parte-se de dois princípios: 1) as personagens presentes na narrativa foram inspiradas em pessoas reais; 2) o diário em quadrinhos é uma recriação de um diário que foi escrito por uma pessoa que existiu e que viveu em uma época conturbada. Buscamos ampliar o olhar sobre as personagens do diário em quadrinhos, já que elas não são apenas agentes de uma narrativa, elas representam, sim, os sujeitos humanos. Na subseção seguinte, sob a ideia de identidade nacional, procuramos demonstrar de que maneira os judeus foram definidos como diferentes e “estranhos” pelos nazistas.

##### 4.2.1 A Formação e a Transformação Identitária de Anne, um Jogo de Comparações

Rajagopalan (2003), Bauman (2005), Silva, Tomaz (2012), Woodward (2012) e Hall (2012; 2015) concordam que as identidades surgem das diferenças. Segundo Silva, Tomaz (2012, p. 74), a identidade é definida como sendo “[...] aquilo que se é: ‘sou brasileiro’, ‘sou negro’, ‘sou heterossexual’, ‘sou jovem’, ‘sou homem’”. Notamos que a identidade é autossuficiente, porque sua única referência é ela mesma. A diferença também pode demonstrar

essa característica de autossuficiência. Porém, ao contrário da identidade, “[...] a diferença é aquilo que o outro é: ‘ela é italiana’, ‘ela é branca’, ‘ela é homossexual’, ‘ela é velha’, ‘ela é mulher’” (Silva, Tomaz, 2012, p. 74). Apesar de demonstrarem ser independentes, a identidade e a diferença dependem uma da outra para existirem. O autor exemplifica que uma pessoa só precisa afirmar que é brasileira, porque existem outras pessoas que não são brasileiras. Do mesmo modo, em um mundo onde todas as pessoas possuem a mesma identidade, não seria necessário que cada uma afirmasse sua identidade.

Salienta Silva, Tomaz (2012) que a identidade é expressa por meio de formas afirmativas “sou brasileiro”. Todavia, essa afirmação advém da negação de outras identidades, isto é, da negação de identidades diferentes, tais como: “não sou argentino”, “não sou japonês”. A identidade precisa da diferença para ser explicada. Sob essa perspectiva, as afirmações ligadas à diferença precisam da identidade para fazerem sentido. Quando uma pessoa diz que é chinesa, ela diz implicitamente que não é brasileira, em outras palavras, ela não é o que o outro é. “Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (Silva, Tomaz, 2012, p. 75). O estudioso defende a ideia de que a identidade e a diferença são mutuamente determinadas. Elas são criadas no mundo social e cultural, não sendo, portanto, naturais.

No diário em quadrinhos, cada morador do Anexo Secreto tinha sua formação e transformação identitária. Dussel era o dentista; mas, no Anexo, ele também desempenhava a função de médico, aquele a quem todos recorriam diante de uma instabilidade na saúde, como quando Anne pegou uma gripe forte. Ele era o homem apaixonado, que vivia um amor proibido, pois, por ser judeu, ele precisava viver escondido no Anexo para sobreviver; e isso o impedia de ver sua amada.

Otto era o chefe da família “Frank” e a maior autoridade dentro do Anexo, visto que a empresa onde o esconderijo estava localizado era sua propriedade, e a ideia de usar aquele local como refúgio foi dele. Ele também era pai e esposo, o “chefe de família”, que, sob uma visão mais tradicional, é aquele que ocupa a posição de provedor familiar. Edith possuía a identidade de mãe preocupada com a educação das filhas e esposa atenciosa. No caso da família “van Daan”, Hermann, assim como Otto, era pai e “chefe de família”. Ele decidia o que seria feito com o dinheiro da família e tomava decisões sem o consentimento da esposa, como o fato de ter vendido o casaco dela sem que ela concordasse. Da mesma forma que Edith, Auguste era mãe. Ela estava sempre impondo sua opinião aos demais, isso fazia parecer ser ela quem tomava as decisões sobre o futuro da família. Mas sua opinião não era levada em consideração pelo marido, fato que desfaz a ideia de que ela decidia algo no núcleo familiar. Na transcrição do

fragmento 4.1 (p. 179), Anne falou sobre a necessidade de que a senhora van Daan tinha em dar sua opinião sobre tudo.

No fragmento 3.18 (p. 166), é possível visualizarmos tais formações e transformações identitárias das personagens mencionadas até o momento. Dussel, como um homem apaixonado, falou sobre sua amada. Observamos que Otto foi representado no meio do fragmento e, em torno dele, estão outras personagens. Isso contribui para indicar que ele era a figura central no Anexo. A fala de Edith parece ter sido direcionada à sua filha Anne. Ela falou sobre as crianças que estavam sofrendo com o Holocausto, como uma mãe que queria passar ensinamentos aos filhos. Hermann expôs que se sentia solitário, porque ele não encontrava em sua esposa uma companheira com quem conversar. Por fim, Auguste deixou transparecer que se preocupava excessivamente com seu próprio bem-estar. Em sua lista de prioridades, ela ocupava o primeiro lugar, do mesmo modo que sua opinião deveria prevalecer nas conversas.

Peter era o filho único a quem os pais destinavam bastante atenção. Margot era a filha exemplar (estudiosa, educada e obediente). Anne, por outro lado, era vista como a filha mais nova, desajuizada, que ainda tinha muito a aprender com os mais velhos. A formação e a transformação identitária das personagens possuem diferenças e semelhanças, como já dissemos anteriormente: todos eram judeus, todos estavam fugindo dos nazistas e confinados no mesmo local. Todos eram representados do mesmo modo. No fragmento 3.16 (p. 159), há a ideia de grupo, de coletividade. Todos estavam na mesma situação: amedrontados pela guerra. Além disso, na narrativa, mesmo que cada personagem tenha deixado transparecer um tipo de medo — Anne sentia medo de aviões e tiros, madame van Daan tinha medo de ladrões, Peter sentia pavor de ratos — todos, segundo Anne, partilharam um medo específico: a viam como uma ameaça para o sigilo do esconderijo. Diante disso, observamos que tecer julgamentos sobre Anne era uma característica da formação e transformação identitária de todos os moradores do Anexo, fato que pode indicar um ponto de aproximação e semelhança entre eles. Em contrapartida, Anne, embora, em vários momentos, se autojulgasse, era a principal pessoa julgada; e, por causa das críticas negativas que recebia, sentia-se ainda mais solitária e excluída dos outros moradores. Tais sentimentos eram experimentados com menos intensidade pela personagem quando frequentava a escola e estava em contato com seus colegas.

Woodward (2012) concorda que as marcações de diferença influenciam na criação das identidades. Ela faz menção a uma história que se passa na antiga Iugoslávia, país destruído pela guerra, contada pelo radialista Michael Ignatieff<sup>88</sup>. Resumidamente, a história é a seguinte:

---

<sup>88</sup> Woodward faz referência à obra *The narcissism of minor differences* (1994) de Michael Ignatieff.

Sérvia e Croácia estavam em combate. Por se tratar de uma “guerra de cidade pequena”, todos os soldados se conheciam. O narrador da história diz que questionou um soldado sérvio sobre o motivo que levou sérvios e croatas a entrarem em combate e confessou que não conseguia distingui-los. O homem, em resposta, lhe mostrou uma caixa de cigarros e disse que ele e seus companheiros de guerra fumavam cigarros sérvios; já os croatas fumavam cigarros croatas. Para Woodward (2012, p. 8), sérvios e croatas ocupam “posições nacionais distintas” e possuem identidades diferentes.

Essa história mostra que a identidade é relacional. A identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um “não croata”. A identidade é, assim, marcada pela diferença (Woodward, 2012, p. 9).

As pessoas assumem uma identidade a partir do momento que, ao se compararem com outras identidades existentes, as rejeitam. Segundo Woodward (2012), um dos problemas relacionados à marcação da diferença diz respeito à negação de que não existem semelhanças entre as identidades comparadas.

Observamos que, no diário em quadrinhos, a formação e a transformação identitária de Anne Frank foram estabelecidas, principalmente, por meio das diferenças existentes entre ela e outras personagens. Nesse sentido, analisamos algumas comparações entre Anne e outros moradores do Anexo Secreto (Otto Frank, Edith Frank, Margot Frank, Peter van Daan, Hermann van Daan, Auguste van Daan e Albert Dussel), a fim de, a partir das diferenças e semelhanças existentes entre eles, identificar os traços que constituem a formação e a transformação identitária da menina. Optamos por tomar como foco as diferenças entre Anne e os moradores do Anexo, pois foram as personagens que mais interagiram com ela durante a narrativa. As comparações aparecem de duas formas na HQ: (a) Anne se compara com as outras pessoas e (b) os moradores do Anexo fazem comparações, que sofrem interferência da interpretação de Anne, narradora da história, entre Anne e sua irmã. Além disso, há as comparações entre as personagens feitas a partir da interpretação da autora desta tese.

No diário em quadrinhos, fica evidente que Anne não enxergava semelhanças entre ela e sua mãe. Tinha maior afeição por seu pai e sentia-se incomodada ao ser comparada com sua irmã mais velha, Margot.

### Fragmento 4.3 — Relação entre pais e filha



A

Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 39).

No fragmento 4.3, foi exposta a relação entre Anne e seu pai e entre ela e sua mãe. Nas duas primeiras vinhetas, ela dialogou com Otto. Os planos de visão contribuem para mostrar como pai e filha se relacionavam. O plano geral, usado na primeira vinheta, permite que Anne seja visualizada deitada em sua cama, sendo medicada por seu pai. Na segunda vinheta, o uso do primeiro plano destaca o abraço ocorrido entre eles. A expressão facial de Anne, com os olhos fechados, contribuem para mostrar que ela sentia confiança no pai. Cagnin (1975/2014),

Acevedo (1990) e Ramos (2010), como visto em “3.3.2 Personagens e Expressividade” (p. 119-130), concordam que as expressões se dão principalmente pelos rostos das personagens.

Nessa vinheta, ela afirmou que amava Otto e que gostaria de sentir o mesmo pela mãe. Entretanto, mesmo que Otto não travasse muitos diálogos conflitantes com sua filha mais nova como ocorria com Edith, ele também esperava atitudes e pensamentos socialmente aceitos vindos dela. Isso fica evidente quando se recorda que, ao publicar o diário da filha, ele ocultou, movido por influência das normas sociais, na provável tentativa de proteger Anne de comentários julgadores, vários dizeres da menina, interferindo na maneira como o leitor deveria vê-la. Ele contrariou a percepção inovadora e revolucionária que Anne tinha de si mesma e mostrou em seu diário.

A terceira vinheta do fragmento foi utilizada para expor a imaginação de Anne: ela se imaginou no velório de sua mãe. Na legenda, ela afirmou que não se importaria caso sua mãe falecesse. A expressão gestual da personagem, com os braços cruzados em frente do peito, e suas vestimentas coloridas, que se destacam em meio ao cenário predominantemente acinzentado, ressaltam sua indiferença. A imaginação de Anne é uma característica marcante de sua formação e transformação identitária. Em diversos fragmentos expostos nesta tese, como nos fragmentos 3.1 (p. 99), 3.5 (p. 112), 3.18 (p. 166), 4.1 (p. 179), 4.3, entre outros, foi possível ver a imaginação aflorada da personagem. Anne utilizava sua imaginação para ir além do espaço limitado pelas paredes do Anexo Secreto. Imaginando situações, a personagem conseguia se sentir um pouco mais livre, constituindo-se uma estratégia de fuga da condição de aprisionamento físico-simbólico.

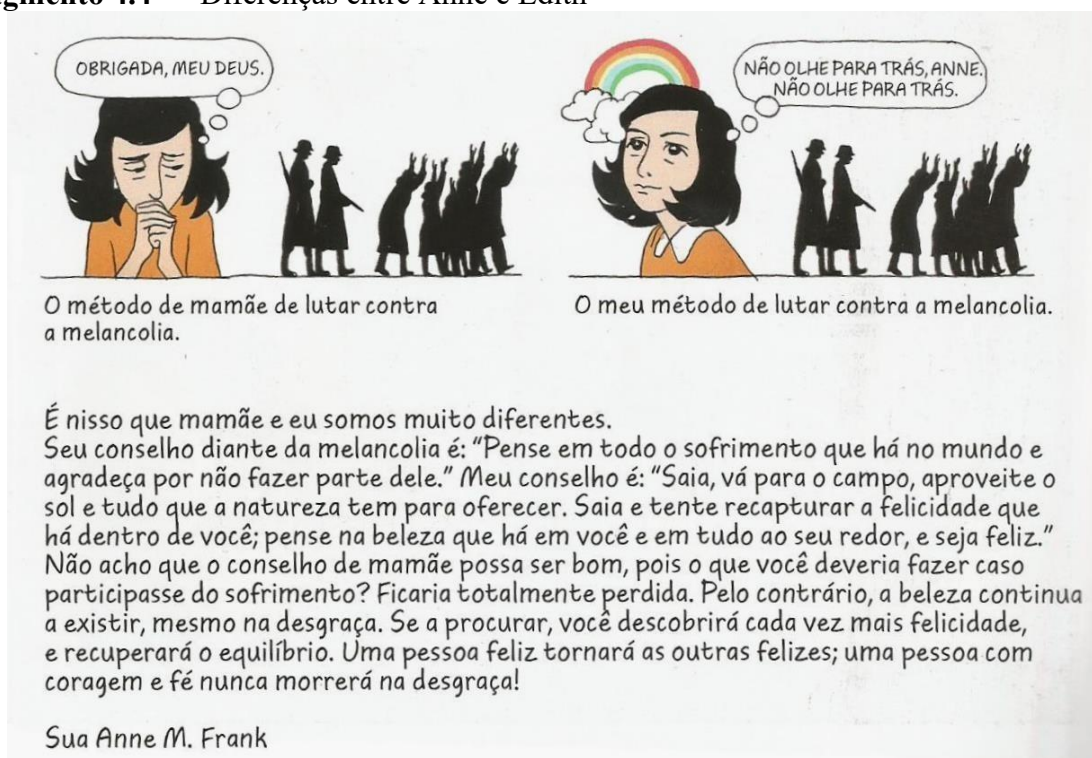
As diferenças existentes entre Anne e sua família lhe geravam constantes reflexões. Ao refletir sobre as críticas que recebia em relação aos seus posicionamentos e as suas ações, Anne afirmou que gostaria de que Deus mudasse seu modo de ser para que ela não entrasse em conflito com as outras pessoas. No entanto, ela sabia que estava fadada a ser como era. Observamos que a menina, em alguns momentos da narrativa, tinha a percepção de que ela era uma pessoa estável, com uma identidade fixa. Essa era a imagem que ela tinha de si, uma forma de representação. Tal identidade se aproxima da ideia de sujeito do Iluminismo, abordada por Hall (2015), porém isso era uma ilusão de Anne.

Sua relação com a mãe foi retratada como sendo demasiadamente conturbada. No fragmento 3.17 (p. 164), notamos que Anne acreditava que seus pais desejavam ter filhos, há uma referência de mãe ideal atribuída a Edith. Todavia, em diversos momentos da narrativa, Anne Frank expôs o quanto gostaria de que sua mãe fosse mais amorosa, atenciosa e sensível. Ela afirmava que não identificava em Edith características que imaginava pertencentes a uma

mãe, fato que remete à forma como sua genitora era representada. Para Anne, a formação e a transformação identitária dela e de sua mãe eram contrárias. Anne mencionou, inclusive, que, se sua mãe falecesse, ela não sentiria sua falta. Mas, mesmo com todo o descontentamento que Anne tinha em relação às atitudes da mãe, arrependeu-se (algo tipicamente humano) por ter feito uso de palavras tão severas ao retratar Edith em seu diário. Ela relatou que se deixou levar pelos sentimentos ruins que sentia no momento da escrita e que havia exagerado ao julgar a mãe e escrever no diário que não se importava com a vida dela.

Notamos uma contradição no agir de Anne, visto que ela não se sentia confortável diante do julgamento das outras pessoas, mas julgava sua mãe da mesma maneira que faziam com ela. A garota ainda admitiu que compreendia que o estresse causado pelo confinamento no Anexo Secreto fazia com que Edith ficasse ainda mais irritada e isolada. Anne buscava compreender o quanto devia ser difícil para Edith amar seu marido e não ser correspondida à altura. Entretanto, após relatar seu arrependimento, ela voltou a desabafar sobre as divergências que a afastavam de sua mãe. O fragmento 4.3, por exemplo, faz parte dos relatos que Anne fez por volta de 21 de setembro de 1942. Já o fragmento 4.4, exposto na sequência, diz respeito aos relatos da menina escritos em 7 de março de 1944. Após um ano e meio, Anne ainda escrevia sobre seus conflitos com a mãe. Tais conflitos também são efeitos da fase da adolescência, o que remete ao fato de Anne ser uma mulher em formação.

#### Fragmento 4.4 — Diferenças entre Anne e Edith



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 113).

Anteriormente aos relatos vistos no fragmento 4.4, Anne falou a respeito de não ter sido plenamente feliz antes do Anexo, nem lá até o momento quando se apaixonou por Peter. Após vivenciar o romance, Anne relatou que havia descoberto uma felicidade interior. Ela ainda afirmou que fazia orações antes de se deitar, seguindo aquilo que a aconselhavam a fazer. No fragmento 4.4, há presença de duas vinhetas. Ambas apresentam estruturas semelhantes, sendo diferenciadas principalmente pelas expressões faciais e gestuais das personagens e pela narração e pensamentos de Anne. Na primeira vinheta, está apresentada a maneira como ela imaginava que Edith Frank lutava contra a melancolia. Isso é confirmado pelo relato presente na legenda. A legenda não possui contorno, funde-se ao espaço e aparece abaixo da vinheta, descrevendo o que ocorre em seu interior. A expressão facial de Anne, olhos e sobrancelhas apontando para baixo, indica aflição e piedade. Sua expressão gestual — as mãos unidas em frente do queixo — transmite a ideia de que ela estava orando, fato reforçado pelo agradecimento a Deus presente no balão-pensamento. Ao fundo da vinheta, observamos soldados nazistas abordando um grupo de pessoas, provavelmente judeus. Diante de tal cena, inferimos que Edith lutava contra a melancolia agradecendo por permanecer viva.

Na segunda vinheta, há novamente a presença da legenda, que apresenta a mesma composição visual, posição e função que a legenda utilizada na primeira vinheta. O recurso foi utilizado, na segunda vinheta, para esclarecer como a própria Anne lidava com a melancolia. A cena dos soldados abordando um grupo de pessoas, exibida na primeira vinheta, repete-se na segunda, sendo ressignificada. Nela, torna-se evidente que Anne lidava com a melancolia tentando atrair pensamentos bons. Por meio do primeiro plano, utilizado para expor Anne em ambas as vinhetas, expõe-se a personagem do ombro para cima, deixando sua cabeça (local onde ocorrem os pensamentos) em destaque, contribuindo, assim, para evidenciar que a abordagem policial é fruto da imaginação de Anne. A presença do arco-íris, na segunda vinheta, remete à natureza; e as diversas cores que o constituem invocam o sentimento de alegria. A expressão facial da personagem, com os olhos voltados para cima, indica que ela estava olhando provavelmente para o arco-íris, buscando desviar os olhos da situação que estava ocorrendo ao fundo. Logo abaixo das vinhetas, há um trecho contendo as reflexões de Anne que comprovam todos os sentidos transmitidos pelas vinhetas. Nele, Anne ressaltou o quanto ela e sua mãe eram diferentes.

Diante da mesma situação de fundo, Anne apresentou duas formas de viver de maneira feliz. Por consequência, há uma reflexão sobre o que seria felicidade na época da Segunda Grande Guerra Mundial, como superá-la, como conviver em harmonia no interior do Anexo e

conseguir encontrar forças para sobreviver às condições de uma fugitiva dos nazistas. Essa reflexão também representa como os judeus buscavam maneiras de sobrevivência, resistência e persistência. Anne e os demais moradores representam todos os judeus. Eles são uma amostra do que aconteceu com seu povo e de como lidaram com todas as atrocidades cometidas contra eles.

Em uma ordem cronológica de acontecimentos, notamos, nos fragmentos 3.13 (p. 149) e 4.3 (p. 188), Anne estava abatida, ela precisava de medicamentos para se acalmar. Após se aproximar de Peter, a menina passou a relatar que estava se sentindo feliz, como observado no fragmento 3.3 (p. 105). Os relatos presentes no último fragmento mencionado e no 4.4 foram escritos no intervalo de um mês. Tendo isso em vista, é relevante levar em consideração que, ao comparar a forma como ela e Edith lidavam com a melancolia, Anne estava sendo influenciada pela positividade advinda do fato de ter encontrado em Peter uma companhia.

Destacamos que, a partir de uma idealização da identidade de “mãe”, Anne não só julgou a sua, porque não se encaixava nisso, como também demarcou a própria identidade como filha de Edith. As diferenças entre Anne e sua mãe não se limitam à forma como cada uma delas lidava com a tristeza gerada pelo Holocausto, outras diferenças existiam entre mãe e filha. A falta de atenção, o sarcasmo e a dureza no coração eram características que Anne não suportava em sua mãe. Mediante as palavras ruins, acusações e olhares irônicos que Edith destinava a Anne, a menina desabafou que gostaria de gritar, chorar e espernear. Apesar de ela ter enfatizado que sua mãe não lhe dava carinho, observamos que Edith também não era carinhosa com Margot. Anne relatou que sua irmã nunca era abraçada pela mãe. No entanto, Edith agia diferente com Anne em relação às cobranças comportamentais (modos de agir, pensar, posicionar-se). Essa cobrança não se aplicava a Margot que já seguia as regras de como agir no Anexo e estava mais próxima de uma forma ideal de representação social.

### Fragmento 4.5 — Diferenças entre Anne e Margot



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 34).

Como mostramos no “Quadro 3 — Legendas com ou sem contorno” (p. 110), as legendas com contorno de fundo esverdeado podem aparecer fora de vinhetas sem contorno ou de vinhetas com contorno somente na parte inferior, sendo que este último caso pode ser visualizado no fragmento 4.5. Nesse tipo de legenda, observado no fragmento em questão, apresenta-se uma ideia geral de Anne. Além disso, o contorno e a coloração desse recurso dos quadrinhos contribuem para que ele fique em evidência na página e orienta o leitor na maneira como deve ser compreendida a comparação entre as irmãs.

Por meio do fragmento 4.5, foram expostas comparações entre Anne e Margot. Observamos que as vinhetas não estão completamente contornadas, há somente um traço reto

abaixo de cada personagem. Nesse caso, já visto em “3.3.5 Vinheta, a Menor Unidade Narrativa” (p. 161-169), o traço serve para delimitar cada vinheta e impede que as personagens aparentem estar flutuando na página. É um efeito diferente dos fragmentos sobre as roupas levadas (3.5, p. 112) para o Anexo e sobre as repetições das personagens (3.18, p. 166). Nestes fragmentos, o arranjo é diferente, visando a dar outro efeito. Em algumas vinhetas do presente fragmento analisado, as personagens interagem com o contorno e o utilizam para apoiar seus braços ou objetos. Notamos ainda que, para ocorrer a construção de sentidos da narrativa, é necessário que o leitor faça uma comparação entre as vinhetas, pois as diferenças entre as irmãs ficam evidentes após a análise feita a cada duas vinhetas. Durante o estudo do fragmento, as dezesseis vinhetas que o formam serão consideradas em pares, contabilizando oito situações a serem comparadas e, conseqüentemente, oito vinhetas.

As comparações faziam com que Anne se sentisse inferior à irmã. A narração de Anne, disposta no início do fragmento, deixa implícito que as duas personagens eram constantemente comparadas. A comparação torna-se explícita pelas personagens presentes nas vinhetas. Suas expressões faciais e gestuais são de extrema relevância para a construção de sentidos do fragmento. A partir do que discutimos em “3.3.2 Personagens e Expressividade” (p. 119-130), Cagnin (1975/2014), Acevedo (1990) e Ramos (2010) declaram que as expressões faciais e gestuais são recursos dos quadrinhos utilizados para mostrar as emoções das personagens. Com exceção da décima quinta vinheta, em que Anne apareceu abrindo uma porta, ela e Margot foram expostas por meio do primeiro plano, recurso utilizado para destacar suas expressões faciais.

Na primeira vinheta, Anne aparentava estar emburrada, dado que seus braços foram retratados cruzados em frente de seu corpo e sua expressão facial indicava desaprovação. Já Margot apresentou expressão facial tranquila, sugerindo que, diante de algumas situações, enquanto Anne ficava emburrada, Margot mantinha a calma. Na segunda vinheta, os punhos cerrados, juntamente com a face avermelhada, a boca aberta e as metáforas visuais, linhas que transmitem emoção (Ramos, 2010), ao redor da cabeça de Anne, indicam que ela estava nervosa. Por outro lado, Margot manteve a postura retratada na primeira vinheta, com exceção do seu olhar, que apareceu voltado para Anne, como se estivesse observando o “ataque histérico” da irmã e sentindo-se superior a ela por não perder a compostura. A diferença entre as meninas foi marcada na terceira vinheta, por meio de atividades relacionadas aos livros. Enquanto Anne escrevia em seu diário (a mão dela continuava fechada, sinalizando nervosismo), sua irmã lia um livro. A expressão facial de Margot sugere tranquilidade. Em seguida, na quarta vinheta, as ações das irmãs estão ligadas à questão de organização. À medida

que Anne estava em meio a várias roupas amontoadas, Margot foi retratada dobrando suas roupas e empilhando-as organizadamente, demonstrando, por meio de sua expressão facial, serenidade. Esse fato ressalta que Margot era lembrada por ser organizada, ao contrário de Anne, que era criticada em decorrência de sua desorganização.

Na quinta vinheta, Anne apareceu como se estivesse discutindo com alguém. Ela estava apontando seu dedo indicador direito para frente, enquanto repousava sua outra mão sobre a cintura. Em contrapartida, Margot, com suas bochechas rosadas, aparentava tranquilidade e timidez. Na sequência (sexta vinheta), Anne foi retratada chorando, já sua irmã estava sorrindo. Na sétima vinheta, a exposição do comportamento das irmãs foi feita diante das refeições. Cabe destacarmos que as personagens, por estarem isoladas, dependiam dos ajudantes, personagens planas típicas, como vimos em “3.3.2 Personagens e Expressividade” (p. 119-130), para terem acesso aos alimentos. Quem desempenhava a função de levar alimentos ao esconderijo geralmente era Miep, Biep ou Jo Kleiman. No entanto, muitas vezes, os ajudantes encontravam obstáculos, como patrulhas nas ruas, que os impediam de levar alimentos para o Anexo. Sob essa perspectiva, era comum que os alimentos disponibilizados no esconderijo não fossem tão apetitosos, como observado no fragmento 3.15 (p. 158). Na vinheta em questão, Anne demonstrou repulsa pela comida, diferentemente de Margot, que se alimentou sem fazer objeções em relação ao alimento. Por fim, na oitava vinheta, Anne foi retratada entrando, sozinha, em um quarto escuro. Já Margot apareceu sendo afagada por diversas mãos. Diante disso, percebemos o quanto Anne se sentia só e desamparada em comparação a sua irmã, que recebia elogios e amparo de todos que estavam a sua volta por estar em consonância com o que era esperado de uma “boa menina”.

A partir das expressões faciais das personagens, notamos que Margot realizava todas as tarefas com uma expressão que sugere calma e serenidade, chegando a denotar um “ar” de superioridade em relação à Anne. Isso podia reforçar o sentimento de inferioridade que Anne sentia. A personagem recebia julgamentos vindos dela mesma e dos outros. Por consequência, havia uma pressão constante sobre como ela devia ou não agir, dizer, sentir e pensar.

Anne demonstrou, durante sua narração, ter “preferência” por seu pai. Ela sentia-se incomodada ao ver Otto interagindo com Margot. Em um momento da narrativa, em que estava lendo um livro de sua irmã, a foi questionada por Edith sobre o porquê de estar lendo o livro de Margot. Anne respondeu dizendo que Margot não estava presente naquele momento, logo, não havia problemas quanto à realização da leitura do livro. Em seguida, Margot apareceu e demonstrou-se incomodada por Anne estar lendo seu livro, o que fez Otto defender Margot e

pedir para que Anne se colocasse no lugar de sua irmã mais velha. Anne ficou enfurecida ao ver todos contra ela, especialmente seu pai.

#### **Fragmento 4.6** — Diferenças entre Anne e Otto

*Não é que eu só goste de papai. Eu gosto delas também, mas somente porque são mamãe e Margot. Não dou a mínima para elas como pessoas. De minha parte, elas poderiam pular num lago. Com papai é diferente. Quando o vejo sendo parcial com Margot, elogiando-a, abraçando-a, sinto uma dor torturante por dentro, porque sou louca por ele. Eu me guio por papai, e não há ninguém no mundo que eu ame mais. É uma pena que ele não perceba que trata Margot diferente de mim: por acaso Margot é simplesmente*



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 90).

No fragmento 4.6, estão expostos os comentários que Anne fez após ser repreendida por seus pais por ter lido o livro de sua irmã. Anne não explicou qual era o tipo de livro que ela estava lendo, pois isso não importava no caso da situação do conflito gerado que ela estava explicando a Kitty. A menina demonstrou indiferença em relação à mãe e à Margot; também falou sobre seu apego pelo pai. Na legenda do fragmento 3.5 (p. 112), Anne afirmou que se imaginava viajando para a Suíça e dividindo um quarto com seu pai. Isto é, em uma viagem dos sonhos, era somente com o pai que ela gostaria de estar. Ele era a pessoa que Anne dizia mais amar no mundo e ela guiava-se pelas atitudes dele. Otto era a fonte de inspiração para a filha, influenciando diretamente em sua formação e transformação identitária. Em outros momentos da narrativa, Anne ressaltou que seu apego ao pai era reforçado pelo desprezo que sentia pela mãe. Além disso, a relação que ela mantinha com Otto era o único fator que despertava nela um sentimento familiar. Anne afirmou, na legenda do fragmento 4.6, que sua irmã e ela eram tratadas de formas distintas por Otto. Qualificações positivas eram sempre atribuídas a Margot, isso a engradecia, tornando-a superior. No fragmento, identificamos uma gradação das

qualidades atribuídas a ela. Essas qualidades são tão valorizadas pelos pais de Anne e pelos outros moradores do Anexo que eles não percebiam que, em alguns momentos, eles transformam a Anne em uma “vilã”, pois Margot era vista como uma pessoa repleta de qualidades. Para reforçar a ideia de “perfeição” atribuída a Margot, ela foi retratada em forma de esculturas de deusas da mitologia grega.

Embora se sentisse incomodada ao ver o pai elogiando Margot, Anne esclareceu que não tinha ciúmes ou inveja dela. Mas gostaria de ser amada por Otto como percebia que ele amava Margot.

Mas eu também tenho o direito de ser levada a sério. Sempre fui a palhaça e a ovelha negra da família; sempre tive de pagar em dobro pelos meus pecados: uma vez com broncas, e outra com meu desespero. Não estou mais satisfeita com o afeto sem sentido e com as conversas supostamente sérias. Sinto falta de alguma coisa que papai é incapaz de me dar. Não tenho ciúme de Margot, nunca tive. Não tenho ciúmes de Margot, nunca tive.

Não invejo sua inteligência nem sua beleza. Só gostaria de sentir que papai realmente me ama, não porque sou sua filha, mas porque sou eu, Anne. Eu me agarro a papai porque meu desprezo por mamãe cresce dia a dia, e só por intermédio dele consigo manter o pouquinho de sentimento familiar que ainda trago dentro de mim. Ele não entende que às vezes preciso demonstrar meus sentimentos com relação a mamãe. Ele não quer falar sobre isso e evita qualquer discussão relativa às falhas dela (Folman; Polonsky, 2018, p. 91)<sup>89</sup>.

Notamos que Anne negou o ciúme sentido pelo pai, mas seu relato pode ser visto como uma manifestação de ciúmes, sentimento proveniente de uma relação de posse, que é típica do ser humano. A negação do ciúme sentido mostra a complexidade entre as duas irmãs, que, nesse caso, estavam inseridas em uma situação específica: o isolamento causado pelo Holocausto. Quando Anne escreveu *O diário de Anne Frank* (Frank, 1947), ela estava desabafando com Kitty. No diário em quadrinhos, temos acesso a uma personagem construída por Folman e Polonsky, com base na pessoa, no humano da Anne Frank. Isso ressalta o quanto é relevante aproximar as teorias sobre linguagem dos quadrinhos com os estudos identitários, visto que tal aproximação permite que se entenda a complexidade do ser humano (na condição de indivíduo e ser biológico) e do sujeito humano (no âmbito da linguagem).

Cabe destacarmos que Margot não se comparava a Anne. As comparações partiam dos adultos. Margot também sofria com isso, porque ela precisava manter sua postura de “irmã-modelo”. Anne, por outro lado, buscava se enquadrar na forma de agir — certo tipo “estável” de comportamento — que esperavam que ela tivesse. Entretanto, em alguns momentos, mesmo diante das críticas, ela conseguia expor suas opiniões. Talvez fosse por isso que, em

---

<sup>89</sup> Não foi exposto o fragmento em que consta este relato de Anne, pois este trecho em particular constitui uma transcrição do diário publicado em 1947. Nesse trecho, não há outros recursos da linguagem dos quadrinhos, como balões, exposição das personagens, vinhetas etc.

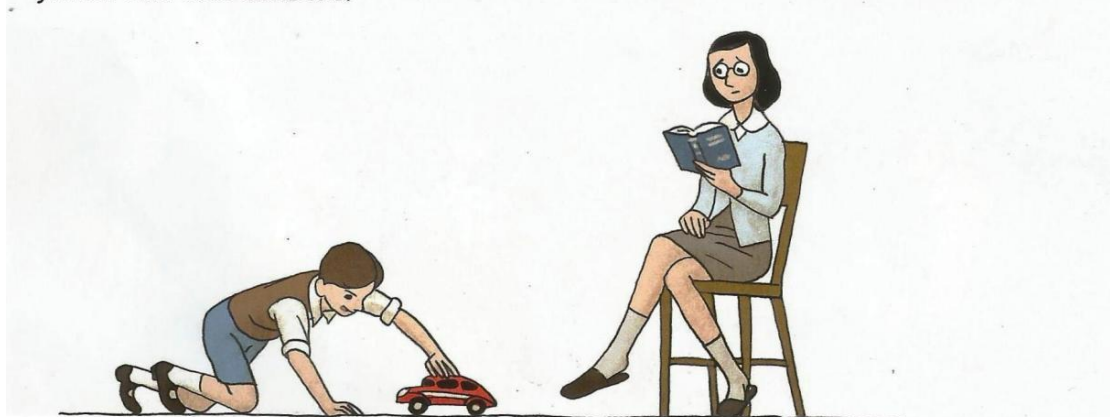
determinado momento da narrativa, Margot afirmou que gostaria de ter a coragem e a força de sua irmã, qualidades que Anne não via em si. Pode ser que Margot gostaria de agir sem se preocupar em ser um exemplo a ser seguido pela irmã mais nova. Isso revela que ela era silenciada pela ideia de que era uma “garota-modelo”, uma referência comportamental (formas adequadas de agir) para Anne. Como apontamos no fragmento 4.5 (p. 193), as expressões de Margot remetiam sempre à serenidade, pois sua forma de agir era contida. Além disso, assim como Anne, ela se sentia sozinha no Anexo.

Após Anne e Peter estabelecerem uma amizade, por meio de uma carta Margot, desabafou à irmã:

#### **Fragmento 4.7** — Margot, a intelectual

Anne,

Ontem, quando eu disse que não tinha ciúme de você, não estava sendo totalmente honesta. A situação é a seguinte: não tenho ciúme nem de você nem de Peter. Apenas fico triste porque não encontrei ninguém com quem dividir meus pensamentos e meus sentimentos, e é provável que não encontre num futuro próximo. Mas é por isso que desejo, do fundo do coração, que vocês dois consigam confiar um no outro. Você já está perdendo muita coisa aqui, coisas tão naturais para outras pessoas que elas nem lhes dão o devido valor. Por outro lado, tenho certeza de que nunca iria tão longe com Peter, porque acho que preciso de muita intimidade com uma pessoa antes de me abrir com ela. Gostaria de sentir que ele me entende plenamente, mesmo que eu não dissesse muita coisa. Por isso, teria de ser alguém que eu considerasse intelectualmente superior a mim, e não é o caso de Peter. Mas imagino que você se sinta íntima dele. Por isso, você não precisa se censurar porque acha que está tirando algo que seria meu; nada pode estar mais longe da verdade. Você e Peter têm tudo a ganhar com essa amizade.



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 116).

Na carta direcionada a Anne, evidenciada nesse fragmento, Margot declarou que não sentia ciúmes da irmã e Peter, mas que gostaria de ter uma companhia como Anne tinha. No entanto, de acordo com Margot, seria difícil encontrar uma companhia ideal, já que ela gostaria de interagir com alguém que fosse mais intelectual que ela, característica que a personagem não via em Peter. Percebemos que há um tom de arrogância nas palavras de Margot, talvez advindo do sentimento de solidão e possível inveja que sentia por ver que Anne tinha encontrado alguém

com quem conversar. O contorno presente apenas na parte inferior da vinheta, como visto em “3.3.5 Vinheta, a Menor Unidade Narrativa” (p. 161-169), além de servir para demarcar as vinhetas, geralmente foi usado como uma forma de apoio de objetos ou pessoas. No fragmento 4.7, o contorno da vinheta foi utilizado como chão onde as personagens foram apoiadas. Margot foi retratada sentada em uma cadeira, com postura ereta e de pernas cruzadas, expressão corporal que remete às “boas maneiras” de uma “dama”.

Além disso, ela estava lendo um livro, fato que denota sua intelectualidade. Já Peter apareceu brincando com um carrinho, como se fosse uma criança. O menino foi infantilizado como forma de reduzir sua intelectualidade. A expressão facial de Peter mostra que ele estava empolgado com a brincadeira. O modo como as personagens foram retratadas evidenciam que Margot se sentia superior a Peter. Essa superioridade foi reforçada por ela estar sentada em uma cadeira, enquanto Peter estava no chão, ou seja, ela estava posicionada acima dele. Nesse sentido, observamos que, embora também sofresse com a solidão e com as expectativas sobre seu comportamento, Margot não se sentia inferior como Anne. Ao contrário disso, Margot demonstrava se considerar superior a Anne, como visto no fragmento 4.5 (p. 193), e a Peter, como exposto no fragmento 4.7. Percebemos ainda que o fato de Margot ter enviado uma carta a Anne, ao invés de conversar pessoalmente com a irmã, mostra que ela não tinha coragem de dizer pessoalmente o que pensava.

Diferentemente da relação entre mãe e filha, o relacionamento entre irmãs não era conflituoso. Na segunda vinheta do fragmento 3.9 (p. 135), por exemplo, é perceptível, por meio da expressão facial e gestual de Margot, que ela ficou feliz com a chegada de Anne na Holanda. No fragmento 3.8 (p. 133), as duas estão caminhando juntas pelas ruas de Amsterdã. Ambas as irmãs estavam enfrentando as mesmas repressões: não podiam utilizar carros, bondes ou bicicletas para se locomoverem. Todavia, ao longo da narrativa, elas não demonstravam ser confidentes, visto que as duas reclamavam da solidão e não optavam por serem a companhia uma da outra. No fragmento 4.7, ao escrever que gostaria de ter uma companhia, Margot deixa implícito que Anne poderia ser essa companhia para ela. Ela tinha uma expectativa sobre Anne, que não era cumprida. Anne não conseguia ver a irmã como alguém com quem ela pudesse desabafar. Foi em Kitty que Anne encontrou uma amiga. Por meio do diário, realizou sua expectativa de ter alguém em quem pudesse confiar. Isso pode ser visto: de um lado, no fragmento 3.2 (p. 104), quando Anne conversou com o diário como se ele fosse uma pessoa; e, de outro, no fragmento 3.14 (p. 155), quando foi apresentada a primeira vez que Anne escreveu em Kitty. Possivelmente, as comparações que os moradores do Anexo, principalmente Otto e Edith, faziam entre as irmãs favoreceu o distanciamento delas.

Desde a primeira aparição da senhora van Daan no diário, foi possível notar que Anne não se identificava com a mulher.

#### **Fragmento 4.8** — A chegada dos “van Daan” ao Anexo Secreto

Domingo, 12 de julho – Quarta-feira, 2 de setembro de 1942

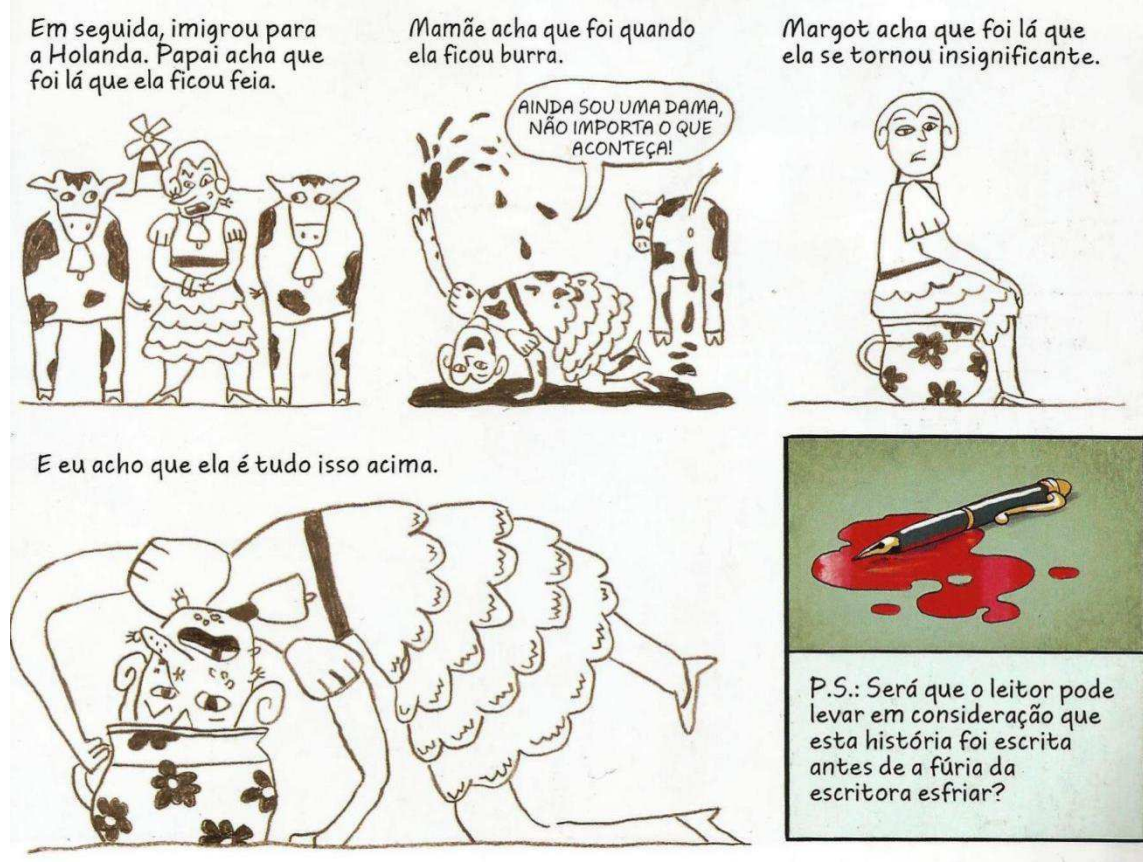


Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 30).

Nesse fragmento, foi mostrada a chegada da família “van Daan” ao Anexo. Ao ver a senhora van Daan, Anne a definiu de imediato como uma “diva do inferno”. As vestimentas de Auguste, um casaco de peles ao qual ela era muito apegada, contribuem para que ela fosse vista como uma mulher preocupada com sua aparência. Durante a narrativa, a senhora van Daan foi a personagem que mais teceu críticas negativas a respeito de Anne. Ela ressaltava que Anne e Margot eram diferentes, sendo que aquela deveria buscar se “espelhar” nesta para aprender a se comportar, agir melhor: ser menos falante, menos crítica e mais organizada. No fragmento 4.2 (p. 183), por exemplo, a senhora van Daan criticou a forma como Anne falou sobre o livro que Dussel havia dado a ela.

A mulher criticou, inclusive, a educação que os pais de Anne destinavam a ela, definindo a educação como “moderna”, um aspecto contido na transcrição do fragmento 3.1 (p. 99). Isso ocorreu, pois, quando Hermann havia aconselhado Anne a não ser “modesta” e “reservada”, Edith concordou com o homem, irritando a senhora van Daan, que defendia que o correto era ser “modesta” e “reservada”. A crítica feita pela mulher evidencia prepotência por parte dela. Além disso, ressalta que ela estava sempre em conflito com seu esposo e que ficava nervosa quando não levavam sua opinião em consideração. Anne também teceu críticas negativas sobre Auguste. Entretanto, ao contrário da senhora van Daan, que a criticava abertamente, a menina escrevia seus pensamentos sobre a madame em seu diário. A menina a via como uma pessoa narcisista e intrometida, devido a sempre opinar nas conversas alheias.

### Fragmento 4.9 — O livro sobre Auguste van Daan



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 79).

Anne decidiu que faria um livro sobre Auguste. Ele se chamaria “Madame van Daan”. No fragmento 4.9, está exposto o esboço do livro de Anne. Notamos que, nas quatro primeiras vinhetas, há uma mudança dos traços do desenho, insinuando que se trata de um rascunho. Essas vinhetas apresentam contorno somente em suas partes inferiores. Tais contornos exercem a função de chão nas vinhetas. Em seu livro, Anne contou a história de vida de sua inimiga, ressaltando quando foi que ela se tornou “feia”, “burra” e “insignificante”. A menina atribuiu à madame van Daan qualidades vistas como pejorativas pela sociedade, demonstrando o rancor que sentia pela mulher.

Ao final desse relato, na última vinheta, a menina afirmou que a história sobre a madame van Daan foi escrita sob o sentimento de fúria. Essa é a única vinheta, no fragmento, que foi totalmente contornada. Ela apresenta legenda com contorno e fundo esverdeado em seu interior, diferentemente da legenda sem contorno presente nas vinhetas anteriores. Além disso, somente a última vinheta apresenta elementos coloridos, sendo que a cor da tinta da caneta se destaca. O tom vermelho lembra a cor do sangue e enfatiza a agressividade de Anne ao escrever sobre Auguste. Na legenda dessa vinheta, a menina falou sobre sua “fúria esfriar”, tornando evidente que ela era uma pessoa impulsiva e intolerante. Notamos que o contorno, a legenda e

as cores contribuem para que o leitor perceba que a última vinheta não faz parte do esboço do livro feito por Anne, mas trata-se de um retorno à escrita de seus relatos no diário.

Anne não teceu muitos comentários sobre Hermann ao longo de seus relatos. Ela mencionou que ele sabia fazer salsichas, era fumante e estava sempre em conflito com a esposa. Durante a conversa em que Auguste criticou os métodos educativos que Edith destinava às filhas, exposta na transcrição do fragmento 4.1 (p.179), Hermann se descreveu como não sendo uma pessoa modesta e reservada. E, contrariando sua esposa, aconselhou Anne a ser igual a ele, como já mencionamos. Em outro momento, ao ouvir Auguste criticar Anne, ele pediu que ela fosse mais gentil com a menina. Hermann também criticou a possessividade que sua esposa tinha em relação ao filho e, em diversos momentos, entrou em conflito com ela. Desse modo, não podemos deduzir se ele defendia Anne por sentir empatia pela menina ou se fazia isso apenas para contrariar sua esposa. Mesmo com poucos relatos sobre o Hermann, por meio deles, podemos entender a ambivalência identitária.

Anne também teceu poucos comentários sobre Dussel. Como visto no fragmento 4.2 (p. 183), o senhor Dussel via Anne como uma garota com senso crítico muito aguçado para sua idade, pois ela criticou um livro que ele lhe havia dado, “alma de mulher idosa”. Anne por outro lado, via o homem como uma pessoa “irritante”, porque ele dividia o mesmo quarto com ela e fazia muitos barulhos pela manhã, e “egoísta”, porque ele recebia comidas da sua namorada e não dividia com os outros moradores do Anexo.

Em relação a Peter, observamos que Anne tornou-se “apegada” a ele. Inicialmente em seus relatos, ela o via como uma pessoa medrosa. No fragmento 4.8 (p. 200), ela falou sobre o menino ser exageradamente medroso. Durante a narrativa, Anne relatou que ele tinha medo de ratos e medo de morrer por causa de alguma doença. Como visto no fragmento 3.4 (p. 110), Peter era gentil com Anne e elogiava sua aparência física, o que a agradava. Ela se apaixonou pelo menino e, por um período, nele, viu a esperança de ter uma companhia fiel: alguém para conversar, alguém em quem ela confiasse como confiava em Kitty. Como mostramos na análise do fragmento 4.4 (p. 190), antes de falar sobre a forma como ela e sua mãe lidavam com a melancolia, Anne falou sobre estar se sentindo feliz após ter se aproximado de Peter. “Agora só vivo para Peter, porque o que vai acontecer no futuro depende dele” (Folman; Polonsky, 2018, p. 113). O apego de Anne em relação ao rapaz pode ter sido fruto da carência sentida pela menina, já que estava decepcionada com os pais, não confiava em Margot e estava desacreditada sobre ter um futuro feliz após a guerra.

No fragmento 3.3 (p. 105), visualizamos que Anne se sentia em paz ao lado de Peter van Daan. Ao ver os pássaros voando, ela imaginou como seria voar ao lado dele. Após se

apaixonar pelo rapaz, Anne, que já havia dito que ele era medroso, passou a vê-lo como corajoso, forte e prestativo. Era Peter quem carregava os sacos de feijão no sótão; ele também vigiava o Anexo no período da noite para evitar a entrada de ladrões. Alguns meses depois, Anne afirmou que ela havia criado uma imagem de Peter de acordo com o que esperava de um confidente. De acordo com a jovem, só precisava de um amigo. Porém, ter se envolvido com Peter amorosamente foi errado em razão de isso afastar as possibilidades de serem amigos. Nesse sentido, percebemos que não era Peter que mudou sua forma de agir, e sim Anne que mudou a maneira de vê-lo. Ela o definia a partir de seus próprios interesses. Quando estava se sentindo carente, ela o idealizou como alguém que poderia suprir sua carência. Quando viu que não amava Peter para viver um relacionamento amoroso com ele, passou a vê-lo como dependente dela, carente e frágil.

Woodward (2012), baseada na psicanálise, explica que a identidade é influenciada pelo desejo. Nesta tese, embora não seja enfatizada a teoria da psicanálise, consideramos o argumento da estudiosa sobre a influência do desejo na formação e na transformação identitária. No decorrer da narrativa do diário em quadrinhos, observamos que Anne possuía diversos desejos, entre eles: ela gostaria de que sua mãe agisse diferente, sendo amorosa, atenciosa e que não a comparassem com sua irmã. Anne também desejava que seu pai a amasse incondicionalmente. Ela desejava a completude identitária. A busca por tal completude está ligada à ideia de identidade fixa explicada por Bauman (2005). De acordo com o sociólogo, essa busca ocorre em função da falta, causadora de inquietação, de uma identidade fixa. A partir do momento quando Anne se frustrou com sua mãe e com seu pai, por exemplo, ela buscou se sentir completa estabelecendo uma relação com Kitty. Como já apresentamos, a menina demonstrava se preocupar com os sentimentos e as opiniões do diário. Suas identidades se sustentavam na ilusão, à medida que ela tinha a sensação de que Kitty a ouvia. No entanto, Anne não encontrava no objeto uma fonte de afeto. Então, apoiou-se em Peter na tentativa de suprir sua carência afetiva, sentir-se completa. Ela buscou no outro o que, nela, faltava. Todavia, ao ver que não se sentia completa mesmo tendo o afeto e a compreensão de Peter, afastou-se do menino. Ainda podemos considerar que a incompletude e a incerteza identitária de Anne foram reforçadas, de forma simbólica, na inconclusão de seus escritos no diário, gerada pela chegada da polícia nazista no Anexo Secreto.

De acordo Woodward (2012), a marcação da diferença estabelece grupos opostos. Silva, Tomaz (2012), Rajagopalan (2003) e Hall (2012) concordam com a autora. Rajagopalan (2003) afirma que uma identidade só pode ser definida ao ser tomada como oposta a outras: “[...] as novas identidades só se criam a partir da exclusão de outras já existentes” (Rajagopalan,

2003, p. 75). Hall (2012) e Silva, Tomaz (2012) defendem que as identidades precisam das diferenças para existirem, pois uma pessoa só constata o que ela é a partir da relação que estabelece com o outro, dito de outro modo, daquilo que ela não é. Os judeus e os nazistas, sob essa perspectiva, são dois grupos que se caracterizam como opostos. Nesse caso, os nazistas recusavam qualquer característica pertencente aos judeus, como a diáspora judaica — isto é, não terem um vínculo com um único país (Bauman, 1998) (aspecto detalhado na seção seguinte). Da mesma forma, os judeus recusavam as características vinculadas aos nazistas.

Nos dizeres de Silva, Tomaz (2012), o processo por meio do qual a identidade e a diferença são produzidas chama-se diferenciação. Nele, também está presente o poder. Há diversas marcações que indicam a presença do poder: “[...] incluir/excluir (‘estes permanecem, aqueles não’); demarcar fronteiras (‘nós’ e ‘eles’); classificar (‘bons e maus’; ‘puros e impuros’, ‘desenvolvidos e primitivos’; ‘racionais e irracionais’); normalizar (nós somos normais; eles são anormais)” (Silva, Tomaz, 2012, p. 81). Segundo o autor, as “posições-de-sujeito” (Silva, Tomaz, 2012, p. 82), divididas entre o “nós” e o “eles” marcam relações de poder. Ao dividir grupos entre “nós” e “eles”, ocorre um processo de classificação: a sociedade passa a ser dividida em classes.

[...] as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, no caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados (Silva, Tomaz, 2012, p. 82).

A classificação entre “nós” e “eles” estabelece uma hierarquia entre os grupos. Silva, Tomaz (2012) esclarece que a disputa pela identidade não envolve somente grupos sociais situados de forma desigual em relação ao poder, mas também a disputa desses grupos vinculada a outros recursos simbólicos e materiais da sociedade, como a garantia de bens sociais. Identidade e diferença estão, portanto, ligadas às relações de poder, tanto ao poder de definir uma identidade e marcar as diferenças, quanto às relações mais amplas de poder. Relacionado aos sistemas de classificação, estão os estereótipos. Eles também são estratégias utilizadas para a diferenciação ligada à formação e à transformação identitária, porque, a partir daí, há uma construção simbólica para classificar as pessoas. Havia um estereótipo criado em relação aos judeus, como abordado no capítulo 2, em “2.1.2 O Holocausto dos Judeus” (p. 57-70), isso marcava-os como diferentes e conseqüentemente, na visão nazista, como não pertencentes à sociedade alemã.

Quanto ao poder do líder nazista, notamos que seu estabelecimento se deu perante a população alemã principalmente por meio de discursos convincentes. Como visto em Bortulucce (2008), Hitler fazia uso da imprensa para propagar repetidas vezes seus discursos.

Já em relação aos judeus, o povo oprimido, o poder de Hitler foi imposto por meio da violência. Com base nos estudos de Klemperer (2009) e Balbino (2016), um episódio de violência contra os judeus foi a *Noite dos Cristais*. Acontecimento já relatado em “2.1.2 O Holocausto dos Judeus” (p. 57-70), referente à ocasião em que lojas de judeus e sinagogas foram destruídas pelos nazistas. Além disso, Carneiro (2005) faz menção ao espancamento de judeus nas ruas.

Eles foram classificados pelos nazistas como os que não deveriam permanecer ou morar na Alemanha. Na verdade, na visão dos nazistas, eles não deveriam existir em nenhuma parte do mundo. Primeiramente, os judeus foram excluídos socialmente. Retomando o fragmento 3.8 (p. 133) do diário em quadrinhos, é possível verificar como, aos poucos, os direitos dos judeus foram revogados. Como informado há pouco, segundo Carneiro (2005), eles foram proibidos de frequentarem locais públicos e de utilizarem meios de transporte. Tiveram que dar seus bens materiais para o governo. Qualquer arte produzida por judeus ou sobre eles foi banida das bibliotecas e escolas.

Em segundo, os judeus foram expulsos da Alemanha, pois, ao terem seus bens materiais confiscados pelos nazistas, começaram a emigrar para outros países. Em seguida, como apontam os estudos de Abraham (1992), Bauman (1998), Carneiro (2005), Coggiola (2015) e Balbino (2016), os judeus eram encaminhados para campos de concentração, onde recebiam tratamento desumano até o momento de suas mortes em câmaras de gás. Tanto a desumanização quanto a morte dos judeus podem ser consideradas formas de excluí-los do mundo. Os judeus foram classificados como os maus, os impuros. Hitler estabeleceu, segundo Carneiro (2005), que ser normal era ser “alemão puro”: ser descendente direto de alemães. A população alemã não deveria ser miscigenada. Seguindo a ideia de grupos opostos, mencionada por Woodward (2012), Silva, Tomaz (2012), Rajagopalan (2003) e Hall (2012), ser alemão significava não ser judeu, não ser negro, não ser homossexual, não ser deficiente, não ser cigano. Com base em Carneiro (2008) e Neves (2018), aludidos em “2.1.2 O Holocausto dos Judeus” (p. 57-70), todos esses grupos eram perseguidos pelos nazistas.

No diário em quadrinhos, identificamos várias relações de poder que estabelecem hierarquias. Primeiramente, os homens adultos detinham poder em relação às mulheres: eles faziam a ronda noturna, o que sugere que eram os mais corajosos; carregavam os sacos de alimentos, como se fossem os mais fortes; e administravam o dinheiro, como se fossem os mais responsáveis para desempenhar tal atividade. Entre homens e mulheres, como já dito, Otto era a autoridade máxima. Ele era o dono do esconderijo e o chefe dos ajudantes que eram funcionários na sua empresa. Ele também era a autoridade máxima na família “Frank”. Foi ele quem decidiu aonde iam se esconder. Edith era a autoridade secundária na família. Ela exercia

poder sobre suas filhas. Anne, ainda que julgasse sua mãe, a obedecia. Por fim, quanto às relações de poder dentro da família “Frank”, Margot era a terceira autoridade, vista como superior a Anne, por seguir o comportamento esperado de uma “boa menina” e por ser a irmã mais velha.

Em relação à família “van Daan”, como já apontado, Hermann era o chefe familiar. Ele exercia poder sobre sua esposa e seu filho. Auguste tinha poder em relação a Peter. Cabe destacar que, além de Auguste, Edith e os demais homens que moravam no Anexo exerciam poder sobre Peter. Isso ocorria, pois, apesar de ser homem, ele ainda era jovem. Ainda notamos, como exemplificamos no fragmento, 4.7 (p. 198), que, na visão de Margot, ela era superior a Peter. Diante de todas essas relações e levando em consideração que os adultos, de forma geral, exerciam poder sobre os jovens, observamos que todas as personagens exerciam poder sobre Anne, já que ela era mulher e a moradora mais jovem do Anexo. No mesmo sentido, todos, exceto Anne, detinham poder sobre Peter. Talvez Anne e Peter tenham se aproximado por se sentirem as personagens menos ouvidas dentro do esconderijo.

Silva, Tomaz (2012) e Woodward (2012) mencionam a classificação feita em torno de duas classes polarizadas, ou seja, por oposição binária. Baseando-se em estudos realizados por Jacques Derrida, os dois autores afirmam que as oposições binárias não expõem a divisão de duas classes simétricas, e sim divisões assimétricas em que um dos termos será privilegiado em relação ao outro. Ao fixar uma identidade como norma, mostra-se a manifestação do poder atrelado à identidade e à diferença. Uma das oposições binárias referidas por Silva, Tomaz (2012) é a oposição “masculino/feminino”. De acordo com Woodward (2012, p. 55), “[...] os termos que formam esses dualismos recebem, na verdade, pesos desiguais, estando estreitamente vinculados às relações de poder”. Na oposição binária homem/mulher, os homens são vistos como mais fortes, já as mulheres são apenas o que eles não são. Isso ocorre no diário em quadrinhos. Otto era a autoridade máxima dentro do Anexo e Anne, a menor autoridade. Talvez essa distância autoritária entre as personagens fosse um dos fatores que fazia Anne querer estar próxima do pai. Ter Otto ao seu lado poderia ser visto pela menina como uma forma de ser respeitada e ouvida. Perante a oposição binária, para Silva, Tomaz (2012), ocorre a normalização de algumas identidades. Elas são vistas como normas, como as únicas identidades a serem desejadas na sociedade. Da mesma forma que a definição de identidade é dependente da diferença, o “normal” é constituído pelo “anormal”. Em outras palavras, o que é considerado aceitável é constituído por aquilo que é rejeitado.

No diário em quadrinhos, o “normal” em relação ao comportamento de uma menina era ser como Margot: calma, tímida, organizada, resignada e que aparentava estar sempre de

bom humor. Para os moradores do Anexo, o comportamento dela era natural e era uma norma a ser seguida. Já a forma de agir espontânea e impulsiva de Anne era considerada “anormal”. Em relação ao comportamento das irmãs, constatamos que o “normal” era formado a partir do anormal, se for levado em consideração que, no fragmento 4.5 (p. 193), as atitudes “anormais” de Anne foram sempre representadas antes das atitudes “normais” de Margot.

Ainda observamos a ideia de normalidade vinculada à vida antes e após o isolamento no Anexo Secreto (antes e após a guerra). Anne refletiu sobre isso no fragmento 3.16 (p. 159), ao relatar que ela não conseguia imaginar o mundo voltando a ser “normal” para ela e os outros judeus. A ideia que Anne tinha sobre o que era uma vida “normal” foi construída por suas vivências antes de ir para o esconderijo. Para Anne, ter medo de não voltar à normalidade (ao que era natural antes do isolamento) era acreditar que ela nunca mais teria a liberdade que possuía antes da guerra. Ela acreditava que a liberdade sempre seria algo proibido aos judeus.

Silva, Tomaz (2012), Woodward (2012) e Hall (2015) são contrários à explicação da diferença por meio das oposições binárias, pois essa concepção traz a ideia de que os significados são fixos, contrariando a fluidez da identidade defendida por eles. Não seria satisfatório, por exemplo, comparar as personagens Anne e Margot por meio das oposições binárias, dado que uma comparação feita dessa maneira simplificaria as identidades das duas irmãs. Sob a concepção de oposição binária, Anne seria apenas o que Margot não é e vice-versa, ocorrendo o apagamento das características identitárias de cada personagem.

A partir das análises realizadas nesta subseção, reafirmamos a ideia, concluída na seção anterior, de que a formação e a transformação identitária de Anne se davam por meio de conflitos. Além dos conflitos identitários de Anne — o embate em relação ao que ela era, ao que ela queria ser e aquilo que esperavam que ela fosse — observamos conflitos na relação entre as personagens. Desse modo, estavam em conflito: os adultos; Anne e Edith; Anne e Margot; Anne e Otto; Anne e Dussel; Anne e Edith; e Margot e Peter. Notamos que Anne se destacou nessas relações conflitantes. Os embates existentes entre ela e outras personagens pode ser notado por meio de comparações que ela estabeleceu entre si e outros moradores do Anexo; comparações que ela relatou que eles faziam entre ela e Margot; e comparações entre todas essas personagens, feitas a partir da interpretação da autora desta tese. Tendo em vista todas essas comparações, constatamos que os conflitos e conseqüentemente a formação e a transformação identitária das personagens ocorriam por causa das diferenças existentes entre elas. Porém, esclarecemos que nem sempre as diferenças são ruins. São as percepções dos sujeitos que as tornam “boas” ou “ruins”.

#### 4.2.2 O Nacionalismo Alemão e a Marcação dos Judeus Como Diferentes

Para falar sobre a formação e a transformação das identidades por meio das diferenças, Bauman (2005) também menciona as nacionalidades. Ele esclarece que nasceu na Polônia. No entanto, por ser judeu, sofreu perseguições antisemitas no país. Diante disso, ele foi morar na Grã-Bretanha, onde se tornou professor universitário. Durante a cerimônia em que ele receberia o título de doutor *honoris causa* na Universidade Charles, localizada em Praga, Bauman se viu diante de uma dúvida. Na ocasião, seria tocado o hino do país do homenageado, ele precisava, então, escolher entre o hino da Polônia ou o da Grã-Bretanha. Ele não sabia qual hino escolher, porque, na Polônia, lhe foi tirado o direito de ministrar aulas. Por outro lado, ele havia chegado recentemente à Grã-Bretanha. E, apesar de ter se naturalizado britânico, lá, ele era “um refugiado de outro país, um estranho” (Bauman, 2005, p. 15). Em resumo: ele não sabia a qual lugar pertencia. Perante a dúvida, o sociólogo decidiu que seria tocado o hino europeu durante a cerimônia, visto que tal hino englobava as duas identidades dele e aparentemente anulava as diferenças entre elas.

Segundo Bauman (2005), a ideia de “pertencer” a algum lugar não está atrelada somente ao local onde a pessoa mora, mas também a outros “vínculos”. O “pertencimento” é uma tarefa a ser realizada diversas vezes. O “pertencimento” e a “identidade” estão relacionados. Assim como a identidade, o “pertencimento” também não é estável.

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e renegociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age — e a determinação de se manter firme a tudo isso — são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (Bauman, 2005, p. 17).

O estudioso explica que a noção de “pertencimento” está relacionada à “identidade nacional”. A ideia de que “pertencer-por-nascimento” (Bauman, 2005, p. 29) significava pertencer a uma nação não surgiu de forma natural, e sim de maneira forçada. Ela foi construída pelo Estado. “A ideia de ‘identidade’ nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia — recriar a realidade à semelhança à ideia” (Bauman, 2005, p. 26). A identidade nacional surgiu como uma ficção. Por meio da repressão e do convencimento, o Estado moderno buscou torná-la uma realidade aos olhos da sociedade. Ela passou, então, a ser uma obrigatoriedade a todas as pessoas que estavam no interior territorial do Estado.

De acordo com Bauman (2005), a ficção da “natividade do nascimento” foi a fórmula primordial utilizada pelo Estado moderno para tornar legítima a completa subordinação de sua população. O sociólogo ressalta a dependência existente entre Estado e nação.

O Estado buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a garantia de sua continuidade. Por outro lado, uma nação sem Estado estaria destinada a ser insegura sobre o seu passado, incerta sobre o seu presente e duvidosa de seu futuro, e assim fadada a uma existência precária (Bauman, 2005, p. 27).

Diferentemente de outras identidades, a “identidade nacional” não possuía competidores ou opositores. Essa identidade foi construída de forma cautelosa pelo Estado e suas forças. O objetivo principal da “identidade nacional” era instaurar uma fronteira entre “nós” e “eles”. Ela só toleraria ou permitiria outras identidades se estas não demonstrassem possibilidade de colidir com ela. Percebemos que pertencer a um Estado era a única característica confirmada pelas autoridades em documentos como passaportes e carteiras de identidade. No que tange a outras identidades, Bauman (2005) relata que, para que elas fossem legitimadas, era necessário buscar a proteção de órgãos autorizados pelo Estado. “Se você fosse ou pretendesse ser outra coisa qualquer, as ‘instituições adequadas’ do Estado é que teriam a palavra final. Uma identidade não certificada era uma fraude. Seu portador, um impostor — um vigarista” (Bauman, 2005, p. 28). Esse fato confirmava, de maneira indireta, a superioridade da “identidade nacional” (Bauman, 2005, p. 28) sob as identidades “menores” (Bauman, 2005, p. 28). Assim, todas essas exigências estabelecidas pelo Estado era uma tentativa de manter a nação como unidade. A identidade nacional se sobrepõe às outras identidades por causa de seu poder.

Assim como demonstramos em “2.1 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO” (p. 47-82), os judeus realizavam constantes migrações. Suas migrações<sup>90</sup>, segundo Bauman (1998), receberam influência dos fenômenos da diáspora, tornando-se parte da identidade do povo judeu. A falta de nacionalidade dos judeus influenciou o antissemitismo moderno. Eles estão dispersos por todo o mundo, o que faz deles um povo que não possui uma nação fixa. Por isso, eram considerados “inimigos internos” (Bauman, 1998, p. 73) dentro de cada nação.

*Os judeus eram não somente diversos de qualquer outra nação; eram também diferentes de quaisquer outros estrangeiros.* Em suma, eles minavam a própria diferença entre hóspedes e hospedeiros, entre nativo e estrangeiro. E à medida que a

<sup>90</sup> Hall (2003), Bauman (2005), Silva, Tomaz (2012) e Woodward (2012) concordam que a globalização influencia na cultura e na identidade. A globalização, segundo Woodward (2012), proporciona a migração e consequentemente a mistura de culturas. Para ela, a migração é realizada por pessoas que se deslocam em busca de melhores empregos. Notamos que não é esse o tipo de migração que aparece em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018). A migração realizada pela família “Frank” não foi motivada pela globalização, e sim pela guerra, especialmente, pelo antissemitismo. Não era seguro para Anne e sua família, todos os judeus, permanecerem na Alemanha. Por isso, eles se mudaram para a Holanda.

nacionalidade se tornava a base suprema da autoconstituição do grupo, eles vinham minar a mais básica das diferenças: aquela entre “nós” e “eles”. Os judeus eram flexíveis e adaptáveis; um veículo vazio, pronto para receber qualquer carga desprezível que esse “eles” devesse carregar (Bauman, 1998, p. 73).

Os judeus transitavam entre os países e adaptavam-se facilmente ao local onde decidiam permanecer. Notamos uma relação entre os judeus e a ideia de “pertencimento” apresentada por Bauman (2005), visto que o ato de praticar a diáspora torna ainda menos possível que os judeus se sintam “pertencentes” a somente um lugar. Tanto a diáspora praticada pelos judeus, quanto o capitalismo ligado a eles foram usados para culpá-los pela derrota da Alemanha na guerra. Nesse caso, o povo judeu foi transformado em um “bode expiatório”<sup>91</sup>; há uma conspiração contra eles que visa eliminá-los da face da terra.

Quanto ao diário em quadrinhos, observamos que Anne nasceu na Alemanha e, lá, viveu até completar cinco anos de idade. Embora tenha nascido no país, ela não demonstrou se sentir “pertencente” a ele durante sua narração. Ao contrário disso, no fragmento 4.1 (p. 179), Anne, ao ter falado sobre os alemães não saberem diferenciar uma discussão de uma briga, deu a entender que ela não se incluía no grupo “alemães”. Além disso, ao longo da narrativa, quando falou sobre o Dia D, atribuiu o adjetivo de “terríveis” (Folman, Polonsky, 2018, p. 140) a eles. Assim como Bauman, ela saiu de seu país de origem por causa de perseguições antissemitas, talvez isso tenha influenciado em sua falta de menção sobre ser alemã. Quando tinha cinco anos de idade, Anne foi morar na Holanda, onde permaneceu por dez anos, até sua morte. Ela viveu a maior parte de sua vida no país. Mas, em seus relatos, também não deu indícios de que se considerava “pertencente” à Holanda. Anne se definia como judia (nesse caso, devemos considerar que, diante das perseguições nazistas, ela era lembrada a todo o momento que era judia), mas não mencionou sobre sua nacionalidade.

Como vimos há pouco, Bauman (2005) aborda a superioridade da identidade nacional. Woodward (2012) e Hall (2015) também fazem referência a tal superioridade em seus estudos. Woodward (2012) argumenta que há uma sobreposição da identidade nacional em relação a outras identidades. Nesse sentido, Hall (2015) explica a contribuição da cultura nacional para a sobreposição da identidade nacional. Segundo ele, a cultura nacional busca unificar os membros de uma nação em uma única identidade nacional. Para isso, a cultura nacional ignora diferenças relacionadas a classe, gênero ou raça. O autor menciona que as culturas nacionais estão dominando a “modernidade”. Tendo essa dominação em vista, ele explica como o “sujeito fragmentado” (Hall, 2015, p. 29); isto é, o sujeito pós-moderno é definido pelas identidades

---

<sup>91</sup> O termo “bode expiatório” está vinculado aos escritos do Antigo Testamento da Bíblia Sagrada (1990) referentes ao fato de que os judeus transmitiam seus pecados para um bode para livrarem-se da culpa.

culturais. Na era pré-moderna ou em sociedades mais antigas, a lealdade e a identificação eram direcionadas ao povo, à tribo, às regiões e religiões. Nas sociedades ocidentais da modernidade, essa lealdade e identificação foram transferidas, de forma gradual, à cultura nacional. Entre os exemplos de influência da cultura nacional que buscam fixar as identidades nacionais, citados pelo estudioso, estão a criação de padrões de alfabetização universais e a homogeneidade da cultura.

Segundo Silva, Tomaz (2012), dois movimentos podem influenciar na produção da identidade. Um desses movimentos diz respeito aos processos que buscam tornar a identidade fixa e estável. A busca pela fixação da identidade pode ser relacionada ao desejo de completude referido por Bauman (2005), pois, ao procurar a completude, procura-se a fixidez da identidade. Também podemos vincular a procura por uma identidade fixa com o sujeito do Iluminismo, referido por Hall (2015), visto que a identidade desse sujeito estava centrada no “eu”. Silva, Tomaz (2012, p. 84) esclarece que “A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade”.

Já o outro movimento está ligado aos processos que visam subverter a identidade e torná-la desestabilizada. A fixação e a não fixação de identidades, como as identidades nacionais, sexuais, étnicas, raciais e de gênero, estão sendo analisadas pela teoria cultural e social pós-estruturalista. Cada processo, embora faça parte da identidade cultural e social, obedece às dinâmicas distintas. Silva, Tomaz (2012) exemplifica que as identidades de gênero são mais justificadas pelo essencialismo biológico. Já as identidades nacionais são justificadas pelo essencialismo cultural. Para ele, o essencialismo biológico não deixa de ser cultural, já que ele é formado por meio de interpretações. “Todos os essencialismos são, assim, culturais. Todos os essencialismos nascem do movimento de fixação que caracteriza o processo de produção da identidade e da diferença” (Silva, Tomaz, 2012, p. 86). A imposição de uma língua nacional comum a todos, segundo ele, é um dos elementos utilizados para unir as pessoas de uma mesma nacionalidade.

Hall (1996) explica que existem duas maneiras de se pensar a identidade cultural. Em primeiro lugar, busca-se uma verdade em seu passado por meio de uma história única e de uma cultura partilhada. Em segundo, não se nega que a identidade tenha um passado, mas afirma-se que ela é reconstruída quando reivindicada. Essa segunda forma de pensar a identidade cultural também leva em consideração que o passado é transformado constantemente. Quanto à primeira maneira de se pensar a identidade cultural, apontada por Hall (1996), observamos uma ligação com os mitos fundadores das nações. Hall (2012) e Silva, Tomaz (2012) relatam que os mitos fundadores das nações são necessários para a construção da identidade nacional.

Fundamentalmente, um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heroico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura “providencial”, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional. Pouco importa se os fatos assim narrados são “verdadeiros” ou não; o que importa é que a narrativa fundadora funciona para dar à identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante uma certa estabilidade e fixação, sem as quais ela não teria a mesma e necessária eficácia (Silva, Tomaz, 2012, p. 85).

Por meio dos mitos fundadores da nação, busca-se despertar os sentimentos de nacionalismo das pessoas, fazendo com que elas assumam uma identidade nacional fixa. Hall (2012) e Silva, Tomaz (2012) concordam que os mitos fundadores são um exemplo de essencialismo cultural. Como mencionado, Silva, Tomaz (2012) afirma que a fixação das identidades é justificada por visões essencialistas.

Woodward (2012) também aborda a relação entre o essencialismo, o não essencialismo e a identidade. O essencialismo recorre a fatores “fixos” biológicos ou históricos para sustentar suas afirmações. Tomando como exemplo a identidade “sérvia”, a autora explica que uma definição essencialista sugeriria que todos os sérvios partilham de características iguais, que são imutáveis diante do passar do tempo. Por outro lado, uma concepção não essencialista se atentaria às diferenças, às características comuns ou partilhadas tanto entre os sérvios, quanto entre eles e pessoas de “outros grupos étnicos” (Woodward, 2012, p. 12), povos que partilham uma mesma cultura, língua e tradições, por exemplo. Além disso, uma definição não essencialista se atentaria às modificações que a noção do que é ser um sérvio sofreu ao longo do tempo.

Notamos que há uma relação entre o essencialismo e o nazismo. Hitler buscava reafirmar a nacionalidade alemã. Ele defendia que os alemães eram uma raça superior. “Tudo o que, no Mundo, não é raça boa é joio” (Hitler, 1983, p. 130). A partir dessa ideia, ele defendia o critério de nacionalidade. Como visto anteriormente, segundo Silva, Tomaz (2012), a imposição de uma língua nacional é uma forma de unir pessoas de uma mesma nacionalidade. Os alemães pensaram em germanizar as pessoas por meio da imposição da língua alemã. Ao falar sobre nacionalidade, Hitler (1983) aborda o termo “germanização”. Acreditava-se que o termo se resumia à ideia de forçar um povo a adotar a língua alemã. Era assim que se pretendia germanizar a Áustria, por exemplo.

Hitler (1983) critica essa ideia, pois, para ele, um território poderia ser germanizado, um povo não. O uso da língua alemã por outros povos acarretaria a desgermanização, diminuindo as diferenças entre os povos e destruindo os elementos puramente germânicos. A não continuação da germanização da Áustria por meio da imposição da língua alemã foi motivo de alívio para o líder nazista, porque isso teria, na visão dele, rebaixado o nível da raça alemã e

destruído sua cultura. A nacionalidade, para Hitler (1983, p. 165), “está no sangue e não na língua falada”. A germanização, dessa forma, só poderia ocorrer se fosse possível modificar o sangue das pessoas, algo que ele considera impossível, visto que essa modificação implicaria uma mistura de sangues, o que rebaixaria e destruiria as qualidades da raça superior.

Por uma tal mistura com raças inferiores, sobretudo as forças culturais desapareceriam mesmo que o produto daí resultante falasse perfeitamente a língua da raça superior. Durante muito tempo, travar-se-á uma luta entre os dois espíritos e pode ser que o povo que desce cada vez mais de nível consiga, por um esforço supremo, elevar-se e criar uma cultura de surpreendente valor. Isso pode acontecer com os indivíduos das raças mais elevadas ou com os bastardos, nos quais, no primeiro cruzamento, ainda prevalece o melhor sangue: nunca se verificará, porém, esse fato com os produtos definitivos da mistura. Nesses verificar-se-á sempre um movimento de regressão cultural (Hitler, 1983, p. 166).

As pessoas advindas de misturas sanguíneas estariam, na visão de Hitler (1983), fadadas à regressão cultural. Dessa forma, observamos que ele defendia a nacionalidade alemã, rejeitando qualquer forma de mistura entre alemães e outros povos. Como expusemos em “2.1.2 O Holocausto dos Judeus” (p. 57-70), para impedir as misturas de povos, o Partido Nazista proibia, por meio das Leis de Nuremberg, casamentos ou relações sexuais entre alemães e judeus.

Hitler (1983, p. 126) afirma que o “cruzamento de raças” acarretaria o: “A) Rebaixamento do n. 1 da raça mais forte; B) Regresso físico e intelectual e, com isso, o começo de uma enfermidade, que progride devagar, mas seguramente”. Ele menciona que, a partir do momento quando se perde a “pureza do sangue” (termo do autor), a felicidade íntima deixa de existir e o homem torna-se inferior, adquirindo sequelas físicas e intelectuais irreversíveis. Além disso, para ele, pessoas que não eram sadias ou dignas não deviam procriar. Transmitir aos filhos características como fraqueza ou doenças era, para Hitler, um crime. Para o líder nazista, deveria haver um longo período de proibição da procriação dessas pessoas. E, após esse período, os indivíduos deveriam apresentar um atestado ao Estado comprovando sua “pureza racial”.

Assim se formarão colônias cujos habitantes todos serão portadores do mais puro sangue e, ao mesmo tempo, de grande capacidade. Serão o mais precioso tesouro da nação. O seu progresso deve ser visto com orgulho por todos, pois neles estão os germes de um grande desenvolvimento da nação e da própria humanidade (Hitler, 1983, p. 172).

Bauman (1998, p. 88) esclarece que “O racismo atua segundo as especificações no contexto de um projeto de sociedade perfeita e da intenção de realizar esse projeto através de um esforço planejado e consistente”. Observamos que, para Hitler, a “sociedade perfeita” seria aquela formada indispensavelmente por “alemães puros”. Para executar tal ideia, ele iniciou o Holocausto. Para os nazistas, na Alemanha, não havia espaço para judeus, somente para o

“Espírito alemão” (Bauman, 1998, p. 88), termo que diz respeito às ideias culturais, sociais e intelectuais presentes na Alemanha naquele período. Isso ocorria, porque Hitler acreditava que os judeus não eram capazes de lutar pelo país. A incapacidade espiritual dos judeus, segundo Bauman (1998), era vista como hereditária, estava no sangue dos judeus. Diante dos apontamentos, notamos que os nazistas definiam os judeus como inferiores sob uma visão essencialista.

Hitler propagava, por meio de suas ideias, o ódio e o preconceito. Como visto a partir de Bauman (2005), a ideia de “pertencimento” tem relação com a identidade nacional, sendo que tal identidade surgiu de maneira forçada. Ao acreditarem que pertenciam a algum lugar, as pessoas tornavam-se subordinadas ao Estado. Hitler pregava a ideia de “pertencimento” em relação aos alemães que ele considerava “puros”. Esses alemães deveriam apoiar os pensamentos defendidos por Hitler de que a Alemanha deveria ser formada por “alemães puros” e permanecer no país para ajudá-lo a lutar pelo espaço vital (ideia já aludida com base nos estudos de Coggiola (2015), em “2.1.1 As Duas Grandes Guerras Mundiais” (p. 47-57). Hitler buscava manipular o povo alemão em benefício próprio.

Como aludimos anteriormente, o líder nazista acreditava que aspectos biológicos eram decisivos em questões sociais e culturais. Entretanto, a justificativa biológica purista de Hitler, pautada em ideias essencialistas, não é possível de ser realizada se forem consideradas a visão de Rajagopalan (2003), Bauman (2005), Woodward (2012), Silva, Tomaz (2012) e Hall (1996; 2012; 2015) sobre a formação e a transformação das identidades. Ao longo deste capítulo e de acordo com esses autores, vimos que as identidades não nascem com as pessoas, elas se formam e transformam -se ao longo do tempo, durante o convívio social. Sob essa perspectiva, impedir uma mistura biológica não impede uma mistura de culturas. Constatamos que a justificativa racial de Hitler era uma mentira, uma vez que suas justificativas para cometer atrocidades contra a humanidade mudavam de acordo com suas estratégias para conquistar poder.

O nacionalismo alemão foi uma das inspirações para as ideias antissemitas do líder nazista. De acordo Bauman (1998, p. 54), o antissemitismo difere-se de outras formas de “hostilidade intergruppal”. “As relações sociais de que as idéias e práticas do anti-semitismo podem ser um aspecto nunca são relações entre dois grupos territorialmente estabelecidos que se confrontam em pé de igualdade” (Bauman, 1998, p. 54). Ao contrário disso, o antissemitismo diz respeito a uma relação ocorrida entre um grupo que representa uma maioria e outro que é uma minoria. Nesse caso, levando em consideração a migração, a população maior é aquela que “hospeda” um grupo em sua nação, enquanto a população menor é a hospedada. Essa minoria possui uma identidade que é preservada mesmo em convívio com uma maioria que

apresenta uma identidade diferente. Diante disso, o grupo menor é considerado mais fraco, “[...] tornando-se o elemento marcado da oposição, nomeado como ‘eles’ para se diferenciar de ‘nós’, os nativos” (Bauman, 1998, p. 54).

Devido ao terror provocado pelos nazistas, os judeus que haviam nascido na Alemanha passaram a não se considerarem mais alemães. Eles foram forçados a negar a identidade “alemã” e obrigados a assumir a identidade unicamente judaica. Isso é perceptível no diário em quadrinhos. Como dito anteriormente, Anne, mesmo sendo alemã, após enfrentar o Holocausto, passou a definir os alemães, por meio de seus relatos, como pessoas cruéis e dizer que eles oprimiam e ameaçavam os judeus. Perante tais afirmações, pressupomos que a menina assumia sua identidade judaica e negava sua identidade ligada à nacionalidade alemã.

Em relação à oposição entre “nós” e “eles”, mencionada por Bauman (1998; 2005), Silva, Tomaz (2012) e Woodward (2012), notamos que a posição “nós” era referente à identidade alemã-nazista. Os judeus, em contrapartida, foram demarcados pelos nazistas como “eles”. Levando em consideração a ideia de Bauman (2005) sobre “pertencimento”, os judeus, pelo próprio fato de serem judeus, não “pertenciam” ao grupo dos alemães. Na primeira vinheta do fragmento 3.12 (p. 142), Anne afirmou que foram os nazistas que definiram os judeus como diferentes, como o grupo a ser excluído. Ao povo judeu foi atribuído o rótulo de diferentes, pois, baseando-nos em Bauman (1998), reafirmamos que, na visão dos nazistas, os judeus poderiam trair a Alemanha por não terem uma “identidade nacional” estabelecida. Quer dizer, a “identidade nacional”, defendida por Hitler, entrou em conflito com a identidade judaica, que se caracteriza como nômade. Observamos que, no diário em quadrinhos, a facilidade de deslocamento, característica da formação e transformação identitária dos judeus, pode ter contribuído para a fuga da família “Frank” da Alemanha para a Holanda e depois para o Anexo Secreto, ainda localizado no país holandês.

### Fragmento 4.10 — O percurso até o Anexo Secreto



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 26).

O fragmento 4.10 diz respeito ao momento quando a família “Frank” foi se mudar para o Anexo Secreto. Na ocasião, para reduzirem a quantidade de bagagens, os membros da família vestiram várias camadas de roupas. Na primeira vinheta, Anne relatou, por meio da legenda, sobre como era perigoso para um judeu andar pelas ruas repletas de guardas nazistas. Na vinheta, é possível observar a família “Frank” passando ao lado da polícia nazista. Observamos que uma forma visual que os nazistas encontraram para marcar os judeus como “eles” foi por meio da imposição do uso da estrela de Davi nas vestimentas dos judeus. O uso da estrela, que será detalhado na próxima seção, pode ser visualizado nas vestimentas de Anne e Edith, na terceira vinheta do fragmento 4.10. A presença da estrela nas roupas da família “Frank” possibilitou que eles fossem facilmente identificados pelos guardas nazistas.

Na segunda vinheta, ao falar, por meio do balão-fala, sobre a quantidade de roupas utilizadas pelos judeus, um dos guardas se referiu aos judeus como “esses” judeus. Para ele, os membros da família “Frank” não eram apenas judeus, eram “esses judeus”. Nesse caso, o uso

do pronome demonstrativo “esses” apresenta um sentido pejorativo, ressaltando de forma negativa que aquela família era formada por judeus. Ademais, o uso do pronome parece estabelecer um afastamento entre o guarda e os judeus, demarcando que o guarda não fazia parte do grupo judeu, ou seja, os judeus eram “eles”. O uso do primeiro plano, como sugere Acevedo (1990), destaca as expressões faciais das personagens. Na segunda vinheta do fragmento 4.10, esse plano faz com que a expressão facial de repulsa do guarda, ao olhar para a família “Frank”, fique em destaque.

Na terceira vinheta desse fragmento, Anne explicou que o local do esconderijo, que até o momento se tratava de um mistério para ela, era referente à empresa de Otto. O uso do primeiro plano também aparece nessa vinheta. Nela, tal plano contribui para destacar a expressão facial de espanto que a menina fez ao ver o local do esconderijo. Na quarta vinheta, foi exposto o prédio onde era a empresa de Otto e, conseqüentemente, o Anexo Secreto.

Além de definir os judeus como diferentes por não serem “alemães puros”, Hitler buscou apagar suas identidades. A tentativa desse apagamento se deu, por exemplo, por meio da proibição dos judeus frequentarem estabelecimentos públicos e não poderem exercer profissões, como já visto nos estudos de Carneiro (2005). A substituição dos nomes dos judeus por números tatuados em seus braços, como vimos em “2.1.2 O Holocausto dos Judeus” (p. 57-70), também é um exemplo de buscar apagar suas identidades. Nos campos de concentração, os nazistas não chamavam os judeus por seus nomes, mas por números. E mais, a tentativa de apagar suas identidades ocorreu principalmente por meio do seu extermínio. Salientamos que, mesmo que tenha se empenhado em exterminar os judeus e outros povos, Hitler não conseguiu aniquilar a heterogeneidade da população alemã. Era uma ilusão da parte dele acreditar que isso seria possível, visto que a cultura em si não é pura, e sim heterogênea.

A análise feita, nesta subseção, permitiu observar que, por meio do nacionalismo alemão, Hitler defendia a ideia de que a identidade nacional estava acima de qualquer outra identidade. No entanto, para que uma pessoa assumisse e honrasse tal identidade, era necessário que ela fosse “alemã pura” (Carneiro, 2005). Reafirmamos que os judeus e outras minorias (negros, ciganos, homossexuais e deficientes físicos e mentais) eram considerados por Hitler como “raças impuras” (Carneiro, 2005). Logo, eles não “pertenciam” ao grupo dos alemães. Os nazistas definiram os judeus como diferentes, a eles foi atribuída a posição de “eles”: aqueles que, na visão de Hitler, deveriam ser eliminados do mundo. O líder nazista premeditou e executou o assassinato em massa dos judeus, originando, assim, um dos genocídios com maior número de mortes da história, o Holocausto. No diário em quadrinhos, Anne, sua família e outros judeus, foram privados de viverem como tais. Anne representa como tal privação é uma

clara violência ao direito de ser, pensar, agir, viver etc. como judeu ou judia (perseguição, o antissemitismo). Toda essa violência começa pela diferenciação, transformando-a em estranha, errada, ruim, esquisita, inimiga, uma verdadeira ameaça. Anne, não afirmava, provavelmente em decorrência da perseguição alemã-nazista, ter uma identidade nacional. Em contrapartida, ela era forçada pelos nazistas a assumir sua identidade judaica.

#### 4.3 REPRESENTAÇÃO POR MEIO DE MARCAÇÕES SIMBÓLICAS E CLASSIFICAÇÕES: ANNE COMO JUDIA

Segundo Woodward (2012), as identidades são representadas por meio da linguagem e por sistemas simbólicos. A identidade de uma pessoa geralmente é associada aos objetos que ela usa; ou seja, esses objetos tornam-se símbolos de identidades. Além disso, a identidade pode ser marcada pelas condições sociais e materiais de uma pessoa. Os símbolos e as diversas formas de exclusão social que estabelecem as diferenças entre as identidades são nomeados como marcações simbólicas pela autora. Ela ainda cita a existência de sistemas classificatórios que expõem como as relações sociais são organizadas e divididas. Nesse sentido, como já mencionado em “4.2 IDENTIDADE E DIFERENÇAS, UMA INTERDEPENDÊNCIA” (p. 184-218), dividem-se grupos considerados opostos, como: “nós e eles” ou “eu e outro”. Para Woodward (2012, p. 42), “A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições [...]. A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação”. Ela esclarece que as formas de classificar o mundo são diversas e dependem de cada cultura. A atribuição de sentidos e a construção de significados que a cultura atribui ao mundo são construídas por meio dos sistemas classificatórios. Com o intuito de manter a ordem social, os membros que compõem a sociedade buscam realizar as classificações mediante um consenso existente entre eles.

No que confere aos processos simbólicos de classificação, baseando-se nas ideias de Durkheim, Woodward (2012) aponta que, na religião, por exemplo, existem dois grupos: o sagrado e o profano. As ideias e os objetos não são sagrados naturalmente, e sim são simbolizados e representados dessa maneira, tendo seu sentido produzido socialmente. O sagrado, nesse caso, é definido e classificado como diferente do profano. Expondo as ideias de Lévi-Strauss, a estudiosa cita outro exemplo de classificação feita por meio de símbolos. Segundo Lévi-Strauss, a identidade pode ser exposta por meio da comida. Ela é detentora de diversos significados simbólicos e “[...] é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias” (Woodward, 2012, p. 43). Muitas culturas são conhecidas por seus pratos

típicos. Nesse sentido, associa-se a identidade de um sujeito à comida, como se esse sujeito se resumisse a isso. Ademais, até mesmo a forma de consumir os alimentos, sejam crus, sejam cozidos, pode indicar uma identidade religiosa e étnica.

Em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2018), há diversos símbolos ligados principalmente aos nazistas e aos judeus. Alguns símbolos que marcam a identidade nazista são os uniformes, as bandeiras e, sobretudo, a suástica. Tais símbolos podem ser visualizados no fragmento 3.12 (p. 142). Silva, Tomaz (2012) aponta que os símbolos, como as bandeiras, os hinos e brasões, sustentam a identidade nacional. Hitler buscava afirmar a nacionalidade alemã por meio de tais símbolos.

Já a identidade religiosa judaica das personagens é marcada por símbolos, como: as estrelas de Davi. Como foi comentado em “3.3.3.2 Tempo histórico” (p. 137-146), elas eram utilizadas pelos nazistas para distinguir os judeus de outros povos. A estrela era um símbolo de discriminação e morte. No fragmento 3.12 (p. 142), ela pode ser visualizada na segunda vinheta, marcada na parede da clínica veterinária onde trabalhava um médico veterinário judeu. Nesse fragmento, a estrela de Davi aparece pela primeira vez. Esse símbolo é uma materialização do que era ser judeu para os nazistas. Ela ainda aparece em todas as vinhetas do fragmento 3.8 (p. 133), pregadas nas vestimentas de Anne e Margot e, na segunda vinheta do fragmento 4.10 (p. 216), nas vestimentas de Anne e Edith. No diário em quadrinhos, também foi retratado um senhor trajando um quipá, chapéu utilizado pelos judeus como símbolo religioso e uma manifestação de respeito a Deus. Notamos que Anne foi obrigada a se esconder devido à intolerância religiosa imposta por Hitler. A identidade religiosa, nesse caso, foi um fator determinante para o futuro dela e de outros judeus.

Bauman (2005) e Hall (2015) mencionam a influência do fundamentalismo religioso na formação e transformação das identidades. O fundamentalismo religioso, nos dizeres de Bauman (2005), oferece a presença da fé e da segurança na vida das pessoas. Ele não respeita e não dialoga com as teorias concorrentes. No diário em quadrinhos, não há um fundamentalismo religioso como o aludido por Bauman (2005). Os judeus não aparecem defendendo o judaísmo como uma verdade única. Percebemos que a religião ganha destaque por meio da forma como os judeus eram vistos pelos nazistas. Eram os nazistas que, a todo o momento, atribuíam, de forma pejorativa, o rótulo de judeus àqueles que adotaram o judaísmo como crença religiosa. Sob tal perspectiva, a representação dos judeus era construída a partir da visão dos outros: os alemães. Hitler (198, p. 134) se refere ao judaísmo como “doutrina judaica”, uma “espécie de religião” a qual ele atribuiu o adjetivo “escabrosa”.

### Fragmento 4.11 — Os Frank e o judaísmo



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 12).

No fragmento 4.11, Anne afirmou que, mesmo sendo judeus, ela e sua família não guiavam suas vidas por meio da religião. No fragmento, observamos a família “Frank” comemorando o Natal, data referente ao nascimento de Jesus e que não é comemorada pelos judeus, visto que eles não acreditam que Jesus seja o messias enviado por Deus. O fragmento expõe bastante iluminação advinda das luzes presentes na árvore de Natal, da lâmpada no teto e das velas. Essa claridade pode estar remetendo à “festa das luzes”<sup>92</sup>, como é conhecida popularmente a festa judaica de Chanucá (forma aportuguesada), Chanuká ou Hanukkah. Essa festa é uma comemoração referente à resistência judaica contra a dominação helênica, ocorrida 200 a.C. A festa ocorre no mês de dezembro e dura oito dias, porque acredita-se que, durante o conflito entre os judeus e os helênicos, aqueles tinham uma quantidade de óleo capaz de manter as velas acesas por apenas um dia. Entretanto, de forma milagrosa, as chamas duraram oito dias. Para comemorar o milagre, durante a festa de Chanuká, acende-se uma Chanukiá (candelabro de nove braços), sendo que o braço central é utilizado para acender as outras oito velas. No fragmento 4.11, identificamos o candelabro, que, mesmo não aparecendo completamente, aparenta possuir nove braços. Dessa forma, percebemos que a família estava comemorando

<sup>92</sup> As informações expostas sobre a Chanuká foram baseadas em dados presentes no site: *Instituto Brasil-Israel*. Disponível em: <http://institutobrasilisrael.org/noticias/noticias/chanuka-a-festa-das-luzes>. Acesso em: 20 set. 2021.

uma festa da tradição judaica ao mesmo tempo em que possuía uma árvore de Natal, conhecida pela comemoração festiva de outra religião, decorando a casa. Esses fatos confirmam a fala de Anne sobre a família ser religiosa, mas não seguir, de uma forma radical, a religião. Em outro momento da narrativa, apareceu novamente a dupla comemoração. Anne relatou: “Graças a Deus tivemos a dupla euforia da Hanukkah e do Natal, com muitos presentes de nossos salvadores” (Folman; Polonsky, 2018, p. 93). Ao falar sobre os salvadores, Anne refere-se às pessoas que os ajudavam com mantimentos e informações a respeito da guerra. Entretanto, ao relacionarmos as comemorações do Natal (festa cristã) e do Hanukkak (festa judaica) com a palavra *salvadores*, somos remetidos àqueles que são considerados os salvadores da humanidade para cada uma dessas religiões: Jesus de Nazaré e Moisés, respectivamente. O uso do pronome possessivo *nossos* unido ao adjetivo *salvadores* (quando relacionado aos *salvadores religiosos*) pode sugerir que a família “Frank” aceitava as bênçãos tanto de Jesus Cristo, quanto de Moisés.

Notamos que, além disso, existe uma construção simbólica referente ao Anexo Secreto. Ele não representa apenas um elemento geográfico no diário em quadrinhos. O espaço simboliza a fuga dos judeus da perseguição nazista e a tentativa dos moradores em reconstruir seus lugares no mundo. Porém, por ser um local restrito, ele também representa uma crise de identidade dos moradores, visto que eles, por serem judeus, não tinham o direito de pertencer ao mundo exterior.

Anne relatou sobre como o aprisionamento afetava sua vida. Ao esclarecer os motivos pelos quais escreveu críticas severas a sua mãe, afirmou que teria agido de forma diferente se estivesse vivendo em outro contexto. “Aqueles explosões violentas no papel são simples expressões de raiva que, numa vida normal, eu poderia ter resolvido me trancando em meu quarto e batendo com os pés, ou xingando mamãe pelas costas” (Folman; Polonsky, 2018, p. 95). Em outro momento, ao pensar sobre sua vida fora do Anexo, ela desabafou que “A Anne Frank que desfrutava uma vida celestial era completamente diferente da que ficou ajuizada entre estas paredes” (Folman; Polonsky, 2018, p. 112). Perante a observação da divisão dos cômodos do Anexo Secreto, presente no fragmento 3.6 (p. 116), notamos ainda que Margot dormia junto com seus pais, enquanto Anne dividia seu quarto com o dentista, que, até o momento quando chegou ao Anexo, não era conhecido pela família “Frank”. A divisão dos cômodos do esconderijo simboliza o sentimento de afastamento familiar sentido por Anne. Esta afirmou sentir falta de seus cinco admiradores, de seus vinte “melhores” amigos e dos elogios que os professores destinavam a ela. Ela explicou que, após sua ida para o esconderijo, demorou um ano para se acostumar com a falta de elogios. Ao contrário dos elogios que costumava receber

na escola, no Anexo, ela recebia, como já vimos, na maioria das vezes, críticas negativas sobre seu comportamento, seu modo de agir, pensar.

No fragmento 3.5 (p. 112), Anne afirmou que imaginava como seria estar hospedada em uma mansão nos Alpes com seu pai. No diálogo estabelecido, por meio de balões, entre as personagens, Otto, ao entregar dinheiro à filha, disse a ela que comprasse todos os objetos necessários para mantê-la confortável durante a estadia. Ela, então, passou a imaginar diversos objetos que compraria, como as mais diversas peças de roupas, sapatos, bolsas e livros. Na legenda, no final do fragmento, Anne esclareceu que estava imaginando essa compra de mantimentos, pois havia se escondido em um local, o Anexo Secreto, sem saber quando sairia de lá. Com o passar do tempo, como é possível visualizar no fragmento 3.10 (p. 136), os moradores do Anexo passaram a sofrer com o envelhecimento de seus objetos pessoais. Além disso, Anne e Margot, por estarem crescendo, não cabiam mais em suas roupas. Recapitulando o fragmento 3.15 (p. 158), percebemos a escassez de comida provocada pelo enclausuramento. Apesar da falta de provisões, observamos que, no fragmento 3.3 (p. 105), Anne enfatizou que, diante do isolamento, eram das “coisas interiores”, como a liberdade, que ela mais sentia falta. O Anexo, nesse sentido, simboliza o aprisionamento e a opressão do povo judeu.

Diante dos apontamentos vistos, neste capítulo, concluímos que Anne Frank possivelmente não tinha uma identidade nacional estável, visto que, após o início do Holocausto, deixou de se identificar com seus conterrâneos, os alemães. Além disso, por meio da narrativa da menina, não é possível constatarmos que ela se considerava holandesa. Notamos que, na perspectiva dos nazistas, a identidade de Anne foi reduzida à identidade judaica. Porém, ser judeu, para eles, era um fato repulsivo, passível de aniquilamento. Constatamos, considerando as relações sociais que Anne estabeleceu dentro e fora do Anexo Secreto, que sua identidade foi formada principalmente por meio das diferenças. Ela se posicionava de maneira crítica, falante, desinibida [Anne era falante e desinibida desde criança, como é possível perceber no fragmento 4.11 (p. 220)], carente de atenção, desorganizada, criativa e espontânea. Mas, destacamos que, Anne era mulher identidade que se destaca no diário em quadrinhos.

Na seção seguinte, realizamos uma análise de tal identidade, a fim de compreendermos como a condição feminina de Anne afetava o tratamento que outras personagens lhe destinavam e como ela se percebia como mulher.

#### 4.4 A FORMAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA DE ANNE FRANK

Esta seção foi dividida em três subseções. Na primeira, realizamos uma breve contextualização sócio-histórica a respeito da condição da mulher na sociedade e da evolução do movimento feminista. Em seguida, procuramos explicar o que são as relações de gênero. Por último, abordamos a representação social da mulher.

##### 4.4.1 A Luta Feminista, Uma Contextualização Sócio-histórica

Ao longo dos anos, a mulher luta para conquistar seu espaço na sociedade. A busca por reconhecimento, valorização e respeito é árdua e os resultados aparecem a “conta gotas”. Alves e Pitanguy (1985), Auad (2003) e Pinto (2010) traçam um panorama histórico sobre a inferioridade da mulher na sociedade desde a Pré-história até o século XXI e a luta travada por elas durante todo esse tempo contra a injustiça.

#### **Quadro 13** — A inferioridade da mulher na sociedade

Pré-história	A relação entre homens e mulheres era diferente nas sociedades primitivas do que são na sociedade moderna. Não é possível afirmarmos que, nas primeiras sociedades, as mulheres detinham algum tipo de autoridade. Porém, também não podemos dizer que elas não tinham poder. Existe a suspeita, por exemplo, de que as mulheres, ao relacionarem os ciclos de seus corpos com os ciclos da natureza, foram as primeiras a deterem conhecimentos sobre a agricultura (Auad, 2003).
Período Neolítico (iniciado em 7000 a.C.)	À medida que os homens perceberam a função reprodutora da mulher, ela passou a ser vista como sua propriedade, quanto mais filhos ela tivesse, mais mão de obra era gerada para trabalhar nas terras. A sexualidade feminina passou a ser controlada pelos homens. Dessa relação de desigualdade, surgiu o modelo de casamento sustentado pela submissão da mulher (Auad, 2003).
Antiguidade Clássica (século VIII a.C. até o século V d.C.)	A mulher ocupava um espaço secundário na sociedade na Grécia. Ela era dependente do homem (pai, marido, filho ou tutor) e estava destinada ao casamento (Auad, 2003). A posição ocupada pela mulher, na Grécia, era “[...] semelhante à do escravo no sentido de que tão-somente estes executavam trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre” (Alves; Pitanguy, 1985, p. 11).
Séculos V e VI	As mulheres foram excluídas da sociedade e confinadas às suas residências (Auad, 2003). Em Atenas, elas eram reclusas a suas casas e deviam realizar serviços domésticos e gerar filhos (Alves; Pitanguy, 1985) (Auad, 2003). Já em Esparta, as mulheres eram proprietárias de seus dotes, praticavam esportes ao ar livre para serem fortes fisicamente e gerarem filhos que futuramente seriam bons soldados (Auad, 2003).
Idade Média (do século V ao século XV)	As mulheres não nobres trabalhavam no campo, já as nobres teciam e cuidavam da organização das casas (Auad, 2003). Durante o início da Idade Média, as mulheres tinham alguns direitos. Elas podiam praticar quase todas as profissões, tinham direito à propriedade e à sucessão. A população era formada majoritariamente por mulheres adultas. Quando os homens se afastavam para realizar longas viagens ou por causa de guerras, as mulheres ficavam à frente dos negócios da família. Porém, elas sempre receberam salários inferiores aos dos homens. Além disso, a partir do

	Renascimento, diversas atividades foram tornando-se do domínio dos homens (Alves; Pitanguy, 1985).
Alta Idade Média	As mulheres produziam tecidos e sabão. Algumas tinham acesso às artes, à ciência e à literatura (Auad, 2003).
Século XII	Ocorreu a rebelião mais sistemática das mulheres contra o poder masculino (Auad, 2003).
Século XVII	Três intelectuais de Veneza (Moderata Fonte, Lucrecia Marinelli e Arcângela Tarabotti) escreveram sobre a situação de inferioridade das mulheres na sociedade (Auad, 2003).
No final da Idade Média	Christine de Pisan, escritora francesa, também escreveu sobre a condição feminina, abordando a subordinação das mulheres imposta pela igreja. As mulheres eram submissas aos homens. Embora participassem da vida social e econômica na Idade Média, elas ainda eram associadas à fragilidade e à luxúria (Auad, 2003).
Final do século XIV até meados do século XVII	Ocorreu a “caça às bruxas” na Europa e na América. Pessoas que praticavam feitiçaria eram mortas. No entanto, a cada dez mulheres mortas, matava-se um homem. Isso ocorria, pois a igreja afirmava que as mulheres eram feitas para fazer os homens pecarem. Além disso, as mulheres curandeiras representavam um perigo para profissões como a medicina. O conhecimento sobre o corpo humano e os processos de cura deveriam ser restritos ao meio científico e não a um conhecimento popular. Os homens, produtores de ciência, tornaram-se mais poderosos com a separação entre o conhecimento científico e o popular (Auad, 2003). As mulheres também representavam ameaça por formarem grupos para trocarem conhecimentos. “A chamada “caça às bruxas” foi um verdadeiro genocídio perpetrado contra o sexo feminino na Europa e nas Américas — tão pouco estudado e denunciado —, [...] é parte da herança de silêncio que recobre a história da mulher” (Alves; Pitanguy, 1985, p. 20-21).
Feudalismo	O controle sobre o corpo e a sexualidade tornou-se mais rigoroso. Os corpos de homens e mulheres estavam sendo preparados para as longas jornadas de trabalho nas fábricas que surgiriam com o sistema capitalista (Auad, 2003).
Século XVIII	O período foi marcado pelo Iluminismo (movimento em que filósofos acreditavam que levariam a “luz” para uma sociedade que tinha sua cultura marcada pelas “trevas” da Idade Média) e por revoluções liberais, como a Revolução Francesa (1789). Os iluministas pregavam a autonomia e a individualidade, ou seja, deveriam ser consideradas as particularidades de cada indivíduo e ser aceita a ideia de que cada um pode pensar por si mesmo, sem ser guiado pela religião. No entanto, as mulheres, por serem vistas como seres intuitivos e imaginativos (incapazes de fazerem uso do raciocínio lógico), eram consideradas como dotadas de razão inferior a dos homens (Auad, 2003). Diversas mulheres participaram da Revolução Francesa. Olympe de Gouges proclamou, em 1791, que as mulheres têm direitos naturais como os homens, por isso devem participar da vida política e civil como eles. No entanto, os ideais da Revolução Francesa (igualdade, fraternidade e liberdade) ficaram restritos aos homens. Em 1793, a proposta de igualdade política entre homens e mulheres foi recusada pelo parlamento. Gouges foi acusada de querer ser um homem de Estado e guilhotinada nesse mesmo ano. Por meio da primeira Constituição francesa (1807), ficou estabelecido que as mulheres deveriam ter um tutor (o pai ou marido) (Alves; Pitanguy, 1985; Auad, 2003).

**Fonte:** A própria autora, com base em Auad (2003), Alves e Pitanguy (1985).

Além desse panorama geral em relação ao papel atribuído às mulheres na sociedade, por esta pesquisa tratar de Anne Frank, uma mulher judia, faz-se necessário discorrermos a respeito da forma como tal mulher foi vista no decorrer do tempo pela sociedade. Nesse caso, de antemão, relembremos que este trabalho é contrário a qualquer forma de preconceito. Por isso, o respeito à fé das pessoas deve ser, aqui, mantido e defendido. É imprescindível dizermos que o machismo existe em toda a parte. Infelizmente, ele está enraizado nas entranhas da

sociedade. Quando se trata de machismo entre pessoas ditas “religiosas”, notamos uma busca por apoio a ele em textos bíblicos, interpretados pelas pessoas de forma tendenciosa para defenderem e justificarem seus próprios interesses. Segundo Sandra Kochmann (2005), primeira mulher a desempenhar a função de rabinha no Brasil, o lugar da mulher no judaísmo variou, em todos os campos de sua vida, segundo o contexto histórico, social, político e religioso. A seguir, apresentamos um breve percurso a respeito da mulher judia na sociedade.

#### Quadro 14 — A mulher judia na sociedade

Na época da Bíblia (Antigo Testamento)	As mulheres participavam de celebrações religiosas, sociais e atos políticos. Quando Deus formou seu acordo com o povo de Israel, no Monte Sinai, elas estavam presentes.
Do século III ao século VI da era comum	Por causa de influências estrangeiras, principalmente dos gregos, as mulheres judaicas foram excluídas da vida pública passando a ficarem restritas ao lar. A concepção de lugar da mulher mudou. Nessa época, foi criado o Talmud (livro usado como auxílio na interpretação da Torá) e foram estabelecidas as regras do dia a dia judaico (que permanecem até hoje), tendo como base a interpretação de textos bíblicos feita exclusivamente por homens. Um dos costumes que incomodavam as mulheres na religião era um agradecimento feito pelos homens a Deus, em que agradeciam por não terem nascido mulheres. Tal agradecimento originou-se de ditos citados pelos gregos Platão e Sócrates, que também faziam o mesmo agradecimento. Já as mulheres judaicas deveriam agradecer por Deus tê-las criado segundo a vontade dele. A mulher deveria permanecer em casa cuidando exclusivamente das atividades domésticas. Eram os homens que determinavam o que elas fariam com o tempo delas. Elas eram "donas" de casa e os homens seus "donos". Ressaltamos que, em hebraico, a palavra marido é <i>Baal</i> , que significa “dono, patrão, proprietário”. Outra forma de inferiorização da mulher estava ligada à leitura da Torá no dia do Shabat. A mulher podia participar, mas não era convidada a ler a Torá nesse dia, porque o convite a ela sugeriria que não havia a quantidade necessária de homens aptos (sete) para desempenharem tal função. Isso traria desonra à congregação. Então, mesmo podendo participar, a mulher não participava para não desonrar os homens da congregação.
Século XX e XXI	Com as revoluções sociais e com as mulheres começando a conquistar alguns direitos, a mulher judia passou a exigir igualdade entre os gêneros tanto na sinagoga, quanto no lar. Em busca de mudanças para tais questões, movimentos judaicos mais liberais voltaram a realizar estudos para compreender a posição imposta à mulher judaica. Em decorrência desses estudos, alguns livros de oração substituíram as bênçãos cotidianas em que, de um lado, os homens agradeciam por terem nascido homens e não mulheres e, de outro, as mulheres agradeciam por terem nascido segundo a vontade de Deus. Ambas foram substituídas por um único agradecimento, pronunciado pelos dois gêneros. Eles agradeciam a Deus por tê-los feito segundo a imagem dele. Esses estudos também constataram que as leis não proibem as mulheres de cumprirem algumas funções como interpretavam rabinos mais radicais. Elas podem ser liberadas para desempenharem determinadas funções. Em algumas famílias, mulheres e homens passaram a realizar as tarefas domésticas de forma igualitária. Nos dias de hoje, as mulheres participam de praticamente todas as atividades e exercem diversas profissões. Tais fatos deveriam influenciar em sua participação na sinagoga. O sentimento de vergonha não deveria estar atrelado à participação das mulheres nas sinagogas, e sim deveria ser considerado um desrespeito a congregação negar a participação das mulheres dentro da religião. As mulheres judias estão reivindicando o direito de estudar academicamente a religião, com o intuito de se tornarem rabinas. Entretanto, em seguimentos mais tradicionais do judaísmo, isso não é permitido. Já em algumas ramificações mais liberais do judaísmo, as mulheres conseguem desempenhar papéis de liderança dentro do campo religioso. As mudanças interpretativas das leis judaicas ainda não são aceitas pela maioria dos judeus. "A repetição de costumes herdados de geração em geração, que desconhece a essência ou o significado original dos mesmos, acaba tendo força de lei" (Kochmann, 2005, p. 41). Ainda é notável o

	machismo exercido sobre a mulher judaica. A sociedade, em sua maioria, não possui interesse em conhecer todos os fatores histórico-sociais que intervieram na transformação que as leis e os costumes judaicos sofreram até hoje. O conhecimento sobre as mudanças dessas leis facilitaria a aceitação das pessoas em relação a elas, já que elas "[...] Permitem a adaptação do judaísmo milenar ao mundo moderno, o que é, simplesmente a continuidade do processo 'tradicional' judaico de dar respostas às novas perguntas suscitadas por cada geração" (Kochmann, 2005, p. 41).
--	--

**Fonte:** A própria autora, com base em Kochmann (2005).

Retomando os estudos de Alves e Pitanguy (1985) e Auad (2003), observamos a continuidade do percurso histórico percorrido pelas mulheres até que elas começassem a conquistar seus direitos. De acordo com as autoras, durante o século XIX, ocorreu a consolidação do sistema capitalista. Com o aumento das máquinas, grande parte da mão de obra feminina foi transferida para as fábricas. Contudo, mulheres e crianças, mesmo que trabalhassem por até dezoito horas seguidas, recebiam salário inferior ao dos homens. Na França, líderes operárias defendiam a necessidade da criação de uma organização que visasse à defesa dos direitos femininos e que a luta por esses direitos era de toda a classe trabalhadora. Um projeto em prol dos direitos dos trabalhadores, os sindicatos, foi criado por uma mulher chamada Jeanne Deroin. No entanto, para que o movimento não fosse desmoralizado por ter uma mulher como líder, ela não assumiu sua autoria. Homens e mulheres lutaram por direitos trabalhistas e foram reprimidos. Auad (2003) menciona o surgimento do *Dia Internacional da Mulher* como um marco de repressão às trabalhadoras.

De acordo com Alves e Pitanguy (1985), Pinto (2010), no final do século XIX, ocorreu a primeira onda do feminismo. Inicialmente, na Inglaterra, mulheres se organizaram para lutar por seus direitos. A luta que mais se destacou foi pelo direito ao voto. As mulheres que fizeram parte de tal luta ficaram conhecidas como *suffragettes*<sup>93</sup>. Após diversas manifestações, o direito ao voto foi conquistado em 1918, no Reino Unido e, em 1932, no Brasil. Durante a primeira onda, em 1917, no Brasil, colocavam-se em pauta as condições de trabalho feminino nas fábricas. Tanto na Europa, quanto nos Estados Unidos, esse feminismo inicial se enfraqueceu a partir de 1930 e só se fortaleceu novamente em 1960.

Sobre os acontecimentos ocorridos durante o século XX, Auad (2003) explica que inicialmente, em 1909, o *Dia Internacional das Mulheres* foi marcado pelo Partido Socialista Americano, nos Estados Unidos, para o dia 28 de fevereiro. Contrárias a essa decisão, as mulheres passaram a celebrar a data no último domingo de fevereiro. Em 1911, essa data foi marcada para ser comemorada em 19 de março. A escolha foi fruto de decisões tomadas em Copenhague em 1910. No dia 25 de março de 1911, mais de 140 trabalhadoras morreram

<sup>93</sup> Destacamos que as ondas dos movimentos feministas são históricas, porém não se aplicam ao mundo inteiro. No Brasil, por exemplo, elas estão sempre misturadas.

vítimas de um incêndio em uma fábrica em Nova Iorque, fato que tornou ainda mais evidente as condições de trabalho precárias a que os trabalhadores eram submetidos. Em 1913, as mulheres russas comemoraram pela primeira vez o *Dia Internacional da Mulher*. Elas comemoraram a data no último domingo de fevereiro. A comemoração fazia parte de manifestações pela paz contra a Primeira Grande Guerra Mundial, que seria iniciada no ano seguinte. No mesmo dia ou no dia 8 de março, o restante da Europa passou a protestar contra a guerra.

Segundo Alves e Pitanguy (1985), Auad (2003), entre 1930 e 1940, as mulheres adquiriam direitos como: o direito ao voto, direito de ingressar em instituições escolares e participar do mercado de trabalho. Diante da Segunda Grande Guerra Mundial instaurada nesse período, as mulheres substituíram os homens no mercado de trabalho, enquanto eles lutavam na guerra.

Assim, a afirmação da igualdade entre os sexos vai confluir com as necessidades econômicas daquele momento histórico. Valoriza-se, mais do que nunca, a participação da mulher na esfera do trabalho, no momento em que se torna necessário liberar a mão-de-obra masculina para as frentes de batalha (Alves; Pitanguy, 1985, p. 50).

No entanto, segundo as autoras, com o fim da guerra e o retorno da força de trabalho masculina, as mulheres voltaram a ser vistas como inferiores. Elas deveriam ceder seus lugares no mercado de trabalho aos homens que retornaram da guerra. Alves e Pitanguy (1985) explicam que, a partir da década de 1960, além da luta pela desigualdade, o movimento feminista passou a questionar as raízes culturais de tais desigualdades. De acordo com Pinto (2010), no início dessa década, surgiu a pílula anticoncepcional nos Estados Unidos e, em seguida, na Alemanha. Nessa década, o movimento feminista se fortaleceu à medida que as mulheres colocavam em debate as relações de poder entre homens e mulheres. Diante disso, o feminismo, além de ser uma luta pela conquista de espaço para as mulheres na vida pública, no trabalho e na educação, tornou-se uma luta para que elas pudessem ter autonomia para que pudessem tomar decisões sobre sua vida e seu corpo, considerando que, na sociedade, além da dominação de classes, há uma dominação do homem sobre a mulher.

Para o movimento feminista, as classes dos homens e as das mulheres possuem, cada uma, suas próprias características, logo uma não pode representar a outra. Destacamos que, no Brasil, nessa mesma década, ocorreu o golpe militar, por isso o movimento feminista não ocorreu na mesma intensidade como nos Estados Unidos e na Europa. Foi sob a repressão do regime militar que ocorreram as primeiras manifestações feministas no país. Em 1980, com a volta da democracia no país, o feminismo ganhou impulso na luta pelos direitos das mulheres.

Em 1975, na primeira Conferência Internacional da Mulher, a ONU declarou os 10 anos seguintes como a década da mulher. No final do século XX, com a criação de Organizações Não Governamentais (ONGs), que visavam à proteção das mulheres e ao engajamento político delas, o movimento feminista sofreu um processo profissionalizante (Pinto, 2010).

Segundo Alves e Pitanguy (1985), o feminismo defende que homens e mulheres não devem se adaptar a modelos hierarquizados que estabelecem qualidades “femininas” e “masculinas” aos seres humanos. De acordo com Auad (2003), o feminismo busca os direitos das mulheres. Existem vários grupos feministas pelo mundo, cada um com crenças, ideais e valores muito diferentes. Porém, todos esses grupos possuem o mesmo objetivo: combater o machismo e qualquer outra forma de desvalorização da mulher. O feminismo não busca o privilégio das mulheres e a destruição dos homens, e sim almeja “libertar tanto as mulheres quanto os homens para uma vida autêntica e consciente” (Auad, 2003, p. 14). Desse modo, todas as pessoas podem aderir ao movimento feminista, inclusive os homens.

#### 4.4.2 Considerações Sobre as Relações de Gênero

O papel desempenhado pelas mulheres ao longo dos séculos se deu sob o domínio dos homens, de acordo com Beauvoir (1970; 1980). Desde o início do patriarcado, era cômodo para eles imporem a posição de dependência às mulheres. Auad (2003, p. 54) define o patriarcado “[...] como um conjunto de relações hierárquicas entre homens e homens, mulheres e mulheres, homens e mulheres, que se caracterizam pela opressão das mulheres”.

Beauvoir (1970) coloca em pauta a seguinte questão: o que é uma mulher? Ela afirma que nascer biologicamente mulher não é o bastante para que uma mulher seja considerada como tal. “Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher [...]” (Beauvoir, 1970, p. 7). As mulheres não são consideradas sujeitos completos como homens. Diante disso, ela é definida em relação ao homem. Por meio dessa dependência, a mulher foi constituída como o Outro, condição imposta pelos homens. A autora, tomando como base a ideia de casal, explica a constituição da mulher como Outro. Um casal é uma unidade formada por duas metades que não podem ser separadas. “Isso é o que caracteriza fundamentalmente a mulher: ela é o Outro dentro de uma totalidade cujos dois termos são necessários um ao outro” (Beauvoir, 1970, p. 14). A mulher vive um conflito entre a reivindicação de um sujeito que se determina como essencial e as exigências das situações que a constituem como não essencial. A estudiosa aborda fatores biológicos, psicanalíticos e o ponto de vista do materialismo histórico para tentar compreender a condição da mulher na sociedade.

Os dados biológicos são interpretados por meio do patriarcalismo. Durante muito tempo, com o advento do patriarcado, no que tange à procriação, por exemplo, acreditava-se que o homem era aquele que poderia gerar a vida, o princípio de tudo era masculino. Já a mulher era vista apenas como a matéria passiva; era aquela que carregava o fruto do homem. A autora esclarece que, ao analisar os dados biológicos e deixando de lado a visão patriarcal, não é possível constatar que há desigualdade entre os sexos.

Em relação à psicanálise, Beauvoir (1970) fala do corpo-objeto (corpo físico, definido pela biologia) e do corpo vivido, aquele ligado à subjetividade das pessoas. “A mulher é uma fêmea na medida em que se sente fêmea. [...] Não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade” (Beauvoir, 1970, p. 59). Os estudos da psicanálise trazidos pela autora buscam explicar a mulher como Outro abordando a sexualidade. Para ela, considerar a sexualidade como um dado é limitante para compreender os sujeitos. Ela não recusa totalmente a teoria da psicanálise, mas afirma que a explicação feita por essa teoria é puramente racional, deixando de levar em conta fatores ligados à subjetividade de cada sujeito. Entre os apontamentos feitos por Beauvoir (1970), destacam-se aqueles que ela faz sobre a busca pela liberdade. Um sujeito que busca a liberdade tende a viver angustiado, pois não se sabe o que será conquistado por meio de tal liberdade. Ser uma pessoa alienada, por outro lado, não gera angústias. Para a mulher, é difícil buscar a liberdade. Assumir-se como mulher é admitir que se é um sujeito inferior diante da sociedade patriarcal.

A estudiosa concorda com o ponto de vista do materialismo histórico sobre a humanidade não ser uma espécie, e sim um dado histórico. A humanidade não sofre passivamente os efeitos da natureza, mas tem a capacidade de tomar atitudes diante dos efeitos. Beauvoir (1980) aborda ainda as relações de trabalho entre homens e mulheres. Como vimos na seção anterior, nos primórdios da humanidade, homens e mulheres, independentemente de suas forças físicas, desempenhavam papéis determinantes na sociedade. Entretanto, com a expansão da agricultura e o surgimento da ideia de propriedade privada, a mulher foi reduzida à condição de submissa ao homem. Além disso, acreditava-se que ela não tinha força física suficiente para manusear ferramentas feitas de ferro e bronze. Porém, a opressão da mulher só ocorreu, pois já havia, na sociedade, uma pretensão ao domínio sobre o Outro.

Beauvoir (1980) conclui que nenhuma das teorias mencionadas por ela (biologia, psicanálise e materialismo histórico) são suficientes para explicar a submissão da mulher, pois os valores atribuídos a ela advêm de um projeto patriarcal. Beauvoir (1980) inicia seu texto com a seguinte frase: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1980, p. 9). Diante dessa declaração, ela reafirma que a mulher não é definida por aspectos biológicos, psíquicos

ou econômicos. Ela é definida por um “conjunto de civilizações”; o que faz com que a mulher seja uma mulher são as condições de opressão as quais ela é submetida.

Ao homem foram garantidos vários privilégios ao longo da história e que levaram a mulher ao lugar de inferioridade. A gravidez, por exemplo, nas sociedades primitivas, era vista como um fator que diminuía a capacidade produtiva das mulheres, condenando-as a um período de impotência. A sociedade patriarcal surgiu, como já visto, quando os filhos passaram a ser vistos e valorizados como mão de obra, como uma propriedade privada.

[...] nas comunidades agrícolas a mulher adquire muitas vezes extraordinário prestígio. Esse prestígio explica-se essencialmente pela importância recente que assume a criança numa civilização que assenta no trabalho da terra. Instalando-se num território, os homens se apropriam dele; a propriedade aparece sob forma coletiva; exige de seus proprietários uma posteridade; a maternidade torna-se uma função sagrada (Beauvoir, 1970, p. 87).

Os homens começaram a escravizar outros homens, enquanto a mulher perdeu o direito ao trabalho, sendo designada a ela somente a função de gerar filhos. Ela passou, portanto, a ser vista como propriedade do homem. Beauvoir (1970) destaca que a entrada de algumas mulheres, geralmente pertencentes à elite, no mundo intelectual das artes e das letras entre os séculos XV e XIX e o acesso à educação, a partir do século XVIII, permitiram que elas passassem a questionar sua condição na sociedade.

[...] o papel desempenhado pelas mulheres nos salões é considerável; não estando empenhadas na construção do mundo, têm lazeres para se dedicar à conversação, às artes, às letras; sua instrução não é organizada, mas através de reuniões, de leituras, do ensino de professores particulares, chegam a adquirir conhecimentos superiores aos de seus maridos [...] (Beauvoir, 1970, p. 134).

Ao tornar-se operária, a mulher também passou a ter uma percepção maior sobre si e sobre seu papel social de inferioridade. Ela, então, buscou tentar agradar o homem, sujeito privilegiado socialmente, com o intuito de, por meio do apoio masculino, passar a atuar na sociedade. “Disso decorre que a mulher se conhece e se escolhe, não tal como existe para si, mas tal qual o homem a define” (Beauvoir, 1970, p. 134).

Auad (2003) esclarece que, assim como o patriarcado, o conceito de “relações de gênero” ou “gênero” é importante para entender a desigualdade entre homens e mulheres. Falar sobre gênero vai além de falar a respeito das relações biológicas entre homens e mulheres.

Gênero não é apenas sinônimo de sexo, masculino ou feminino. Gênero também é o conjunto de expressões daquilo que se pensa sobre o masculino e o feminino. Ou seja, a sociedade constrói longamente durante os séculos de sua história, significados, símbolos e características para interpretar cada um dos sexos. A essa construção social dá-se o nome de ‘relações de gênero’ (Auad, 2003, p. 57).

Graças a esse modo como as pessoas tendem a perceber os gêneros feminino e masculino na sociedade, acredita-se que homens e mulheres devam agir de determinadas

maneiras. Espera-se que as mulheres sejam mais educadas, delicadas, preocupadas com aparência e sensíveis, enquanto os homens devam ser mais agressivos, corajosos, fortes e despreocupados com aparência. Vale ressaltar que tais características não são naturais ao ser humano, e sim constituídas à medida que ele convive em sociedade (Auad, 2003).

De acordo com Auad (2003), ao nascer homem ou mulher na sociedade, deve-se negar as características do sexo oposto. Ambos os sexos são vistos como polos opostos, nesse caso, podemos pensar que homens e mulheres são marcados por identidades diferentes. Acredita-se que mulheres sejam frágeis, passivas, meigas e cuidadosas com as pessoas. Os homens, por outro lado, são associados ao empreendedorismo, agressividade, à força e à coragem. Assim, meninos devem rejeitar em sua personalidade características consideradas femininas da mesma forma que meninas devem rejeitar em sua personalidade o que é considerado masculino. Qualquer comportamento que fuja dessas regras é visto de maneira preconceituosa pela sociedade. Em contraposição a isso, o feminismo defende que homens e mulheres devem possuir direitos iguais e liberdade para agirem como quiserem.

Alves e Pitanguy (1985) também falam sobre o comportamento “feminino” e o “masculino” serem impostos no processo de socialização.

A menina, assim, aprende a ser doce, obediente, passiva, altruísta, dependente; enquanto o menino, aprende a ser agressivo, competitivo, ativo, independente. Como se tais qualidades fossem parte de suas próprias “naturezas”. Da mesma forma, a mulher seria emocional, sentimental, incapaz para as abstrações das ciências e da vida intelectual em geral, enquanto a natureza do homem seria mais propícia à racionalidade (Alves; Pitanguy, 1985, p. 55-56).

Beauvoir (1980) esclarece que, desde crianças, homens e mulheres recebem tratamentos diferentes. O processo de desmame de ambos, por exemplo, ocorre de forma distinta. O menino é desmamado, geralmente, abruptamente; já com as meninas, o processo é um pouco mais longo e ocorre delicadamente. Aos meninos são recusados carinhos, às meninas não. “Um homem não pede beijos... um homem não se olha no espelho... Um homem não chora’, dizem-lhe” (Beauvoir, 1980, p. 12).

Desde seus primeiros anos de vida, a menina é educada para ser passiva, é ensinada a agradar e renunciar a sua autonomia. O menino, em contrapartida, é estimulado a ser independente, a subir nas árvores, a enfrentar os amigos em jogos violentos, a inventar. As histórias contadas às crianças também estabelecem diferenças entre elas. Aos meninos são contadas histórias repletas de ação, às meninas são contadas histórias românticas. Tais histórias exaltam a masculinidade. Além disso, serviços domésticos são destinados à menina. Esse fato não ocorre com os meninos. Isso faz com que a menina tenha menos tempo para se dedicar à vida intelectual.

Tratam-na [a menina] como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito: se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino (Beauvoir, 1980, p. 22).

Durante a juventude, o menino é instigado a produzir, enquanto a menina é estimulada a se preocupar com seu corpo, como se ele fosse o centro de suas realizações. A autora fala sobre a importância em tratar meninos e meninas como iguais. Uma educação que visasse à igualdade seria capaz de ressignificar o lugar da mulher no mundo. Beauvoir (1980) ressalta que homens e mulheres são diferentes, no entanto são as instituições que atribuem para eles a relação de opressão. “Em verdade, assim como biologicamente machos e fêmeas nunca são vítimas um do outro mas, juntos, da espécie, assim também os esposos suportam juntos a opressão de uma instituição que não criaram” (Beauvoir, 1980, p. 246). Somente por meio da libertação das mulheres, é possível estabelecer relações “verdadeiras” entre homens e mulheres.

Perrot (2007) defende que o corpo da mulher é construído na história. Ao falar sobre gênero, fala-se também sobre corpos, pois, de acordo com a autora, no corpo, estão fixadas as ideias da sociedade sobre o que é ser homem ou mulher em determinado tempo histórico. Segundo Goellner (2010, p. 72), “[...] não é algo que *temos*, mas algo que *somos*”. O corpo não é apenas matéria biológica, ele é construído na relação entre natureza e cultura. Falar sobre o corpo das pessoas implica em falar sobre a subjetividade de cada uma delas. O corpo é resultado de “[...] uma construção cultural sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc.” (Goellner, 2010, p. 73). Vale lembrar que, mesmo as necessidades biológicas, como o ato de se alimentar, sofrem influências sociais. As pessoas, por exemplo, dependendo das culturas às quais pertencem, tendem a ingerir alimentos diferentes. O corpo também reflete costumes do tempo em que foi produzido. A autora menciona o uso do espartilho para fins estéticos e que já não faz parte da rotina das mulheres, como fez entre os séculos XIX e XX. Atualmente, as mulheres são submetidas a outros tipos de constrangimentos corporais.

De acordo com Goellner (2010), à luz da teoria feminista pós-estruturalista, não existe binarismo entre masculinidade e feminilidade, já que, por não haver uma essência *a priori* que determina essas identidades, ambas se definem de maneira recíproca. Para ela, não pode existir uma categoria homem e uma mulher isoladamente, pois não há um único tipo de homem ou mulher. Ao invés disso, existem homens e mulheres (sujeitos plurais), visto que pertencem a religiões, etnias e classes sociais diferentes. Um homem pobre e negro possui marcas em seu corpo diferentes das marcas presentes no corpo de um homem branco e rico, por exemplo. O

corpo é educado nos mais diversos espaços de socialização. As recomendações giram em torno das “formas de ser, de parecer e de se comportar” (Goellner, 2010, p. 74). Os corpos são diferentes, assim como os gêneros e as sexualidades que nele se inscrevem e formam a identidade dos sujeitos. *Gênero* e *sexo* são termos com significados distintos. “Por *gênero* entende-se a condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos. É diferente de *sexo*, termo usado para identificar características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa” (Goellner, 2010, p. 75).

De acordo com Scott (1995), o termo *gênero* foi empregado de diversas formas através dos séculos. Mais recentemente, ele passou a ser utilizado pelas feministas, possivelmente as americanas, como uma forma de fazer alusão à organização da relação entre os sexos estabelecida socialmente. Elas faziam uso da palavra para indicar que rejeitavam que *sexo* ou *diferença sexual* eram determinados biologicamente. Algumas feministas se preocupavam com a ideia de que os estudos sobre mulheres focassem a mulher sem levar os homens em consideração. Tal preocupação advinha da ideia defendida por elas de que, para compreender um dos sexos, era necessário considerar o outro. Essas feministas passaram a usar o termo *gênero* para introduzir, no vocabulário analítico das pessoas, a noção de relação.

Esse termo também era proposto pelas feministas que afirmavam que a pesquisa sobre mulheres seria revolucionária para os paradigmas disciplinares. Ao usarem o termo em questão, elas estariam acrescentando um novo tema de pesquisa e iriam impor uma reavaliação das premissas e dos critérios do trabalho científico existente. O *gênero*, nesse caso, seria desenvolvido como uma categoria analítica. Segundo Scott (1995), muitas vezes, o *gênero* é teorizado de forma limitada. Há teorizações que explicam o termo *gênero* por meio de generalizações reduzidas ou simplificadas. O termo é simplificado, por exemplo, quando utilizado como sinônimo de *mulheres*. Em virtude da neutralidade e objetividade de tal termo em comparação ao termo *mulheres*, seu uso busca agregar erudição e seriedade aos trabalhos, agregando legitimidade acadêmica aos estudos feministas.

Esse termo também é utilizado para sugerir que o estudo sobre as mulheres implica em estudo sobre os homens e para indicar que os papéis a serem desempenhados por ambos os sexos são construídos socialmente. Scott (1995) alerta que os usos descritivos desse termo fazem parecer que ele está ligado somente às questões biológicas, ignorando as questões sócio-históricas. Por mais que se afirme que os estudos sobre gênero se pautam nas relações sociais entre os sexos, em seu uso descritivo, ele não se pauta em como as relações funcionam ou sobre como elas são construídas. A autora explica que “No seu uso descritivo, o termo ‘gênero’ é, então, um conceito associado ao estudo de coisas relativas às mulheres. ‘Gênero’ é um novo

tema, um novo domínio da pesquisa histórica, mas não tem poder analítico suficiente para questionar (e mudar) os paradigmas históricos existentes” (Scott, 1995, p. 76). Historiadoras e historiadores, cientes desse problema, buscavam fazer o uso de teorias capazes de explicar o conceito de gênero e suas mudanças históricas. Essas tentativas não foram bem-sucedidas, visto que acabaram enfraquecendo o poder analítico de algumas teorias. Scott (1995) resume três correntes de abordagens de gênero seguidas pelas/os historiadoras/es feministas. A primeira busca explicar as origens do patriarcado. A segunda está relacionada ao marxismo e a terceira à psicanálise. A terceira abordagem se inspira em duas escolas da psicanálise: a escola francesa (lacaniana) e a teoria anglo-americana. Scott (1995) busca explicar as limitações que cada uma dessas três abordagens impõe ao trabalho do historiador ou da historiadora. De acordo com ela, somente no final do século XX, o gênero passou a ser estudado como categoria analítica.

Scott (1995) explica qual é a sua “definição de gênero”. Essa definição se divide em duas partes e subconjuntos interrelacionados, que devem ser diferenciados de forma analítica. A autora esclarece que o núcleo de sua definição de gênero se sustenta na ligação de duas proposições:

(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional (Scott, 1995, p. 86).

Ao atentar-se que o gênero é um elemento formador das relações sociais estabelecidas por meio das diferenças, Scott (1995) lista quatro elementos interrelacionados ligados ao gênero:

- 1) Os símbolos evocadores de representação simbólicas que, na maioria das vezes, são contraditórias. São levadas em consideração, nesse caso, os tipos de representação e o contexto em que elas surgem. Maria e Eva são mencionadas como exemplo. Para os cristãos ocidentais, elas são símbolos da mulher, assim como as características como a inocência e a corrupção.
- 2) Os conceitos normativos que interpretam os significados dos símbolos buscam estabelecer limites para as possibilidades metafóricas de tais significados. Esses conceitos normativos se apoiam em uma oposição binária fixa para estabelecer o que é ser homem e o que é ser mulher. Essas afirmações rejeitam outras possibilidades de alternativa à medida que a afirmação dominante é declarada como a única. Embora sejam fruto de conflitos, essas posições normativas são divulgadas posteriormente como advindas de um consenso social (isso pode ser relacionado com a ideia de naturalização e normalização de que fala Silva, Tomaz (2012)). A nova pesquisa histórica busca acabar com essa noção de fixidez e descobrir como surgiu o

debate ou a repressão que agrega a representação binária de gênero à aparência de uma permanência intemporal.

3) O tipo de análise aludida anteriormente deve incluir uma concepção de política e fazer referência às instituições e à organização social.

4) A identidade subjetiva atribuída ao conceito de gênero. Nesse caso, Scott (1995) reconhece a importância da psicanálise. A teoria de Lacan pode ajudar nas reflexões a respeito da formação da identidade generificada. No entanto, os historiadores deveriam trabalhar segundo uma perspectiva mais histórica.

A primeira parte da definição de gênero feita por Scott (1995) é formada por esses quatro elementos, sendo que eles são interdependentes e não operam simultaneamente: um não é o reflexo do outro. Os apontamentos sobre a formação de relações de gênero poderiam, de acordo com ela, ser usados para estudar diversos processos sociais, entre eles, a etnia, a raça e a classe. Na segunda proposição, desenvolve uma teorização de gênero. Scott (1995, p. 88) pensa o gênero como: “[...] um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”. Essa proposição não pode pertencer à parte norteadora da argumentação da autora, pois, apesar de os conceitos de poder se basearem no gênero, às vezes, não se refere ao gênero em si mesmo. O gênero é estabelecido em um conjunto objetivo de referências e seus conceitos estruturam a vida social simbólica e concretamente. “Na medida em que essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferenciado aos recursos materiais e simbólicos), o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder” (Scott, 1995, p. 88). Quando se busca entender como o conceito de gênero constrói as relações sociais e as tornam legítimas, compreende-se: “[...] a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares e contextualmente específicas pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política” (Scott, 1995, p. 89).

Embora existam diversas áreas na qual se pode utilizar o gênero para análise histórica, Scott (1995) focaliza a política e traz exemplos ligados à política e ao poder, enfatizando o governo Estado-nação. Ela justifica essa escolha elencando dois motivos: 1) pouco se fala sobre tal relação, pois o gênero não é considerado como uma tarefa séria da verdadeira política; 2) a história política resiste à inclusão de materiais sobre gênero. Na teoria política, utiliza-se o gênero para criticar ou justificar os governos e as relações entre governantes e governados. Segundo Scott (1995, p. 90), “[...] as mudanças nas relações de gênero podem se produzir a partir de considerações sobre as necessidades de Estado”. Decisões políticas, como o impedimento do trabalho assalariado das mães, foram tomadas por governantes, visando uma

construção e consolidação do poder dos homens. A diferença sexual foi utilizada como justificativa para dominar e controlar as mulheres.

Scott (1995, p. 93) denomina “homens” e “mulheres” como sendo concomitantemente “categorias vazias e transbordantes”. Elas são “Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas” (Scott, 1995, p. 93). Para a autora, a História é vivenciada no campo do gênero. Ele é um elemento capaz de gerar novas questões e novas respostas para questões antigas. Por meio dos estudos sobre gênero, sujeitos que não são destacados em análises tradicionais ganham visibilidade. Scott (1995) busca demonstrar que o gênero é uma categoria útil de análise histórica e que essa categoria deve ser integrada às pesquisas, abordando não só igualmente política relacionada ao sexo, mas também as questões sobre classe e raça.

#### 4.4.3 Representação Feminina de Anne Frank

A identidade feminina de Anne Frank destaca-se o diário em quadrinhos. De acordo com Butler (2003), a identidade feminina requer que se pense a representação, questionando o que se presume na teoria do feminismo de que a categoria das mulheres possui uma identidade totalmente estabelecida. Tal identidade deflagra em seu próprio discurso os interesses e objetivos das mulheres, formando o sujeito, baseando-se na representação política almejada.

Por um lado, a *representação* serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres (Butler, 2003, p. 18).

Para a teoria feminista, foi necessária a criação de uma linguagem capaz de representar adequadamente as mulheres, a fim de que elas conquistassem visibilidade política. No entanto, Butler (2003) esclarece que a relação existente entre o feminismo e a política passou a ser questionada pela própria teoria feminista. Tal questionamento gira em torno do sujeito das mulheres, o qual não é um sujeito estável ou permanente.

A representação política e linguística estabelece como o sujeito é formado, também envolvendo a expansão da representação desse sujeito. Assim, a representação política e linguística estabelece, por meio de proibições, limitações e regulamentações, o que é o sujeito mulher, para que possa ser representado. O sujeito mulher é discursivamente constituído e

repreendido pelo sistema político que devia promover sua emancipação. Nesse sentido, Butler (2003) alerta sobre as reflexões que devem ser feitas pela teoria feminista.

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação (Butler, 2003, p. 19).

Diante da repressão e desvalorização que as mulheres sofreram ao longo dos séculos, observamos que o feminismo contribuiu de forma significativa para que as mulheres conquistassem vários direitos, como o direito ao voto. No entanto, ainda há muito a ser conquistado por elas. Como expõe Butler (2003), a libertação da repressão causada pelas estruturas de poder política e linguística exercidas sobre a representação do que é ser mulher deve ser um dos principais objetivos do movimento feminista.

Como vimos por meio dos estudos de Alves e Pitanguy (1985), Auad (2003), durante a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945), enquanto os homens assumiram a função de soldados e foram participar dos combates, muitas mulheres assumiram cargos em fábricas que, até o momento, eram ocupados pelos homens. Porém o salário destinado a elas era inferior ao deles. Por meio dos estudos de Auad (2003), notamos que a contratação de mulheres não ocorreu pelo reconhecimento de seus méritos, e sim pela falta de opção de mão de obra. Assim que os homens retornaram da guerra, buscou-se convencer as mulheres de que sua função era cuidar do lar, para que, assim, os homens voltassem a ocupar seus antigos postos no mercado de trabalho.

## Fragmento 4.12 — A busca por direitos iguais

Uma das muitas perguntas que me incomodam é por que as mulheres eram vistas, e ainda são, como inferiores aos homens. É fácil dizer que isso é injusto, mas não basta; eu realmente gostaria de saber o motivo dessa grande injustiça.



Provavelmente os homens dominaram as mulheres desde o início por causa da força física. As mulheres aceitavam isso em silêncio, o que era algo estúpido.



Soldados e heróis de guerra são homenageados e condecorados, exploradores recebem fama imortal, mártires são reverenciados...

Mas quantas pessoas veem as mulheres também como soldados? As mulheres, que sofrem e suportam a dor para garantir a continuação de toda a raça humana, seriam soldados muito mais corajosos do que todos aqueles heróis falatrões, que dizem lutar pela liberdade, juntos. Para os homens é fácil falar – eles não suportam nem nunca terão de suportar os fardos da mulher!



Felizmente, a educação, o trabalho e o progresso abriram os olhos das mulheres. Em muitos países, elas adquiriram direitos iguais; muitas pessoas percebem agora como foi errado tolerar essa situação durante tanto tempo. As mulheres modernas querem o direito de ser completamente independentes!



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 143).

No fragmento 4.12, Anne refletiu sobre o papel da mulher na sociedade. O fragmento é composto por cinco vinhetas. Na legenda inicial, Anne relatou que era injusto que as mulheres fossem vistas como inferiores aos homens. Na primeira vinheta, ela afirmou que, nos primórdios da humanidade, as mulheres devem ter sido dominadas por meio da força física dos homens. Ao terem aceitado o estado de subordinação, elas agiram de forma “tola” na visão de Anne. Nessa vinheta, o homem foi exposto de acordo com a representação estereotipada do homem das cavernas (homem com pelos no corpo, robusto, com expressão facial intimidadora

e munido de um bastão de madeira). Na vinheta seguinte, as personagens que moravam no Anexo Secreto foram representadas como pessoas que viveram nas cavernas. Na ocasião, os homens (Peter, Otto, Hermann e Dussel) se alimentavam, enquanto as mulheres (Anne, Margot, Edith e Auguste) os observavam. Otto, por meio do balão-fala, ofereceu comida às mulheres, mas Edith recusou dizendo que elas se contentavam em vê-los se alimentando. Observamos que Anne via o pai como uma pessoa bondosa. Por isso, em sua imaginação ele ofereceria comida às mulheres. Quanto à mãe, era vista como uma esposa que buscava agradar o marido a todo o momento. Diante disso, Anne imaginou que a mãe agiria de forma submissa. Na cena, Auguste e Margot não pareciam discordar da declaração feita por Edith. Anne, em contrapartida, foi representada com uma expressão facial que indicava desaprovação.

Na terceira vinheta, foi exposto novamente um homem, agora representado como um soldado. Notamos que a primeira e a terceira vinheta têm semelhanças: os dois homens possuem as mesmas expressões faciais e gestuais e portam objetos que remetem ao combate. Além disso, as duas vinhetas apresentam a mesma configuração visual (contornadas na parte inferior, com legendas abaixo do contorno). Percebemos que o homem evoluiu da primeira para a terceira vinheta (a arma portada pelo segundo homem, por exemplo, é mais potente do que a transportada pelo primeiro) e que, entre essa evolução, na segunda vinheta, há o sacrifício das mulheres. Na quarta vinheta, elas foram representadas como meras procriadoras. O papel da mulher era o de formar o exército masculino. Diante da guerra, os filhos iam para o combate independentemente da vontade das mães. Na legenda da vinheta, Anne expôs sua opinião: as mulheres deveriam ser reconhecidas como soldados corajosos que dão sequência à raça humana. Isso acarretaria uma mudança na representação de soldado. Ele, que é representado, geralmente, pela figura masculina, fardada e participativa de combates físicos, seria, agora, representado pela figura da mulher, da mãe, àquela que gera a vida e não pode ser vista uma "máquina reprodutora" a serviço do homem, sobretudo do homem em guerra.

A mulher era e é muito mais que isso. Enquanto os homens se ausentavam para lutar, elas, como já apontado, assumiam os serviços nas fábricas, cuidavam de suas casas, educavam seus filhos pequenos e ainda precisavam lidar com o retorno incerto de seus filhos e maridos — soldados que estavam em combate. Isso se relaciona com os pensamentos de Scott (1995), Butler (2003) e Auad (2005) sobre relação de poder em que os homens são considerados superiores às mulheres: os homens foram exercer sua força superior (a representação de guerreiro), enquanto as mulheres foram posicionadas temporariamente como suas substitutas. Quando, na verdade, elas eram a base sólida que tentava manter tudo em perfeita ordem até o retorno deles. Tudo isso, sem terem suas tarefas reconhecidas e sendo obrigadas a abdicarem

de seus empregos nas fábricas assim que eles retornassem para ocuparem seus antigos cargos ou para assumirem novos cargos que já lhes pertenciam desde o nascimento pelo simples fato de serem homens. Sob essa perspectiva, como declara Scott (1995), as relações de gênero são mediadas por quem tem mais direito, mais prestígio e é tido como mais importante, o homem.

Na quinta vinheta, percebemos o entendimento de que Anne tinha sobre a importância da educação na evolução do ser humano. Ela também mencionou o trabalho e o progresso como incentivadores para as mulheres buscarem, cada vez mais, seus direitos. A personagem falou sobre existirem direitos iguais para homens e mulheres e, por fim, defendeu o direito à independência das mulheres. Na vinheta, os homens ocuparam o lugar considerado pela sociedade como pertencente às mulheres, amamentar e cuidar dos filhos. A mulher, em contrapartida, assumiu o papel de líder, desempenhado primordialmente pelo homem. O formato das duas últimas vinhetas é igual: as duas possuem o mesmo tamanho e apresentam legenda contornada com fundo esverdeado na parte superior. Esse fato permite o destaque para os elementos dispostos em seus interiores: a mudança do papel social desempenhado pelas mulheres — um ponto revolucionário — um agir baseado na inversão de papéis representados por mulheres e homens.

No diário em quadrinhos, Edith perguntava frequentemente para Anne com quem ela se casaria. Outras personagens também falavam sobre a necessidade do casamento na vida da mulher. Como já mencionado, ao receber um livro de Dussel e dizer que não havia gostado do presente (fragmento 4.2, p. 183) Anne foi “taxada” como uma garota que agia como uma pessoa idosa. Nesse caso, a representação feminina visual da personagem, disposta no diário em quadrinhos, se aproxima da representação de uma menina e não de uma senhora. Os autores do diário em quadrinhos, Folman e Polonsky, buscaram elaborar a personagem em consonância com as características visuais da Anne Frank real, cuja fotografia pode ser observada na figura 1 (p. 15). Após Dussel comparar as atitudes de Anne com as de uma pessoa idosa, Auguste, que também estava participando do diálogo, afirmou que, em vinte anos, a garota teria dificuldade para se interessar por alguém, pois era muito crítica. Anne deveria, com isso, se casar imediatamente. Observamos, assim, a importância que era atribuída ao casamento, visto que, a fim de não ficar solteira para o resto de sua vida, Anne deveria se casar aos 13 anos de idade, aproveitando sua aparência jovem. Diante da fala da senhora van Daan, Anne se imaginou recusando pretendentes intelectuais e famosos. A imaginação com esse tipo de pretendente a marido pode estar vinculada ao fato de Anne desejar um protagonismo de reconhecimento.

Dussel completou a fala da mulher dizendo que, em 20 anos, ninguém se interessaria pela menina. Ao contrário de Edith, na posição de homem, para Dussel, Anne não escolheria

um marido, mas seria escolhida. Ao ouvir os comentários feitos pelo dentista, Anne imaginou casando-se com um judeu idoso. Isso pode ser visto como uma reafirmação da tradição: judeu casando-se com judeu. Esse fato remete a um certo essencialismo já citado anteriormente. Entretanto, isso não era uma norma, era uma forma de preservar a cultura judaica e não uma maneira de demonstrar ódio por outros grupos, como os nazistas fizeram com os judeus. Em alguns momentos da narrativa, Anne mencionou seus admiradores (como no fragmento 1.1 (p. 25) e meninos por quem ela se interessou afetivamente, sendo um deles Peter van Daan. A menina se imaginou, inclusive, passeando pelas ruas de mão dadas com ele. Ela também se mostrou feliz diante da ideia de uma mulher gerar filhos. Ao ouvir, pelo rádio, a notícia de que a princesa Juliana estava grávida, Anne ficou empolgada e imaginou-se sentada ao lado da princesa em uma carruagem, segurando o pequeno príncipe em seus braços. Durante a narrativa, Anne não falou o que pensava sobre o casamento. No entanto, foi possível inferirmos que, indiferentemente de seu estado civil, ela almejava ser independente. No diário, vemos a defesa à liberdade feminina. Portanto, a representação feminina de Anne também passa por pensar na liberdade de escolha, na existência de escolhas que possam ser feitas livremente, sem pressão sócio-normativa. Isso era um desejo de Anne, pois a guerra impediu tudo isso e outros direitos ao povo judeu.

### Fragmento 4.13 — Uma mulher autônoma



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 135).

No fragmento 4.13, Anne relatou sobre ter uma vida diferente da que outras garotas tinham. Como expomos em “3.2 DIÁRIO EM QUADRINHOS PUBLICADO NO FORMATO DE NOVELA GRÁFICA” (p. 93-108), após saber que relatos sobre a guerra seriam publicados, a menina passou a escrever em seu diário com o intuito de torná-lo público. Em alguns momentos da narrativa, ela falou sobre o sonho de se tornar jornalista e escritora, chegando a esboçar um livro a respeito da senhora van Daan. Ao dizer, no fragmento 4.13, que não gostaria de se tornar uma dona de casa comum, provavelmente Anne estava se referindo ao fato de querer exercer uma profissão remunerada: ser jornalista. Cabe esclarecermos que ser dona de casa também exige muito

empenho da mulher e toda mulher deve ter o direito de escolher quais tarefas quer desempenhar. O problema ocorre quando ser dona de casa torna-se uma imposição. Era isso que ocorria na época em que Anne estava escrevendo, a dona de casa era representada como incapaz de executar tarefas remuneradas, assim como, não se reconhecia a dedicação que o cuidado com o lar e filhos exigem da mulher. Ser dona de casa era uma obrigação da mulher, era renunciar a seus próprios desejos para cumprir um padrão esperado e cobrado pela sociedade. Beauvoir (1980) afirma que a única forma de uma mulher se tornar independente é por meio da conquista de uma vida financeira autônoma. O fato de Anne querer ser jornalista se sustenta na caracterização visual da personagem exposta no fragmento e pelo espaço físico em que ela se encontrava. Os cabelos presos, o uso de brinco e *blazer* fez Anne parecer uma mulher adulta. Os óculos e o broche reforçam a ideia de intelectualidade, contrapondo-se à ideia de que a mulher era intelectualmente inferior ao homem. Sua postura era assertiva, ereta, demonstrando confiança em si mesma. Nesse caso, a personagem retratada em plano de visão médio (exposta da cintura para cima), focalizando na forma em que Anne estava sentada, auxilia na construção da representação de uma mulher responsável, madura e bem-sucedida (não no sentido de ter um bom salário ou exercer uma profissão de prestígio, mas de ter realizado seus sonhos). Ela estava em um escritório e, sobre a mesa, havia uma máquina de escrever e papéis onde constavam anotações, ou seja, instrumentos de trabalho utilizados por pessoas que exercem profissões como o jornalismo. Ao fundo de Anne, exibidos nas paredes da sala, havia vários jornais que difundiam os fatos sucedidos no Anexo Secreto. Tais acontecimentos foram mencionados ao longo da narrativa do diário em quadrinhos. Os jornais, possivelmente, seriam fruto do trabalho da jornalista, Anne Frank. Notamos que, ao expor a vinheta ocupando uma página inteira do diário em quadrinhos, destacou-se o quanto Anne desejava ser uma mulher independente.

A imaginação da personagem deixa transparecer a ideia que ela tinha de mulher moderna, uma mulher que possuía autonomia financeira e de escolhas. Em outro momento da narrativa, ela afirmou que não queria ser dependente da figura masculina como sua mãe era. Como visto, na segunda vinheta do fragmento 4.13, é perceptível que a ideia de submissão não agradava a menina. Do mesmo modo, ela não queria que um homem dependesse dela. A menina relatou que, quando percebeu que Peter estava começando a tornar-se dependente dela, passou a tentar encontrar uma maneira de fazer com que ele se tornasse independente. Anne queria conquistar seu lugar no mundo por si mesma e não em relação ao homem, ela queria ser protagonista de sua vida, de suas escolhas.

Quanto à relação entre Anne e Edith, como já visto, não era apenas em relação à representação de esposa que Anne não se identificava com a mãe, mas também em relação à representação de mãe. A menina não via sua mãe como um modelo de mulher a ser seguido. Cabe destacarmos que isso não significa que Anne não sentia afeição por sua mãe. Como filha, ela esperava que a mãe fosse amorosa, carinhosa e participativa em sua vida. Edith se preocupava com a educação das filhas, mas isso não era o bastante para Anne, pois ela não supria sua carência afetiva. Edith desempenhava a função de tentar moldar a forma de agir de Anne, seguindo a maneira como a sociedade esperava que uma “boa moça” agisse. Conversar sobre sexo, por exemplo, aos olhos da senhora Frank, não era atitude de meninas, principalmente se a conversa fosse estabelecida com um garoto. Como visto em Beauvoir (1970; 1980), Alves e Pitanguy (1985), Auad (2003), não era esperado que meninas falassem sobre sexualidade. Anne, por outro lado, não via problemas em falar sobre esse assunto com as pessoas. Ao longo da narrativa, a menina fez comentários sobre o corpo feminino e conversou com Peter sobre os nomes dos órgãos sexuais. Ela admirava como tudo é bem-organizado no corpo da mulher. Ao se imaginar explicando para Peter sobre como o sistema reprodutor feminino funciona, Anne mencionou que ela não entendia, até seus 12 anos, como era composto o órgão sexual e o sistema reprodutor da mulher e que, quando ela questionava a mãe sobre isso, a mãe dizia não saber responder suas perguntas. Para Anne, a Edith falava isso para não ter que conversar sobre o assunto com ela, pois era tabu falar sobre sexo com os filhos. Apesar de não obter esclarecimentos por meio de conversas com a mãe, a curiosidade de Anne a fez encontrar outras formas de se informar sobre o funcionamento de seu corpo, em livros.

No fragmento 3.7 (p. 117), após conversar com Peter sobre puberdade e sonhar com seu antigo amor, Petel, Anne, ao se olhar no espelho, aparentou ter se visto pela primeira vez. Nesse sentido, a conversa sobre a puberdade parece ter despertado Anne para que ela reconhecesse que, embora considerasse seu comportamento infantil em alguns momentos, como visto em “4.1 FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO IDENTITÁRIA, A BUSCA PELA COMPLETUDE” (p. 173-184), ela já não era mais uma criança. Ao ver seu reflexo no espelho, ela pensou “essa sou eu?” O balão-pensamento foi utilizado para a exposição do pensamento da menina. O balão-legenda também aparece no fragmento, que foi utilizado para apontar detalhes na aparência de Anne: os olhos brilhantes e as bochechas coradas. Por meio da expressão facial da personagem (cantos da boca projetados para cima indicando sorriso), notamos a aparência que Anne viu refletida no espelho a agradou. Nesse caso, a aparência, que é uma representação visual, possibilita ao leitor entender Anne. Ela havia se tornado uma adolescente, uma mulher.

A amizade entre os jovens que lutavam pela sobrevivência diante do nazismo, tornou-se um namoro. Diante disso, Otto estabeleceu regras à filha.

**fragmento 4.14** — O agir de uma “boa moça”



Fonte: Folman e Polonsky (2018, p. 132).

No fragmento 4.14, visualizamos as regras direcionadas a Anne estabelecidas por Otto: ela não deveria ir ao quarto de Petter com frequência; não deveria provocar o garoto mais do que pudesse controlar; e ela deveria ter em mente que, na conquista, é o homem que assume o papel ativo, cabendo à mulher lhe impor limites. Novamente, notamos uma relação com os estudos de Beauvoir (1970; 1980), Alves e Pitanguy (1985) e Auad (2003): Otto esperava que Anne desempenhasse o papel de passividade e, ao mesmo tempo, de forma implícita de sedução e controle da situação.

Como visto anteriormente, Goellner (2010) afirma que o corpo é educado em vários meios sociais. No diário em quadrinhos, o corpo de Anne foi educado de acordo com padrões patriarcais. O corpo dela é marcado por conflitos, entre quem ela é e quem esperam que ela seja. Ele é representado como um corpo aprisionado em um esconderijo secreto, o Anexo, e em convenções sociais. Anne, como apontamos no fragmento 3.3 (p. 105) e no fragmento anterior,

assemelha-se a um pássaro que quer ser livre (poder fazer suas próprias escolhas), que nasceu para ser como tal, mas está presa em uma “gaiola” de imposições.

Retomando os dizeres de Beauvoir (1980), sobre as condições de opressão que definem a mulher, na HQ, percebemos que as regras impostas pelo pai reafirmam a condição de Anne como mulher inserida em uma sociedade patriarcal. Os sinais de trânsito na coloração vermelha e a gaiola que aparecem no fragmento anterior, representam a proibição e a restrição da liberdade. Observamos que Peter também estava aprisionado como Anne e isso pode remeter ao leitor, uma ideia de igualdade. Entretanto, caso o romance dos dois acabasse, seria Peter que poderia se machucar, isso aos olhos do pai de Anne, outro homem.

A menina rebelou-se contra a imposição de regras estabelecidas pelo pai, enviando-lhe uma carta. No texto, ela informou a ele que, após passar noites chorando, havia notado que não precisava mais do apoio das pessoas. Ela sabia que o pai esperava que ela agisse como se espera que aja uma menina de 14 anos, porém todos os problemas pelos quais ela passou fizeram-na crescer. Diante disso, ela afirmou que não devia ser vista mais como uma menina de 14 anos.

Anne, provavelmente baseada em uma das falas do pai, em que ele disse a ela que os filhos deveriam se criar sozinhos, cabendo aos pais somente o papel de conselheiros, ao pensar na relação conturbada que tinha com sua mãe, decidiu que teria que traçar seu próprio caminho. Cada pessoa, de acordo com ela, deveria formar seu próprio caráter e sua própria forma de ver e viver a vida. Na carta que escreveu a Otto, Anne retomou essa ideia, dizendo que havia se tornado independente tanto em relação ao corpo, quanto ao pensamento, e que só precisava justificar seus atos para si mesma. Notamos um conflito na formação e transformação identitária de Anne, pois, embora afirmasse que não se importava mais com a aprovação das pessoas e tentasse impor seus pensamentos ao pai, ela fez isso por meio de uma carta e não pessoalmente. Talvez, ela tenha optado por escrever uma carta porque estava com medo da reação do pai perante suas palavras. Ou ela estivesse com vontade de falar e, como não era domingo, tinha medo de ser ouvida pelos trabalhadores da fábrica. O silêncio era necessário. A afeição que a menina tinha pelo pai fazia com que a opinião dele fosse mais relevante para ela do que a opinião de outras pessoas.

Anne relatou em seu diário que enfrentava a vida com coragem; sentia-se forte, jovem e livre. Ao dizer que se sentia livre, deixou transparecer novamente um conflito em sua formação e transformação identitária, pois, em vários momentos de seus relatos, ela falou sobre como era viver presa em um espaço físico como o Anexo Secreto e, de certa forma, presa, como visto anteriormente, no que seus pais e os outros moradores pensavam e esperavam dela. Ela

escreveu e refletiu sobre como era mais difícil para os jovens do que para os adultos viverem no Anexo. De acordo com ela, as pessoas tendiam a achar que os adultos enfrentavam maiores dificuldades no esconderijo, porém ela não concordava com essa ideia. Para Anne, os jovens, mesmo não estando prontos para enfrentar os problemas, tinham que conviver com eles, o que os obrigavam a tentar encontrar soluções. Os sonhos e as esperanças nutridos pelos jovens eram destruídos pela realidade. A personagem relatou que era difícil diante disso continuar acreditando em seus ideais, mas que ela resistia e sonhava poder realizá-los um dia.

No aniversário de 14 anos de Anne, Otto a presenteou com um poema de autoria própria. No texto, ele disse que sabia que a vida de Anne era difícil, pois todos estavam sempre lhe dizendo o que fazer. O que se esperava dos adultos, segundo Otto, era que eles transmitissem ensinamento aos jovens. Ele ainda disse que os adultos não viam os próprios defeitos, mas era fácil para eles verem os defeitos dos outros. De acordo com ele, o que restava à filha era se acostumar com o jeito rabugento dos adultos a fim de manter a paz no ambiente. Mas, para Anne, era difícil se acostumar a receber críticas negativas constantemente.

Quando Anne, por estar chateada com as críticas recebidas, trancou-se no quarto (fragmento 1.3, p. 41), Peter a defendeu dos comentários ácidos de sua mãe, Auguste, dizendo a ela que Anne era só uma criança. Edith afirmou que a filha precisava de disciplina. Otto sugeriu que os sedativos tomados por Anne fossem aumentados. Miep, entretanto, comprou um vestido novo para a menina, com o objetivo de tentar alegrá-la. Acreditava-se que um vestido novo era capaz de trazer felicidade a uma menina. Em dado momento da narrativa, Anne afirmou que gostaria de ter vestidos novos. No entanto, uma roupa nova não era o bastante para alegrar Anne naquela ocasião. Todas as pessoas que estavam ao redor da menina buscaram uma solução para acalmá-la, elas não notavam o que ela realmente queria: ter alguém que a compreendesse por perto. Diante da menção aos sedativos, podemos retomar o fragmento 3.13 (p. 149) para destacar que, durante um período, Anne teve a formação e transformação identitária de uma garota que estava passando por um período depressivo. A doença pode ter sido causada por todo o contexto de confinamento e opressão em que ela estava inserida e, apesar de estar sob interferência desses fatores, via-se como a única culpada pelo estado desanimador em que se encontrava. Como já dito, para ela, a doença provavelmente era fruto de sua covardia, sua falta de posicionamento diante dos julgamentos aos quais ela era submetida. Os julgamentos a faziam ficar confusa sobre como deveria agir com as outras pessoas.

A formação e transformação identitária de Anne, portanto, eram marcadas pelos conflitos. Como afirma Beauvoir (1970; 1980), tornar-se mulher é uma construção que ocorre

de forma conflitante. Observamos que as identidades da Anne são uma construção. Tais identidades não são formadas e transformadas de forma tranquila, e sim mediante conflitos que ocorrem entre Anne e os outros moradores do Anexo, entre ela e o próprio Anexo Secreto, entre ela e a guerra, que também é política, por ser efeito da política nazista. Tudo isso com poucas opções de escolha, prevalecendo a opressão vinda de várias ordens e lugares. Em meio a esses conflitos, a personagem se constituiu como Anne.

No dia primeiro de agosto de 1944, Anne Frank escreveu pela última vez em seu diário. Ela iniciou seu relato se autodefinindo como “um feixe de contradições”. Anne era dividida em duas. De acordo com a personagem, uma Anne buscava mostrar-se divertida e alegre para os outros. A outra era melhor que a primeira: era sentimental. No entanto, por medo de sofrer zombarias, ela não deixava que as pessoas conhecessem esse lado de sua personalidade. Essa Anne boa era a Anne que assim se reconhecia. E ela só aparecia quando a personagem estava sozinha. Anne relatou que buscava encontrar uma maneira de ser o que ela gostaria de ser e o que ela poderia ser, caso não houvesse outras pessoas no mundo.

No diário em quadrinhos, o fragmento 1.2 (p. 39) foi exposto após o término dos relatos de Anne. Desse modo, ele não faz parte da narrativa, mas foi a maneira que os autores, Folman e Polonsky, encontraram para representar Anne Frank como “um feixe de contradições”. No fragmento, observamos as diversas faces de Anne. Notamos que os sentimentos julgados como ruins não foram expostos separados dos sentimentos tidos como bons, as diversas Annes estão misturadas. Isso reafirma as identidades da personagem em constante formação e transformação. Anne, em alguns momentos, ficava irritada, alegre, emburrada, cansada, tristonha, reflexiva. Era sonhadora, charmosa, divertida e mal-humorada. Anne é representada com uma identidade complexa e multifacetada, podendo ser considerada, como mencionado, uma personagem redonda, isto é, com alto grau de complexidade, composta por muitas características, ainda podemos acrescentar, com múltiplas identidades.

Diante dos problemas e dos conflitos para colocar-se no mundo, Anne acabava recorrendo ao diário. Ela afirmou que fazia isso, pois Kitty era sempre paciente. Observamos que o diário é um objeto pertencente ao gênero masculino e que foi transformado por Anne em gênero feminino, a Kitty. Ela escolheu representar o objeto dessa forma, pois gostaria de ter uma amiga, alguém com quem ela se identificasse e que fosse semelhante a ela. Anne não encontrava a possibilidade de ter essa amiga em Margot. Mesmo que ambas fossem mulheres, a formação e a transformação identitária das irmãs eram diferentes. Essas diferenças fizeram com que elas fossem materializadas e representadas de forma distinta no diário em quadrinhos. Margot agia de acordo com o que a sociedade patriarcal esperava das mulheres, ela era delicada,

emocionalmente contida, raramente expressava suas opiniões, foi representada com os cabelos sempre alinhados e expressão facial que denotava tranquilidade, equilíbrio e sobriedade. Um rosto amigável que parecia estar, constantemente, de bom humor. Concomitantemente a isso, Anne demonstrava suas emoções e opiniões, era espontânea e, muitas vezes, impulsiva. A expressividade facial da personagem não seguiu um padrão, exaltando suas variações de humor, algo comum do ser humano. Os cabelos desalinhados também apareceram por diversas vezes na representação da personagem, característica que, unida às suas variações emocionais, remetem à ideia de uma identidade fluída, instável, que se alternava diante de cada situação vivida, uma identidade líquida, como a estudada por Bauman (2005).

Anne não se reconhecia nem em sua irmã, nem em sua mãe. A sociedade machista-patriarcal buscava aprisioná-la em um determinado comportamento e ela tentava fugir desse aprisionamento. A personagem não estava em conflito somente porque todas as pessoas possuem identidades conflitantes, como sugere Bauman (2005), Anne estava em conflito, porque ela queria ser diferente daquilo que tinha de exemplo dentro de sua família. Esses exemplos também são formas de representação que, por sua vez, influenciam o modo de conceber o mundo e nele agir, mais precisamente, o Anexo. Ser a Anne não era apenas ser adolescente, era ser adolescente mulher e isso tinha um peso social que se aflorou e destacou-se no interior do Anexo Secreto. O conflito na condição de sujeito da personagem tem a ver com o silenciamento da voz feminina. Esse silenciamento começou a ser rompido quando ela passou a escrever no diário. Anne não se rendeu ao contexto em que estava inserida. Ainda que não tenha resistido aos horrores do Holocausto, ela ganhou voz e fez com que essa voz fosse vivida eternamente por meio da publicação de seu diário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Anne Frank e outros seis milhões de judeus tiveram suas vidas ceifadas pelo massacre nazista. Eles foram silenciados durante um período marcado não somente pela ganância — cuja consequência foi a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) — mas sobretudo pelo antissemitismo (ódio, falta de respeito, sentimento de superioridade, intolerância social, cultural e religiosa), que resultou no Holocausto. Anne também foi silenciada, muitas vezes, no Anexo Secreto, à medida que todos lhes diziam como deveria ser, agir e pensar. Entretanto, ela se fez ser ouvida por meio de seus relatos. Como um grito ensurdecedor, a voz de Anne ecoou e continuará ecoando por anos, em diversas partes do mundo, traduzida em muitos idiomas e recriada a partir de várias linguagens, como a estudada nesta tese, a quadrinística.

Consideramos a HQ analisada como pertencente ao gênero diário em quadrinhos, visto que apresenta, em sua composição, características do gênero diário e a linguagem dos quadrinhos. Além disso, concluímos que ela foi publicada por meio de um formato editorial conhecido como novela gráfica. Ela expõe a representação de Anne de uma outra forma e contribui para lembrar os relatos da menina e conseqüentemente as dimensões da maldade humana motivada pelo preconceito.

Por meio da voz de Anne, eternizou-se a crueldade que o preconceito e a intolerância perante a diferença podem gerar na sociedade. No diário em quadrinhos, as diferenças religiosas foram uma das identidades que marcou os judeus e os nazistas como distintos. Os nazistas viam-se como “eles”, enquanto os judeus eram os “outros”. Na narrativa, uma maneira de marcar as diferenças entre eles foi por meio das marcações simbólicas, sendo a estrela de Davi um dos símbolos representativos dos judeus. Ao serem obrigados a usar a estrela em suas vestes, eles eram forçados a se autodenominarem como os alemães exigiam: diferentes. Essa diferença atribuída a eles pelos nazistas era pejorativa, marcando-os como sujos, indignos, indesejados, odiados, perseguidos, intrusos, quer dizer, os causadores do caos da Alemanha “branca e pura”. Quem carregava a estrela sofria humilhações, violência física e psicológica; tinha seus direitos negados. Os nazistas transformaram o uso da estrela em motivo de vergonha e, acima de tudo, medo e marca daquilo que não deveria existir, viver.

Já a suástica era um dos símbolos que representava os nazistas. Eles tinham orgulho de utilizá-la em suas vestes e bandeiras, visto que a definiram como o símbolo do poder, da raça “superior”, dos “donos do mundo”. Ela escancarava a crença de supremacia ariana à medida que eles, os alemães nazistas, vangloriavam-se disso; acreditavam e agiam como os únicos a terem o direito e o poder de viver, de existirem como humanos.

Ser judeu, para os seguidores de Adolf Hitler, era ser digno apenas da morte. Era a Morte cruel e mecanizada, que ocorria por meio de câmaras de gás, onde a vida das pessoas era resumida ao apertar de um botão que despejava sobre elas, presas em uma sala, o gás letal Zykon B. O extermínio dos judeus também se dava pela falta de alimento, pelo frio, pelas doenças causadas em decorrência da privação ao saneamento básico, pela exaustão advinda do trabalho escravo ou por serem utilizados como cobaias em procedimentos médicos torturantes e desumanos.

No diário em quadrinhos, vimos que as identidades de Anne eram instáveis e fragmentadas, como as do sujeito pós-moderno. Suas identidades foram formadas e transformadas mediante as influências do contexto sócio-histórico (a Segunda Grande Guerra Mundial e imprescindivelmente o Holocausto) e das relações sociais estabelecidas entre ela e outros moradores do Anexo. Estes exigiam que o modo de agir da menina obedecesse aos padrões para agir, pensar, falar, colocar-se no mundo advindos do patriarcalismo e do machismo.

As identidades fluidas de Anne se materializaram no diário em quadrinhos, por meio dos recursos quadrinísticos. As legendas foram expostas e usadas por Folman e Polonsky (2018), de modo a sempre evidenciar a narração e a reflexão da personagem. Isso trouxe destaque para sua voz e consolidou-a como protagonista da narrativa. Notamos ainda que Anne e as demais personagens foram desenhadas a partir do traço mais realista, pois suas características eram próximas às das pessoas reais representadas por elas. Anne também foi considerada uma personagem redonda, devido à flexibilidade e à movência de suas identidades.

Ao longo da trama, Anne apresentou variações de posicionamentos, pensamentos e sentimentos. Tais variações, além de serem expressas ao leitor por meio de sua narração e reflexão, apareceram em suas expressões faciais e gestuais. Ela era intensa; fazia reflexões profundas sobre a vida, como: tentar entender o agir dos adultos, almejar seguir uma carreira profissional para tornar-se financeiramente independente, questionar os motivos que levam os seres humanos a guerrearem, pensar sobre o papel da mulher na sociedade, dentre várias outras. Os planos e os ângulos de visão foram empregados de modo a ressaltarem essas expressões, complexificando a expressividade da personagem e evidenciando seu temperamento intenso, isto é, a complexidade humana de Anne.

Nos balões, foram expostos os pensamentos e diálogos ocorridos entre as personagens. Assim, tivemos acesso ao que os moradores do Anexo pensavam sobre Anne, ao que esperavam dela, às diferenças que percebiam existir entre “ela” e “eles”. Além disso, percebemos o uso de um balão, denominado por nós como balão-legenda, usado para detalhar características de

objetos e pessoas. Eles foram utilizados para o detalhamento do principal espaço físico presente no diário, o Anexo Secreto, e das duas irmãs, Anne e Margot, que eram constantemente comparadas. Tais comparações eram estabelecidas para que Margot fosse indicada como um exemplo de “boa moça” o qual Anne deveria seguir. Observamos que tanto o esconderijo, quanto as comparações feitas entre as irmãs, assim como as expectativas patriarcais e machistas que as personagens tinham a respeito do agir de Anne, tudo isso representam formas de aprisionamento da personagem. Ela, portanto, estava duplamente aprisionada: no Anexo e em padrões sociais advindos do patriarcalismo e do machismo.

Além dos espaços físicos, como o Anexo, destacamos os espaços simbólicos no diário em quadrinhos. Eles são frutos da imaginação de Anne. Ou seja, o que Folman e Polonsky (2018), ao lerem o diário em prosa de Anne, interpretaram que ela imaginava. Os espaços simbólicos sobressaíram-se aos espaços físicos. Isso ressalta o quanto Anne era uma pessoa sonhadora, reflexiva, que, muitas vezes, encontrava em sua imaginação uma maneira de libertar-se do Anexo Secreto. O espaço simbólico, nesse caso, representa uma forma de libertação do espaço físico.

Ambos os espaços influenciaram a formação e a transformação identitária de Anne. Para salvar sua vida, ela foi obrigada a permanecer no Anexo por dois anos. E, lá, ela esteve sob a pressão exercida por relações de poderes às quais ela não podia se desvencilhar. Já no espaço simbólico, Anne podia ser quem ela queria, expor suas ideias, pensamentos e sentimentos mais profundos sem temer ao julgamento alheio. Podia ser momentaneamente livre.

Atrelado ao espaço, está o tempo. Na narrativa, percebemos a marcação de vários tempos: a sequência de um antes e um depois, o tempo de leitura e de narrativa, astronômico e o meteorológico, o histórico e o psicológico, sendo que os dois últimos foram os que mais apareceram. O tempo histórico equivale à época da guerra. Ele influenciou a formação e a transformação identitária de Anne, visto que a guerra, usada pelos nazistas como uma distração para cometerem atrocidades contra os judeus sem que outros países intervissem, forçou Anne a ter as experiências que vivenciou no Anexo. Quanto ao tempo psicológico, assim como o espaço simbólico, ocorreu na imaginação de Anne e foi o mais recorrente na narrativa, também evidenciando a necessidade de fuga da realidade que a menina transparecia. As vinhetas, nesse sentido, ressaltaram a criatividade de Anne, uma vez que notamos que os fatos imaginados por ela foram expostos principalmente em vinhetas sem contorno. Essa estratégia pode ter sido utilizada como uma maneira de simbolizar (representar) o quanto a imaginação da personagem era expansiva e não estava restrita ou limitada a um tempo ou espaço.

Dois anos se passaram até que o Anexo fosse descoberto pelos nazistas. Ao longo dessa passagem temporal, Anne cresceu e tornou-se adolescente. Mas, ao sentir na pele o terror causado pelas sirenes que alertavam possíveis bombardeios à população, voltava a sentir-se uma criança, indefesa, vulnerável. Ela se apaixonou e desapaixonou-se. Anne se decepcionou com a falta de carinho da mãe; criticou-a. Mas, depois, reconsiderou, desculpou-se e novamente voltou a indignar-se. Ela lamentou não ter tido amigos verdadeiros. Porém, diante do isolamento social, repensou e viu que sentia falta até mesmo daquelas relações sociais superficiais, pois, ainda assim, eram uma forma de socialização. Anne sentiu-se fora dos padrões físicos considerados belos pela sociedade, mas encantou-se com sua aparência ao ver sua face refletida no espelho, ver-se como mais madura. Por meio de sua imaginação, ela se inventou e reinventou-se. Ela calou-se, mas falou. Esteve trancada, mas buscou ser livre.

No decorrer de sua breve vida, suas identidades se formaram e transformaram-se. Todas as influências sobre a formação e a transformação identitária de Anne resultaram na representação de identidades multifacetadas, quer dizer, as multifaces representadas de uma jovem mulher, judia, irmã, filha, perseguida pelos nazistas, diversamente aprisionada, porém sempre a questionar, lutar, resistir, sobreviver, a começar pelos registros que fez em seu diário. De “Um feixe de contradições”, nas palavras do último registro da jovem (Folman; Polonsky, 2018, p. 150), revelam-se as multifaces de Anne Frank...

## REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, Ben. **Holocausto**: o massacre de 6 milhões. 18. ed. São Paulo: Sherita Hapleita do Brasil, 1992.
- ACEVEDO, Juan. **Como fazer história em quadrinhos**. Tradução de Silvio Neves Ferreira. São Paulo: Global Editora, 1990.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.
- ARGULHES, Delmo de Oliveira; SOUZA, Monique Frederico Pires de. **O ideal de liberdade em O diário de Anne Frank**. Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/11018/1/20621093.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.
- ARRUDA, Fabiana dos S. A Dimensão Pastoral do IV Concílio de Latrão. *In*: V CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, Maringá, **Anais...**, Maringá, UEM, 2011 Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/158.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- ASCÊNCIO, Ana Clara; CAMPOS-TOSCANO, Ana Lúcia Furquim; LEOLINO, Angélica Augusta Damaceno; RODRIGUES, Lucas. As dimensões de Anne Frank: uma análise da transposição do gênero diário para HQ. **Revista Eletrônica de Letras**. Franca. v. 14, n. 1, jan./dez 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rel/article/view/2164/0>. Acesso em: 22 out. 2021.
- AZEVEDO, Fernando; MARTINS, Jorge Manuel Passos. O diário: uma representação polifônica do Eu. Reflexões sobre a obra O diário, de Anne Frank. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 38, n. 1, p. 105-114, 24 jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/29667>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- AUAD, Daniela. **Feminismo**: que história é essa? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas à edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BENHABIB, Seyla. **Los derechos de los otros – extranjeros, residentes y ciudadanos**. Barcelona: Gedisa, 2004. Disponível em: <https://desarmandolacultura.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/04/benhabib-seyla-los-derechos-de-los-otros.pdf>. Acesso em: 25 de abr. 2024.
- BATISTA, Claudia Karina Ladeia; SILVA, Mateus Magalhães da. O diário de Anne Frank e a banalidade do mal em Hannah Arendt: olhares femininos sobre os horrores do holocausto. **Revista de Ciências Jurídicas e Sociais da UNIPAR**. Umuarama. v. 23, n. 2, p. 227-244, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/juridica/article/view/8464>. Acesso em: 22 out. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BARBOSA, Kherlley Caxias. A questão judaica nas origens da filosofia política de Hannah Arendt. **Perspectivas** – Revista do Colegiado de Filosofia da UFT, n. 2. 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/perspectivas/article/view/3295/13223>. Acesso em: 17 out. 2021.

BALBINO, Jéfferson. Um novo olhar sobre a Segunda Guerra Mundial. **Revista Tempo Amazônico**. v. 3. n. 2. p. 153-166. 2016.  
Disponível em: [http://www.pr.anpuh.org/resources/download/1506091117\\_ARQUIVO\\_OK09-UmnovoolharsobreSegundaGuerraMundial.pdf](http://www.pr.anpuh.org/resources/download/1506091117_ARQUIVO_OK09-UmnovoolharsobreSegundaGuerraMundial.pdf). Acesso em: 17 out. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: 1. Fatos e Mitos. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. v. 1.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: 2. A Experiência Vivida. Tradução de Sérgio Milliet 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 2.

BENKO, Georges. Modernidade, pós-modernidade e ciências sociais. Tradução de Ricardo Castillo. **Revista do Departamento de Geografia**, [S. l.], v. 13, p. 187-213, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/53816>. Acesso em: 17 nov. 2021.

BIANCHI, Giorgio. Genocídio. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11. ed. Tradução de Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mónaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacaís e Renzo Dini. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. p. 543-544.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de José Luiz Gonzaga do Prado, Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BORGES, Maria Isabel. **O jogo ético-político nos quadrinhos editados em “O Pasquim”**. 2004. 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

BORGES, Maria Isabel. Tiras cômicas: personificação e humor. In: VI ENEIMAGEM (Encontro Nacional de Estudos da Imagem) e III EIMAGEM (Encontro Internacional de Estudos da Imagem), n. 15, 2017, Londrina. **Anais...**, Londrina: UEL, 2017. p. 53-75. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2017/index.php/anais/>. Acesso em: 15 set. 2020.

BORGES, Maria Isabel. Novela gráfica: uma nomeação em conflito. In: SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; SILVEIRA, Éderson Luís (Org.). **Educação**: entre saberes, poderes e

resistências. Vol. 2. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p. 413-434. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/426/o/Educa%C3%A7%C3%A3o\\_Entre\\_saberes\\_pode\\_res\\_e\\_resist%C3%A7%C3%A3o\\_v2.pdf?1588870951](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/426/o/Educa%C3%A7%C3%A3o_Entre_saberes_pode_res_e_resist%C3%A7%C3%A3o_v2.pdf?1588870951). Acesso em: 15 set. 2020.

BORGES, Maria Isabel; JESUS, Natália Marques de. Uma análise das memórias de Anne Frank na novela gráfica *O diário de Anne Frank em quadrinhos*. **Revista Metalinguagens**. São Paulo. v. 8, n. 2, p. 31-70, julho, 2021. Disponível em: <http://seer.spo.ifsp.edu.br/index.php/metalinguagens/article/view/712>. Acesso em: 22 out. 2021.

BORGES, Maria Isabel da; JESUS, Natália Marques de; TEIXEIRA, Thaís Fernanda Rodrigues da Luz. Memórias, identidades e Histórias em quadrinhos: conexões possíveis para pensar o sujeito. In: SILVEIRA, Éderson Luís; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de (Orgs.). **Educação, linguagens e ensino: saberes interconstitutivos**. Vol. 4. São Carlos: Pedro e João Editores. 2021. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/wp-content/uploads/2021/03/Educac%C3%A7%C3%A3oSaberesVol4.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.

BORGES, Maria Isabel; TEIXEIRA, Thaís Fernanda Rodrigues da Luz. Persépolis: novela gráfica ou HQ autobiográfica? In: BORGES, Maria Isabel; KAILER, Dircel Aparecida; NASCIMENTO, Cláudia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes; SANT'ANNA, Jaime dos Reis (Org.). **Mediações formativas para o ensino de língua portuguesa: experiências no Profletras – II**. São Paulo: Fonte editorial, 2019. p. 321-351.

BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. **Arte dos regimes totalitários do século XX: Rússia e Alemanha**. São Paulo: Annablume, 2008.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito gênero em Bakhtin e o círculo. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 371-401, 2012. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5531/4343>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

BRITO, Ingrid Zacarelli. **“Cadernos íntimos” diários publicados: um estudo das práticas da escrita de diários, no âmbito das práticas sociais disseminadas**. 2011. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/01f49b12-c397-4cb8-9888-ff747e004927>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. Tradução de Verônica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições, 2019.

CAGNIN, Antônio Luiz. **Os quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial, linguagem e semiótica**. São Paulo: Criativo, 2014.

CAON, Paolo Simeone. **500 anos do Gueto de Veneza**. 2019. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/4113>. Acesso em: 20 nov. 2021.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Holocausto: crime contra a Humanidade**. São Paulo: Ática, 2005.

CARVALHO, Antônio; CLÍMACO, Cristina; NINHOS, Cláudia; ROSAS, Fernando (coordenação); SCHAEFER, Ansgar. **O essencial sobre os portugueses no sistema concentracionário do III Reich**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2021. Disponível em: <https://impresnacional.pt/wp-content/uploads/2022/03/O-Essencial-Sobre-Os-Portugueses-no-Sistema-Concentracionario-de-III-Reich.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2024.

CIRNE, Moacy. **BUM! A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CIRNE, Moacy. **Para ler histórias em quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

COGGIOLA, Osvaldo. **A Segunda Guerra Mundial: causas, estruturas, consequências**. 2015. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015. Disponível em: <https://irp-cdn.multiscreensite.com/9cf088fc/files/uploaded/OCSegundaGuerraMundial.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

COGGIOLA, Osvaldo. **História do capitalismo: das origens até a Primeira Guerra Mundial**. Santiago, Chile: Ariadna Ediciones, v. 3, 2017. *E-book*. Disponível em: <https://ariadnaediciones.cl/images/pdf/historia.do.capilalismo.III.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

DOBB, Maurice. **A evolução do capitalismo**. Tradução de Manuel do Rêgo Braga. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

EPELBOIM, Solange. Identidade judaica: formação, manutenção e possível modificação à luz da Psicologia Social. **Psico-USF**, v. 9, n. 1, p. 87-97, jan./jun. 2004. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/242208745\\_Identidade\\_judaica\\_formacao\\_manutencao\\_e\\_possivel\\_modificacao\\_a\\_luz\\_da\\_Psicologia\\_Social](https://www.researchgate.net/publication/242208745_Identidade_judaica_formacao_manutencao_e_possivel_modificacao_a_luz_da_Psicologia_Social). Acesso em: 20 ago. 2021.

FERNANDES, Ivo Xavier. **Topónimos e Gentílicos I**. Porto: Editora Educação Nacional, Lda, 1941.

FERNANDES, João Luís Jesus. Territórios turísticos, paisagens e memórias do Holocausto: caso particular do campo prisional e do Gueto de Theresienstadt, na atual República Tcheca. *In*: CARVALHO, Paulo; FERNANDES, João Luís Jesus. **Patrimônio cultural e paisagístico**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012. p. 175-194. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/30006/1/9-Patrim%C3%B3nio%20Cultural%20e%20Paisag%C3%ADstico%20-%202012.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

FERNANDES, Luciane Bonace Lopes. Uma experiência de ensino e aprendizagem da arte no limite da experiência humana. Porto Alegre: Associação Nacional de Pesquisa em Artes Plásticas, **Anais... 25º Encontro da ANPAP (associação nacional de pesquisadores em artes**

plásticas). 2016. Disponível em: [http://anpap.org.br/anais/2016/simposios/s4/luciane\\_bonace\\_lopes\\_fernandes.pdf](http://anpap.org.br/anais/2016/simposios/s4/luciane_bonace_lopes_fernandes.pdf). Acesso em: 17 out. 2021.

FOLMAN, Ari; POLONSKY, David. **O diário de Anne Frank em quadrinhos**. Tradução de Raquel Zampil. 3. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2018.

FORSTER, Edward Morgan. Aspectos do romance. Organização de Oliver Stallybrass; Tradução de Sergio Alcides. 4. ed. rev. São Paulo: Globo, 2005. Disponível em: <https://doceru.com/doc/ne101s81>. Acesso em: 4 nov. 2014.

FRANCO, Edgar Silveira. **Hqtrônicas**: do suporte papel à rede internet. 2001. 189 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/428724612/HQtronicas-Do-suporte-papel-a-rede-internet>. Acesso em: 20 nov. 2021.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Operadores de Leitura da Narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 33-58.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Tradução de Alves Calado. 99. Ed. São Paulo: Record, 1947/2015.

GARCÍA, Santiago. **A novela gráfica**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes — Selo Martins, 2012.

GHIRARDI, Ana Luiza Ramazzina. Citação visual: cruzando fronteiras intermidiais em *O diário de Anne Frank*. **Revista Letras Raras**. Campina Grande. v. 8, n. 2, p. 108-132. 2019. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1369>. Acesso em: 22 out. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 2, Campinas. 2010. p. 71-83. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/984/556>. Acesso em: 29 out. 2021.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 73-103.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, p.68-75, 1996. Disponível em: RevPat24.pdf (iphan.gov.br). Acesso em: 19 jun. 2024.

HITLER, Adolf. **Minha luta**. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JESUS, Natália Marques de. O texto biográfico em quadrinhos o diário de Anne Frank: uma análise. *In: ANAIS ELETRÔNICOS DAS JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS*. 2018. **Anais...** São Paulo. Universidade de São Paulo. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais5asjornadas/artigos.php?artigo=q\\_linguagem/natalia\\_jesus.pdf&jornada=5](http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais5asjornadas/artigos.php?artigo=q_linguagem/natalia_jesus.pdf&jornada=5). Acesso em: 22 out. 2021.

KLEMPERER, Victor. **LTI: A linguagem do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KOCHMANN, Sandra. O lugar da mulher no judaísmo. REVER: Revista de Estudos da Religião, n. 2, p.35-45. 2005. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/p\\_kochmann.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_kochmann.pdf). Acesso em: 14 set. 2024.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LUIS, Marilda Sarmiento. **O diário de Anne Frank: a narrativa do cotidiano na construção de uma memória histórica**. 2019. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso. – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2019. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/11197>. Acesso em: 22 out. 2021.

MANIERI, Dagmar. O indivíduo na condição pós-moderna: a perspectiva crítica de Zygmunt Bauman. **Cadernos Zygmunt Bauman**. v. 7, n. 13, 2017. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/6087>. Acesso em: 17 nov. 2021.

MARTINS, Marcelo Thadeu Quintanilha. Arquivos e documentos reveladores de crimes contra a humanidade. **Revista do Arquivo**, São Paulo, v. 2, abr. 2016. Disponível em: [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista\\_do\\_arquivo/02/artigo\\_01.php](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/02/artigo_01.php). Acesso em: 04 maio 2020.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Tradução de Hélcio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995. Disponível em <https://semioticadaimagem.files.wordpress.com/2016/04/desvendando-os-quadrinhos-scott-mcccloud.pdf>. Acesso em: 17 out. 2021.

NEVES, Priscilla Piccolo. **O Holocausto judaico**. São Luís: Editora da Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

NORBURY, Paul. **Culture smart!** Reino Unido. Tradução de Celso R. Paschoa. Campinas, São Paulo: Vertus, 2013.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

ORTONA, Sandro. Anti-semitismo. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11. ed. Tradução de Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacaís e Renzo Dini. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. p. 39-45.

PACE, Ana Amelia Barros Coelho. **Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune**. 2012. 172 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-06122012-143422/pt-br.php>. Acesso em: 17 out. 2021.

PASSETTI, Gabriel. Os britânicos e seu império: debates e novos campos da historiografia do período vitoriano. **Artigos livres**. v. 35, 77. ed. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/vkc8nyDNKfRqkWQYDtTVNyj/?lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2021.

PEREIRA, Álison Silva. Estratégias de leitura de O diário de Anne Frank em quadrinhos. 2020.

PEREIRA, Laura Cristina Ferreira. **A Áustria e a União Europeia**: política de neutralidade versus política de integração. 1996. 284 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Europeus) – Universidade do Minho, Braga, 1996. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/147>. Acesso em: 24 out. 2021.

PEREIRA, Ana Paula Silva. A crítica de Hannah Arendt aos direitos humanos e o direito a ter direitos. **Perspectiva Filosófica**, vol. 42, n. 1, 2015. Disponível em: [https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wN\\_TVWo3epEJ:https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/download/230244/24478+&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wN_TVWo3epEJ:https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/download/230244/24478+&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 10 jun. 2022.

PEREIRA, Márcia Helena de Melo; SILVA, Jocelma Boto. O gênero diário pessoal: como se confecciona o íntimo. **Línguas & Letras**, [S.l.], v. 16, n. 34, 2015. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/11973/9212>. Acesso em: 16 dez. 2020.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PINTO, Célio Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 36, jun. 2010, Curitiba, p. 15-23, 2010. Disponível em: SciELO - Brasil - Feminismo, história e poder Feminismo, história e poder. Acesso em: 20 jun 2024.

POZZANI, Graciana Martelozo; STEFFLER, Juliana Carla Barbieri. O gênero diário pessoal: contexto e interdisciplinaridade no estudo da obra *O diário de Anne Frank*. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, 2016. Curitiba: SEED/PR., 2016. v. 1. (Cadernos PDE). Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_16\\_artigo\\_port\\_unespar-paranavai\\_gracianamartelozopozzani.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_16_artigo_port_unespar-paranavai_gracianamartelozopozzani.pdf). Acesso em: 20 dez. 2020.

QUINTERO, Natalia Cristina Erasso. **O diário de juventude de Liev Tolstói**: singularidades do “diário de escritor” e confluências com a prosa artística. 2016. 194 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-14072011-111923/publico/2011\\_NataliaCristinaQuinteroErasso.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-14072011-111923/publico/2011_NataliaCristinaQuinteroErasso.pdf). Acesso em: 13 jul. 2021.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

RAMOS, Paulo. **A linguagem dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, Paulo; FIGUEIRA, Diego. *Graphic novel*, narrativa gráfica, novela gráfica ou romance gráfico? Terminologias distintas para um mesmo rótulo. In: RAMOS, Paulo; FIGUEIRA, Diego; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Quadrinhos e literatura**: diálogos possíveis. São Paulo: Criativo, 2014. p. 185-207.

REIS, Marilise Luiza Martins dos. **Díaspóra como movimento social**: A Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diaspora e as políticas de combate do racismo numa perspectiva transnacional. 2012. 237 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/100761>. Acesso em: 17 out. 2021.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação**: as minorias na Idade Média. Tradução de Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

RODRIGUES, Luiz Cesar B. **A Primeira Guerra Mundial**. 8. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. 2001. 356 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Teses/rosangela\\_rodrigues.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Teses/rosangela_rodrigues.pdf). Acesso em: 17 out. 2021.

ROSSOLILLO, Francesco. Nacionalismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11. ed. Tradução de Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacaís e Renzo Dini. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. p. 799.

SANTOS, Marta Magalhães dos. **Um olhar sobre o “diário de Anne Frank”**. 2012. 69 f. Dissertação (Mestrado). – Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida,

Lisboa, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/70652147.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.

SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 27, jan./abr. 2012, p. 81-95, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3498/2269>. Acesso em: 14 maio 2020.

SANTOS, Thaís Resende. **Sombras do nazismo e da Guerra Fria: Berlim como um destino de *dark tourism***. 2014. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/1099/1/289%20-%20Tha%C3%ADs%20Resende.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SANTOS FILHO, José C. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: SANTOS FILHO, José Camilo; GAMBOA, Sílvio Sanchez (Org.). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 1995. p. 13-59.

SANTANA, Jorge Alves; ROSENTHAL, Benjamim. Rua Prinsengracht, 263: hostilidade e espaço nas realidades possíveis em O diário de Anne Frank. **Acta Scientiarum Language and Culture**. Maringá, v. 39, n. 1, p. 71-80, Jan./Mar., 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3074/307450084009.pdf>. Acesso em: 19 jun 2024.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, Porto Alegre, jul./dez. 1995, p. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 29 out. 2021.

SCHILLING, Voltaire. **Holocausto: das origens do povo judeu ao genocídio nazista**. Porto Alegre: Age, 2016.

SCHNEIDER, Lúiza Galiuzzi. **O papel da guerra na construção dos Estados modernos: o caso da Etiópia**. 2010. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:GP5R9rTsqbkJ:https://lume.ufrgs.br/handle/10183/28772+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 24 out. 2021.

SCHURSTER, Karl; SILVA, Karine Ferreira da. Ensino da História do Holocausto por meio de Narrativas Gráficas: O Caso de Anne Frank. **Boletim Historiar**, vol. 10, n.03. p. 03-19. Jul./Set. 2023. Disponível em: [//ufs.emnuvens.com.br/historiar/article/view/20142](https://ufs.emnuvens.com.br/historiar/article/view/20142). Acesso em: 15 fev. 2024.

SCHWIKART, Georg. **Dicionário ilustrado das religiões**. Tradução de Clóvis Bovo. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 2001. Disponível em: <https://ccdej.org.br/wp-content/uploads/2013/09/00190-dicionrioilustradodasreligies-090322124128-phpapp01-1.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 73-102.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da. 70 anos depois: o holocausto e a sua atualidade nas relações internacionais. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 21, n. 32, p. 41-64, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2014v21n32p41/30300>. Acesso em: 5 fev. 2024.

SONDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial: História Completa**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Contexto, 2013.

UNESCO. Porquê ensinar sobre o Holocausto? Tradução de SPS Traduções. Lisboa, Portugal: **Comissão Nacional da UNESCO, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Largo das Necessidades**, 2019. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000218631\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000218631_por). Acesso em: 5 fev. 2024.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. *In*: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. (Org.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-42.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. *In*: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014a. p. 7-30.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessário. *In*: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014b. p. 31-64.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **As Guerras Mundiais (1914-1945)**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003.

YGOTSKY, Lev Semenovitch. **Imaginação e criatividade na infância**. Lisboa: Dinalivro, 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/306090704\\_Imaginacao\\_e\\_Criatividade\\_na\\_Infancia\\_a\\_Ensaio\\_de\\_Psicologia\\_In\\_Russian\\_Voobrajenie\\_i\\_Tvorchestvo\\_v\\_Detskom\\_Vozraste\\_Psikologicheskii\\_Ochek\\_Moscovo\\_Gosizdat\\_1930\\_Imaginacao\\_e\\_Criatividade\\_na\\_Infancia\\_/link/57af1e2508aeb2cf17c24a0a/download](https://www.researchgate.net/publication/306090704_Imaginacao_e_Criatividade_na_Infancia_a_Ensaio_de_Psicologia_In_Russian_Voobrajenie_i_Tvorchestvo_v_Detskom_Vozraste_Psikologicheskii_Ochek_Moscovo_Gosizdat_1930_Imaginacao_e_Criatividade_na_Infancia_/link/57af1e2508aeb2cf17c24a0a/download). Acesso em: 20 dez. 2020.

WACQUANT, Loïc. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba. p. 155-164. 2004. Disponível em: SciELO - Brasil - Que é gueto? Construindo um conceito sociológico Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. Acesso em: 19 jun 2024.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-72.

## PÁGINAS CONSULTADAS

**Anne Frank House.** Disponível em: <https://www.annefrank.org/en/>. Acesso em: 15 set. 2020.

BASSETS, Marc. O diário de Anne Frank em quadrinhos. **El País**. Paris, 28 setembro de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/14/cultura/1505398331\\_574560.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/14/cultura/1505398331_574560.html). Acesso em: 31 jan. 2024.

BETTONI, Rogério; LAGE, Mariana. ‘Não podemos esperar que só assembleias e protestos produzam mudanças’. **Revista Cult**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/judith-butler-nao-podemos-esperar-que-so-assembleias-e-protestos-produzam-mudanca/>. Acesso em: 22 out. 2021.

Biblioteca Virtual Judaica. **Campos de concentração:** Auschwitz-Birkenau. Disponível em: <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/autoc.html>. Acesso em: 23 out. 2021.

CAMAZANI, Priscila. Morre Andor Stern, único sobrevivente brasileiro vivo do holocausto. **Folha de São Paulo**, 8 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/04/mortes-andor-stern-foi-um-dos-sobreviventes-do-holocausto.shtml>. Acesso em: jun. 2022.

Chanuká: a festa das luzes. **Instituto Brasil-Israel**. Disponível em: <http://institutobrasilisrael.org/noticias/noticias/chanuka-a-festa-das-luzes>. Acesso em: 20 set. 2021.

**Civitatis Veneza.** Disponível em: <https://www.tudosobreveneza.com/san-marco>. Acesso: 06 mai. 2024.

Confira os vencedores do Oscar de melhor atriz no período de 1947 a 1927/28. **Folha Oscar**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fof/oscar/atriz3.htm>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CORREA, Norberto; LORENZO, Ricardo. **9º ano:** Primeira Guerra Mundial (1914/1918). Clichinstória. Disponível em: <http://clichistoria.blogspot.com/p/9-ano.html>. Acesso em: 3 mar. 2021.

Diário de Anne Frank é Registro Memória do Mundo. **ONU News**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2009/07/1312261#:~:text=Segundo%20a%20Unesco%2C%20o%20livro,de%20Alfredo%20Stroessner%20no%20Paraguai>. Acesso em: 30 jan. 2024.

Diáspora. *In: Michaelis*: dicionário brasileiro de língua portuguesa. Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/di%C3%A1spora/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

**Enciclopédia do Holocausto.** Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/pt-br>. Acesso em: Acesso em: 20 out. 2021.

FUENTES, Patrik. Redução no acesso a histórias em quadrinhos impede a formação de novos leitores. **Jornal da USP**. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/reducao-no-acesso-a-historias-em-quadrinhos-impede-a-formacao-de-novos-leitores/#:~:text=Atualmente%2C%20grande%20parte%20dos%20leitores,bastante%E2%80%9D%2C%20diz%20o%20professor>. Acesso em: 20 fev. 2024.

**GOOGLE ACADÊMICO**. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>. Acesso em: 19 jun 2024. <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>.

GOULD, Jonathan. Nazistas usavam escravas sexuais nos campos, diz livro. **g1**, 16 out. 2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL1343845-7084,00-NAZISTAS+USAVAM+ESCRAVAS+SEXUAIS+NOS+CAMPOS+DIZ+LIVRO.html>. Acesso em: 24 out. 2021.

Heresia. *In*: **Michaelis**: dicionário brasileiro de língua portuguesa. Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/heresia>. Acesso em: 22 out. 2021.

IDOETA, Paula Adamo; LIMA, Felix. 'Está vendo aquela fumaça? É sua família': o relato do brasileiro que sobreviveu a Auschwitz. **BBC News Brasil**, 23 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50790313>. Acesso em: 20 fev. 2021.

**Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos** (United States Holocaust Memorial Museum). Disponível em: <https://www.ushmm.org/>. Acesso em: 23 out. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Ainda fotografia do filme nazi propaganda, “Der Fuehrer Schenkt den Juden eine Stadt” [O Fuehrer dá aos judeus uma cidade]. Reclusos de Theresienstadt trabalhando nas hortas SS**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1144024>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Anti-semitismo**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/antisemitism-1>. Acesso em: 3 jun. 2024.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **A parede negra em Auschwitz I**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/photo/the-black-wall-in-auschwitz-i>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Auschwitz**. Enciclopédia do Holocausto: Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/auschwitz>. Acesso em: 20 fev. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Bergen-Belsen**. Enciclopédia do Holocausto: Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/bergen-belsen>. Acesso em: 20 fev. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Bergen-Belsen em profundidade: O complexo do acampamento**. Enciclopédia do Holocausto: Disponível em:

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/bergen-belsen-in-depth-the-camp-complex>. Acesso em: 20 fev. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Buchenwald**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/buchenwald>. Acesso em: 20 fev. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Enganando o público**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/deceiving-the-public>. Acesso em: 3 jun. 2024.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Filme de propaganda nazista sobre Theresienstadt / Terezin**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn1000172>. Acesso em: 3 mar. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Libertação**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/liberation>. Acesso em: 20 dez. 2020.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Marchas da morte**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/death-marches-1>. Acesso em: 20 dez. 2020.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Neuengamme**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/neuengamme>. Acesso em: 20 fev. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Noite dos cristais**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-night-of-broken-glass>. Acesso em: 20 dez. 2020.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Os cadáveres de prisioneiros jazem na neve do lado de fora de um quartel em Auschwitz-Birkenau, imediatamente após a libertação**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1144239>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Principais campos nazistas na Europa, janeiro de 1944**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/gallery/auschwitz-camp-complex-maps>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Prisioneiros do campo de concentração de Buchenwald em trabalhos forçados na construção da ferrovia Weimar-Buchenwald**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa15055>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Prisioneiros em trabalhos forçados na pedreira Wiener Graben no campo de concentração de Mauthausen**. Enciclopédia do

Holocausto. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa19975>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Prisioneiros no campo de Sachsenhausen.** Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/photo/prisoners-in-the-sachsenhausen-camp>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Sinagoga destruída durante Kristallnacht.** Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/photo/synagogue-destroyed-during-kristallnacht>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Soldados norte-americanos encontram corpos jogados atrás do crematório de Buchenward.** Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/buchenwald-photographs>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Uma coluna de prisioneiros caminha do campo de Buna (Auschwitz III - Monowitz) em direção à fábrica IG Farben.** Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1142954>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. **Vista do campo de concentração Neuengamme na Alemanha.** Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/gallery/neuengamme-photographs>. Acesso em: 14 fev. 2021.

**O Holocausto explicado.** Disponível em: <https://www.theholocaustexplained.org/>. Acesso em: 23 out. 2021.

O Holocausto explicado. **Antissemitismo medieval.** Biblioteca do Holocausto de Wiener. Disponível em: <https://www.theholocaustexplained.org/anti-semitism/medieval-antisemitism/>. Acesso em: 24 fev. 2021.

O Holocausto explicado. **Sistemas de campos de concentração SS.** Biblioteca do Holocausto de Wiener. Disponível em: <http://www.theholocaustexplained.org/ks3/the-final-solution/auschwitz-birkenau/meals/#.U1VrIPldUj9>. Acesso em: 20 out. 2021.

Os personagens principais. **Anne Frank House.** Disponível em: <https://www.annefrank.org/en/anne-frank/main-characters/>. Acesso em: 8 ago. 2021.

**Portaria da polícia sobre a identificação de judeus.** Disponível em: <http://www.documentarchiv.de/ns/jdnstern.html>. Acesso em: 24 fev. 2021.

Potência. *In*: **Michaelis**: dicionário brasileiro de língua portuguesa. Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pot%C3%Aancia/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

Revolução Industrial. **Enciclopédia Significados**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/revolucao-industrial/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

Significado de revolução. **Enciclopédia Significados**. Disponível em; <https://www.significados.com.br/revolucao/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

TANJA, Jaap. Depois de mais de 35 anos com Anne Frank Stichting, Jaap Tanja, Gerente de Projetos de Educação, se aposentará no início do próximo ano. É hora de dizer adeus a Anne. **Anne Frank House**, 3 dez. 2019. Disponível em: <https://www.annefrank.org/en/about-us/blog/2019/12/3/afscheid-van-anne/>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Usura. *In*: **Michaelis**: dicionário brasileiro de língua portuguesa. Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/usura/>. Acesso em: 16 abr 2024.

Versão original de diário de Anne Frank ganha publicação inédita. **Folha de São Paulo**. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/versao-original-de-diario-de-anne-frank-ganha-publicacao-inedita.shtml#:~:text=%E2%80%8BUma%20nova%20edi%C3%A7%C3%A3o%20do,por%20seu%20pai%2C%20%C3%A9%20publicada](https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/versao-original-de-diario-de-anne-frank-ganha-publicacao-inedita.shtml#:~:text=%E2%80%8BUma%20nova%20edi%C3%A7%C3%A3o%20do,por%20seu%20pai%2C%20%C3%A9%20publicada.). Acesso em: 20 dez. 2020.

WELLE, Deutsche. Há 25 anos, Tchecoslováquia se dissolvia de forma pacífica. **g1**, 26 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/ha-25-anos-tchecoslovaquia-se-dissolvia-de-forma-pacifica.ghtml>. Acesso em: 1 mar. 2021.